

GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
DO ESTADO DE SÃO PAULO



ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (SÃO PAULO. 1978)
v. 53, n. 1

ESTUDOS LINGUÍSTICOS (SÃO PAULO. 1978)

GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (GEL)

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, sala D.3.15

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/>

estudoslinguisticos@gel.org.br

Diretoria do GEL (Gestão USP - 2023-2025)

(Presidente) Livia Oushiro

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

(Vice-Presidente) Dayane Celestino de Almeida

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

(Secretária) Erica Luciene Alves de Lima

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

(Tesoureira) Thiago Oliveira da Motta Sampaio

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Editor responsável

Prof. Dr. Marcelo Módolo

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Comissão editorial

Profa. Dra. Claudia Zavaglia, Universidade Estadual Paulista

“Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes, Universidade Estadual Paulista

“Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil

Prof. Dr. Marcelo Módolo, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Prof. Dr. Oto Araújo Vale, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),

São Carlos, São Paulo, Brasil

Profa. Dra. Luciani Ester Tenani, Universidade Estadual Paulista

“Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),

Campinas, São Paulo, Brasil

Profa. Dra. Angela Cecília de Souza Rodrigues, Universidade de São Paulo (USP),

São Paulo, São Paulo, Brasil

Profa. Dra. Beth Brait, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP),

São Paulo, São Paulo, Brasil

Conselho editorial

- Prof. Dr. Bertrand Daunay, Universidade de Lille, Lille, França
- Prof. Dr. Eric Laporte, Université Paris-Est Marne-la-Vallée, Champs-sur-Marne, França
- Prof. Dr. Frantome Bezerra Pacheco, Universidade Federal do Amazonas (UFAM),
Manaus, Amazonas, Brasil (*in memoriam*)
- Prof. Dra. Inmaculada Penadés Martínez, Universidad de Alcalá (UAH), Madrid, Espanha
- Prof. Dra. Julia Sevilla Muñoz, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, Espanha
- Prof. Dra. Lou-Ann Kleppa, Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
Porto Velho, Rondônia, Brasil
- Prof. Dra. Luisa A. Messina Fajardo, Università di Roma Tre, Roma, Itália
- Prof. Dr. Marcos Lopes, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil
- Prof. Dra. Maria Luisa Ortiz Alvarez, Universidade de Brasília (UnB),
Brasília, Distrito Federal, Brasil
- Prof. Dra. Renira Rampazzo Gambarato, Jönköping University, Jönköping, Sweden
- Prof. Dr. Roberto Francavilla, Università degli Studi di Genova, Genova, Itália
- Prof. Dr. Ronaldo Lima Junior, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil
- Prof. Dra. Sabela Fernández-Silva, Universidad Católica de Valparaíso (UCV),
Valparaíso, Chile
- Prof. Dr. Salvio Martín Menéndez, Universidad de Buenos Aires (UBA),
Buenos Aires, Argentina
- Prof. Dr. Sirio Possenti, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Campinas, São Paulo, Brasil
- Prof. Dra. Tânia Romero, Universidade Federal de Lavras (UFLa),
Lavras, Minas Gerais, Brasil
- Prof. Dr. Tony Berber Sardinha, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP),
São Paulo, São Paulo, Brasil

Auxiliar editorial

Milton Bortoleto, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Revisão, normatização, projeto gráfico e diagramação

Letraria | www.letraria.net

Catálogo na Publicação elaborada por

Gildenir Carolino Santos (CRB-8ª/5447)

Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978). – v.1, n.1 (1978-). – São José do Rio Preto, SP: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 2002-1 recurso digital : il.

Periodicidade quadrimestral desde volume 36, 2007 (atual).

Periodicidade anual até volume 35, 2006.

Periodicidade semestral até volume 29, 2000.

ISSN 1413-0939 (impresso).

Publicada no formato impresso até volume 29, 2000.

Publicada no formato em CD-ROM dos volumes 30 ao 35 (2001 a 2006).

Disponível online a partir do volume 36, 2007.

Título abreviado: Est. Ling.

Preservada digitalmente no LOCKSS.

Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos>

1. Estudos linguísticos – Periódicos. 2. Linguística – Periódicos. I. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo.

20-017

CDD: 410.05

CDU: 81 (05)

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	7
Marcelo Módolo	
<i>Poética neoconcreta arnaldiana: uma análise dialógica verbivocovisual da linguagem</i>	10
Rafaela dos Santos Batista	
<i>Hesitação em narrativas infantis: o funcionamento gestuo-vocal na matriz multissemiótica</i>	30
Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante Lourenço Chacon Jurado Filho	
<i>“Manda Pix” e as reinvenções tecnodiscursivas da prostituição masculina em um aplicativo gay</i>	50
Marcos da Silva Cruz	
<i>Orações exclamativas em português brasileiro: para uma descrição sistêmico-funcional</i>	65
Theodoro C. Farhat Paulo Roberto Gonçalves-Segundo	
<i>Ensino de português por meio de figurinhas de WhatsApp: convergindo gramática formal e BNCC</i>	86
Luiz Fernando Ferreira Maria Eugênia Martins Barcellos Rodrigo Souza	
<i>A manifestação do pronome sujeito de primeira pessoa em espanhol sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional</i>	101
Talita Storti Garcia Erotilde Goreti Pezatti	

<i>Respostas do ChatGPT como gênero discursivo: construção da identidade vista em percepções de estudantes de Letras</i>	121
Leonardo Mailon Borges Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira	
<i>A Song of Ice and Fire, de George R. R. Martin: uma análise dialógica do peritexto da obra</i>	141
Ana Carolina Pais	
<i>Legitimidade e Validação Terminológica em ambiente especializado institucional: espectro institucional e normalizador de produtos terminográficos institucionais na área de Meteorologia Aeronáutica</i>	159
Rafaela Araújo Jordão Rigaud Peixoto	
<i>‘Acaba que’, ‘começa que’ e ‘acontece que’ como marcadores discursivos e suas funções textual-interativas</i>	180
Susie Midori dos Santos Sato Santana Sebastião Carlos Leite Gonçalves	

De poéticas a discursos digitais: múltiplos olhares sobre a linguagem


É com grande satisfação que apresento os dez artigos que compõem o volume 53, número 1, da revista *Estudos Linguísticos*, do GEL, edição de abril de 2024. Esta coletânea oferece uma contribuição significativa a campos diversos da linguística e dos estudos da linguagem, abordando temas que vão da poética e da aquisição da linguagem à gramática funcional, passando pelas novas dinâmicas discursivas no ambiente digital. Os trabalhos aqui reunidos exploram uma rica diversidade de temas que dialogam diretamente com questões contemporâneas e pertinentes à nossa área.

No artigo “Poética neoconcreta arnaldiana: uma análise dialógica verbivocovisual da linguagem”, Rafaela dos Santos Batista analisa o conceito de verbivocovisualidade na obra de Arnaldo Antunes. Fundamentando-se nos estudos bakhtinianos, o trabalho explora a “palavra-coisa” do artista e examina como seu ato criador reflete uma concepção particular de arte, linguagem e mundo, revelando a pertinência dessa abordagem para os estudos do campo.

Em seguida, em “Hesitação em narrativas infantis: o funcionamento gestuo-vocal na matriz multissemiótica”, Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante e Lourenço Chacon Jurado Filho investigam o funcionamento das hesitações na produção gestual e vocal de crianças. Analisando dados de reconto de filme, o estudo demonstra como as hesitações se organizam em dois planos simultâneos – um sintático-semântico e outro morfológico-lexical –, revelando a complexa interação da matriz gestuo-vocal na aquisição da linguagem.

Por sua vez, Marcos da Silva Cruz, em “‘Manda Pix’ e as reinvenções tecnodiscursivas da prostituição masculina em um aplicativo gay”, analisa como o enunciado “manda Pix” emergiu nas práticas de prostituição masculina no aplicativo Grindr. O autor defende que a expressão materializa o funcionamento interdiscursivo das práticas de trocas tarifadas, estabelecendo uma réplica aos modos de organização do próprio aplicativo e revelando um processo de reinvenção tecnodiscursiva.

Já no artigo “Orações exclamativas em português brasileiro: para uma descrição sistêmico-funcional”, Theodoro C. Farhat e Paulo Roberto Gonçalves-Segundo propõem uma reconfiguração do sistema de modo do português brasileiro, com base na Linguística Sistêmico-Funcional. O estudo busca adequar o sistema à descrição de orações exclamativas, propondo que o modo exclamativo seja um tipo de declarativo, realizado pela presença de um Exclamador em posição temática.



Luiz Fernando Ferreira, Maria Eugênia Martins Barcellos e Rodrigo Souza, em “Ensino de português por meio de figurinhas de WhatsApp: convergindo gramática formal e BNCC”, mostram como as figurinhas de WhatsApp podem ser utilizadas como ferramenta didática no ensino de gramática. A análise de 250 figurinhas, a partir de um paradigma formal, revela a vasta gama de conhecimentos gramaticais mobilizados em sua criação, o que as torna um material pedagógico eficaz e alinhado às propostas da BNCC sobre letramento digital.


Na sequência, em “A manifestação do pronome sujeito de primeira pessoa em espanhol sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional”, Talita Storti Garcia e Erotilde Goreti Pezatti investigam as motivações funcionais para a expressão do pronome *yo* no espanhol peninsular. Os dados, analisados sob a ótica da Gramática Discursivo-Funcional, mostram que o pronome tende a se manifestar no primeiro Ato Discursivo de um Movimento e com predicados que exigem Conteúdos Propositionais como complementos.

Ainda no campo do discurso digital, Leonardo Mailon Borges e Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira, em “Respostas do ChatGPT como gênero discursivo: construção da identidade vista em percepções de estudantes de Letras”, investigam a avaliação que estudantes de Letras fazem do gênero “resposta do ChatGPT”. O estudo aponta que, embora as respostas sejam vistas como superficiais, elas cumprem uma função social informativa, delineando um gênero que se alinha a um relato de caráter enciclopédico.

Ana Carolina Pais, em “A Song of Ice and Fire, de George R. R. Martin: uma análise dialógica do peritexto da obra”, realiza uma análise comparativa do peritexto da obra de George R. R. Martin em suas versões em inglês e em português. A investigação das capas e contracapas revela que o peritexto ganha um tom mais comercial na versão original, enquanto a adaptação brasileira demonstra uma maior preocupação artística, considerando o fundo de percepção dos leitores de literatura fantástica.

O artigo “Legitimidade e Validação Terminológica em ambiente especializado institucional: espectro institucional e normalizador de produtos terminográficos institucionais na área de Meteorologia Aeronáutica”, de Rafaela Araújo Jordão Rigaud Peixoto, analisa produtos terminográficos da área de Meteorologia Aeronáutica. O estudo compara as características de dez produtos institucionais e observa que instituições com maior envolvimento em segurança operacional tendem a usar verbetes mais descritivos, enquanto aquelas focadas em regulamentação geral apresentam conteúdo mais normativo.

Por fim, Susie Midori dos Santos Sato Santana e Sebastião Carlos Leite Gonçalves, em “Acaba que’, ‘começa que’ e ‘acontece que’ como marcadores discursivos e suas funções textual-interativas”, investigam o estatuto dessas construções. Com base na Gramática Textual-Interativa, as autoras argumentam que tais expressões funcionam como



marcadores discursivos de abertura, continuidade ou fechamento de tópico, decorrentes de um processo de abstratização do significado dos predicados originais.

Organizados em ordem alfabética pelo sobrenome do autor (ou do primeiro autor), os artigos desta edição testemunham a vitalidade da pesquisa linguística desenvolvida em São Paulo e, quiçá, do Brasil. O conjunto não apenas articula diferentes tradições teóricas e objetos de análise, mas também evidencia a capacidade de renovação da área diante de desafios contemporâneos. A seleção, conduzida com rigor pelos pareceristas e pelo corpo editorial, oferece um quadro equilibrado entre continuidade e inovação, favorecendo novas perspectivas de reflexão.

Registro meu reconhecimento à equipe da Letraria e a todos os que contribuíram para a realização desta publicação, com menção especial a Milton Bortoleto pelo acompanhamento editorial. Agradeço igualmente aos autores e pareceristas, cujo trabalho criterioso garante a continuidade deste projeto científico. Que a leitura desta edição seja fonte de diálogo fecundo e de pensamento crítico para nossa comunidade acadêmica

Com estima e entusiasmo, Marcelo Módolo,
Editor (com grande satisfação!), revista *Estudos Linguísticos*, do GEL.

Poética neoconcreta arnaldiana: uma análise dialógica verbivocovisual da linguagem

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3618>

Rafaela dos Santos Batista¹

Resumo

Este trabalho analisa a verbivocovisualidade presente no traço estilístico arquitetônico na poética de Arnaldo Antunes. Fundamenta-se nos estudos bakhtinianos, a considerar a tridimensionalidade potencial e concreta da linguagem. Explora-se a palavra-coisa de AA a partir dos conceitos bakhtinianos, principalmente, a noção de enunciado e diálogo, por meio da análise de dois poemas escolhidos a partir dos critérios temático-figurativo e temporal. Calcado na metodologia dialético-dialógica (Paula, L.; Figueiredo; Paula, S., 2011), pensa-se o ato composicional do autor-criador que evidencia a verbivocovisualidade, a refletir e refratar, pela temática metalinguística, uma concepção de arte, linguagem, mundo e ser. A pertinência e relevância dos estudos se revela nos resultados, que traz novas reflexões para o campo, para as artes e educação, dado o impacto e inovação teórico-metodológica e analítica da verbivocovisualidade.

Palavras-chave: verbivocovisualidade; filosofia da linguagem bakhtiniana; linguagem.

¹ Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), Araraquara, São Paulo, Brasil; rafaela.batista@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0003-0406-2228>

Arnaldian Neoconcrete Poetics: A Dialogic Verbivocovisual Analysis of Language

Abstract

This study analyzes the verbivocovisuality present in the architectural quality of Arnaldo Antunes' poetics. It is based on Bakhtinian studies, considering the potential and concrete three-dimensionality of language. The word-thing in Antunes' work is explored through Bakhtinian concepts, mainly the notions of utterance and dialogue, by analyzing two poems selected based on thematic-figurative and temporal criteria. Grounded in the dialectical-dialogical methodology (Paula, L.; Figueiredo; Paula, S., 2011), the study examines the compositional act of the author-creator, which highlights verbivocovisuality as it reflects and refracts, through metalinguistic themes, a conception of art, language, world, and human being. The significance of this research is revealed in its results, which offer new insights for the field, the arts, and education, given the theoretical-methodological and analytical innovation of verbivocovisuality.

Keywords: verbivocovisuality; Bakhtinian philosophy of language; Language.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a linguagem poética de Arnaldo Antunes (doravante AA), a partir do caráter tridimensional e metalinguístico de sua poética, vista pela tradição como excêntrica e incomum por trabalhar esteticamente com gêneros variados, em contato ou em síncrese. Por essa característica autoral, as obras fomentam reflexões tanto pelo critério do fazer poético, quanto pelas noções de enunciado, gênero e poesia. Este artigo apresenta reflexões que partem de um recorte da dissertação, intitulada *Arnaldo Antunes inclassificável: uma análise dialógica verbivocovisual da linguagem neoconcreta*, da autora, e ainda, integra a pesquisa em andamento sobre verbivocovisualidade de Paula (2023).

O trabalho de AA, enquanto autor-criador, revela extensa produção multimodal e eclética acerca da linguagem artística, empregada dialogicamente em meios sincréticos e fora da esfera/suporte canonicamente concebidos na tradição. Isso ocorre especialmente no seu trabalho poético dada a forte influência concretista. Visto como "inclassificável", designação própria, a poética arnaldiana tem enfoque no traço verbivocovisual e metalinguístico, características que retomam historicamente a tradição poética chamada poesia concreta, mesmo que trabalhe de modo ressignificado. AA é considerado um ícone dialógico que preza por certa concepção de linguagem, de arte e de mundo, dessa forma, se torna caro aos nossos estudos que visam estudar a verbivocovisualidade (vvv) como proposição de linguagem presente nos estudos do Círculo de Bakhtin.

Com fundamento na filosofia da linguagem bakhtiniana, o objetivo é pensar nos traços estilísticos de AA em seu trabalho com a palavra-coisa, dado que o trato com os elementos enunciativos (entendidos como linguísticos e translinguísticos) caracterizam sua poética. Além disso, busca-se propor uma reflexão acerca da verbivocovisualidade como parte da proposição bakhtiniana de linguagem, como estuda Paula (2017), Paula e Serni (2017) e Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e, 2021a, 2021b, 2022a, 2022b), entre outros pesquisadores do GED – Grupo de Estudos Discursivos. O Círculo de Bakhtin entende a linguagem como saturada, isto é, ancorada no solo social e capaz de refletir e refratar valorações axiológicas e emotivo-volitivas, a partir da interação entre sujeitos, de maneira alargada e tridimensional. Assim, a palavra é entendida como verbivocovisual, no esteio linguístico-filosófico bakhtiniano, portanto, palavra/linguagem não é vista apenas do ponto de vista linguístico, mas de forma alargada, materializada em gêneros discursivos por meio de enunciados concretos.

A verbivocovisualidade é um termo caro ao concretismo, cunhado primeiramente por James Joyce em *Finnegans Wake* (1975) para descrever os recursos experimentais da linguagem em suas obras. Mais tarde, o concretismo se apropria do termo para definir a concepção estética de seus poemas, a influenciar Arnaldo Antunes. Mesmo que o termo seja extemporâneo, Paula (2017) o retoma para se referir à proposição de linguagem bakhtiniana.

O método seguido neste trabalho é o dialético-dialógico (Paula, L.; Figueiredo; Paula, S.), que considera o movimento da linguagem viva, situada e social, ancorada na dialética marxista e ampliado pela noção dialógica, pois: “[...] para o Círculo, o movimento é dialógico (ou dialético-dialógico) porque, apesar de considerar o movimento dialético (com todos os seus elementos: tese, anti-tese e síntese), não admite a síntese como superação, mas como continuação do diálogo travado anteriormente” (Paula, L.; Figueiredo; Paula, S., 2011, p. 92).

Com isso, serão analisados dois enunciados-poemas de AA, ambos retirados do livro *Algo Antigo* (2021), poemas escolhidos pelos critérios metodológicos (1º) temático-figurativo, dada a metalinguagem: poemas neoconcretos que ao se constituírem, figurativamente, como poesia neoconcreta arnaldiana, firmam o uso da palavra-coisa, tomada pela verbivocovisualidade e (2º) temporal, por ser esse o último livro de AA, assim, serão analisados os poemas “a adaga” e “o sal”.

As concepções bakhtinianas que nos fundamentam são, especialmente, a noção de enunciado, linguagem interior/exterior, dialogia, estética/poética, reflexo e refração, junto com a noção de verbivocovisualidade, uma vez que a interação história-sociedade é parte fundamental da linguística e não entendida como algo de fora, “extralinguístico”. Logo, é constitutiva da palavra verbivocovisual e essa concepção é basilar para este trabalho. A justificativa se centra em contribuir com o estudo da linguagem, especialmente no

campo bakhtiniano e nas esferas da arte, mídia e educação, já que a palavra, ciência e arte são o cerne da vida.

Para responder aos objetivos, estruturamos este artigo, além da introdução, em dois itens de discussões teóricas e um item analítico para, por fim, evidenciarmos os resultados dessa reflexão.

A linguagem neoconcreta arnaldiana

O intento artístico autoral de Arnaldo Antunes exalta a multimodalidade numa visão própria de linguagem formada através de influências que moldam toda sua concepção artística-filosófica-linguística, a reverberar na sua poética, tal qual é o foco neste trabalho. Com base nos estudos de Paula e Batista (2023a, no prelo) e (2023b, no prelo), entender a trajetória de Antunes é essencial para compreender a perspectiva linguística-estética central para esse estudo.

A tradição concretista do grupo Noigandres (Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari) é sua maior influência estética, uma vez que AA retoma a verbivocovisualidade cunhada por essa vanguarda, de modo propriamente arnaldiano. A poesia concreta surge em um período modernista de exaltação formal e do verso, com o chamado movimento “geração de 45”, mas causa grande mudança ao propor uma estética que propulsionou uma visão de linguagem única.

Ao beber de fontes como Mallarmé, Pound, Apollinaire e Cummings, esse movimento artístico pôde fundamentar uma nova poesia, da qual comunica a partir da simultaneidade revelada ou velada na materialidade. James Joyce, outra influência, ao tratar de seus romances, percebe a linguagem não só apenas verbal, mas sim verbivocovisual, surgindo daí a denominação para o trato da linguagem em ato no poema, pois “[...] a palavra tem uma dimensão GRÁFICO-ESPACIAL uma dimensão ACÚSTICO-ORAL uma dimensão CONTEUDÍSTICA [...]” (Campos, Pignatari, Campos, 2006, p. 74).

Para o grupo Noigandres, a síncrese multimodal é um traço estético e compreensivo ativo da linguagem. Essa percepção é retomada por AA em seu trabalho como um todo, especialmente na sua poesia, considerada neoconcreta. Ser neoconcreto, para as obras de Arnaldo, significa estabelecer um diálogo responsivo e singular com essa tradição de linguagem poética. Como Bakhtin (2017, p. 11) sugere: “[...] a ciência da literatura deve estabelecer o vínculo mais estreito com a história da cultura. A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época”, e, “[...] é ainda mais nocivo fechar o fenômeno literário apenas na época de sua criação, em sua chamada atualidade” (Bakhtin, 2017, p. 13). Sendo assim, é preciso compreender a literatura no pequeno e grande tempo, isto é, considerar seu diálogo com

o passado, sua presença no presente e entender reverberações no futuro, dado que todo enunciado é responsivo, para que o acabamento, mesmo que inacabado de alguma forma, seja proposto para compreender ativamente e responder aos enunciados, por isso, o trabalho poético arnaldiano recebe tal característica.

A partir do trabalho de Modro (1996), nota-se que a poética de AA é tão diversa e ampla que recebe influências de outras tendências modernas, principalmente o tropicalismo, movimento musical ancorado na antropofagia de Oswald de Andrade onde artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé atuaram em atitude carnalizante de crítica aos valores éticos e estéticos da época, marcada pela ditadura, em posição antinormativa; e a poesia marginal, que expandiu a poesia para novos campos, suportes e leitores.

As diversas fontes artísticas de AA o mostram, assim como Santos (2012) denomina, como neoantropofágico, já que sua estética própria marca uma experimentação autoconsciente de “deglutição”: seu projeto de dizer é dialético-dialógico porque caracteriza o movimento de entender técnicas, tecnologias e práticas, embater com cada um desses meios e expor em ato enunciativo próprio e característico, de modo que atualiza, responde e engendra sua arte.

Desse movimento, AA estabelece sua concepção de linguagem que se estende para uma visão de arte e vida. Ao entender poesia/linguagem com características semelhantes, o autor mostra que o gênero poesia é o espaço que restaura o estágio primitivo da linguagem (Antunes, 2000).

A palavra, como entendida pelo Círculo de Bakhtin, reflete e refrata a vida axiológica, isto é, é valorada, repleta de signos ideológicos que, pelos enunciados que emergem em âmbito social, moldam a vida como um todo, re-velam forças contrárias e contraditórias em ato e embate no jogo vivo da linguagem (Volóchinov, 2017) e (Medviédev, 2012). Para Arnaldo, a linguagem primitiva, portanto, representaria um momento antes da separação do signo linguístico em significante e significado, dando ênfase para a tridimensionalidade da linguagem antes mesmo da materialização. Para o autor, a poesia seria o lugar para expressar essa linguagem alargada, pois reflete e refrata a vida, voltando-se para ela, configurada pela palavra-coisa, de inspiração concretista.

A “infância da linguagem” é uma metáfora arnaldiana para a capacidade linguística de síncrese, isto é, a simultaneidade das dimensões verbal, vocal e visual. AA já reflete sobre a reminiscência mental do signo, considerando tanto sua parte material quanto a dimensão potencial que capacita sua subversão:

A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem.

Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia. Ou: qual a origem do discurso não-poético, já que, restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas.

Como se ela restituísse, através de um uso específico da língua, a integridade entre nome e coisa – que o tempo e as culturas do homem civilizado trataram de separar no decorrer da história.

A manifestação do que chamamos de poesia hoje nos sugere mínimos *flashbacks* de uma possível infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades – significante e significado.

[...]

No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermediam nossa relação com as coisas, impedindo nosso contato direto com elas. A linguagem poética inverte essa relação pois vindo a se tornar, ela em si, coisa, oferece uma via de acesso sensível mais direto entre nós e o mundo.

Segundo Mikhail Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, “o estudo das línguas dos povos primitivos e a paleontologia contemporânea das significações levam-nos a uma conclusão acerca da chamada ‘complexidade’ do pensamento primitivo. O homem pré-histórico usava uma mesma e única palavra para designar manifestações muito diversas, que, do nosso ponto de vista, não apresentam nenhum elo entre si. Além disso, uma mesma e única palavra podia designar conceitos diametralmente opostos: o alto e o baixo, a terra e o céu, o bem e o mal, etc.”. Tais usos são [...] bastante comuns à poesia, que elabora seus paradoxos, duplos sentidos, analogias e ambiguidades para gerar novas significações nos signos de sempre.

Já perdemos a inocência de uma linguagem plena assim. As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou assim como a criação se desapegou da vida. Mas temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade (Antunes, 2000, s/p).

Com isso, a verbivocovisualidade se mostra fortemente marcada na visão de linguagem arnaldiana, logo, todo o seu trabalho se volta a essa ideia em síncrese multimodal. No entanto, a tridimensionalidade se torna um princípio ontológico-axiológico, uma vez que a palavra proclama o ser (Bakhtin, 2017), isto é, a palavra tem sentidos estabelecidos em solo social e é por ela transmitida em relações dialógicas, sendo evidenciada potencial ou

expressivamente pela verbivocovisualidade. Cada poema é um posicionamento no jogo da vida, feito na/pela linguagem. Para a poética de AA, a verbivocovisualidade exprime a palavra-coisa em uma tomada axiológica tanto no âmbito estético, uma vez que embate com tradições canônicas do fazer poético, como marca um posicionamento na vida, pois entende que a linguagem é reflexo e refração do âmbito social, ou seja, do ser humano.

Nesse sentido, entendemos a metalinguagem como tema mais recorrente na poética arnaldiana, mesmo que interaja com diversas temáticas. Cada poema traduz poeta e poesia no e pelo uso da linguagem alargada verbivocovisual: o dizer-fazer de Antunes segue estratégias que marcam seu estilo autoral: a grande maioria de seus poemas exploram a tecnologia, tipografia, caligrafias e aglutina radicais e morfemas para promover polissemia lexical e semântica (Paula, Batista 2023a, no prelo). Ainda como aponta Santos (2012, p. 91-92):

Nota-se uma preferência e presença da simultaneidade (semântica e sintática) dos vocábulos e figuras de linguagem como inversões, repetições, sinestesia e justaposição, assim como trocadilhos, deslocamentos, colisões, ecos, reticências e pleonasmos. Em termos visuais, estão presentes na sua poesia a caligrafia, as imagens fotográficas, as ilustrações, os jogos espaciais, a exploração dos espaços gráficos e os deslocamentos visuais (em termos de separação dos vocábulos, pontuação usada como versos etc.). Além disso, a tipografia e a diagramação são exploradas ao máximo no seu potencial de contribuição visual ao poema.

Cada recurso é empregado como forma de evidenciar a verbivocovisualidade nos poemas, tal qual a palavra-coisa primitiva (Antunes, 2000). Essa tridimensionalidade é compreendida ativamente pela sinestesia que provoca, pois como aponta o Círculo de Bakhtin, cada acabamento/resposta é uma compreensão ativa dada de maneira responsiva e responsável em interação eu/outro. A verbivocovisualidade permite a cocriação (Bakhtin, 2017) do leitor-outro que lê/interpreta no seu espaço-tempo e cria múltiplos sentidos para a poesia.

Por ser entendida como parte da estética arnaldiana, mas também como princípio ontológico-axiológico, a verbivocovisualidade é usada metalinguisticamente para traduzir e expor a sua visão de mundo, linguagem e vida na poesia, pois assim como todo enunciado, cada poema é saturado e está no jogo da vida, a responder e permitir respostas. Com isso, AA se posiciona em seus poemas em embate com a tradição poética canônica e dialoga com inúmeras vertentes modernas, de forma ética, responsável e singular.

A verbivocovisualidade bakhtiniana

A filosofia da linguagem bakhtiniana entende, a partir da noção dialógica, que enunciados refletem e refratam a realidade ideológica, sendo a palavra um espaço de trocas alteritárias entre sujeitos, em relação eu/outro de completude e acabamento. Segundo Volóchinov (2017), o signo é ideológico dado que a linguagem é ancorada em solo social: os sujeitos, em relação responsiva, se efetivam e re-criam a existência na/pela linguagem. Todo enunciado é ético e responsável, uma vez que enunciar é compreender o enunciado de outro e, portanto, responder em elo da palavra viva, sem fugir de sua singularidade, uma vez que “[...] toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais” (Volóchinov, 2017, p. 140).

No entanto, o Círculo de Bakhtin não entende a palavra apenas ao pensar sua manifestação verbal, apesar do grande enfoque ser o enunciado verbal, especialmente os romances. Entende-se que a linguagem integra verbalidade, vocalidade e visualidade na sua constituição cognoscível (Volóchinov, 2017) e na sua materialidade cognoscente.

Essa concepção de linguagem surge a partir do contexto do qual o grupo bakhtiniano se criou e debateu (1920 a 1930): um período stalinista persecutório que forma grupos intelectuais mais informais e com grande adesão de diversas áreas, assim, o Círculo de Bakhtin foi formado por intelectuais de diferentes atuações, a repercutir na composição teórica imbricada nos textos teóricos (Luciano, 2021).

Como aponta Luciano (2021), Medviédev estudou oralidade e *performance* teatral, debruçando-se também à literatura. Sollertinski e Volóchinov se voltaram aos discursos orais, estudaram música e Bakhtin refletiu acerca da noção de enunciação, ao falar de entonação, gestos e expressões faciais e corporais como significativas para o enunciado como um todo. O grupo ainda teve outros participantes que são indispensáveis para pensar a diversidade teórica bakhtiniana, logo, outras linguagens também fizeram parte do debate e influenciaram a visão da palavra dialética-dialógica empregada.

Bakhtin (2011) compreende a *pravda*² como discursiva. A partir disso e ao considerar o intercâmbio sincrético entre esferas, conhecimentos e produções, interna e externamente marcada pela configuração política da sociedade soviética, nota-se a proposição tridimensional no Círculo, a fundamentar uma proto-linguagem correspondente à constituição semiológica, chamada de “potencial linguagem das linguagens única” (Bakhtin, 2011, p. 311):

2 A ideia de *pravda* em russo se difere de *istina*, que representa a verdade universal. *Pravda* refere-se à verdade como prática de linguagem e prática sociocultural, viva, baseada em determinados valores e marcada por axiologias do sujeito situado, enquanto *istina* é uma verdade abstrata.

Todo sistema de signos (isto é, qualquer língua), por mais que sua convenção se apoie em uma coletividade estreita, em princípio sempre pode ser decodificado, isto é, traduzido para outros sistemas de signos (outras linguagens); consequentemente, existe uma lógica geral dos sistemas de signos, uma potencial linguagem das linguagens única (que, evidentemente, nunca pode vir a ser uma linguagem única concreta, uma das linguagens). [...] é indiscutível a potencial linguagem das linguagens (Bakhtin, 2011, p. 311).

Essa linguagem englobante metaforiza sobre a concretude enunciativa, manifestada de maneira saturada semiológica/cognoscivelmente. Em ato enunciativo interno e externo, todo enunciado é tridimensional, acontece via proto-linguagem na consciência cognoscível e se explicita no material, sem ignorar as noções genéricas e o projeto de dizer autoral. Assim, mesmo que o Círculo bakhtiniano não tenha usado o termo verbivocovisualidade, sua proposição de linguagem contempla essa noção.

A palavra, que reflete e refrata a vida, é situada pois carrega em si valorações axiológicas e emotivo-volitivas que o sujeito abstrai, isto é, por meio da linguagem, o sujeito apreende a vida, participa em ato em uma via dupla de influência, uma vez que a palavra intervém no sujeito e este interfere na linguagem. Fora da apreensão discursiva, a vida não exprime valor social, mas ao surgir linguagem dado a necessidade de comunicação e interação humana, passa a existir a consciência capaz de apreensão valorada, daí toda a vida biológica recebe sentido para/em si, com certa unicidade, e para o outro, com certo excedente.

A vida, com apreensões ideológicas e socialmente construída, só pode ser apreendida via linguagem, uma vez que “O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação sgnica*” (Volóchinov, 2017, p. 93, grifo do autor): é na palavra e por meio dela que as valorações emergem e continuam em jogo vivo. Logo, a atuação do sujeito na linguagem é inegável, pois é o sujeito eu/outro que influencia a linguagem, da mesma maneira que ela influencia o sujeito, pelas mesmas trocas alteritárias que a fizeram emergir em ato.

Ao saber que “A consciência individual é um fato social e ideológico” (Volóchinov, 2017, p. 97, grifo do autor), entende-se que o conteúdo interior, a linguagem, só acontece a partir do material exterior, internalizado dado diálogo entre sujeitos situados. Como Volóchinov (2017, p. 97) afirma, “A consciência se forma e se realiza no material sgnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada”, e como Paula e Luciano (2022b) apontam, o ato discursivo é complexo porque exprime um lado social e outro individual, em razão de a consciência surgir na interação de sujeitos pela palavra concreta, enunciada e exteriorizada, a criar um tratado ontológico-axiológico travado pela filosofia da linguagem bakhtiniana.

Essa consciência, a linguagem interior, pode ser materializada em enunciados que se relacionam com a vida por signos verbais, visuais e sonoros integrados dentro de uma esfera de atividade humana. Dessa forma, o ato enunciativo é tanto o produto material quanto o processo interno, já sendo sempre uma síntese/resposta e compreensão do enunciado do outro.

Qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma realidade. Qualquer fenômeno ideológico só é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante (Volóchinov, 2017, p. 94).

Essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior, se realiza sempre reiteradamente na palavra, em cada enunciado, por mais insignificante que seja. Em cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva (Volóchinov, 2017, p. 140).

Com isso, toda manifestação de linguagem apresenta tridimensionalidade, potencial ou expressivamente marcada, em razão da relação intrínseca do exterior com o interior. Mesmo que a materialização evidencie uma, duas ou todas as dimensões, todo enunciado marca verbivocovisualidade porque essa característica organiza sujeito, vida e enunciado. O verbal, pela concepção bakhtiniana, é entendido como verbivocovisual, mesmo sem essa nomenclatura ser evidente nos trabalhos, em detrimento da proto-linguagem englobante que evidencia o movimento interno/externo da palavra e o jogo enunciativo cognoscível/cognoscente.

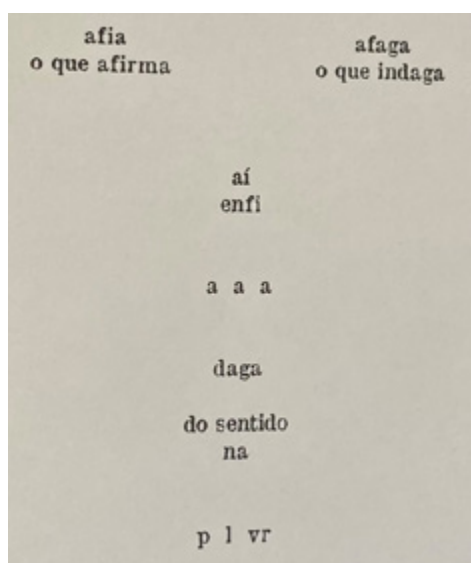
Poesia em ato: verbivocovisualidade arnaldiana

Será a partir dos poemas selecionados que vamos demonstrar a verbivocovisualidade em ato, como uma concepção de linguagem que está na composição estética de Arnaldo, usada para criar e trazer em máxima potência a totalidade de seu dizer. Explicada também pela filosofia da linguagem bakhtiniana, nos poemas se torna evidente o movimento interno/externo da linguagem, propiciado pela proto-linguagem (Bakhtin, 2011), que engloba as dimensões verbais, vocais e visuais presentes na linguagem e capaz de ser potencial ou explicitamente marcada enunciativamente.

Os poemas em questão são entendidos como enunciados, um todo de sentido situado que vai refletir sobre o movimento dialético-dialógico, tal qual o Círculo de Bakhtin trabalha. O enunciado-poema “a adaga” (2021), semiotiza o movimento alteritário da relação eu/outro, realizada pela/na linguagem: traz o movimento de tese, pois primeiro se “afirma” algo, se “afia” o que diz. Depois, se “indaga”, questiona, surge a anti-tese, que

“afaga”, interioriza o dito anteriormente. Assim, metaforiza a ação de inserir uma adaga, simbolizando a intensidade e a penetração das palavras e de seu sentido no outro, no movimento tenso da linguagem, a surgir novos enunciados-respostas. O projeto de dizer do autor-criador é guiado pela verbivocovisualidade para além da concepção de linguagem, todas as escolhas composicionais são feitas pensando em um outro capaz de uma leitura sinestésica de percepção verbivocovisual.

Figura 1. Poema “a adaga”



Fonte: Antunes (2021, p. 180-181)

Em “a adaga” (2021), há uma metáfora do corte da lâmina por meio do corte e da fragmentação das palavras, a questionar a estabilidade da linguagem e do sentido. Trata-se do conceito de diálogo, a linguagem se torna a adaga – a coisa que é enfiada no sujeito –, a própria palavra alteritária que constitui o ser/vida.

A linguagem bakhtiniana é dialógica, o signo é vivo e saturado, os enunciados emergem na/pela interação social, por sujeitos situados e reflete e refrata posicionamentos socioculturais, a construir realidades via linguagem em diálogo. O enunciado-poema é um ato de posicionamento social, em embate com o cânone poético, a embasar a voz social e valorada desse sujeito autor-criador.

Os enunciados são espaços de trocas alteritárias entre sujeitos, que são no mínimo dois (eu e outro), em razão de mutuamente se completarem pelo embate de vozes. Ao produzir um enunciado, atuamos em responsividade já que estabelecemos relações dialógicas, a promover tensão no jogo da língua viva (Volóchinov, 2017).

Como o Círculo propõe, o enunciado concreto é composto de uma linguagem interior, da vivência, e de uma linguagem exterior que estão interligadas, já que o interior acontece a partir do exterior, do social e o interior se “deforma” para ser exterior, ser concretizado. Isso é possível pelo caráter social da linguagem: o ato discursivo é social e individual ao mesmo tempo, uma vez que, com a troca eu/outro que gera embates, podemos ser “completados” pela palavra do outro que se torna nossa de alguma maneira, dada compreensão ativa e caráter responsivo. Como o poema traz: nossa palavra é afiada, direcionada ao outro, a palavra do outro é afagada, indagada, se chocam em embate, que forma a própria palavra singular do sujeito, um movimento retratado verbivocovisualmente pelo poema.

Como estuda Paula L., Figueiredo e Paula S. (2011), todo o pensamento bakhtiniano é regido pela noção de diálogo, que complementa a noção marxista de dialética. Marx realiza um trabalho de crítica à dialética hegeliana, pois acredita na dialética da realidade, com foco no homem social e na relação entre classes sociais na relação de trabalho. O Círculo, principalmente Volóchinov (2017), afirma que falta a esse viés falar da noção ideológica ligada ao sentido, por isso propõe um estudo do material verbal (semiose ideológica). Com isso, a teoria bakhtiniana faz uma leitura única do marxismo, uma vez que continua a visão sócio-histórica do sujeito e cultura e destaca o papel da linguagem nesse processo.

O liame entre o Círculo e Marx é a relação dialética/dialógica e a questão da ideologia que, para Marx, calca-se nas relações (econômicas, políticas, culturais, sociais) objetivamente vividas entre os sujeitos constituídos e constituintes de determinada realidade social e, para o Círculo, encontra-se entranhada na linguagem (o signo ideológico). A linguagem é o cerne da questão (Paula L.; Figueiredo; Paula S., 2011, p. 85).

Dessa forma, o Círculo estende a dialética ao diálogo, a entender ideologia e jogo de forças contrárias e contraditórias na/em linguagem. O diálogo, a relação eu/outro de sujeitos e enunciados, trava embates sem que um se sobreponha ao outro, em uma construção incessante que constitui sujeito/enunciado no uso vivo da palavra. A ideologia, que é posta em ação por sujeitos concretos e em enunciados, semiotiza o valor social de um grupo situado, logo, quando enunciamos e agimos em resposta, agimos pela/na palavra saturada de sentidos (Volóchinov, 2017). A ideologia só pode ser entendida no ato responsivo, logo, não estabelece acabamento finalizado, está no devir do fluxo ininterrupto discursivo:

[...] um signo se opõe a outro signo e que *a própria consciência pode se realizar e se tornar um fato efetivo apenas encarnada em um material sgnico*. Porque a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos. Essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, que

vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e ininterrupta: sempre passamos de um elo sógnico, e portanto material, a outro elo também sógnico. Essa cadeia nunca se rompe nem assume uma existência interna imaterial e não encarnada no signo (Volóchinov, 2017, p. 95).


No entanto, a dialética do signo é entendida a partir de uma dialética interior e exterior, em ato bilateral (Bakhtin, 2017) de conhecimento do sujeito, que constitui e é constituído de outro(s). Assim, “Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto, apenas no processo de interação social” (Volóchinov, 2017, p. 95).

Com isso, Paula L., Figueiredo e Paula, S. (2011) evidenciam que o movimento, para a filosofia da linguagem bakhtiniana, é dialético-dialógico, pois os movimentos dialéticos não são encarados como síntese, mas sim continuação dialógica do que foi travado anteriormente, sempre em elo ininterrupto, em resposta e acabamento situados via linguagem. Assim:

[...] o Círculo russo percebe que no mundo não há a existência de grupos que se digladiam economicamente, por uma questão de produtividade, mas trata da constituição e do embate entre sujeitos de linguagem (que, claro, representam sujeitos sociais), que possuem diferentes formas de valores; e privilegia a existência do ato/atividade humana exclusivo de cada sujeito na interação consigo, com o seu grupo e com os diversos grupos com que este se interrelacione. O Círculo pensa o sujeito como social porque pensa a linguagem como social e, segundo Bakhtin/Volóchinov, esse sujeito social assim o é porque, antes de tudo, ele é sujeito de linguagem (que habita e age no mundo por meio dela, a partir de seus atos, atividades e eventos enunciativos) e esse é o objeto das ciências humanas [...]. (Paula L., Figueiredo e Paula S., 2011, p. 92).

Assim, o poema aqui elencado traduz essa concepção de linguagem e vida, traz esse jogo interior/exterior e o movimento dialético-dialógico que demonstra a palavra em ato, como organismo vivo. O poema é construído a partir da tridimensionalidade, que aqui é expressa materialmente, logo, o enunciado mostra não só pela temática metalinguística, mas pela linguagem alargada como é o jogo vivo e tenso da linguagem, realizada pela verbivocovisualidade. A visualidade, a vocalidade e a verbalidade são entrelaçadas no poema, constroem o sentido de forma conjunta e pode ser capturada a partir de uma leitura sinestésica.

O poema “a adaga” é construído com a tipografia *serif*, muito usada em logotipos clássicos, pois semiotiza tradição, seriedade, sabedoria, estabilidade. Essa valoração dialoga com o título do livro (*Algo Antigo*), que é todo escrito com essa fonte remetente ao passado, comumente entendida como a letra de máquina de escrever, instrumento



antigo de digitação. As palavras estão distribuídas pelo espaço da página para dar outra cadência rítmica para o que foi escrito, pois cada espaço em branco gera sentidos para o enunciado, uma vez que simboliza pausas para o som. Essa construção visual/vocal possibilita leituras diversas, sendo essa uma das características dos poemas arnaldianos, o leitor atua ativamente na construção de sentidos. Ainda, essa distribuição das palavras marca o formato de uma adaga, tema e conteúdo do poema.

O poema tem rimas internas, pois como o verso deixa de ser o cânone, é preciso moldar essa outra forma de trazer oralidade. Para tal, os poemas arnaldianos exploram figuras de linguagem, como no caso de “a adaga” (2021), que traz a aliteração da repetição do som das consoantes /f/ e /d/ em palavras como “afia”, “afirma”, “afaga”, “indaga” e “adaga”, e a assonância da repetição do som da vogal /a/ em termos como “afia”, “afaga” e “palavra”. Esse último termo, construído no poema com a supressão da letra “a”, semiotiza a ideia da palavra/linguagem internalizada, que deixa de ser do outro e se torna nossa, não igual a antiga, mas nova, irrepetível. Cada figura de linguagem cria um efeito sonoro para o poema, dando ritmo e musicalidade para o verso.

A verbalidade, entrelaçada com as outras dimensões, é trabalhada na separação das letras de cada termo, visto que o autor-criador brinca com a morfologia. Todas as escolhas lexicais foram realizadas a partir da oralidade e pela significação, assim, o trabalho de aglutinação gera polissemia que permite visualidade, vocalidade e a leitura sinestésica de múltiplos sentidos.

Ao se considerar as relações grafemáticas e espaciais, o enunciado utiliza a disposição segmentada dos termos lexicais para criar um efeito visual que sugere o corte ou a ação de divisão, a reforçar o sentido da “adaga”. A segmentação é uma estratégia recorrente em AA e aparece em muitos de seus poemas. Aqui, ocorre em diferentes níveis, a formar uma estrutura descendente, como que os termos estivessem sendo cortados e afunilados. Isso se evidencia, por exemplo, no último item lexical, “p l vr”, que aparece fragmentado, remetendo à própria ideia de desintegração ou de um corte que compromete a totalidade da palavra “palavra”.

Ao afunilar os elementos linguísticos, cria-se um efeito de penetração, como se a adaga cortasse o espaço e os sentidos da linguagem. A estrutura simétrica no topo, com “afia o que afirma” (à esquerda) e “afaga o que indaga” (à direita), estabelece um equilíbrio inicial que se dissolve com as fragmentações iniciadas em “aí” e “enfi”, gerando um movimento descendente e cortante. Esse efeito reforça, verbivocovisualmente, a imagem da adaga penetrando algo – como o próprio significado de linguagem, evidenciando seu caráter metalinguístico.

Além disso, há um espaço vazio significativo antes da sequência “a a a”, que pode ser interpretada como um som de hesitação ou um eco, acentuando a desconstrução da

linguagem. Já em “do sentido na”, a construção do sentido fica aberta, a exigir que o leitor contribua para a reconstrução mental das segmentações, especialmente na última linha poética.

O uso da página em branco é tão importante quanto as palavras impressas. Os espaços vazios criam pausas e silenciam partes do enunciado, a gerar um efeito visual e semântico de interrupção. Há uma brincadeira com os vazios e ausências, em que o espaçamento progressivo entre letras e termos lexicais sugere o corte da adaga. Isso pode ser ampliado com os três “as” do centro do poema, que parecem se alinhar aos vazios deixados pelos três “as” do último termo “p l vr”, reforçando a fragmentação e a desintegração da linguagem.

Os elementos sintáticos e semânticos são realçados pelo jogo dialético-dialógico da metáfora da lâmina. A oposição inicial entre “afia o que afirma” e “afaga o que indaga” sugere um contraste entre certeza (afirmação) e dúvida (indagação), já que “afiar” remete ao ato de tornar algo cortante, enquanto “afagar” evoca suavidade. O termo “adaga” aparece isolado, destacando-se como o núcleo semântico do poema, sendo o objeto que realiza a ação de corte.

A arquitetônica do poema é verbivocovisual, desde a temática até a forma e estilo, caracterizando a palavra de AA. O que também pode ser visto no poema “o sal” (2021), que segue a mesma noção de alteridade. Uma possível leitura do poema gera a frase: “o sal da palavra é calar até vir a ser paladar”, isto é, semiotiza a palavra “deglutida”, o exterior/outro que passa a ser interior/individual via linguagem viva, a ressaltar toda a noção explicitada de linguagem interior/exterior a partir da filosofia da linguagem bakhtiniana de movimento dialético-dialógico.

Figura 2. Poema “o sal”



Fonte: Antunes (2021, p. 92-93)

A mesma tipografia é usada nesse enunciado, pois também é um poema do livro *Algo Antigo* (2021). Assim, segue a ideia de remeter à tradição, ao passado que retoma um momento primitivo da linguagem (Antunes, 2000). Aqui, o poema é construído em duas colunas, que semiotiza sujeitos distintos em troca alteritária embativa, cada termo do poema está segmentado. Por isso, a interpretação não é definitiva, pode formar múltiplas respostas-leituras tal qual o jogo externo/interno de adquirir a palavra do outro, para que se torne sua em alguma medida. As infinitas leituras desse poema mostram esse movimento de trocas que não terminam: na vida, todo enunciado retoma a outros e permite respostas, mesmo um posicionamento singular traz em si a palavra do outro. Essa noção é trabalhada visualmente no poema, a permitir desenlaces em diferentes sentidos que mostram sujeitos em relação e coexistência, pois se pode ler na vertical ou até mesmo na horizontal.

A vocalidade também está presente nessa separação lexical, pois a cada palavra entrecortada há espaços em branco que engendram nova cadência rítmica. Além disso, as palavras são separadas de modo que evidenciam aliteração e assonância na repetição de /a/, /l/ e /r/. Dessa maneira, a verbalidade é trabalhada vocal/visualmente no enunciado-poema, à medida que situa a visão de linguagem arnaldiana, que não ignora a capacidade interna/externa em jogo propiciada pela linguagem alargada e tridimensional em movimento dialético-dialógico, em detrimento de vida e ser ocorrerem na/pela linguagem verbivocovisual.

As relações grafemáticas e espaciais do enunciado mostram o texto distribuído em duas colunas. Essa separação visual impede uma leitura linear convencional, assim, o leitor precisa reconstruir mentalmente as frases e termos lexicais segmentados. A fragmentação dos termos sugere um processo de desconstrução e reconstrução da linguagem, como se a palavra se desmanchasse e se reformulasse simultaneamente.

As separações exigem que o leitor una os segmentos, a promover uma participação ativa na composição do sentido. A disposição no espaço remete a um efeito de dissolução, reforçado pelo tema do “sal”, que pode se dissolver na água, por exemplo. Assim, o poema brinca com o tema “sal”, ao remeter tanto ao sabor quanto à ideia de algo que se dissolve, assim como os termos no enunciado.

O termo lexical “palavra” aparece diluído na estrutura do poema, fragmentado ao longo do texto (“da pal” + “av” + “ra”), reforçando a ideia de desconstrução da linguagem. Em “até” + “vir” + “a ser”, sugere-se um processo de transformação, indicando que a palavra passa por uma mudança, deixando de ser apenas um conjunto de signos para adquirir sentido. O trecho “é cal” carrega um duplo sentido: pode indicar calor (quente), mas também cal (substância usada para construir ou apagar, como na pintura de paredes). O final “ar” + “ar” pode remeter ao ar como elemento de dispersão, sugerindo que a palavra, assim

como o sal, se dissolve no espaço. Dessa maneira, “sal” e “palavra” se entrelaçam para sugerir um processo de ressignificação da linguagem verbivocovisual.

Portanto, os enunciados-poemas evidenciam o conceito de diálogo bakhtiniano que contempla a ideia do sujeito inacabado. Em movimento (dialético-dialógico) entre duas consciências (interior/exterior) e pela linguagem, que reflete e refrata valores ideológicos, sujeitos marcam sua existência em enunciados-elos verbivocovisuais. As leituras empreendidas não são acabadas, dado que a cada interação, novas interpretações e sentidos se estabelecem, no entanto, evidenciam uma análise verbivocovisual a partir da episteme bakhtiniana.

Considerações finais

Buscamos, com este trabalho, refletir sobre a poética arnaldiana, uma vez que é representante de uma visão de linguagem-vida que explora a potencialidade e concretude enunciativa da linguagem. AA, enquanto autor-criador, salienta a palavra verbivocovisual dialética-dialógica em poemas, que, metalinguisticamente, expressam essa noção. No entanto, seu trabalho é diverso, pois atua, desde o início de sua carreira, em diferentes esferas, sempre em elo e diálogo de suportes, campos e estéticas, a transitar em variados modos de expressão. Seu trabalho é inclassificável, sendo esse seu maior traço estético-literário.

O conceito de diálogo é um ponto nevrálgico para os estudos bakhtinianos, pois até mesmo a autoria e o pensamento teórico é feito em ampla interação. O jogo tenso da relação eu/outro é importante para essa discussão, que é inicial e será melhor desenvolvida na dissertação da autora, em conjunto com reflexões acerca da “potencial linguagem das linguagens” (Bakhtin, 2011), que potencial e expressivamente coloca enunciados no jogo discursivo, a partir do movimento interno/externo da linguagem.

Assim, o objetivo do trabalho foi refletir sobre apontamentos iniciais que evidenciam a verbivocovisualidade como proposição teórica de linguagem presente na filosofia bakhtiniana, mesmo que não trabalhada com essa nomenclatura. Para isso, a poética arnaldiana é essencial, em detrimento dos traços estilísticos de AA colocarem em ato enunciativo a palavra-coisa, a partir da tridimensionalidade. Cada um dos poemas escolhidos, além de serem um ser-objeto de linguagem poética, são sujeitos de linguagem em uma linguagem de e entre sujeitos, pois participamos da vida por meio do diálogo e nos colocamos na linguagem. O dizer-fazer arnaldiano torna-se exemplar para evidenciar essa concepção de linguagem tridimensional trabalhada neste artigo, em razão do diálogo estético com o passado e sua resposta ao cânone poético, a realçar um posicionamento próprio, singular de uma palavra-coisa que veicula seu dizer em extensão filosófico-axiológica. Portanto, a noção de elo e unicidade marca tanto o trabalho bakhtiniano quanto o ser arnaldiano, a propor uma concepção completa de vida/linguagem.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – bolsa CAPES/PROEX.

Referências

ANTUNES, A. Sobre a origem da poesia. In: MOREAU, G. (org.). *12 Poemas para dançarmos*. São Paulo: SESC, 2000.

ANTUNES, A. *Algo Antigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Org., trad., posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora v. 34, 2017.

BATISTA, R. dos S. *Arnaldo Antunes inclassificável: uma análise dialógica verbivocovisual da linguagem neoconcreta*. 2025. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2025.

CAMPOS, A. de; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. de. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos (1950-1960)*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

JOYCE, J. *Finnegans Wake*. London: Faber and Faber, 1975.

LUCIANO, J. A. R. *Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepções verbivocovisuais*. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2021.

MEDVIÉDEV. *Método formal nos estudos literários*. São Paulo: Contexto, 2012.

MODRO, N. R. *Obra Poética de Arnaldo Antunes*. Universidade Federal do Paraná, 1996.

PAULA, L. de. *Verbivocovisualidade: uma abordagem bakhtiniana tridimensional da linguagem*. Projeto de Pesquisa em andamento. Período de 2017-2022. Mimeo, s/d.

PAULA, L. *Teoria, metodologia e análise verbivocovisual: uma proposta de abordagem filosófico-dialógica brasileira contemporânea*. Projeto de Pesquisa trienal, 2023 – em andamento.

PAULA, L.; BATISTA, Rafaela dos Santos. A retórica neoconcreta arnaldiana: a “ânsia mansa” de um /dizer-fazer/ verbivocovisual. *2023a (no prelo)*.

PAULA, L.; BATISTA, Rafaela dos Santos. “O que não pode ser que não é”: A mistura de gêneros na poética verbivocovisual de Arnaldo Antunes. *2023b (no prelo)*.

PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. O Marxismo do/no Círculo. In: STAFFUZA, G. (org.). *Slovo – o Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos*. Curitiba: Appris, 2011. p. 79-98.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da Linguagem Bakhtiniana: concepção verbivocovisual. *Revista Diálogos*, v. 8, n. 3, p. 132-151, 2020a. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039>. Acesso em: 13 dez. 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 49, n. 2, 2020b, p. 706-722. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/269>. Acesso em 12 dez. 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*, v. 33, n. 3, 2020c, p. 105-134. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296>. Acesso em: 06 dez. 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. *Polifonia*, v. 27 n. 49, 2020d, p. 15-46. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11366>. Acesso em 04 dez 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Recepções do pensamento bakhtiniano no ocidente: a verbivocovisualidade no Brasil. In: BUTTURI Jr., A.; BRAGA, S.; SOARES, T. (org.). *No campo discursivo – teoria e análise*. Campinas: Pontes, 2020e. p. 133-166.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. The Verbivocovisual Architectonic of the Stage La Conversione Di Un Cavallo. *Global Journal of Human Social Sciences-A - GJHSS-A*, V. 21, 13, 2021a, p. 01-13. Disponível em: [https://globaljournals.org/GJHSS_Volume21/EJournal_GJHSS_\(A\)_Vol_21_Issue_13.pdf](https://globaljournals.org/GJHSS_Volume21/EJournal_GJHSS_(A)_Vol_21_Issue_13.pdf). Acesso em: 10 jan. 2022.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. As noções bakhtinianas de linguagem e enunciado. *Letras de Hoje*, v. 56, n. 3, p. 453-464, 2021b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42207>. Acesso em: 10 set. 2022.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A música em Dostoiévski: voz e polifonia sob o viés bakhtiniano. *Revista Cerrados*, [S. l.], v. 31, n. 58, p. 134-146, 2022a. DOI: 10.26512/cerrados.v31i58.41275. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/41275>. Acesso em: 2 jun. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. O sujeito, a consciência individual e a consciência coletiva: noção de consciência em marxismo e filosofia da linguagem. In: DE JESUS, S. N.; FERRAREZI JUNIOR, C. (org.). *Pilares da Teoria Dialógica do Discurso: a obra de Valentin Volóchinov* (da década de 1920 aos dias atuais). São Carlos: Pedro & João Editores, 2022b. cap. 9, p. 245-267.

PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, v. 11, n. 25, p. 178-201, 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/6507>. Acesso em: 06 dez. 2021.

SANTOS, A. *Arnaldo Canibal Antunes*. Brasil: Nversos, 2012.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Rio de Janeiro: 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. *Palavra na vida e palavra na poesia*. Rio de Janeiro: 34, 2019.

Hesitação em narrativas infantis: o funcionamento gestuo-vocal na matriz multissemiótica

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3511>

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante¹
Laurenço Chacon Jurado Filho²

Resumo

Este artigo mostra o funcionamento das hesitações presentes na produção gestual e vocal de crianças com desenvolvimento típico de linguagem, especificamente em contexto dialógico de reconto de filme. Foram analisados dados de 25 crianças na faixa etária entre 2 e 6 anos de idade, distribuídas em cinco grupos com base na faixa etária. O recorte específico para a presente pesquisa consistiu nos dados de cinco crianças, uma de cada grupo: A: H. Q. (2;1); B: J.P. (3;3); C: G. B. (4;0); D: G.S. (5;4); E: V.C. (6;9). Os resultados da investigação permitiram: (i) discussão da passagem da noção de multimodalidade para a noção de multissemiiose, tomando as hesitações como lugar privilegiado de observação, na medida em que indiciam o conflito do sujeito e suas dispersões na linguagem; (ii) demonstração da presença pluridimensional de gestos ritmados na hesitação, com predomínio dos icônicos e dos dêiticos na composição, corroborando McNeill (1992), para quem os gestos funcionam em dimensões que podem se superpor; (iii) descrição de como opera a matriz gestuo-vocal nesses pontos (simultânea, síncrona) mostrando como as hesitações se relacionam com o planejamento da fala e se organizam em dois planos simultâneos: um com foco no planejamento sintático-semântico, centrado na estrutura gramatical e dos conteúdos, e o outro com foco no planejamento morfológico-lexical, relacionado a escolhas de palavras, com destaque para a contraparte gestual específica desses planos, já que, no sintático-semântico sobressaíram-se os gestos icônico-ritmados e, no plano morfológico-lexical, os dêitico-ritmados, atuando de maneira pluridimensional.

Palavras-chave: hesitação; narrativas infantis; matriz gestuo-vocal; multissemiioses; aquisição da linguagem.

1 Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil; marianne.cavalcante@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-1409-7475>

2 Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; lourenco.chacon@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-8000-7672>

Hesitation in children's narratives: gestural-vocal functioning in the multisemiotic matrix

Abstract

This paper shows the function of hesitations in the gestural and vocal production of children with typical language development, in the production of narratives. Data from 25 children aged between 2 and 6 years old were analyzed, and divided into five groups based on age. The specific sample for this research consisted of data from five children, one from each group: A: H. Q. (2;1); B: J.P. (3;3); C: G.B. (4;0); D: G.S. (5;4); V.C. (6;9). The results of the investigation allowed: (i) discussion of the passage from the notion of multimodality to the notion of multisemiosis, taking hesitations as a privileged place of observation, insofar as they indicate the subject's conflict and its difficulties/fragmentations in language; (ii) demonstration of the multidimensional presence of rhythmic gestures in hesitation, with a predominance of iconic and deictic elements in the composition, corroborating McNeill (1992), for whom gestures function in dimensions that can overlap; (iii) description of how the gesture-vocal matrix operates at these points (simultaneous, synchronous) showing how hesitations are related to speech planning and are organized in two simultaneous planes: one focused on syntactic-semantic planning, centered on grammatical structure and content, and the other focused on morphological-lexical planning, related to word choices, with emphasis on the specific gestural counterpart of these planes, since, in the syntactic-semantic plane, the iconic-rhythmic gestures stood out and, in the lexical-morphological plane, the deictic-rhythmic ones, acting in a pluridimensional way. Keywords: hesitation; children's narratives; gesture-vocal matrix; multisemiosis; language acquisition.

Introdução

O interesse pela gestualidade como fenômeno linguístico é fato recente. Com efeito, durante boa parte da história dos estudos da Linguística, o gesto era considerado um aspecto não-linguístico da comunicação humana. A última década do século XX é apontada como início desse movimento teórico em direção ao gesto, acompanhado da adesão à perspectiva de "matriz gesto-fala", que postula uma integração linguística entre gesto e fala (McNeill, 1985).

Na perspectiva multimodal da linguagem, gestos e fala são organizados e sincronizados entre si (Kendon, 2000; Butcher; Goldin-Meadow, 2000), sendo considerados como semântica e pragmaticamente coexpressivos (McNeill, 2000). Nas dinâmicas interativas, as produções gestuais (plano cinético) e as vocais e verbais (plano audível) na matriz da linguagem estão na base da construção de sentido dos enunciados linguísticos dos sujeitos, com ou sem transtornos de linguagem.

Nesse sentido, todo enunciado linguístico contempla, de forma integrada, padrões de vocalização, entonação, pausas e ritmicidades que se apresentam não só de forma audível, mas também cineticamente a partir de movimentos faciais (incluindo os dos olhos, das pálpebras, das sobrancelhas, bem como os da boca) e de padrões de ação por parte da cabeça, mãos e corpo, tal como propõe Kendon (2000). De acordo com essa visão, consideramos que o enunciado linguístico é composto por diversas semioses que coatuam no funcionamento multimodal da linguagem.

Para a discussão relacionada aos gestos e aos movimentos corporais, destacamos estudos como os de McNeill (1985, 2000), Cavalcante *et al.* (2016), Cavalcante (2019), que entendem o gesto como contraparte da produção vocal. Desse modo, tais semioses não podem ser vistas separadamente, pois se estruturam como um sistema integrado de significação, conforme sugerem McNeill (1985, 1992), Kendon (2000), Butcher e Goldin-Meadow (2000), Cavalcante (2009), Cavalcante; Brandão (2012); Fonte *et al.* (2014).

Para Goldin-Meadow (1993), os gestos oferecem um caminho adicional de expressão expandindo a gama de ideias que são capazes de manifestar. Sabemos que as crianças exploram a modalidade gestual desde muito cedo; desse modo, os gestos, bem como os movimentos corporais, coatuam com as produções de palavras.

Em um movimento recente na teorização acerca da matriz gestuo-vocal na aquisição da linguagem, vimos aprofundando a concepção de matriz. Se, em nossos primeiros trabalhos (Cavalcante, 2009; Cavalcante; Brandão, 2012; Cavalcante; Barros; Silva; Ávila Nóbrega, 2015), caracterizamos a coatuação como *matriz 'gesto-fala'*, numa adesão à perspectiva de McNeill (1985), pouco a pouco vimos assumindo a nomenclatura matriz 'gesto-vocal' ou 'gestuo-vocal' [...] por trabalharmos com uma noção mais ampliada de 'fala' enquanto composta por diversas instâncias de semioses" (Fonte; Barros; Cavalcante, 2021, p. 203). Tal mudança vem se dando pela compreensão de que "[...] o conceito de fala foi-se ampliando e se afastando de uma noção *estrita* de fala como sequência de sons de uma língua, para uma noção *larga* de fala enquanto estruturada multissemioticamente com a presença da gestualidade e da produção sonora" (Fonte; Barros; Cavalcante, 2021, p. 204).

Acrescentamos que essa matriz se estrutura em torno de um arcabouço gestuo-vocal sustentado nas pautas: gestual, aí incluído o olhar; e prosódica, que envelopa o que vem a se chamar de matriz multissemiótica de produção de sentido.

Interessa-nos analisar as gesticulações, que, segundo McNeill (2000), são gestos que acompanham o fluxo da fala, precisam da fala para surgir, não são convencionais, relacionam-se às marcas individuais de cada falante e incluem movimentos de braços, de cabeça, de pernas, ou seja, todos os movimentos corporais que ocorrem concomitantemente com a fala. Na gesticulação, surgem dimensões gestuais como

os gestos dêiticos, icônicos, ritmados, metafóricos e coesivos, tal como aponta McNeill (1992), e que visualizamos no quadro abaixo:

Quadro 1 – Dimensões gestuais segundo McNeill (1992)

Gestos	Definição
Gestos Icônicos	estão estreitamente ligados ao discurso, servindo para ilustrar o que está sendo dito, delineiam formas de objetos ou ações, estabelecendo com o referente uma relação de metonímia, por exemplo, quando uma pessoa demonstra um objeto físico usando as mãos para mostrar seu tamanho.
Gestos Dêiticos	são os demonstrativos ou direcionais, geralmente acompanham as palavras como “aqui”, “lá”, “isto”, “eu” e “você”, podem ser representados pelos movimentos de apontar.
Gestos Metafóricos	são parecidos em sua superfície com os gestos icônicos, contudo, possuem a particularidade de referirem expressões abstratas, por exemplo, configuração da mão em cacho, fechado, aberto ou semi aberto, ao produzir expressões no discurso em que se quer dar ênfase, por exemplo quando o falante faz referência à “aquisição da linguagem” e apresenta a mão nessa configuração, como se quisesse demonstrar com o gesto a noção de aquisição da linguagem.
Gestos Ritmados	são nomeados assim porque aparecem como o tempo da batida musical; as mãos se movem no mesmo ritmo da pulsação da fala, marcando, por exemplo, mudanças no discurso, ou realçando um determinado momento do discurso.

Fonte: Elaboração própria

A partir dessa perspectiva, tomamos como lócus as hesitações produzidas por crianças entre dois e cinco anos, em contexto narrativo de reconto de filme de animação. O interesse surgiu a partir de questões postas em trabalhos como os de Mayberry e Jaques (2000), que, ao estudarem indivíduos com gagueira crônica, constataram que, em alguns casos, durante a disfluência, a gesticulação é interrompida e retorna após a recuperação da fluência da fala. Logo, a produção do gesto está vinculada à produção da fala fluente, comprovando a hipótese de sistema gesto-fala integrado. Também Fonte e Costa (2017) destacam como as gesticulações estão alteradas ou ausentes durante a disfluência, caracterizada por repetições, bloqueios ou prolongamentos de fonemas na fala do sujeito com gagueira, confirmando a premissa de que gesto e fala estão interligados na matriz da linguagem.

Para isso, adotamos a vertente enunciativo-discursiva, na perspectiva concebida por Nascimento e Chacon (2018), Chacon e Vilega (2012), dentre outros, que concebem “[...] as hesitações [...] como marcas das negociações do sujeito com os *outros* constitutivos

do (seu) discurso. Privilegiadamente, o *outro* constitutivo para o qual as investigações do GPEL³ têm se voltado é a própria língua, em sua complexidade" (Chacon; Vilega, 2012).

Seguindo a proposta de Chacon e Vilega (2012, 2015), adotaremos sua caracterização das marcas de hesitação, baseada em trabalhos de Marcuschi (1999), a saber:

[...] pausas silenciosas – percebidas, auditivamente, como silêncios, prolongados ou não, que se dão como rupturas em lugares não previstos pela sintaxe; alongamentos hesitativos – aumento de duração de segmentos da fala, geralmente dos segmentos vocálicos em final de palavra e principalmente em palavras monossilábicas ou em sílabas finais átonas; repetições hesitativas – reduplicação de uma sílaba, de palavras, de grupos de palavras ou de frases, podendo essas reduplicações incidir tanto sobre itens funcionais quanto sobre itens lexicais; interrupções – cortes após a emissão de qualquer segmento linguístico, seja ele fonético-fonológico, lexical ou sintático, podendo ser retomado ou não na sequência da produção do enunciado (Chacon; Vilega, 2012, p. 85).

Tal como Vilega (2020), nos aproximamos de Goldman-Eisler (1961), para quem as hesitações se relacionam com o planejamento da fala e se organizam em dois planos simultâneos: um com foco no planejamento sintático-semântico, centrado na estrutura gramatical e dos conteúdos; o outro com foco no planejamento morfológico-lexical, relacionado a escolhas de palavras. Dito de outro modo, nos aproximamos dessa perspectiva e do aprofundamento que dela é feito em Vilega e Chacon (2021, p. 7), com destaque ao fato de que "[...] as hesitações não se mostram de forma aleatória, já que tendem a ocorrer em pontos fonológicos mais fracos da fala tanto em suas unidades menores, quanto em suas unidades maiores."

A proposta nos permite olhar, a partir da matriz multissemiótica de produção de sentido, como as hesitações vão se materializando nas narrativas infantis de reconto. A escolha pelas narrativas se deu também por compreendê-las tal qual Benjamin (1993, p. 221), para quem "[...] a narrativa não é produto exclusivo da voz", mas também do corpo, uma vez que o narrar envolve movimentos manuais que intervêm decisivamente no modo como o fato é narrado e que, ainda, sustentam, de muitas formas, o fluxo da fala". Sabemos que, além dos movimentos realizados com a mão, a criança movimenta o corpo como um todo e interage utilizando variadas semioses (De Almeida, 2018). Além disso,

Toda narrativa é, por princípio, interação [...] No caso da narração oral de histórias vivenciadas pessoalmente no marco de 'contatos face a face', o ouvinte não é um receptor (relativamente) passivo, e sim parceiro (relativamente) ativo da interação,

3 Grupo de Pesquisa sobre a Linguagem/CNPq, coordenado por Lourenço Chacon (Unesp/São José do Rio Preto).

pois, em seu papel de ouvinte, ele tem interesses a manifestar, perguntas a fazer, avaliações a apresentar, que se tornam diretamente relevantes para a construção do processo narrativo (Schutze, 2014, p. 14).

Nesse sentido, a narrativa é multissemiótica e se estrutura na e pela interação com o interlocutor, como veremos no mapeamento do *corpus* escolhido.

Material e métodos

Nosso objetivo geral consistiu em compreender o funcionamento das disfluências, com ênfase nas hesitações, presentes na produção gestual e falada de crianças com desenvolvimento típico de linguagem, especificamente em contexto dialógico de reconto de filme, buscando mostrar como se materializam tanto no modo de enunciação falado quanto no modo de enunciação gestual. Tivemos como objetivos específicos: mapear os contextos de emergência da disfluência nos planos falado e gestual; mostrar como as disfluências, indicadas por hesitações, se materializam nesses contextos, bem como seu papel para a interlocução; observar com que marcas linguísticas as hesitações se mostram nesses momentos (a saber, por meio de: pausas silenciosas; pausas preenchidas; alongamentos hesitativos; gaguejamentos; repetições hesitativas; interrupções); observar quais dimensões de gestos (icônico; dêitico, metafórico, ritmado) se associam aos momentos hesitativos; observar possível sincronia fala/gesto nos momentos de disfluências mostrados por hesitações.

O *corpus* utilizado foi originalmente coletado para tese produzida por De Almeida (2018), já transcrito, e doado ao conjunto de dados do Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita o LAFE⁴, o qual passaremos a descrever. Há dois planos de organização dos dados: (1) o da constituição de todo o banco: dados de 25 crianças na faixa etária entre 2 e 6 anos de idade, distribuídas em cinco grupos com base na faixa etária. Nessa faixa, o grupo A foi composto por crianças de 2 anos; o grupo B, por crianças de 3 anos; o grupo C, por crianças de 4 anos; o grupo D, por crianças de 5 anos; e o grupo E, por crianças de 6 anos. O total da amostra foi de 14 meninos e 11 meninas; (2) o do recorte específico para a presente pesquisa, que consistiu em dados de cinco crianças, uma de cada grupo: A: H.Q. (2;1); B: J.P. (3;3); C: G.B. (4;0); D: G.S. (5;4); E: V.C. (6;9).

A coleta dos dados ocorreu da seguinte forma: a pesquisadora convidava a criança a assistir a um filme de animação (vídeo-estímulo) e, em seguida, recontar o que tinha assistido para um familiar adulto que não tivesse assistido ao filme. O familiar adulto era encorajado a fazer perguntas e dar sustentação ao reconto da criança. As sessões de coleta por criança tiveram duração média de 30 minutos, toda coleta ocorreu ao longo de dois meses. O filme escolhido para ser o vídeo-estímulo foi *Pingu*, um desenho animado. A

4 Sediado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob nossa coordenação. Protocolo CEP: 0438/16.

escolha inspirou-se em McNeill e Levy (1993), que sugerem apresentar aos interlocutores um desenho com bastante ação, o que levaria as crianças, conseqüentemente, a fazerem uso de gestos para narrar o que assistiram.

O vídeo-estímulo

Criado por Otmar Gutmann e produzido de 1986 a 2000 para a televisão suíça, *Pingu* é um desenho animado do gênero comédia, feito em argila, que mostra uma família de pinguins antropomórficos que mora no Polo Sul. O personagem principal é o filho, Pingu, um pinguim curioso e animado, que sempre se mete em confusão. A língua falada no desenho é o pinguinês, língua inventada que consiste em balbucios, resmungos e o característico som alto de corneta “*noot noot*” acompanhado do bico de Pingu em formato de megafone.

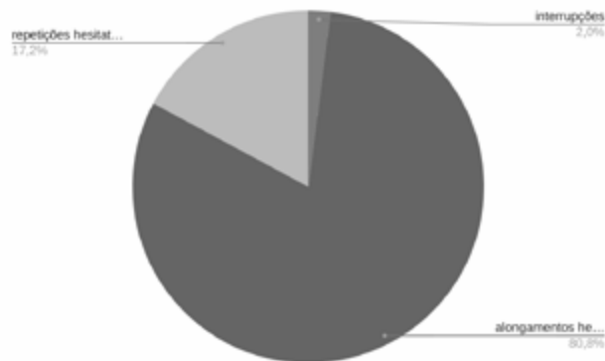
Para transcrição dos dados, foi utilizado o *software Eudico Linguistic Annotator*, mais conhecido como ELAN, uma ferramenta profissional que possibilita a criação de anotações, edição, visualização e busca de anotações por meio de dados de vídeo e áudio simultaneamente. O ELAN permite a transcrição e as anotações das análises em linhas denominadas de trilhas. A criação dessas trilhas e suas nomeações são determinadas pelo pesquisador/transcritor. Essas trilhas permitem as anotações de determinado registro no tempo exato e, caso necessária, alguma alteração, sem perda de anotações anteriores ou subsequentes.

Resultados e discussão

Mapeamento das hesitações multissemióticas

O levantamento dos dados propiciou o reconhecimento de um funcionamento multissemiótico em relação às hesitações produzidas nas narrativas recontadas pelas crianças na interação com o adulto. Partimos da identificação das hesitações e a contraparte gestual presente no momento da produção vocal hesitativa. Foram analisadas 5 crianças, uma para cada faixa etária, cuja presença das hesitações é mostrada nos gráficos abaixo:

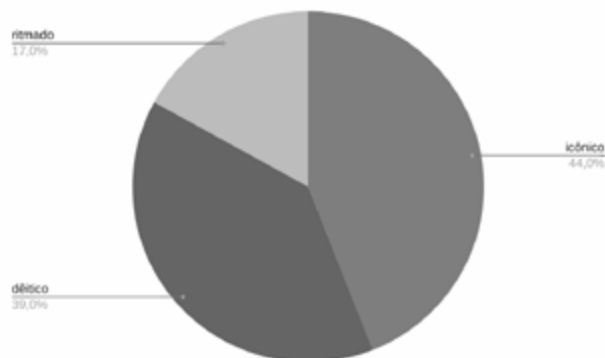
Gráfico 1. Hesitações criança H.Q. (2, 1)



Fonte: Elaboração própria

O gráfico 1 acima apresenta a presença de 2% de rupturas, 17% de repetições hesitativas e 81% de alongamentos hesitativos. Não houve presença de pausas silenciosas.

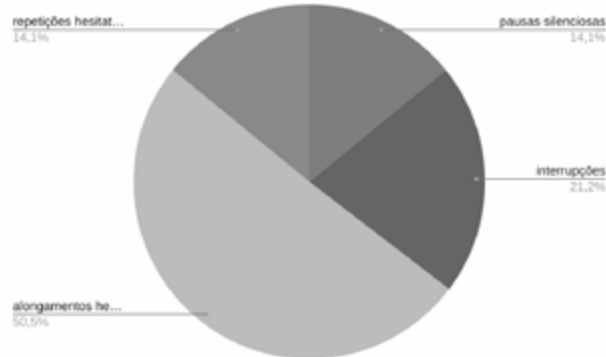
Gráfico 2. Gestos criança H.Q. (2,1)



Fonte: Elaboração própria

Em relação aos gestos, observamos: ritmados (17%); dêiticos (39%); e o predomínio de icônicos (44%). Vale destacar a ocorrência, nos ritmados, de um funcionamento pluridimensional: ritmados-icônicos (56%); ritmados-dêiticos (33%); e ritmados-metafóricos (11%).

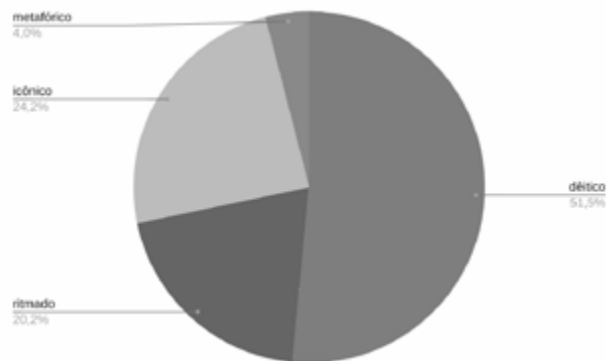
Gráfico 3. Hesitações criança J.P. (3,3)



Fonte: Elaboração própria

Em relação às hesitações, observamos: presença predominante de 50,5% de alongamentos hesitativos; 21,2% de rupturas; concomitância de 14,1% de pausas silenciosas e repetições hesitativas.

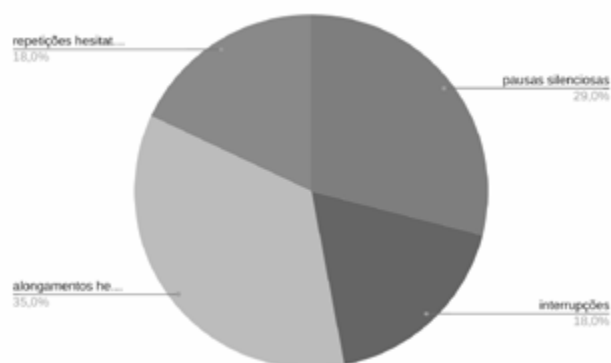
Gráfico 4. Gestos criança J.P. (3,3)



Fonte: Elaboração própria

Com relação aos gestos, observamos: dêiticos (51,5%); icônicos (24,2%); ritmados (20,2%); e metafóricos (4%). Nos ritmados temos pluridimensões: ritmados-dêiticos (55%); e ritmados-icônicos (45%).

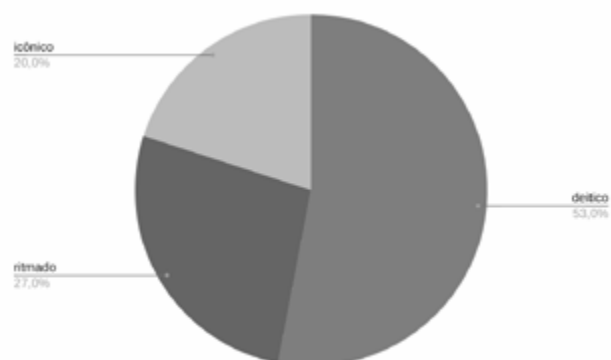
Gráfico 5. Hesitações criança G.B.(4,0)



Fonte: Elaboração própria

Com relação às hesitações: alongamentos hesitativos (35%); pausas silenciosas (29%); repetições hesitativas (18%) e interrupções (18%).

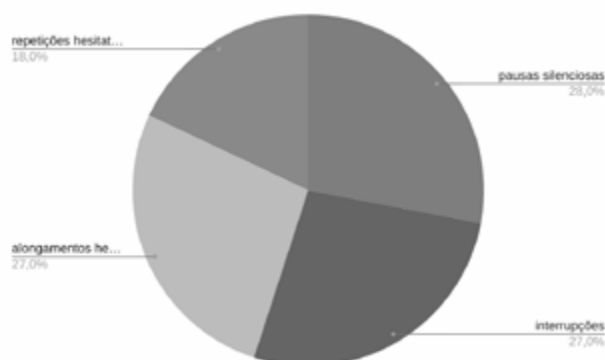
Gráfico 6. Gestos criança G.B. (4,0)



Fonte: Elaboração própria

Com relação aos gestos, observamos: dêiticos (53%); ritmados (27%); e icônicos (20%). No caso dos ritmados, esses apresentaram um funcionamento pluridimensional: ritmado-dêitico (37%); e ritmado-icônico (63%).

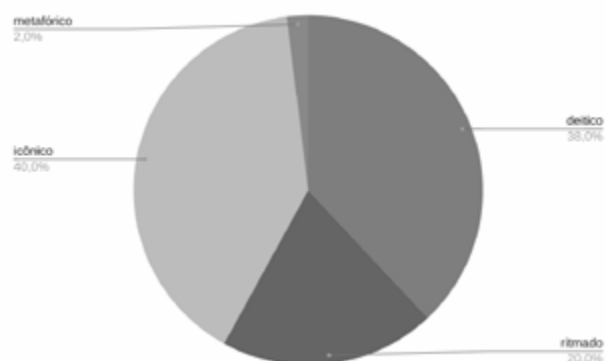
Gráfico 7. Hesitações criança G.S. (5,4)



Fonte: Elaboração própria

Em relação às hesitações: pausas silenciosas (28%); alongamentos hesitativos (27%) e interrupções (27%); 18% de repetições hesitativas.

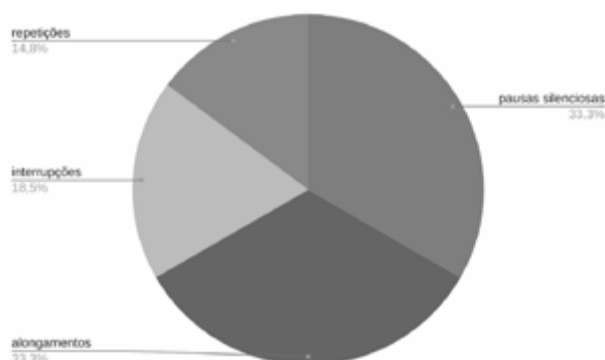
Gráfico 8. Hesitações criança G. S. (5,4)



Fonte: Elaboração própria

Nos gestos, observamos: icônicos (40%); dêiticos (38%); ritmados (20%); e metafóricos (2%). Em relação aos ritmados, há pluridimensionalidade com ritmados-icônicos (65%) e ritmados-dêiticos (35%).

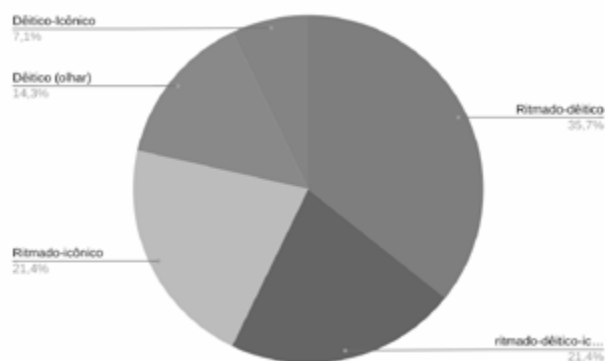
Gráfico 9. Hesitações criança V.C. (6,9)



Fonte: Elaboração própria

Em relação às hesitações: alongamentos hesitativos (33,3%); pausas silenciosas (33,3%); interrupções (18,5%); repetições (14,8%).

Gráfico 10. Gestos criança V.C. (6,9)



Fonte: Elaboração própria

Com relação aos gestos, encontramos pluridimensionais: ritmado-dêitico (35,7%); ritmados-icônicos (21,4%); ritmado-dêitico-icônico (21,4%); e dêitico-icônico (7,1%). E Quanto a unidimensionais, encontramos dêitico (olhar) 14,3%.

Seguem-se tabelas panorâmicas com as categorias mapeadas nos gráficos:

Tabela 1. Idade X tipos de hesitação

Idades	2,1	3,3	4,0	5,4	6,9
alongamentos hesitativos	80,8%	50,5%	35%	27%	33,3%
pausas silenciosas	0%	14,1%	29%	28%	33,3%
repetições	17,2%	14,1%	18%	18%	14,8%
interrupções	2%	21,2%	18%	27%	18,5%

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2. Idade X Dimensões gestuais

Idades	2,1	3,3	4,0	5,4	6,9
Ritmados	17%	20,2%	27%	20%	78,56%
dêiticos	39%	51,5%	53%	38%	14,3%
Ícônicos	44%	24,2%	20%	40%	0%
Metafóricos	0%	4%	0%	2%	0%

Fonte: Elaboração própria

Tabela 3. Idade X Pluridimensões gestuais

Idades	2,1	3,3	4,0	5,4	6,9
Ritmados- icônicos	56%	45%	63%	65%	21,4%
Ritmados - dêiticos	33%	55%	37%	35%	35,7%
Ritmados-metafóricos	11%	0%	0%	0%	0%
Ritmados -dêiticos-Ícônicos	0%	0%	0%	0%	21,4%
Dêitico-icônico	0%	0%	0%	0%	7,1%

Fonte: Elaboração própria

Os resultados destacam a presença das hesitações ao longo de todas as faixas etárias, com percentuais diferenciados nos dois primeiros anos, principalmente em relação aos alongamentos hesitativos, com 80,8% (2,1) e 50,5% (3,3). Os demais tipos de hesitação surgem em porcentagens menores, como mostra a Tabela 1, em que temos pausas silenciosas ausentes aos 2 anos e interrupções (com apenas 2%) aos 2 anos. Observa-

se a preferência pelos alongamentos hesitativos como estratégia principal. É importante destacar que, aos 2 anos, na produção vocal da criança analisada neste recorte, há predominância de holófrases e de jargões no preenchimento vocal da narrativa. São pontuais os blocos de enunciados presentes. Logo, a predominância pelo alongamento hesitativo pode estar relacionada ao uso vocal disponível pela criança.

Mostram, ainda, que ao longo das idades o alongamento é o tipo hesitativo mais frequente, como mostra a Tabela 1: 80,8% (2,1); 50,5% (3,3); 35% (4,0); 33,3% (6,9). As pausas silenciosas são a segunda categoria mais frequente ao longo das idades: 29% (4,0); 28% (5,4); e 33,3% (6,9). As interrupções e repetições hesitativas apresentam tendência ao equilíbrio ao longo das idades, com porcentagens em torno de 17-18%, entre os 4,0 e 6,9 anos.

Em relação à contraparte gestual das hesitações, temos uma predominância de gestos dêiticos, icônicos e ritmados ao longo das faixas etárias – a presença de gestos metafóricos é pontual ao longo das faixas etárias. Chama a atenção a natureza pluridimensional que os gestos assumem: no caso dos ritmados, eles fazem composição com os icônicos e os dêiticos, de maior predominância, como mostra a Tabela 3. São cinco tipos de composição e, em quatro delas, há a presença do gesto ritmado.

Um olhar qualitativo acerca dos planos em uma narrativa infantil

A título de exemplificação, apresentamos a transcrição da narrativa da criança V.C. (6;9), do grupo E, sexo masculino, em diálogo com sua mãe (M). As marcas linguísticas das hesitações observadas foram: pausa silenciosa (+); pausa preenchida (éh, áh, *hum*); alongamento hesitativo (:); repetição hesitativa (*palavras repetidas*); e interrupções (/). Os pontos sublinhados correspondem aos momentos de hesitação:

Narrativa de reconto

M. fala como é o episódio

V.C. éh assim + éh: [Dêitico-ritmado] pingu começa a fazê (inc.) ai: [Dêitico-ritmado] aquele amigu deli

M. hum

V.C. acertô dois (inc.) na cara deli + ai depois + ele/pi ai/pi [dêitico-ritmado-icônico] pingu jogô várias e u amigu dizia + ai + eli [dêitico-ritmado-icônico] rola assim hum: [dêitico-icônico] eli faz uma bola piquena + ai vai rolandu assim, até ela ficá bem grandí

M. eita caramba

V.C. ai: + u/us [olhar dêitico para cima e lado] dois subiram uma: [ritmado-icônico] ladêra

M. Hum

V.C. Aí+ [dêitico-ritmado] a bola ficô tão grandi qui/aí [olhar dêitico para cima e lado] quandelis chegaram lá em cima a bola iscurrêgô e aí aquele amigu di pingu + foi rolandu juntu cum a bola

M. u bichinhu

V.C. aí: + [dêitico-ritmado] a midida quela: [dêitico-ritmado-icônico] ia passanu pela cidadi+

M. sim

V.C. ia peganu mais coisa + iajuntanu+ aí canu chegô pertu du carteiro qui tinha um negocinho + a: + das cartas + [ritmado-icônico]

M. Hum

V.C. pingu butô um/neg/ um:a:: um [ritmado-icônico] negocinhu assim: aí abola subiu i caiu nu chão aí: [dêitico-ritmado] tudu si dismanchô + ia bola si quebrô:+

M. pingu é muito levado, né?

Uma análise quantitativa mostra predominância de momentos hesitativos relacionados ao plano sintático-semântico, 78,6%, enquanto momentos hesitativos relacionados ao plano morfológico-lexical aparecem em 21,4%.

No quadro a seguir, mostramos a classificação das hesitações presentes na narrativa de reconto:

Quadro 2. Relação planos e gestos

Plano sintático-semântico	Gestos	Plano morfológico-lexical	Gestos
+ éh:	ritmado-dêitico	uma:	ritmado-icônico
aí:	ritmado-dêitico	+ a: + das cartas +	ritmado-icônico
+ ele/pi aí/pi	ritmado-dêitico-icônico	um/neg/ um:a:: um	ritmado-icônico
+ aí + eli	ritmado-dêitico-icônico		
hum:	dêitico-icônico		
aí: + u/us	dêitico (olhar)		
Aí+	ritmado-dêitico		

qui/aí	dêitico (olhar)		
aí: +	ritmado-dêitico		
quela:	ritmado-dêitico-icônico		
aí: aíí	ritmado-dêitico		

Fonte: Elaboração própria

Um dado interessante dos resultados diz respeito à contraparte gestual característica de cada um dos planos. No caso do morfológico-lexical, os gestos foram ritmados-icônicos; já no caso do sintático-semântico, predominaram os gestos ritmados-dêiticos, seguidos dos ritmados-dêitico-icônicos e dos dêiticos. Um dado interessante é que no plano sintático-semântico a produção gestual ocorre, predominantemente, de modo síncrono e simultâneo, já no plano morfológico-lexical a produção gestual ocorre síncrona mas não simultânea, o gesto iniciava antes da contraparte vocal, antecipando marcas do referente.

Quanto à complexidade das marcas hesitativas em relação aos referentes, destaca-se a presença das interrupções, repetições e pausas silenciosas junto a gestos pluridimensionais (exemplo 1) e pausas silenciosas, alongamentos e gestos pluridimensionais (exemplo 2), no plano sintático-semântico, como em:

Ex. 1: aí depois + ele/pi aí/pi [ritmado-dêitico-icônico] pingu jogô várias

Ex. 2: + aí: + eli [ritmado-dêitico-icônico] rola assim

Já no plano morfológico-lexical, observam-se pausas silenciosas, alongamentos e gestos pluridimensionais (exemplo 3) e, ainda, interrupções, repetições e alongamentos (exemplo 4):

Ex.3: qui tinha um negocinho + a: + das cartas + [ritmado-icônico]

Ex.4: um/neg/ um:a: um [ritmado-icônico] negocinhu assim:

Vale salientar que, no plano sintático-semântico, diante de dois referentes possíveis na narrativa, Pingu e o amigo, além de uma complexidade de marcas hesitativas, a pluridimensionalidade se dá com 3 gestos (ritmado-dêitico-icônico), mostrando a construção complexa que envolve esse contexto hesitativo.

Considerações acerca dos resultados e da discussão

Em relação aos gestos nas hesitações, os gestos metafóricos aparecem pontualmente aos 3 e 5 anos. A literatura na área (Cavalcante, 2009) tem demonstrado que esses surgem em idades mais avançadas, pois envolvem momentos de explicações mais conceituais. Sua presença, em nossos dados, surge aos 3 anos com a contraparte vocal jargonizada, levantando a possibilidade de estar relacionada ao plano da forma. Em outras palavras, a criança quer preencher a narrativa, mas ainda não dispõe de elementos linguísticos suficientes na sua produção. Desse modo, faz uso de fragmentos recortados de momentos de interação que envolveram narrativas nos quais o recorte gestual (gesto metafórico e vocal – jargão) preenche a porção discursiva.

A presença dos gestos ritmados compondo pluridimensões com os gestos icônicos e dêiticos corrobora McNeill (1992), para quem os gestos funcionam em dimensões que podem se sobrepor. Os gestos icônicos e dêiticos predominam na narrativa, uma vez que, nesse gênero, representam-se porções discursivas e são situadas personagens e suas ações ao longo do discurso. Corrobora-se, assim, Cavalcante e colaboradores (2021), ao analisarem a relação *gesto e gênero discursivo* em crianças de culturas distintas e mesma língua materna. Ressalte-se, porém, que a presença da dimensão ritmada se mostrou como uma característica dos momentos hesitativos, porque ou eles se articulam com os dêiticos ou com os icônicos, co-produzindo a hesitação.

Em relação à noção de matriz gesto-vocal e as hesitações, discutir a passagem da noção de multimodalidade para a noção de multissemiótica, tomando as hesitações como lugar privilegiado de observação, mostrou-se relevante, na medida em que as hesitações indiciam o conflito do sujeito e suas dispersões na linguagem.

Identificar nos pontos de fala infantil em que emergem as hesitações sua dimensão gestuo-vocal proporcionou observar sua não aleatoriedade, já que tal dimensão se mostrou relacionada a planos linguístico-discursivos como os sintático-semântico e lexical. Descrever como opera a matriz gestuo-vocal nesses pontos (simultânea, síncrona) possibilitou verificar se os tipos de hesitação estão relacionados a funcionamentos específicos da matriz.

Como vimos, tomar a hesitação como lugar privilegiado para observar o conflito do sujeito e suas dispersões na linguagem possibilita ver o efeito da matriz multissemiótica na produção de sentido.

Agradecimentos

A pesquisa da autora Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante é financiada pelo CNPq através de Bolsa PQ/CNPq.

Referências

ÁVILA-NÓBREGA, P. V.; CAVALCANTE, M. C. B. O envelope multimodal em Aquisição de Linguagem: momento do surgimento e pontos de mudanças. *In*: CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B. de. (org.). *Cenas em aquisição da linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade*. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. v. 1, p. 11-44.

BENJAMIN, W. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1993.

BUTCHER, C.; GOLDIN-MEADOW, S. Gesture and the transition from one-to-two-word speech: when hand and mouth come together. *In*: McNEILL, D. (ed.). *Language and gesture*. Spain: Cambridge University Press, 2000.

CAVALCANTE, M. C. B. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. *Investigações*, Recife, v. 21, p. 153-170, 2009.

CAVALCANTE, M. C. B. Perspectiva Multimodal da Aquisição da Linguagem. *In*: MOTA, M. B.; NAME, C. (org.). *Interface linguística e cognição: contribuições da Psicolinguística*. 1. ed. Tubarão: Copiart, 2019. v. 1, p. 67-88.

CAVALCANTE, M. C. B.; BRANDÃO, L. P. Gesticulação e fluência: contribuições para a aquisição da linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 54, n. 1, 2012.

CAVALCANTE, M. C. B.; BARROS, A. T. M. C. ; SILVA, P. M. S.; ÁVILA-NÓBREGA, P. V. Gestualidade como uma pista importante da fluência infantil. *Prolíngua*, João Pessoa, v. 10.1, p. 43-50, 2015.

CAVALCANTE, M. C. B.; BARROS, A. T. M. de C.; SOARES da SILVA, P. M.; ÁVILA-NÓBREGA, P. V. Sincronia gesto-fala na emergência da fluência infantil. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 45, p. 411-426, 2016.

CHACON, L. Aspectos semântico-discursivos das hesitações em enunciados de parkinsonianos: resultados e desdobramentos *In*: CHACON, L. *Perspectivas multidisciplinares em Fonoaudiologia: da avaliação à intervenção*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 93-113.

CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B. de; SILVA, P. M. S.; BEZERRA, J. T. Análise da multimodalidade no gênero receita culinária em vídeos de fala infantil de um corpus intercontinental. *Revista Diadorim*, v. 23, n. 1, p. 245-272, 2021.

CHACON, L.; VILLEGAS, C. C. S. Hesitações na fala infantil: indícios da complexidade da língua. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 54, p. 81-95, 2012.

CHACON, L.; VILLEGAS, C. C. S. Language acquisition: hesitations in the question/answer dialogic pair. *CoDAS*, v. 27, p. 73-79, 2015.

DE ALMEIDA, A. T. M. de C. B. *A matriz gesto-fala em narrativas multimodais infantis*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

FONTE, R. F. L.; BARROS, A. T. M. C.; SOARES, P. M. M.; CAVALCANTE, M. C. B. A matriz gesto-fala na aquisição da linguagem: algumas reflexões. In: BARROS, I. B. do R.; EFKEN, K. H.; ACIOLI, M.; AZEVEDO, N.; FONTE, R. F. L.; CAIADO, R.; CAVALCANTE, W. (org.). *Aquisição, desvios e práticas de linguagem*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2014. v. 1, p. 11-26.

FONTE, R. F. L.; COSTA, N. Q. Fluência/disfluência na gesticulação e na fala de sujeitos com gagueira. *Revista ProLíngua*, v. 12, p. 17-26, 2017.

FONTE, R. F. L. da; BARROS, I. B. R.; CAVALCANTE, M. C. B. Perspectiva enunciativa-multimodal nos estudos sobre aquisição e transtornos de linguagem. In: CAVALCANTE, M. C. B.; BARROS, I. B. do R.; MATZENAUER, C. (org.). *Linguagem: aquisição da Fala e da Escrita*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2021. v. 1, p. 197-228.

GOLDIN-MEADOW, S. When does gesture become language? A study of gesture used as a primary communication system by deaf children of hearing parents". In: GIBSON, K. R.; INGOLD, T. (ed.). *Tools, Language and Cognition in Human Evolution*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1993.

GOLDMAN-EISLER, F. Hesitation and Information in Speech. In: CHERRY, C. (org.). *Information Theory: fourth London Symposium*. London: Butterworths, 1961. p. 162-174.

KENDON, A. The Study of Gesture: some remarks on its history. *Recherches sémiotiques/semiotic inquiry*, v. 2, p. 45-62, 1982.

KENDON, A. Language and Gesture: Unity or Duality? In: McNEILL, D. (ed.). *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 47-63.

MARCUSCHI, L.A. A hesitação. *In: NEVES, M. H. M. Gramática do português falado: novos estudos*. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1999. p. 159-194.

MAYBERRY, R.; JAKES, J. Gesture production during stuttered speech: insights into the nature of gesture-speech integration. *In: McNEILL, D. (ed.), Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 199- 214.

McNEILL, D. So you think gestures are nonverbal?. *Psychological Review*, v. 92, n. 3, p. 350-371, jul. 1985.

McNEILL, D. *Hand and mind: What gestures reveal about thought*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

McNEILL, D. Introduction. *In: McNEILL, D. (ed.). Language and Gesture*. Cambridge University Press, Cambridge, UK, 2000.

McNEILL, D.; LEVY, E. T. Cohesion and Gesture. *Discourse Processes*, v. 16, n. 4, p. 363-386, 1993.

NASCIMENTO, J. C.; CHACON, L. Uma abordagem não-dicotomizante das questões de linguagem na Doença de Parkinson: as hesitações. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 60, n. 2, p. 452-471, 2018.

SCHÜTZE, F. Análise sociológica e linguística de narrativas. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 14, n. 2, p. 11-52, 2014.

VILEGA, C. de C. S. *Hesitações e constituintes prosódicos na fala infantil*. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2020.

VILEGA, C. de C. S.; CHACON, L. Hesitações e proeminência relativa em constituintes prosódicos na fala infantil. *CODAS*, v. 34, n. 2, p. 1-8, 2021.

"Manda Pix" e as reinvenções tecnodiscursivas e intersemióticas na prostituição masculina em um aplicativo *gay*

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3490>

Marcos da Silva Cruz¹

Resumo

Embora presumido como um mecanismo comunicativo restrito aos contatos bancários, o enunciado "manda pix" também emergiu como um gesto comunicativo nas práticas de prostituição masculina no aplicativo gay Grindr. Com o objetivo de analisar as condições enunciativas que textualizam a expressão nas dinâmicas de sexo tarifado entre homens, defendo que o "manda Pix" materializa o funcionamento interdiscursivo das práticas de envio de fotos com nudez e a tarifação das trocas, bem como estabelece réplica com os modos de organização tecnodiscursiva do aplicativo. Assim, cotejo as inscrições enunciativas verbovisuais associadas ao pix e aos módulos do aplicativo, identificando os recursos técnicos e suas motivações discursivas de textualidade. Concluo que os enunciados demonstram a vigência de um processo de tentativa de imposição de uma imagem ideal de usuário, alguém da prostituição, e um processo de reinvenção tecnodiscursiva por parte dos integrantes das dinâmicas tarifadas de encontro.

Palavras-chave: Interdiscurso; tecnodiscursividades; prostituição masculina; Grindr.

¹ Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC/PA), Belém, Pará, Brasil; marcozcruz.ifpa@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2697-4236>

“Send pix” and the technodiscursive and intersemiotic reinventions in male prostitution on a gay app

Abstract

Although presumed to be a communicative mechanism restricted to banking contexts, the utterance “manda Pix” also emerged as a communicative gesture in male prostitution practices on the gay app Grindr. In order to analyse the enunciative conditions that textualize the expression in the dynamics of paid sex between men, I argue that “manda pix” materializes the interdiscursive functioning of the practices of sending nude photos and charging for exchanges, as well as establishing a dialogue with the app’s technodiscursive modes of organization. Thus, I compare the verb-visual enunciative inscriptions associated with Pix and the modules of the app, identifying the technical resources and their discursive textual motivations. I conclude that the enunciations show that there is a process of trying to impose an ideal image of the user, one that distances itself from prostitution, and a process of technodiscursive reinvention by participants in the dynamics of priced meetings.

Keywords: Interdiscourse; Technodiscursivities; male prostitution; Grindr.

“Mandar pix” como expansão semântica de um termo

Em 2020, as transações econômicas foram alteradas em razão da readequação das trocas monetárias proporcionadas pelo lançamento do sistema de envios rápidos, o “Pix”. De acordo com a definição do Banco Central, as dinâmicas de funcionamento desse recurso viabilizavam a realização de pagamentos instantâneos, a qualquer hora, dia e lugar, o que repercutia na diminuição do intervalo temporal entre a transferência de uma conta para outra e a confirmação da chegada dos montantes transferidos. Com efeito, as pessoas passaram a aderir exponencialmente a essa modalidade, como indica a média de transações entre março de 2024 e março de 2025, que atingiu o patamar de 5.352.099 milhões, bem como passaram a mobilizar textualmente a expressão “manda Pix” como sintoma dessa mudança econômica na vida cotidiana.

Nos primeiros momentos de uso, as práticas discursivas associadas à expressão “me faz um Pix” pareciam circunscritas ao campo econômico, estabelecendo-se predominantemente nas interações entre clientes e instituições bancárias. No entanto, observei a recorrência dessa expressão e de recursos semióticos constitutivos dos ambientes digitais em perfis de garotos de programa no aplicativo de encontros voltado ao público *gay*, Grindr. Tal constatação suscitou uma série de questionamentos a respeito da ampliação semântica da expressão, resultante de seu deslocamento para outras práticas discursivas. Diante disso, formulei a seguinte pergunta de pesquisa: quais são as condições de enunciação que sustentam a textualidade da expressão “me faz um Pix” e suas inscrições iconotextuais correlatas nas práticas de prostituição masculina?

Defendo que o enunciado “manda Pix” e suas manifestações correlatas operam por meio de um processo interdiscursivo, materializado por práticas intersemióticas, como uma estratégia que reinventa formas de sociabilidade específicas aos usuários e à integração em um grupo identificável por estabelecer interações amorosas e/ou sexuais tarifadas. No campo das práticas interdiscursivas, o enunciado articula simultaneamente os campos econômico e sexual, demonstrando os agenciamentos realizados pelos garotos de programa. Esses agenciamentos, por sua vez, manifestam-se por materialidades semióticas específicas: os garotos de programa utilizam, na região do nome de usuário, indicativos de sua condição ou símbolos monetários; o aplicativo projeta representações ideais dos usuários ao delimitar as formatações dos módulos para o preenchimento de um perfil.

A partir dos conceitos de prática interdiscursiva, intersemiótica (Maingueneau, 1993, 2008, 2017) e tecnodiscursiva (Paveau, 2013, 2015, 2021), analiso as formas de manifestação do enunciado “manda Pix” em nove perfis de garotos de programa e as relações enunciativas com a composição dos perfis. Para isso, apresento, na primeira parte, as relações entre os conceitos balizadores supracitados, relacionando-os ao contexto da prostituição masculina. Na segunda parte, sintetizo o percurso metodológico. Na terceira, analiso as condições enunciativas que sustentam o enunciado eleito, bem como relaciono esses condicionantes ao percurso de restrições sobre a participação dos garotos de programa no Grindr. Por fim, encerro o texto com a indicação dos campos econômico e sexual como constituintes do enunciado, e da mobilização de semioses verbais, visuais e tecnodiscursivas como palco de uma disputa pelo apagamento e pela inscrição da presença dos garotos de programa.

As práticas interdiscursivas: condições de materialização semiótica da prostituição em aplicativos

Para entendermos o funcionamento das dinâmicas de interação entre os garotos de programa que habitam o aplicativo de relações homoeróticas Grindr, é preciso esquematizar as relações entre três processos discursivos. De acordo com a figura 1, as homosociabilidades constituídas no ambiente digital são nutridas pelo funcionamento de práticas interdiscursivas, as quais se manifestam por meio de diferentes materialidades semióticas e ganham corpo na disputa pelos espaços de visibilidade por meio da organização tecnodiscursiva e da gramática semiótica mobilizada pelos integrantes da prostituição.

Figura 1. Processos discursivos implicados nas textualizações do enunciado “me manda um pix”



Fonte: Elaboração própria

Para Maingueneau (2008), a análise de um discurso selecionado como objeto de investigação pressupõe o reconhecimento e o vislumbre ainda que perimetral – de outros discursos com os quais estabelece diálogos. Nos termos do autor, o exercício analítico em Análise do Discurso (doravante AD) estaria voltado menos à constituição de uma unidade de análise monolítica, considerada como discurso, e mais ao cotejamento do “espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (Maingueneau, 2008, p. 20).

Nesse sentido, a constituição das relações entre os discursos é resultante de um trabalho empírico sobre a formação de um campo discursivo. Para Maingueneau (2008), o campo discursivo é fruto das constatações empíricas do pesquisador e do mapeamento das relações de oposição entre posicionamentos distintos. No fenômeno de linguagem eleito (as condições enunciativas de emergência do enunciado “me faz um Pix” e seus correlatos), o campo discursivo pode ser delineado a partir dos modos de caracterização dos procedimentos que constituem o fazer laboral da prostituição masculina.

Como parte de meu projeto de investigação, pretendo caracterizar como, de um lado, opera um aparato discursivo sustentado por tentativas de apagamento da presença de garotos de programa e, de outro, como esses mesmos sujeitos reinventam o uso de recursos semióticos para inscrever suas presenças no Grindr.

Os espaços de disputa que constituem o campo discursivo se valem de sentidos historicamente cristalizados para forjar a naturalidade de determinados posicionamentos. Segundo Maingueneau (2008), o interdiscurso funciona como um espaço de projeção de regularidades. Tais regularidades criam fios de identificação dos traços que tornam um discurso “característico”, ao mesmo tempo em que sinalizam suas relações com outros discursos. Um exemplo dessas regularidades é analisado pelo autor ao caracterizar o humanismo devoto, cujos enunciados voltados à celebração da grandiosidade religiosa

— como as entidades divinas — constituíam a “identidade” dos sujeitos que partilhavam seus valores e, simultaneamente, se contrapunham ao jansenismo.

As regularidades representam significados comumente associados aos modos de funcionamento de uma sociedade e/ou de determinados grupos sociais. No que diz respeito à caracterização dos modos de identificação dos garotos de programa, essa constância de significação histórica estaria associada aos comportamentos forjados como instituintes da figura do garoto de programa, aos valores circulantes entre os homens que integram a prostituição e aos níveis de reconhecimento (ou não) da integração ao grupo designado pelo epíteto “garotos de programa”.

A historicidade dessas formas de descrição pode ser mapeada por meio das representações históricas, que impõem restrições semânticas sobre comportamentos e sujeitos. Como analisa Ribeiro (2016), a prostituição permanece atrelada à ideia de promiscuidade, descuido com a vida pública e negligência com a saúde sexual. Essa imagem reverbera na concepção de que os garotos de programa estariam associados a práticas criminosas, devendo ser alvos de constante suspeição. Além disso, suas formas de interação, mediadas por trocas monetárias, são capturadas como moralmente reprováveis, por colocarem em xeque a naturalidade das relações baseadas na ideia de amor romântico e procriação.

Como dito, essa forma historicamente construída da prostituição – bem como as formas de resistência empreendidas por garotos de programa – pode ser constatada por meio do uso de materialidades semióticas múltiplas, constituindo uma prática intersemiótica. Para Maingueneau (2008), ainda ressoa um problema operacional no desenvolvimento de pesquisas em AD, uma vez que persiste um regime de limitação e oposição quanto ao tipo de material linguageiro eleito para a investigação. Nos termos do autor,

Limitar o universo discursivo unicamente aos objetos linguísticos constitui sem dúvida alguma um meio de precaver-se contra os riscos inerentes a qualquer tentativa ‘intersemiótica’, mas apresenta o inconveniente de nos deixar muito aquém daquilo que todo mundo sempre soube, a saber, que os diversos suportes semióticos não são independentes uns dos outros, estando submetidos às mesmas escansões históricas, às mesmas restrições temáticas. [...] O pertencimento a uma mesma prática discursiva de objeto derivada de domínios semióticos diferentes exprime-se em termos de conformidade a um mesmo sistema de restrições semânticas (Maingueneau, 2008, p. 138).

O pensamento do autor é profícuo para os propósitos desta pesquisa, uma vez que a observação do campo discursivo e dos modos de textualização das disputas entre discursos pode se manifestar em semioses distintas ou em arranjos convergentes a determinados posicionamentos. Esses posicionamentos, que caracterizam um discurso,

como indica o autor, estão “submetidos às mesmas escansões históricas, às mesmas restrições temáticas”, isto é, orientados à textualização de formas de significação sobre os sujeitos, suas condutas e os mecanismos de reconhecimento público (ou sua negação). Dessa forma, “uma mesma prática discursiva” – como a inserção de perfis de garotos de programa no Grindr – pode mobilizar domínios distintos (verbais, visuais, sonoros etc.) com o intuito de ratificar e/ou atualizar posicionamentos historicamente cristalizados.

Em direção à percepção dessa gramática semiótica no Grindr, também mobilizo o conceito de “prática tecnodiscursiva”. Marie-Anne Paveau (2012) caracteriza as articulações entre os recursos tecnológicos e o funcionamento discursivo como práticas tecnodiscursivas, uma vez que os enunciados só tomam forma e manifestam suas funcionalidades a partir dos recursos disponíveis em cada *site*, rede social ou aplicativo. Nos termos da autora,

[...] os objetos são portadores de recursos linguísticos, isto é, ‘possibilidades linguísticas’, para usar a expressão de Gibson. Essas possibilidades são de diferentes tipos, que ainda precisam ser inventariadas e a serem descritas: nível de tipo de discurso, o *layout* gráfico, a forma prosódica, a forma interacional de memórias diferentes no trabalho do discurso (semântica, memória discursiva). Essas possibilidades linguísticas são permitidas por uma série de características do objeto (seu ‘*design* linguístico’, de certa forma) no que diz respeito a sua relação com a linguagem (Paveau, 2012, p. 55).

As práticas tecnodiscursivas permitem apreender um processo histórico recente no qual as possibilidades de uso linguístico (multisemiótico) vinculam-se diretamente aos recursos digitais. Tais recursos operam em diferentes níveis e mobilizam distintas formas de “trabalho do discurso”. Para a análise tecnodiscursiva no Grindr, selecionamos o nível do tipo de discurso, o *layout* gráfico e as formas interacionais ancoradas em diferentes memórias discursivas. Essas dimensões tecnodiscursivas atravessam os diversos módulos do Grindr, recortando as possibilidades de ser e estar dos sujeitos no mundo. No caso da prostituição masculina, as subjetividades dos garotos de programa são perfiladas na travessia dos corpos pelas diferentes regiões modulares que compõem o aplicativo, em direção à concretização de um perfil.

Ao falarmos em módulos, regiões modulares ou termos correlatos, anco-ro-me na noção discursiva de módulo proposta por Dominique Maingueneau (2017). A relevância do conceito reside no caráter enfático atribuído às zonas de passagem dos corpos e em como essas zonas ativam, pontualmente, um conjunto de formações discursivas acerca de traços diferenciais de subjetividade, que podem ou não ser indexados a uma leitura hegemônica da prostituição. Dito de outro modo, a imagem que identifica um garoto de programa como tal é forjada como um imperativo na lógica da prostituição masculina. Contudo, não se trata de uma dimensão ontológica dos sujeitos: ao contrário, essas

imagens são construídas, reiteradas e performadas por eles no interior das práticas de inscrição de suas presenças na dinâmica digital do sexo tarifado.

Metodologia

Como sinalizado na seção anterior, a caracterização de um campo discursivo pressupõe um gesto empírico primário, de caráter etnográfico, voltado à observação das interações nos ambientes comunicativos. Nesse sentido, o primeiro momento da investigação foi marcado pela utilização do aplicativo, o que permitiu constatar a regularidade do uso de emojis e de expressões associadas à ideia de “mandar pix” — como “me faz um pix” e “ativo afim de pix” — nos nomes (nicknames) dos garotos de programa. Como segundo movimento, registrei o percurso necessário à composição de um perfil, com o objetivo de compreender as restrições e aberturas disponíveis para que um garoto de programa inscreva legitimamente sua presença no Grindr.

No terceiro momento, voltado à coleta e organização dos dados, estabeleci os critérios de seleção dos perfis e os procedimentos de processamento. Para a escolha dos perfis, defini os seguintes critérios: a) localização geográfica na região metropolitana de Belém (com base no sistema de geolocalização do aplicativo); b) presença, no nome do usuário, dos termos “PG”, “GP” e/ou de emojis associados a dinheiro. Além disso, considerando as variações espaço-temporais, é importante registrar que o mapeamento dos perfis foi realizado entre outubro de 2021 e julho de 2022.

“Manda Pix”, o funcionamento interdiscursivo e os regimes de restrições na prostituição masculina no Grindr

Com o objetivo de responder às perguntas de pesquisa — quais são as condições de enunciação que sustentam a textualidade da expressão “me faz um Pix” e suas inscrições iconotextuais correlatas nas práticas de prostituição masculina? —, defendo que essa sustentação se dá por meio do funcionamento de uma prática interdiscursiva entre o campo econômico e o campo sexual.

Neste primeiro momento, detenho-me na análise dos modos de inscrição dos endereçamentos históricos a partir dos quais o enunciado “manda Pix” e suas variantes encontram sustentação. Durante o levantamento do *corpus*, foi possível identificar cinco variantes associadas ao movimento de “mandar Pix”, conforme apresentado na Figura 3.

Figura 3. Identificações a partir da expressão “manda Pix”



Fonte: Cruz (2022)

De acordo com os dados obtidos, é possível identificar duas orientações centrais que balizam o uso da expressão “manda Pix” na identificação dos sujeitos, para além da inserção na prostituição. A primeira refere-se à condição de realização dos papéis sexuais ou de qualquer tipo de interação (síncrona ou assíncrona), mediada pelo envio de pagamentos representados pelo “Pix”. Os usuários “AtivoAfimDepix” (1), “Depois de um pix que sobe” (4) e “Ativão Pix” (5) mobilizam a historicidade dos papéis sexuais de atividade como uma dimensão simbólica de autovalorização e como mediador das trocas monetárias.

Saez e Carrascosa (2016), ao analisarem as semânticas implicadas no exercício sexual envolvendo o pênis e o ânus, destacam que o uso falocêntrico, nas sociedades ocidentais, ocupa um lugar de valorização diferencial, no qual o papel de quem penetra – o “ativo”, o “ativão” ou “[o pênis] só sobe com o pix” – é hierarquicamente superior ao de quem é penetrado. Soma-se a isso o movimento crescente, no interior das comunidades LGBTQIAPN+, de ratificação da ideia de escassez de homens que se identificam como ativos sexualmente. Com isso, configura-se uma condição de enunciação em que “ser ativo” constitui uma moeda simbólica de troca, singularizando a imagem dos garotos de programa.

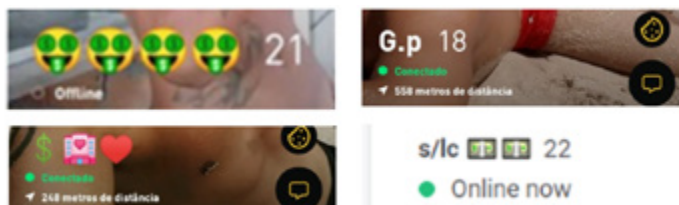
Além disso, no âmbito das práticas de desejabilidade homoerótica, os participantes dos anúncios balizam suas inscrições no Grindr por meio da recuperação da lógica de “mandar nudes”. Esse procedimento pode ser compreendido à luz dos pressupostos envolvidos no envio de valores, na medida em que os garotos de programa solicitam o Pix como condição para a troca de fotos e vídeos íntimos de natureza erótico-sexual.

Conhecida como “mandar nudes”, essa prática mostrou-se alinhada à lógica do aplicativo, pois, como aponta Cruz (2020), a troca de fotos – especialmente aquelas que evidenciam zonas erógenas como pênis e glúteos – é parte do ritual de adensamento do desejo do interlocutor. Assim, o trabalho dos garotos de programa articula, simultaneamente, a dimensão monetária e uma prática discursiva naturalizada na economia libidinal do Grindr: o envio de imagens íntimas como prelúdio para qualquer contato posterior.

Para além da valorização simbólica sustentada por uma lógica falocêntrica, a segunda orientação balizadora da expressão “manda Pix” remete à recuperação das trocas monetárias como eixo central no compartilhamento de materiais erótico-sexuais e/ou na realização de atendimentos presenciais. Isso pode ser observado em enunciados como “Me faz um Pix” (2) e “Faz um Pix” (3), nos quais os garotos de programa retomam uma compreensão historicamente sedimentada da prostituição como um fenômeno social mediado pelo pagamento, o que singulariza suas presenças e indexa suas interações ao condicionante financeiro.

A mobilização de recursos semióticos verbais voltados à marcação das relações econômicas também se manifesta por meio de elementos visuais, como o uso de emojis, conforme ilustrado na Figura 4.

Figura 4. Identificações verbo-visuais de si



Fonte: Cruz (2022)

Os garotos de programa tornam-se presentes no ambiente do aplicativo por meio da textualização de siglas como “PG” (que pode ser interpretada tanto como “pago” quanto como referência a relações amorosas ou sexuais mediadas por pagamento) e “GP” (forma mais convencional para designar “garoto de programa”). Além das siglas, nota-se a recorrente mobilização de recursos semióticos não verbais, como *emojis* que remetem à monetização (\$), ao dinheiro (💰) e ao desejo de interações pautadas por trocas tarifadas (💰). Esses recursos semióticos, que a princípio não estariam diretamente vinculados ao eixo da prostituição, são ressignificados em práticas discursivas que colocam em circulação sujeitos historicamente marginalizados nas dinâmicas interacionais do aplicativo.

A retomada da ideia de preço, nesse contexto, não deve ser compreendida como indicativo de uma posição de vulnerabilidade dos garotos de programa, mas sim como uma

estratégia discursiva que alinha seus comportamentos aos estereótipos historicamente associados à prostituição masculina. Russo (2007) observa que, embora a prostituição não se resuma ao valor monetário atribuído a um encontro erótico-sexual, a estipulação de um valor explícito objetiva o acesso ao serviço e reforça a dimensão simbólica da oferta. Nesse sentido, o campo sexual – subsidiado por práticas como o “mandar nudes” – se entrelaça ao campo econômico em uma dinâmica de aproximações e inflexões que estruturam as condições de êxito e de mediação nas interlocuções promovidas no aplicativo.

Ainda, a composição dos nomes de usuário revela um processo de reinvenção tecnodiscursiva e semiótica. Os garotos de programa empregam estratégias de atenuação dos marcadores explícitos de troca financeira por materiais erótico-sexuais, evitando enunciados como “mande dinheiro para eu te mandar fotos pelado” ou “para termos um encontro sexual”. Essa escolha não apenas preserva o rito da negociação, como também prolonga a expectativa em torno da interação. Perlongher (1986), ao estudar práticas *off-line* de michetagem, já apontava que, embora os michês exibissem seus corpos em espaços públicos, a efetivação do ato sexual era mediada por complexas negociações (valores, práticas, fetiches), cabendo aos clientes-em-potencial exercer o efêmero poder de “compra” de um bem desejado.

Nos perfis analisados, esse jogo de poder é mobilizado pelos próprios garotos de programa, sobretudo pela escolha das formas verbais. As expressões “Me faz um Pix” (2) e “Faz um Pix” (3) exemplificam isso: o uso do imperativo com o verbo “fazer” confere ao interlocutor – possível cliente – a agência de acesso ao corpo do garoto de programa, transformando-o simbolicamente em um objeto disponível, cuja apropriação depende da concretização do pagamento. Desse modo, a lógica produtor-consumidor do campo econômico é ativada como forma de organizar as condições de acesso e usufruto de experiências sexuais no aplicativo.

Em segundo plano, a composição dos *nicknames* também reflete as limitações técnicas impostas pelo funcionamento do Grindr. Acompanhando as proposições de Paveau (2021), entende-se que a adoção de siglas, reduções e recursos sintéticos decorre das determinações estruturais do ambiente digital. A título de exemplo, o perfil “Depois de um Pix que sobe” (4) evidencia o esforço em adaptar o posicionamento discursivo ao número restrito de caracteres disponíveis, optando por manter consoantes e verbos centrais que permitam o reconhecimento do enunciado, mesmo que abreviado.

Dessa forma, observa-se que a textualização de expressões relacionadas ao “Pix” se inscreve em um regime interdiscursivo, no qual práticas do campo econômico (“mandar Pix”) e do campo sexual (“mandar nudes”) se entrelaçam. Esse regime opera pela articulação de materialidades verbais e pela ativação de significações específicas, permitindo uma inserção mais estratégica nas interações do aplicativo e ampliando as

possibilidades de êxito nas mediações com clientes-em-potencial. Ao mesmo tempo, o trânsito dessas expressões entre diferentes campos discursivos – econômico e homoerótico – subverte a ideia de naturalidade associada ao enunciado “manda Pix”, evidenciando sua circulação por corpos e práticas historicamente excluídos de espaços institucionais formais de desejo.

Após investigar os modos de endereçamento que sustentam a emergência de enunciados como “manda Pix”, é necessário também considerar as condições que viabilizam sua circulação no contexto do aplicativo. Nesse sentido, defendo que o Grindr adota um posicionamento restritivo em relação à presença de garotos de programa, construindo, ao longo de sua interface, zonas simbólicas nas quais tais sujeitos não teriam lugar. O aplicativo recorre, portanto, a outras formas semióticas para sinalizar os tipos de usuários ideais que deveriam compor seu ecossistema interacional.

Propõe-se, assim, observar a trajetória de composição de um perfil e cotejar os módulos que delimitam os sujeitos e as naturezas relacionais aceitáveis. Embora haja predominância de um regime normativo, é justamente nesse cenário que os garotos de programa operam reinvenções intersemióticas, tensionando os limites do espaço digital. O primeiro módulo a ser considerado é aquele relativo à página de *download* do Grindr (figura 5, da esquerda para a direita), que representa o ponto de entrada e de visibilidade inicial dos garotos de programa, atraindo-os pelas promessas de interações facilitadas e liberdade de expressão.

Figuras 5. O Grindr na loja de aplicativos, as fotos NSFW, os objetivos no aplicativo e os locais de encontro



Fonte: Cruz (2022)

O título emerge como primeira inscrição, situando-o na historicidade das formas de relacionamento entre sujeitos homoeróticos. A organização sintagmática dos termos “chat, encontros e namoro gay” estabelece uma relação dialógica (Voloshinov, 2018) com outros enunciados sobre as formas de interação que sujeitos dissidentes em gênero e sexualidade estabelecem. Diante de um passado de culpabilização das experiências não heterossexuais, Kaye (2004) descreve a projeção das interações homoeróticas

como pautadas exclusivamente em relações sexuais, sem envolvimento afetivo e de curto prazo. Esse aspecto, embora presente em algumas relações, é instituído como um paradigma e consolidado como parâmetro na construção de um estereótipo.

Em resposta a uma prática interdiscursiva marcada pela tentativa de consolidar uma compreensão depreciativa dos tipos de relacionamentos interpessoais, os elaboradores do aplicativo propuseram um regime de sociabilidade pautado numa organização sistemática de etapas, com o intuito de ressignificar a imagem interrelacional entre sujeitos homoeróticos frente à sociedade heteronormativa e entre seus próprios pares. Nesse sentido, delineia-se um arquétipo para as *performances*, organizadas em etapas a serem seguidas, nas quais os sujeitos precisam, sequencialmente, (i) conversar por meio do aplicativo, (ii) realizar encontros e, posteriormente, (iii) concretizar seus envolvimento afetivos por meio do namoro. Assim, a questão deixa de ser a superficialidade que supostamente caracterizaria as relações homoeróticas – o que permitiria sua condenação unívoca – para se tornar o aprofundamento nas minúcias que singularizam essas formas de envolvimento.

Apesar da aparente restrição imposta aos sujeitos envolvidos na prostituição masculina, observa-se a emergência de um regime de reinvenções semióticas, materializado pelo termo “encontros” e pela amplitude semântica mitigada e plasmada por ele. A ausência de uma determinação precisa da natureza dos encontros abre espaço para a inscrição discursiva de tipos de envolvimento mediados por trocas financeiras, permitindo, assim, certa margem de inserção dos garotos de programa nas práticas sociais desenvolvidas no Grindr.

Outras duas manifestações tecnodiscursivas dizem respeito à restritividade da atuação dos garotos de programa em relação à exibição de fotos NSFW (i.e., que apresentam conteúdo com nudez) e aos possíveis objetivos dos usuários, como pode ser verificado na figura 5 (segunda e terceira imagens da esquerda para a direita).

No que se refere à possibilidade de apresentação de fotos de corpos desnudos, o Grindr limita a exibição desse tipo de material visual de estimulação do desejo, restringindo-a exclusivamente ao bate-papo privado. Essa delimitação torna-se evidente no momento em que o termo “aceitar”, inscrito no título do módulo, indexa à lógica de comunicabilidade entre usuários, marcada pelos atos de envio e aceite de imagens que evidenciam órgãos sexuais. Essa restrição contrasta com outros suportes em que a prostituição masculina se realiza, pois, conforme Kronka (2005), a exposição do corpo nu em revistas e *sítes* especializados não é tratada como problemática. O efeito dessa diferença é o acirramento das condições mínimas de espetacularização do corpo desde o primeiro momento de circulação dos usuários no aplicativo.

No campo de delimitação dos objetivos, constata-se a ausência de referência direta à possibilidade de dinâmicas de sexo tarifado. Isso não significa, contudo, que não haja abertura para sua incidência e sinalização por parte dos garotos de programa. A expressão “agora” atua como demarcadora desse espaço deslizante, concretizando-se como uma estratégia de diferenciação dos objetivos interacionais em relação aos usuários não participantes dessas dinâmicas – desde que essa sinalização seja arquitetada em conjunto com outros elementos de identificação, como os *nicknames*, analisados anteriormente.

Juntamente com os módulos de escolha de envio/recebimento de fotos de corpos desnudos e dos objetivos de interação, os garotos de programa também se deparam, nesse trajeto, com sinalizações acerca dos possíveis locais de encontro (quarta imagem da esquerda para a direita). Além da ambiguidade do termo “encontros”, destacamos esse módulo pela necessidade de historicizar os espaços públicos em que os corpos abjetificados são dispostos. Isso significa reconhecer que, diferentemente do período ditatorial vivenciado na cultura brasileira, os espaços ampliaram-se – das ruas e saunas (Cruz, 2022) para casas, bares, cafeterias, entre outros. Todos esses logradouros são atravessados por compreensões históricas que, majoritariamente, expurgam os corpos da manifestação pública homoerótica, embora também registrem processos de ressignificação na proposta do aplicativo. De todo modo, essa exigência de performatividades específicas repercute na estrutura do aplicativo, constituindo um horizonte de significação para as ambientações e os tipos de interação.

Considerações finais

A insurgência, no campo econômico, do mecanismo de envio instantâneo de valores monetários, conhecido como “Pix”, alterou as formas de interação social. O que talvez não fosse esperado era o redirecionamento de uso e de remissão linguística para as práticas de sexo tarifado. De um certo grau de surpresa, emergem os dados sobre o funcionamento interdiscursivo do enunciado “manda Pix” e de expressões corretadas, bem como o descortinamento de uma arquitetura intersemiótica, em que se desdobram os posicionamentos de apagamento da possibilidade de presença de garotos de programa no aplicativo e as táticas de reinvenção semiótica por parte dos integrantes de dinâmicas de sexo tarifado.

Com a análise do enunciado “manda Pix” e construções análogas, constatei que uma das condições de enunciação reside na intersecção dos campos econômico e sexual. “mandar Pix” e “mandar nudes” operam como mobilizações de práticas constituintes das dinâmicas de desejabilidade homoerótica no Grindr, assim como visam instituir a mediação monetária como um condicionamento do acesso aos garotos de programa. Essa ênfase à dimensão das trocas monetárias, materializada pelo uso de *emojis* (\$, 💰 e 🍷), recuperam a imagem social da prostituição em que o preço e o pagamento são o cerne das interações.

Esses agenciamentos realizados pelos garotos de programa situam-se em regime de réplica ao posicionamento do Grindr sobre a presença de integrantes da prostituição. Os elementos semióticos estruturantes dos módulos de preenchimento de um perfil funcionam como práticas tecnodiscursivas, nas quais os materiais semióticos verbais são organizados de forma a não permitir a explicitação dos propósitos interacionais dos garotos de programa, limitando o horizonte de expectativas a uma noção de usuário ideal. Contudo, na medida em que tentam restringir as inscrições deles, os homens integrantes da dinâmica de sexo tarifado se valem de deslizes semânticos, como a noção de “encontro” e de “agora”, para ampliar as possibilidades de interação com outros usuários e viabilizar minimamente o projeto interacional de base monetária.

Referências

- CRUZ, M. da S. Masculinidades e discrição em um aplicativo de relacionamento: discursos sobre identidades homossexuais masculinas. *Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem*, v. 2, n. 2, p. 1-19, 2020.
- CRUZ, M. da S. Corpo, virilidade e desejo: as práticas discursivas de masculinidade em duas cenas da prostituição brasileira. In: BOMFIM, W. Q.; LIMA, H. S. da S. (org.). *Estudos de Gênero e sexualidade na contemporaneidade*. Tutoia: Diálogos, 2022.
- KRONKA, G. Z. *A encenação do corpo: o discurso de uma impressa (homo)erótico-pornográfica como prática interdiscursiva*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes e Editora da Unicamp, 1993.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, D. Gêneros do discurso e web: existem os gêneros web? *Revista da ABRALIN*, v. 15, p. 135-160, 2017.
- PAVEAU, M.-A. Ce que disent les objets. Sens, affordance, cognition. *Synergies Pays reverains de la Baltique*, n. 9, p. 53-65, 2012.
- PAVEAU, M.-A. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique. *Épistémè: revue internationale de sciences humaines et sociales appliquée*, v. 9, n.1, p. 139-176, 2013.

PAVEAU, Marie-Anne. En naviguant en écrivant réflexions sur les textualités numériques. *Policromias* - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, v. 2, n. 1, p. 11-27, 2015.

PAVEAU, M.-A. *Análise de discurso digital: dicionário de formas e das práticas*. Orgs. Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. São Paulo: Pontes, 2021.

PERLONGHER, N. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

RIBEIRO, K. de M. Mulheres honestas e prostitutas: análise discursiva de uma divisão lógico-jurídica. *Estudos Linguísticos*, v. 45, n.3, 2016.

RUSSO, G. No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. *Cadernos CRH*, v. 20, n. 51, p. 497-514, 2007.

SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. *Pelo cu: políticas anais*. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

VOLOSHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

Orações exclamativas em português brasileiro: para uma descrição sistêmico-funcional

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3615>

Theodoro C. Farhat¹

Paulo Roberto Gonçalves-Segundo²

Resumo

Fundamentado na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), este artigo propõe uma reconfiguração do sistema de MODO do português brasileiro (PB), partindo da descrição de Figueredo (2011, 2021), com o objetivo de adequá-lo à descrição de orações exclamativas. Para isso, em primeiro lugar, retomam-se descrições prévias de estruturas exclamativas em PB e apresenta-se uma revisão de descrições sistêmico-funcionais de estruturas semelhantes em outras línguas. Em seguida, realiza-se uma descrição trinocular das propriedades de tais orações em PB. Como resultado, propõe-se que, na léxico-gramática do PB, o modo exclamativo é um tipo de declarativo realizado pela presença de um Exclamador em posição temática; isso leva a uma reconfiguração geral do sistema de MODO a partir da opção [indicativo].

Palavras-chave: orações exclamativas; modo; Linguística Sistêmico-Funcional; modo declarativo.

1 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; theo.cfar@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-9646-6301>

2 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; paulosegundo@usp.br; <https://orcid.org/0000-0002-5592-8098>

Exclamative clauses in Brazilian Portuguese: towards a systemic functional description

Abstract

Based on Systemic Functional Linguistics (SFL), this article proposes a reconfiguration of the MOOD system in Brazilian Portuguese (BP), following the description by Figueredo (2011, 2021), with the aim of adapting it to the description of exclamative clauses. To achieve this, prior descriptions of exclamative structures in BP are revisited, and a review of systemic functional descriptions of similar structures in other languages is presented. Then, a trinocular description of the properties of such clauses in BP is conducted. As a result, it is proposed that, in BP lexicogrammar, the exclamative mood is a type of declarative realized by the presence of an Exclaimer in thematic position; this leads to a general reconfiguration of the BP MOOD system starting from the [indicative] option.

Keywords: exclamative clauses; mood; Systemic Functional Linguistics; declarative mood.

Introdução: objetos, problemas e antecedentes

Neste artigo, procuraremos descrever estruturas como as seguintes (em itálico):

1. *Que coisa estranha esse sumiço do Bolsonaro*
2. *nossa que lindo o discurso do cara*
3. Primeira vez que assisto o Caldeirão com o Mion e cara *como ele é legal né*
4. Oxi, do nada *que rápido ele é*
5. Meeee *quanta gente veio hoje* haha!

Em todos esses exemplos, há um elemento *qu-* (“que”, “como” ou “quanto”) inicial; a partir dele, porém, há uma variedade de opções: em (1), dois grupos nominais; em (2), um grupo adjetival seguido de um grupo nominal; em (3) e (5), uma oração na ordem “direta” (Sujeito-Verbo-Complemento); em (4), uma oração com o Complemento (*rápido*) precedendo o Sujeito.

Já nesse ponto, porém, podemos sugerir uma generalização funcional sobre o que está em jogo nessas estruturas: há um elemento *qu-* seguido de um elemento exclamado – que pode ser, em linhas gerais, uma avaliação, o alvo de uma avaliação ou uma combinação

de ambos. Essa generalização é a motivação principal para este artigo: existe um padrão léxico-gramatical funcionalmente motivado que até o momento não foi abordado pelas descrições sistêmico-funcionais do português brasileiro (PB). São objetivos deste artigo, então, oferecer o referido tratamento a essas produtivas estruturas léxico-gramaticais do PB e, a partir disso, proceder a uma reconfiguração do sistema de MODO nessa língua, realizada a partir de uma adaptação à proposta vigente de Figueredo (2011, 2021).

Antecedentes

Devemos reconhecer que estruturas “exclamativas” não são um objeto novo na investigação linguística brasileira. Cabe aqui, portanto, retomar alguns exemplos, ainda que não possamos, evidentemente, por questões de espaço, prover uma revisão exaustiva. Em Bechara (2019 [1961], p. 616), encontramos a seguinte menção a “orações exclamativas”. Vale observar que, de seus dois exemplos, apenas o primeiro segue o padrão identificado anteriormente, com elemento *qu-* inicial – estruturas como a apresentada no segundo exemplo não são objeto de investigação deste artigo.

Nas orações exclamativas, de sentido optativo ou não, é frequente o sujeito vir depois do verbo:

1. Como era verde *o meu vale!*
2. Viva *o rei!*

Cunha e Cintra (2016 [1985]), por sua vez, tratam de “orações exclamativas” (p. 181) e “orações iniciadas por palavras exclamativas” (p. 329) ao discutirem tópicos como inversão predicativo-verbo e próclise pronominal. Os exemplos dados pelos autores são “Que lindos eram os lagartos nos terraços de suas luras a divisar-me com as duas gotas de ônix líquido dos olhos pequeninos!” (p. 181) e “Como se vinha trabalhando mal!” (p. 329), que se conformam ao padrão funcional que focalizamos neste artigo. A estrutura não é, porém, discutida enquanto tal.

De fato, Cunha e Cintra parecem entender a exclamação como um fenômeno fundamentalmente entoacional – embora heterogêneo mesmo nesse parâmetro (ver p. 187-188) –, concluindo que as estruturas iniciadas por *qu-* “não passam muitas vezes de interrogações impregnadas de admiração” (p. 37). Os exemplos dados em favor dessa caracterização incluem estruturas que seguem o padrão que identificamos, como “Que inocência! Que aurora! Que alegria!”, mas também casos que nos parecem orações interrogativas realizando incongruamente declarações (“quem diria... quem imaginaria que acabaria assim!?...”), além de usos de estruturas quase totalmente lexicalizadas, como “quem me dera” (“Quem me dera ser homem!”).

Em síntese, nos clássicos de Bechara (2019 [1961]) e Cunha e Cintra (2016 [1985]), existe a percepção de que há algo “particular” às estruturas exclamativas que identificamos na seção anterior. Entretanto, os autores não oferecem uma caracterização específica para elas, preferindo aglutiná-las com outros elementos, seja por critérios fonológicos (“exclamação” como entoação), seja por elementos gramaticais (“emprego exclamativo dos interrogativos”).

Em contrapartida, alguns estudos formalistas exibem uma visão mais próxima da nossa: reconhece-se que a estrutura *qu-^elemento exclamado* tem características próprias em termos fonológicos – ver, por exemplo, Zendron da Cunha (2015) – e sintático-semânticos – ver Sibaldo (2016). Entretanto, tais abordagens, por sua orientação teórico-metodológica formal, seguem direções muito distintas da descrição que buscamos aqui – que, ancorada nos princípios sistêmico-funcionais, procura uma visão holística (isto é, “trinocular” – ver em seguida) sobre a estrutura em investigação: embora tratemos de um objeto fundamentalmente léxico-gramatical, daremos prioridade à sua dimensão semântica e, em última instância, contextual (Halliday, 1978), deixando o aprofundamento da discussão fonético-fonológica e a descrição fina das potencialidades e restrições do uso de cada tipo de elemento *qu-* para estudos posteriores.

Estruturas exclamativas em outras línguas: abordagens sistêmico-funcionais

Antes de passarmos propriamente a como as estruturas em questão podem ser enquadradas na descrição sistêmico-funcional do PB, cabe observar de que modo estruturas semelhantes foram tratadas em descrições sistêmico-funcionais de outras línguas.

Para o inglês, Halliday e Matthiessen (2014) propõem que orações exclamativas sejam descritas no sistema interpessoal de MODO, constituindo um subtipo de declarativas que se opõe às afirmativas (ou “não exclamativas” – ver Thompson (2014)). Estruturalmente, são caracterizadas por um elemento *wh-* temático (*what* ou *how*) e pela ordem Sujeito^Finito, o que justifica “de baixo” (isto é, a partir dos grupos constituintes dessas orações) sua classificação como declarativas³, uma vez que é a ordem Sujeito^Finito que distingue as declarativas (*You are sad*) das interrogativas, que apresentam ordem Finito^Sujeito (*Are you sad?*).

Passando a línguas filogeneticamente mais próximas do português, temos as descrições do francês e do espanhol. Na sua descrição do francês, Caffarel (2006) propõe que, após

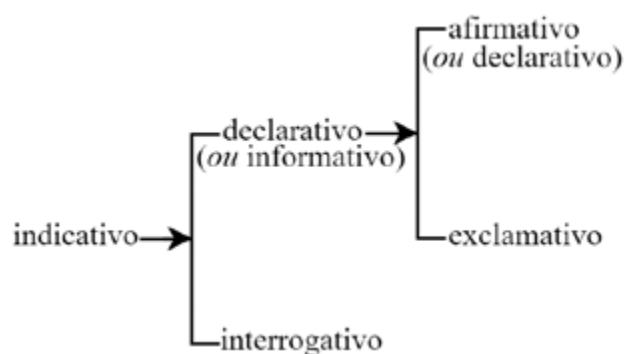
3 Halliday e Matthiessen (2014, p. 164) reconhecem, além disso, que outros modos, como o interrogativo negado, também podem ser usados para realizar exclamações (p. ex. *Isn't it amazing!*) – porém, “essas orações não têm uma gramática distintivamente exclamativa” (tradução própria).

a divisão fundamental entre indicativo e imperativo, o indicativo se divide em informativo e interrogativo; e o informativo, em declarativo ou exclamativo, opção especificável em subtipos mais delicados – a exclamação pode ser realizada somente pela entoação ou por diferentes estruturas gramaticais, incluindo os elementos *que* e *comme*. Dessa forma, mantém-se a ideia de que o modo exclamativo é uma opção do indicativo próxima do declarativo, mas com características gramaticais distintivas.

Em sua descrição do espanhol chileno, Quiroz (2013) faz uma proposta terminologicamente semelhante à de Caffarel: o indicativo pode ser informativo ou interrogativo; o informativo pode ser declarativo, realizado por um movimento tônico descendente, ou exclamativo, realizado pela presença de um elemento *qu-* de valor exclamativo (“Q-ex”) em posição temática. A descrição de Lavid, Arús e Zamorano-Mansilla (2010), voltada ao espanhol ibérico, faz considerações muito semelhantes, mas com rótulos mais próximos dos de Halliday e Matthiessen (2014): [declarativo: afirmativo/exclamativo].

Em síntese, descrições sistêmico-funcionais do inglês, do francês e do espanhol apresentam, em seus respectivos sistemas de MODO, opções que são, em grande medida (e por vezes com alterações nos rótulos utilizados), versões do sistema apresentado na Figura 1, cuja condição de entrada é [indicativo]. Assim, embora cada língua tenha realizações (intra- ou interestratais) específicas para as suas opções, a organização sistêmica em si é, de fato, bastante semelhante – ver Matthiessen (2004)⁴.

Figura 1. Opções a partir de [indicativo] em descrições do inglês, do francês e do espanhol (rótulos alternativos entre parênteses)⁵



Fonte: Elaboração própria

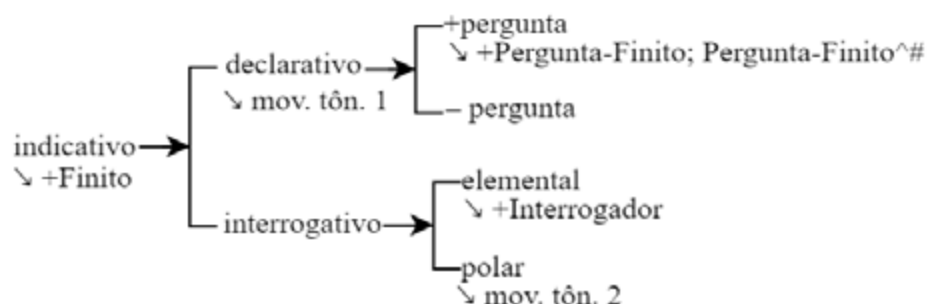
4 Organizações sistêmicas análogas também são encontradas em tagalo (Martin, 2004) e birmanês (Win; Geng, 2022); entretanto, enquanto modo oracional específico, o exclamativo parece estar ausente de certas línguas, como as nigero-congolesas (Mwinlaaru; Matthiessen; Akerejola, 2018).

5 Pelo nosso foco no modo exclamativo, omitimos as opções a partir de [interrogativo].

A abordagem de Figueredo para o modo em PB

Vejamos, portanto, como a descrição sistêmico-funcional do próprio PB lida com as opções a partir de [indicativo]. Nos trabalhos de Figueredo (2011, 2021), a rede sistêmica é a seguinte:

Figura 2. Opções a partir de [indicativo] na descrição do PB



Fonte: Adaptado de Figueredo (2021, p. 210)

O traço realizacional do [indicativo] é a presença do Finito, elemento verbal que ancora a oração em termos de modalidade e tempo (p. ex. “poderá fazer”)⁶ e distingue-o, portanto, do [imperativo], que prescinde de tal ancoragem, associando-se ao *irrealis*. Orações indicativas podem ter modo [declarativo], realizado fonologicamente pelo movimento tônico 1 (descendente), ou [interrogativo] – nesse caso, se [elemental], a oração (congruentemente) demanda uma informação experiencial, o que exige a ocorrência de um Interrogador, isto é, um elemento *qu-* que especifica a “lacuna” de informação a ser preenchida; se [polar], a informação demandada é a ancoragem modal da proposição: se é “sim”, “não” ou algo intermediário (“talvez”, etc.).⁷

O que mais nos interessa, entretanto, são as opções a partir de [declarativo]: Figueredo (2011, 2021) propõe que, nesse ponto, há acesso à distinção entre orações com e sem Pergunta-Finito – uma *tag* que retoma o Finito ao final da oração com a polaridade oposta, servindo de estratégia de negociação do *status* epistêmico do objeto em discussão. Em “Ele já chegou, não chegou?”, por exemplo, a Pergunta-Finito “não chegou” retoma o Predicador/Finito “chegou” e, ao inverter a sua polaridade, realiza uma estratégia heteroglósica de expansão dialógica (Martin; White, 2005), isto é, dá espaço para perspectivas que destoam das expectativas do enunciador, sinalizando que são potencialmente válidas.

⁶ Em orações como “*Haverá* pessoas aqui”, o Finito é realizado pela desinência modo-temporal do Predicador, formando com ele um grupo verbal realizado por uma só palavra.

⁷ Para uma discussão sistêmico-funcional sobre perguntas em PB, ver Farhat e Gonçalves-Segundo (2021).

Essa descrição não segue, entretanto, o padrão de considerar orações exclamativas como um tipo de declarativa: de fato, embora Figueredo (2011, 2021) alcance um alto grau de detalhamento em suas descrições, o autor não chega a mencionar essas estruturas em seus trabalhos. Nas próximas seções, esboçamos como pode se dar essa integração, de forma que a descrição do sistema de MODO do PB dê conta das orações exclamativas.

Empregando a perspectiva trinocular

Antes de tentarmos “inserir” as orações exclamativas no sistema, devemos descrevê-las a partir da perspectiva trinocular (Halliday, 2009): o objeto deve ser visto “de cima”, “de baixo” e “ao redor”. No caso de uma opção no sistema de MODO, que se localiza no estrato da léxico-gramática e tem como condição de entrada uma oração maior (isto é, que apresenta Predicador), as considerações trinoculares necessárias são as seguintes:

- “De cima”: qual a relação do objeto em descrição (no nosso caso, as orações exclamativas) com opções no estrato superior, a semântica? Isso envolve, geralmente, algum alinhamento realizacional: por exemplo, o modo [interrogativo] realiza “diretamente” perguntas (demandas de informação).
- “De baixo”: nessa perspectiva, consideramos como o próprio objeto descrito é realizado. Assim, há duas considerações possíveis – uma *intraestratal* e outra *interestratal*:
- Intraestratal: com um objeto no nível da oração, consideram-se possíveis realizações nos níveis inferiores da léxico-gramática – grupos/sintagmas, palavras e morfemas.
- Interestratal: como o estrato imediatamente “inferior” à léxico-gramática é a fonologia, é possível que opções gramaticais sejam realizadas por seleções fonológicas (por exemplo, [interrogativo: polar] ↘ [movimento tônico ascendente]; “↘” significa “é realizado por”).
- “Ao redor”: por esse olhar, enfocamos as relações entre a escolha da categoria em descrição e as escolhas em outros sistemas do mesmo estrato. Isso pode se dar “dentro” de uma mesma metafunção (por exemplo, exclamativas em inglês não têm acesso à polaridade negativa) ou entre metafunções (por exemplo, o Interrogador costuma aparecer em posição temática)⁸.

⁸ Por definição, escolhas “internas” a uma mesma metafunção costumam ter correlações probabilísticas mais fortes (por vezes absolutas, como entre polaridade positiva e modo exclamativo em inglês), mas não é impossível encontrar correlações entre escolhas de metafunções diferentes (ver Matthiessen, 2004).

A perspectiva trinocular permite uma caracterização holística do objeto em descrição, explicitando suas associações “positivas”, relativas ao princípio de realização (seja como “realizador” de uma opção acima, seja como “realizado” de uma opção abaixo); “negativas”, concernentes às oposições que definem seu valor no paradigma em que o objeto se insere; e probabilísticas, ligadas ao princípio de que a escolha em um sistema é sensível às escolhas em outros sistemas. Pode-se alegar que tal perspectiva seja “desfocada”, procurando detalhar simultaneamente fenômenos demasiadamente variados; acreditamos, porém, que abordagens como esta são necessárias quando temos como alvo uma descrição que procure fazer justiça à “extravagância” inerente à própria língua (cf. Halliday, 2003). Pesquisas posteriores poderão, certamente, tomar como ponto de partida os elementos cuja descrição aqui seja somente incipiente.

“De cima”: semântica

Orações exclamativas têm relevância para os três grandes sistemas da semântica interpessoal – FUNÇÕES DA FALA, NEGOCIAÇÃO e AVALIATIVIDADE.

O sistema de FUNÇÕES DA FALA opera com duas variáveis: o PAPEL de [fornecer] ou [demandar] e o VALOR negociado – [informação] ou [bens-e-serviços] (Halliday; Matthiessen, 2014). Combinadas, as variáveis geram quatro tipos de movimento: declarações (fornecimentos de informação), perguntas (demandas de informação), ofertas (fornecimentos de bens-e-serviços) e ordens (demandas de bens-e-serviços). Parece-nos relativamente claro que, entre essas categorias, a que mais se alinha às estruturas exclamativas é a declaração: uma oração exclamativa tipicamente fornece uma informação, mas de forma diferente das declarativas “comuns”. Isso se associa a uma terceira variável do sistema de FUNÇÕES DISCURSIVAS: um movimento pode ser [iniciador], dando início a uma sequência de movimentos, ou [respondente], fornecendo uma resposta/reação a um movimento anterior. Em linhas gerais, parece-nos plausível que estruturas exclamativas tendam mais à posição de [respondente] do que declarativas “comuns”.

Essa dinâmica pode ser explicitada em termos de NEGOCIAÇÃO, sistema que descreve as possibilidades de trocas de informações e bens-e-serviços, especificando sequências de movimentos (Martin, 1992)⁹. Orações exclamativas podem, como é normal para declarações, ocupar a posição K1, em que um conhecedor primário exprime uma informação a que (presumidamente) seu destinatário, um conhecedor secundário, não teve acesso. Aqui, o movimento seria [iniciador]. Os enunciados apresentados no início deste artigo são exemplos desse uso. Entretanto, orações exclamativas parecem costumeiramente ocupar uma posição menos evidente: K2f, em que o conhecedor

⁹ Para uma introdução ao sistema, ver Martin e Rose (2007, cap. 7); para sua aplicação ao PB, ver Figueredo (2021).

secundário, após receber uma informação, reage, o que configura um movimento [respondente], conforme podemos observar a seguir (em *itálico*):

6. [iniciador; K1:] Meu filhoouoooo nasceuuuuuuuuu

[respondente; K2f:] Parabéns *que felicidade saber disso*, muita saúde e momentos incríveis!!

Essa hipótese ainda deve, porém, ser corroborada por mais dados empíricos. Entretanto, permanece possível propor que estruturas exclamativas são, mesmo quando não exatamente [respondentes], “reativas” a algum fenômeno previamente explicitado – em consonância com essa possível propriedade, vale também destacar que os grupos nominais em estruturas exclamativas parecem ser sempre identificáveis, operando em geral anaforicamente: ao dizermos “que filme!”, por exemplo, presume-se que o falante saiba de que filme estamos tratando – que pode ter sido introduzido, por exemplo, em K1. No mesmo sentido, estruturas exclamativas com grupo nominal indefinido (“que um filme!” ou “como um menino corre!”, por exemplo) parecem-nos extremamente improváveis e possivelmente agramaticais.

O traço mais crucial e definidor das orações exclamativas está, no entanto, em seu alinhamento com o sistema de AVALIATIVIDADE (Martin; White, 2005). Esse alinhamento se dá, em primeiro lugar, com o subsistema de ATITUDE: estruturas exclamativas sinalizam explicitamente que há uma avaliação em jogo, mesmo quando somente o alvo da avaliação é construído verbalmente, com em “Como ele corre!” ou “Que filme!”, em que se sinaliza que a forma de correr do sujeito é (no mínimo) notável (um possível [juízo: capacidade]) e o filme é apreciável (especialmente em termos de [reação: impacto] no sistema de ATITUDE).

Igualmente importante, porém, é o alinhamento com o subsistema avaliativo de ENGAJAMENTO, que diz respeito às possibilidades de (não) reconhecimento de alternativas dialógicas àquilo que é enunciado. Mais especificamente, estruturas exclamativas seriam uma possibilidade de realização de [contraexpectativa], opção de heteroglossia contrativa que opera da seguinte maneira: ao apresentar algo como inesperado, uma expectativa prévia é reconhecida, mas ao mesmo tempo rejeitada. Assim, quando se enuncia “Como ele corre!”, implica-se que não se esperava que o corredor correria tão rapidamente, mas essa expectativa é “bloqueada” (isto é, invalidada) pela exclamação. Nesse sentido, as exclamações ocupam um domínio semântico próximo ao da miratividade, que codifica uma dada proposição como “nova e surpreendente ou inesperada para o falante” (Nuyts, 2017, p. 74).

“De baixo”: fonologia

Como vimos acima, autores de gramáticas tradicionais costumam tratar a exclamação como um fenômeno primariamente fonológico – e, mais especificamente, entoacional. Entretanto, quando consideramos orações exclamativas iniciadas por um elemento *qu-*, é difícil encontrar um só padrão fonológico.

Isso parece se dever a dois fatores principais: em primeiro lugar, a escolha do elemento *qu-* pode ser relevante para a entoação – por exemplo, Zendron da Cunha e Seara (2014) chegaram à conclusão, após um estudo quantitativo, de que exclamativas com “que” têm um padrão entoacional distinto das iniciadas por “como”; em segundo, mesmo se considerarmos um único elemento *qu-*, opções entoacionais podem sugerir diferenças mais delicadas de entoação – por exemplo, Cagliari (1981, p. 176) considera que exclamações podem ser “neutras” (movimentoônico descendente médio-baixo), podem pedir “confirmação, reconsideração” (ascendente baixo-alto), ou podem sinalizar “entusiasmo, reforço, surpresa” (ascendente-descendente meio-alto, alto, meio-baixo).

Se quiséssemos ser “elegantes” a qualquer custo em nossa descrição, poderíamos considerar que o movimentoônico “neutro” (número 1: descendente), que caracteriza as declarativas “comuns”, seria característico também das exclamativas, o que serviria de argumento em favor de reunir sob uma só categoria as declarativas não exclamativas e as exclamativas. Entretanto, parece-nos que isso significaria ignorar detalhes fonológicos que, em uma perspectiva propriamente trinocular, não podem ser negligenciados.

Em síntese, ainda não estamos em uma posição adequada para uma caracterização sistêmico-funcional plena da realização fonológica de estruturas exclamativas em PB: são necessários mais estudos (preferencialmente quantitativos) sobre a entoação de tais estruturas que tomem como ponto de partida a perspectiva trinocular e, assim, considerem a entoação em sua relação com sistemas em outros estratos – crucialmente, o sistema léxico-gramatical de MODO.

“De baixo”: grupos

Como indicamos no início do artigo, o padrão geral para os grupos que compõem as estruturas exclamativas focalizadas por este artigo é o seguinte:

qu- ^ elemento exclamado

O “elemento exclamado” pode, entretanto, ter várias configurações: pode haver uma oração completa, como em “como ele é legal!”, em que se explicitam o alvo (“ele”) e a avaliação (“legal”); ou o elemento pode ser mais sintético, com explicitação somente do alvo (“que filme!”, “que homem!”), realizado por um grupo nominal; somente da avaliação

("que incrível!", "que maravilha!"), realizada por um grupo adjetival; ou do alvo e da avaliação ("que filme incrível"), realizada por grupo nominal mais elaborado – discutiremos a problemática de considerar essas estruturas orações maiores elípticas (em que o Predicador está implícito) ou orações menores (isto é, sem Predicador) ao fim do artigo.

O elemento *qu-*, por sua vez, tem três opções principais: *que*, *quanto* e *como*, cada uma com implicações para escolhas em outras metafunções – ver a seguir.

“Ao redor”: outras opções oracionais

A primeira correlação que encontramos a partir da escolha de uma oração exclamativa se dá em termos da *ordem* das funções que caracterizam o modo oracional e, portanto, do sistema de TEMA, parte da metafunção textual. Diferentes elementos *qu-* inicial selecionarão distintas ordenações. Oração exclamativas com “que” favorecem a seguinte ordem:

qu- ^ Complemento ^ Sujeito ^ Finito/Predicador

Por exemplo, em “que rápido ele é!”, temos:

<i>que</i>	<i>rápido</i>	<i>ele</i>	<i>é</i>
(qu-)	Complemento	Sujeito	Finito/Predicador

Porém, quando o elemento *qu-* é “como” ou “quanto”, a ordem favorecida é a “direta”, isto é, a ordem não marcada para orações declarativas:

qu- ^ Sujeito ^ Finito/Predicador ^ Complemento

Assim, em “como ele é legal” e “quanta gente veio”, encontramos:

<i>como</i>	<i>ele</i>	<i>é</i>	<i>legal</i>
<i>quanta</i>	<i>gente</i>	<i>veio</i>	
(qu-)	Sujeito	Finito/Predicador	Complemento

Isso indica que um dos fatores que motivam a escolha entre os três elementos *qu-* possíveis é textual: prefere-se tematizar o Complemento (com *que*) ou o Sujeito (com *como* ou *quanto*). Essa oposição se dá especialmente entre *que* e *como*, visto que ambos podem ser utilizados com orações experiencialmente equivalentes, como em “Que legal ele é!” e “Como ele é legal!”.

Outra correlação se dá entre o modo exclamativo e a polaridade da oração – trata-se, portanto, de relações internas à metafunção interpessoal. Como em inglês, é aparentemente impossível (ou pelo menos muito improvável) operar uma negação em uma oração exclamativa em PB:

7. ??? *Como ele não é rápido!*

8. ??? *Que legal ele não é!*

Além disso, orações exclamativas iniciadas por *que* e *como* parecem favorecer processos atributivos, dada a sua tendência avaliativa, o que evidencia correlações com o sistema de TRANSITIVIDADE:¹⁰

como	ele	é	rápido
	Portador	Processo	Atributo
que	legal	ele	é
	Atributo	Portador	Processo

Em orações iniciadas com “como”, entretanto, é comum encontrar outros processos. Nesses casos, a avaliação pode ser explicitada em um Adjunto/Circunstância; nos casos de ausência de Adjunto, a avaliação é inferível por conta da própria estrutura exclamativa:

<i>como</i>	<i>ele</i>	<i>corre</i>	<i>(rápido)</i>
<i>como</i>	<i>ela</i>	<i>dança</i>	<i>(bem)</i>
	Ator	Processo	Circunstância

Em relação às orações iniciadas com “quanto”, não identificamos, preliminarmente, preferências por determinados processos. Como tais estruturas se centram basicamente na avaliação da quantidade ou intensidade do elemento nominal (p. ex. “quanta gente!” ou “quanta força!”), hipotetizamos que tais estruturas se abrem com relativa facilidade aos vários processos – por exemplo, “quanta gente veio!” (material), “quanta gente disse que

10 A TRANSITIVIDADE é o principal sistema oracional da metafunção experiencial, tratando dos diferentes papéis ocupados por participantes de uma oração segundo o processo realizado por grupos verbais. Por exemplo, em processos relacionais atributivos, em que uma entidade pertence a uma classe, os participantes são Portador e Atributo, enquanto nos materiais, em que há um “fazer” físico, há tipicamente um Ator e uma Meta.

vai vir!" (verbal), "quanta gente gostou!" (mental), "quanta gente está aqui!" (relacional), "quanta gente existe!" (existencial) e "quanta gente chora!" (comportamental).

Síntese: um sistema reconfigurado

Com base nessas considerações trinoculares, chegamos à conclusão de que, em PB, os elementos semânticos definidores das estruturas exclamativas focalizadas por este artigo – ou seja, aquelas introduzidas por elementos *qu-* – são os seguintes:

1. no sistema de FUNÇÕES DA FALA, a construção do ato de fornecer informações (declaração), em particular em reação a informações novas, podendo realizar o movimento K2f no sistema de NEGOCIAÇÃO;
2. no sistema de AVALIATIVIDADE, a veiculação de significados atitudinais e de contraexpectativa.

Já em termos léxico-gramaticais, verificamos que a estrutura interna da sequência *qu-* ⁴ *elemento exclamado* pode ser especificada principalmente por razões textuais e/ou experienciais.

Não basta, entretanto, especificar que essas estruturas são iniciadas por um elemento *qu-*, mesmo porque nem todas as palavras *qu-* podem tomar essa posição em estruturas exclamativas. É necessário tratar esse elemento como uma função – isto é, como um termo na mesma ordem de abstração que Sujeito, Predicador, Finito, Complemento e Adjunto. Sendo assim, em consonância com Figueredo (2021), que propõe que o elemento *qu-*, em interrogativas elementais, realiza a função de Interrogador (*Inquirer*), propomos que o elemento *qu-*, em orações exclamativas, realiza a função de **Exclamador**. Cabe ressaltar que a diferença, no entanto, não se encerra nesse ponto: diferentemente do Interrogador, o Exclamador não exerce função experiencial na oração.¹¹ Assim, em termos textuais, será sempre Tema interpessoal.

Assim, a realização das orações exclamativas é definida pela presença de um Exclamador (+Exclamador) que sempre ocorre no início da oração (#^Exclamador). Exemplos de análise:

11 Ao perguntarmos "Quem mexeu no meu queijo?", por exemplo, o Interrogador *quem* exerce papel de Ator do processo material "mexeu". O elemento *qu-* do Exclamador não exibe essa propriedade.

<i>como</i>	<i>ele</i>	<i>é</i>	<i>rápido!</i>
Exclamador	Sujeito	Predicador/Finito	Complemento
–	Portador	Processo relacional	Atributo
Tema interpessoal	Tema tópico	Rema	

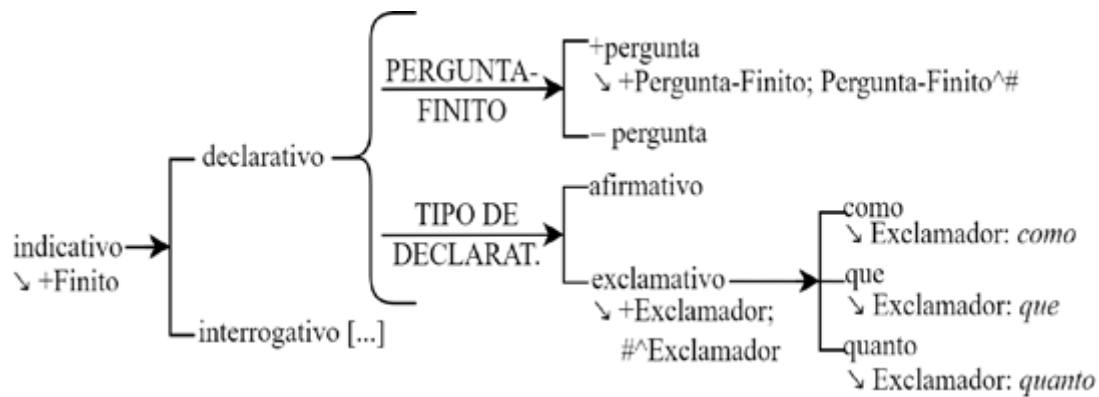
<i>que</i>	<i>legal</i>	<i>ele</i>	<i>é!</i>
Exclamador	Complemento	Sujeito	Predicador/Finito
–	Atributo	Portador	Processo relacional
Tema interpessoal	Tema tópico	Rema	

<i>quanta</i>	<i>gente</i>	<i>veio!</i>
Exclamador	Sujeito	Predicador/Finito
–	Ator	Processo material
Tema interpessoal	Tema tópico	Rema

Essas orações exclamativas serão consideradas, como em tantas outras línguas, um subtipo das orações declarativas, especialmente por considerações de “cima”: da mesma forma que as declarativas “comuns” (ou “afirmativas”), orações exclamativas realizam congruentemente fornecimentos de informação – isto é, declarações. Além disso, não nos parece impossível (ainda que não tenhamos encontrado exemplos concretos) que as orações exclamativas, de modo análogo às declarativas “comuns”, possam ter acesso ao sistema de PERGUNTA-FINITO, o que legitimaria enunciados como “Que legal ele é, não é?” e “Como ele corre, não corre?”. Presumimos que a raridade dessas construções se deva à relativa incompatibilidade entre a contração dialógica realizada pela estrutura das exclamativas e a abertura dialógica sugerida pelas Perguntas-Finito, mas ainda consideramos que tais estruturas possam, sim, ser combinadas em algumas circunstâncias.

Isso posto, expomos, na Figura 3, o sistema de MODO reconfigurado (a partir da opção [indicativo]) para dar conta das orações exclamativas:

Figura 3. O sistema de MODO reconfigurado a partir de [indicativo]



Fonte: Elaboração própria

As alterações no sistema são as seguintes:

- Em primeiro lugar, deixa de haver uma distinção “de baixo” entre [declarativo] e [interrogativo], visto que não podemos, no novo sistema, generalizar o movimento tônico 1 para todas as declarativas – como indicamos anteriormente, não parece haver um movimento tônico único que caracterize as exclamativas, embora o movimento 1 possa ocorrer. Assim, a distinção entre declarativo e interrogativo passa a ser primariamente “de cima” – declarativas realizam congruentemente declarações; interrogativas, perguntas – e “ao redor”, já que, entre outros elementos, interrogativas não acessam o sistema de PERGUNTA-FINITO. Como nossa base teórico-metodológica é a LSF, que enfatiza a relação natural entre semântica (“de cima”) e léxico-gramática, não nos parece que a ausência de uma distinção “de baixo” seja uma “falha” na descrição do sistema. De toda forma, estudos sistemáticos envolvendo a realização dessas distintas opções do [indicativo] poderiam refutar ou corroborar nossa hipótese.
- Em segundo lugar, e de mais importância, no novo sistema, a opção [declarativo] passa a dar acesso a dois sistemas simultâneos: PERGUNTA-FINITO, que já fazia parte da proposta original de Figueredo (2011, 2021), e TIPO DE DECLARATIVO, que opõe o modo [afirmativo] (o declarativo “comum”) ao [exclamativo], caracterizado pela presença de um Exclamador em posição inicial. A opção [exclamativo], por sua vez, dá acesso a um sistema que especifica a palavra que realiza o Exclamador: *que*, *quanto* ou *como*.

Orações maiores elípticas ou orações menores?

Ao longo deste artigo, tratamos alguns exemplos como “estruturas exclamativas”, e não como “orações exclamativas”, como se poderia esperar. Essa indefinição reflete o fato

de que, para alguns enunciados, não é óbvia a ocorrência, de fato, de uma oração maior – isto é, de uma oração com Predicador, condição de entrada para o sistema de MODO. Trata-se de enunciados como “que legal!”, “que filme incrível!”, “que mulher!”, “que rápido!”, “quanta gente!” e “quantos presentes!”, em que o Exclamador é seguido somente de um grupo nominal.

Parece-nos que há duas alternativas para a descrição dessas estruturas: 1. trata-se de orações maiores cujo Predicador é elíptico; 2. trata-se de orações menores, isto é, sem Predicador, mas com estrutura exclamativa.¹² Apresentaremos a seguir argumentos em favor de ambas as posições para avaliar sua adequação descritiva e sua consistência com os princípios sistêmico-funcionais.

A primeira resposta, que interpreta essas estruturas como orações maiores com Predicador elíptico, prioriza os critérios “de cima” – ou seja, semânticos – na classificação do enunciado. Em outras palavras, ao menos em termos interpessoais, uma estrutura como “que legal!” teria os mesmos alinhamentos semânticos que uma estrutura mais “completa”, como “que legal ele é!”: realiza-se um tipo específico de declaração, uma atitude e um movimento de contraexpectativa. A elipse de elementos como o Sujeito e, crucialmente, o Predicador seria explicada, por sua vez, em termos textuais: o que ocorre é que, como indicamos anteriormente, estruturas exclamativas são tipicamente “reativas”, dependendo de um estímulo inicial para emergirem; como, na reação, o elemento a que se está reagindo já foi explicitado anteriormente ou está contextualmente acessível, não é necessário inscrever verbalmente esse elemento (o Sujeito) e, em alguns casos, a sua relação com a avaliação (o Predicador). Note-se, como indicamos anteriormente, que a referência das exclamativas parece ser sempre determinada (? “Que um menino!”) justamente porque é previamente explicitada ou está contextualmente acessível. Dessa forma, “que legal!” e “que rápido!” seriam, sim, orações maiores; porém, por razões textuais – e, portanto, externas ao sistema de MODO –, essas orações teriam Predicador elíptico.

Em “que legal!”, por exemplo, a oração pode estar reagindo a uma declaração como “passei na faculdade!” (as versões não elípticas poderiam ser, dentre outras, “que legal é você ter passado na faculdade!” ou “que legal é saber isso!”); em “que rápido!”, o objeto a que se reage pode ser não verbal, como um vídeo de um carro de corrida acessível ao falante (a versão não elíptica seria, portanto, algo como “que rápido esse carro é!”).

A outra interpretação vai na direção contrária: embora se possa conceder que há evidentes semelhanças funcionais entre “que legal!” e “que legal ele é!”, as diferenças “de baixo” – mais especificamente, dos grupos que realizam essas estruturas – seriam

¹² Note-se que, em orações exclamativas com *como* como Exclamador, a avaliação recai necessariamente sobre a proposição como um todo e, crucialmente, sobre o Predicador (“como corre!”, etc.), de modo que não há versões “menores” ou “elípticas” para essas estruturas.

salientes o bastante para não as agrupar em uma só categoria. O argumento básico é, evidentemente, o de que estruturas sem Predicador simplesmente não são orações maiores. Há, entretanto, alguns elementos que indicam, além disso, que as estruturas em questão têm um funcionamento que as aproxima não de orações, mas de grupos nominais. Isso é relativamente claro em estruturas como “quanta gente!” e “quantos presentes!”, em que o elemento *qu-* funcionando como Exclamador concorda em número e gênero com o elemento exclamado, de modo análogo a um quantificador concordando com o núcleo nominal (“muita gente”, “muitos presentes”).

Porém, até mesmo o elemento *que* pode, em algumas variedades do PB, ter um comportamento semelhante, como relatado por Nunes (2007). Pereira (2016) dá o seguinte exemplo (construído): “Ques paisagem bonita!”, em que, embora a marca do plural só ocorra no Exclamador *ques*, “paisagem bonita” também estaria (semanticamente) no plural. Esses elementos indicam que estruturas exclamativas sem Predicador seriam, de fato, grupos nominais com um Exclamador confluindo com um Numerativo quantificativo – ver Figueredo (2007) para a estrutura dos grupos nominais em PB. Ainda nessa direção, não parece ser possível formar estruturas exclamativas com Exclamador seguido de (outro) quantificador: “*Que dois filmes!”.

Enfim, um último argumento em favor das estruturas como orações menores está no fato de que a ocorrência efetiva de algumas orações “reconstruídas” a partir de exclamativas “elípticas”, como “que legal é você ter passado na faculdade!” (de “que legal!”), parece pouquíssimo provável.

Assim, não é impossível considerar que estruturas como “que legal!”, “quanta gente!” e “que filme!” sejam orações menores com função exclamativa (o que as alinha, semanticamente, com as orações exclamativas maiores) e realizadas por um grupo nominal composto por um Exclamador/Numerativo (*que* ou *quanto*) seguido de um núcleo nominal com o qual pode concordar ou não. Em retrospectiva, essa posição não deve surpreender: uma das funções mais mencionadas em exemplificações de orações menores é justamente a de exclamação – ver, por exemplo, Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 140).

Apesar disso, cremos ser necessário dedicar mais tempo e espaço – considerando, inclusive, discussões mais específicas sobre o caráter discreto ou contínuo da oposição entre oração maior e menor – para alcançar algum grau de “fechamento” acerca do estatuto das exclamativas sem Predicador: como indicamos, há argumentos em favor de ambas as perspectivas – o que reflete, talvez, a inescapável indeterminação a que as categorias linguísticas estão submetidas.

Uma possibilidade cuja exploração nos parece particularmente produtiva seria adotar uma perspectiva topológica (Martin; Matthiessen, 1991), descrevendo um *continuum* entre estruturas claramente maiores, como aquelas iniciadas por *como* (que não permitem

“versões” sem Predicador), passando por aquelas em que a elipse, dada a acessibilidade contextual ou cotextual, é plenamente viável, como em alguns casos iniciados por *que* e *quanto* (“que lindo ele [é]!”, “quanta gente [veio]!”), até os casos em que os falantes parecem fortalecer a suficiência do grupo nominal, com confluência de Exclamador com Numerativo, realizando orações menores (“ques paisagem bonita!” ou “ques carro rápido!”).

Considerações finais: implicações e próximos passos

Neste artigo, propusemos uma reconfiguração do sistema de MODO do português brasileiro, partindo da proposta original de Figueredo (2011, 2021), para dar conta da descrição de orações exclamativas. Após uma revisão das formas pelas quais orações semelhantes foram descritas em outras línguas com base na LSF e das propriedades trinoculares de tais orações em PB, propusemos que o modo exclamativo é um subtipo de declarativo caracterizado pela presença de um Exclamador em posição temática. Além disso, discutimos o estatuto de estruturas semelhantes, mas sem Predicador, enquanto orações exclamativas maiores ou menores.

Ainda há, entretanto, vários caminhos possíveis para aprofundar e aprimorar essa descrição. Um passo importante é descrever as contribuições fonológicas ao modo exclamativo: para os outros modos, distinções em termos de movimentos tônicos são altamente relevantes; para o exclamativo, o quadro não deve ser diferente. Outra possibilidade de pesquisa é investigar se outros elementos *qu-*, para além dos abordados neste artigo (*que*, *quanto* e *como*) podem funcionar como Exclamador – e, se a resposta for positiva, descrever as potenciais peculiaridades de cada um. As próprias potencialidades de *que*, *quanto* e *como* podem ser adensadas em pesquisas mais específicas.

Por fim, devemos reconhecer que este artigo é fundamentado em análises qualitativas de um *corpus* de extensão mínima. Para um alinhamento mais adequado aos princípios teórico-metodológicos da LSF, são necessárias investigações quantitativas – como as vistas, por exemplo, nos trabalhos de Figueredo (2011, 2015). Essas pesquisas permitem a construção de perfis registrais oportunos para diversas aplicações (ensino de língua e tradução, por exemplo), além de permitirem estudos sobre correlações entre línguas diferentes (correlações e peculiaridades tipológicas, etc.) e associações sistêmicas inter- e intrametafuncionais, como as sugeridas em nossa descrição (exclamativo-atributivo, etc.).

Agradecimentos

Esta publicação é resultante dos projetos “Os textos e os contextos de grupos de Facebook em uma perspectiva sociossemiótica” e “Para um novo modelo sistêmico-funcional das

relações interactanciais”, financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processos 2021/03332-0 e 2022/10527-5).

Referências

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

CAFFAREL, A. *A Systemic Functional Grammar of French: From Grammar to Discourse*. London/New York: Continuum, 2006.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. 1981. Tese (Livre-Docência) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

FARHAT, T. C.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. A semântica das perguntas em português brasileiro: uma proposta sistêmico-funcional. *Revista do GEL*, v. 18, n. 2, p. 35-65, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21165/gel.v18i2.3117>.

FIGUEREDO, G. P. *Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos lingüísticos da tradução*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

FIGUEREDO, G. P. *Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FIGUEREDO, G. Uma descrição sistêmico-funcional dos marcadores discursivos avaliativos em português brasileiro: a gramática das partículas modais. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 59, p. 281-308, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1504-3>

FIGUEREDO, G. Interpersonal Grammar in Brazilian Portuguese. In: MARTIN, J. R.; QUIROZ, B.; FIGUEREDO, G. (ed.). *Interpersonal Grammar: Systemic Functional Linguistic Theory and Description*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 191-226.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic: The social interpretation of language and meaning*. London: Hodder Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. *On Language and Linguistics*: Volume 3 in the Collected Works of M. A. K. Halliday. London/New York: Continuum, 2003.

HALLIDAY, M. A. K. Methods – techniques – problems. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. (ed.). *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum International, 2009. p. 59-86.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. New York/London: Routledge, 2014.

LAVID, J.; ARÚS, J.; ZAMORANO-MANSILLA, J. R. *Systemic Functional Grammar of Spanish: A Contrastive Study with English*. London/New York: Continuum, 2010.

MARTIN, J. R. *English Text: System and Structure*. Philadelphia: John Benjamins, 1992.

MARTIN, J. R. Metafunctional profile of the grammar of Tagalog. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (ed.). *Language Typology: a functional perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004.

MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. Systemic typology and topology. In: CHRISTIE, F. (org.). *Literacy in social processes: papers from the Inaugural Australian Systemic Functional Linguistics Conference*. Darwin: Centre for Studies of Language in Education, 1991. p. 345-383.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Working with Discourse: Meaning beyond the clause*. 2. ed. Continuum: London, 2007.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Frequency profiles of some basic grammatical systems: an interim report. In: THOMPSON, G.; HUNSTON, S. (ed.). *System and Corpus: exploring connections*. London: Equinox, 2004. p. 103-142.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; LAM, M. *Key Terms in Systemic Functional Linguistics*. London/New York: Continuum, 2010.

MWINLAARU, I. N.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; AKEREJOLA, E. S. A system-based typology of MOOD in Niger-Congo languages. In: AGWUELE, A.; BODOMO, A. (org.). *The Routledge Handbook of African Linguistics*. Oxon: Routledge, 2018. p. 93-117. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315392981-6>

NUNES, J. Triangulismos e a sintaxe do português brasileiro. In: CASTILHO, A.; TORRES MORAIS, M. A.; LOPES, R.; CYRINO, S. (org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes/FAPESP, 2007. p. 25-34.

NUYTS, J. Evidentiality reconsidered. In: MARÍN ARRESE, J. I.; HASSLER, G.; CARRETERO, M. (org.). *Evidentiality revisited*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017. p. 57-83. DOI: <https://benjamins.com/catalog/pbns.271.03nuy>

PEREIRA, B. K. Exclamatives and interrogatives with 'ques': the CP/DP hierarchy and the plural marking in Brazilian Portuguese. *Signótica*, v. 28, n. 2, p. 581-612, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5216/sig.v28i2.41228>

QUIROZ, B. *The Interpersonal and Experiential Grammar of Chilean Spanish: Towards a Principled Systemic-Functional Description Based on Axial Argumentation*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Sydney, Sydney, 2013.

SIBALDO, M. A. Semelhanças e diferenças entre duas sentenças exclamativas do português brasileiro. *Gragoatá*, v. 21, n. 40, p. 113-132, 2016. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v21i40.33377>

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. New York/London: Routledge, 2014.

WIN, L. Y.; GENG, F. The MOOD system of Myanmar. *Journal of World Languages*, v. 9, n. 2, p. 182-206, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1515/jwl-2022-0013>

ZENDRON DA CUNHA, K. O comportamento entoacional das exclamativas-wh e das interrogativas-wh no português brasileiro. *Domínios de Linguagem*, v. 9, n. 5, p. 163-192, 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/DLE-v9n5a2015-9>

ZENDRON DA CUNHA, K.; SEARA, I. C. O padrão entoacional das exclamativas-WH em português brasileiro. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*, v. 18, n. 2, p. 211-229, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/24961>. Acesso em: 26 jun. 2024.

Ensino de português por meio de figurinhas de WhatsApp: convergindo gramática formal e BNCC

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3492>

Luiz Fernando Ferreira¹

Maria Eugênia Martins Barcellos²

Rodrigo Souza³

Resumo

A cultura digital é uma realidade na vida de muitos alunos brasileiros do ensino fundamental/médio, e trabalhar letramento digital nas escolas tornou-se indispensável, como reconhecido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que advoga pelo ensino de gramática/literatura paralelo ao letramento digital dos alunos por meio de novos textos multimodais e novos gêneros textuais (Brasil, 2018). Este artigo mostra como figurinhas de WhatsApp podem ser usadas para este fim. Essas figurinhas são recursos visuais que podem ser compostos por pequenas imagens, textos escritos, GIFs ou uma mistura desses elementos, sendo assim, recursos multimodais. De modo a determinar os tipos de fenômenos gramaticais presentes nesse gênero, coletamos 250 figurinhas multimodais, que foram analisadas a partir de um paradigma formal (Seara; Nunes; Volcão, 2019; Anderson, 1992; Kenedy; Othello, 2018; Searle, 1993; Cançado, 2015). A análise mostrou que é mobilizada uma vasta gama de conhecimentos gramaticais na criação dessas figurinhas, o que as torna uma ótima ferramenta didática na sala de aula. Portanto, as consideramos um material pedagógico eficaz devido: (i) a sua popularidade; (ii) à vasta gama de fenômenos gramaticais presentes nelas e; (iii) à possibilidade de se trabalhar o letramento digital a partir de novos textos multimodais/novos gêneros textuais, conforme recomendado pela BNCC.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem de Português; figurinhas de WhatsApp; Letramento Digital; Linguística Formal.

1 Universidade Federal de Roraima (UFRR), Boa Vista, Roraima, Brasil; fernando.ferreira@ufr.br; <https://orcid.org/0000-0001-7120-0171>

2 Instituto Federal de Espírito Santos (IFES), Ibatiba, Espírito Santo, Brasil; barcellosmariae@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2142-6599>

3 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; rodrigo.aparecido.souza@usp.br; <https://orcid.org/0000-0003-1085-2509>

Teaching Portuguese through WhatsApp stickers: Connecting formal linguistics to the BNCC requirements

Abstract

Digital culture is a reality in the lives of many elementary/high school students and developing digital literacy in schools has become indispensable as is acknowledged by the National Common Curricular Base (BNCC), which advocates for teaching grammar/literature in parallel with the students' digital literacy through new multimodal texts and textual genres (Brasil, 2018). This paper shows how WhatsApp stickers can be used to this end. WhatsApp stickers are visual elements that can be composed of small pictures, written texts, GIFs, or a combination of these. In order to determine what grammatical phenomena occurred in this type of material, we gathered a corpus of 250 multimodal stickers, which were analyzed within a formal paradigm (see Seara; Nunes; Volcão, 2019; Anderson, 1992; Searle, 1993; Kenedy; Othero, 2018; Cançado, 2015). The analysis showed us that a vast array of grammatical knowledge is used in the creation of those stickers, which makes them a great didactic tool in the classroom. Therefore, we consider stickers to be a very effective material due to: (i) their popularity; (ii) the wide range of grammatical phenomena; and (iii) the possibility of developing digital literacy through new multimodal texts and new textual genres as recommended by BNCC.

Keywords: Portuguese Teaching; WhatsApp Stickers; Digital Literacy; Formal Grammar.

Introdução

O objetivo deste artigo é mostrar como as figurinhas de WhatsApp podem ser empregadas como ferramentas para ensinar diversos fenômenos gramaticais nas aulas de Língua Portuguesa. Cabe destacar que ensinar gramática não equivale ensinar línguas, visto que os estudantes já chegam à escola com domínio de língua. Entendemos o ensino de gramática como: (i) estudo de regras mais ou menos explícitas de construção de estruturas e (ii) análise mais ou menos explícita de determinadas construções (Possenti, 1996, p. 60). Possenti (1996), em sua discussão sobre o ensino de gramática, aponta que ensinar gramática não é necessário para o domínio da língua. Seguimos a perspectiva que o ensino de gramática, mesmo não equivalendo ao ensino de língua, é uma excelente forma de promover o letramento científico dos alunos com a criação de hipóteses e emprego de testes para coletar dados linguísticos que corroborem ou refutem tais hipóteses (ver Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016).

A escolha de trabalhar tópicos gramaticais pelas figurinhas ocorreu porque o WhatsApp é um aplicativo de mensagem com grande disseminação no Brasil e algumas pesquisas mostram que é o aplicativo mais utilizado por adolescentes (ver Correr; Faidiga, 2017). No

WhatsApp, as figurinhas são recursos visuais compostos por pequenas imagens, textos escritos, GIFs⁴ ou uma mistura desses elementos, como ilustrado na Figura 1 a seguir.

Figura 1. Exemplo de figurinha de WhatsApp



Fonte: *Corpus de figurinhas dos autores*

Nas figurinhas multimodais, imagem/GIF e texto escrito se complementam para fins de humor. A figurinha representada na Figura 1 ilustra bem esse jogo entre texto escrito e imagem: a palavra “pena”, no texto escrito, refere-se à dó/piedade, enquanto a imagem subverte as expectativas, pois o item lexical “pena” é interpretado como referindo-se à plumagem das aves. Assim, a imagem e o texto escrito se complementam, brincando com diferentes sentidos da expressão “não ter pena” (i.e., não ter dó vs. não ter plumagem), criando, assim, o humor na figurinha.

Figurinhas de WhatsApp são usadas em conversas mais informais, com amigos e familiares, com o intuito de deixar a comunicação mais dinâmica. A comicidade presente nelas deixa a conversa mais descontraída e menos séria. Essa irreverência demonstra uma proximidade da pessoa que manda a figurinha com o seu interlocutor. Por esse motivo, elas são muito populares entre os usuários do aplicativo. Cabe ressaltar que elas não são desenvolvidas pelo WhatsApp, mas sim pelos próprios usuários, que, ao criá-las, fazem uso de sua criatividade para fazer jogos com as palavras. Por conta disso, muito do humor gerado pelas figurinhas é proveniente de reflexões epilinguísticas que os usuários fazem.⁵ Por exemplo, a figurinha da Figura 1 demonstra que o usuário que a criou tinha ciência de que: (i) a palavra “pena” tem dois sentidos, (ii) o sentido expresso no texto

4 GIF (*Graphics Interchange Format* ou, em português, Formato de Intercâmbio de Gráficos) é um formato de imagem que permite a junção de várias cenas em um único arquivo, o que, no final, gera uma “imagem com movimento”.

5 A análise linguística pode se dividir em três níveis: (i) o linguístico, (ii) o epilinguístico e (iii) o metalinguístico (ver Franchi, 1991; Geraldi, 2013). Ao usarmos a linguagem para alguma atividade (e.g., conversar, ler etc.), já estamos no nível linguístico. Quando refletimos sobre a linguagem e seu comportamento, estamos no nível epilinguístico (e.g., quando nos questionamos por que falamos “alô” no início de uma ligação telefônica). Por fim, quando passamos a adotar uma nomenclatura/terminologia para identificar e classificar fenômenos da linguagem, estamos no nível metalinguístico (e.g., substantivo, verbo, objeto direto etc.).

escrito não é o mesmo representado pela imagem e (iii) a disparidade na combinação entre o sentido empregado no texto escrito e na imagem gera comicidade. Sendo assim, esse usuário precisou utilizar seus conhecimentos tácitos sobre a ambiguidade na construção dessa figurinha.

A fim de determinar quais fenômenos gramaticais ocorriam em figurinhas de WhatsApp, coletamos 250 figurinhas multimodais que misturavam imagem e texto escrito. Esse *corpus* mostrou que, além da ambiguidade ilustrada na Figura 1, há diversos conhecimentos gramaticais de diferentes níveis linguísticos mobilizados pelos usuários na criação das figurinhas, com o objetivo de suscitar o humor. A gama de conhecimentos gramaticais empregados é bastante ampla e diversa, contendo fenômenos da fonologia, morfologia, lexicologia, sintaxe, semântica e pragmática. Por esse motivo, as figurinhas são um material rico tanto para a análise linguística quanto para fins didáticos. Este artigo focará nos fins didáticos, mostrando como é possível trabalhar gramática no ensino fundamental e médio a partir de figurinhas de WhatsApp.

A classificação dos fenômenos linguísticos encontrados nas figurinhas do nosso *corpus* foi feita a partir de um viés formal (Seara; Nunes; Volcão, 2019; Anderson, 1992; Searle, 1993; Kenedy; Othello, 2018; Cançado, 2015), cujo caráter lógico e científico faz com que suas definições e categorizações possuam menos inconsistências que a gramática tradicional. Vários materiais já argumentam em favor da eficácia das teorias formais aplicadas ao ensino de gramática (ver Pires de Oliveira; Quarezemin, 2016; Pilati, 2017; Guessier; Rech, 2020; Müller, 2020; Müller; Martins, 2021; entre muitos outros).

Além de poderem ser usadas para ilustrar diversos fenômenos linguísticos, uma outra vantagem das figurinhas é a inclusão de tecnologias nas aulas de português. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) já reconhece a relevância da tecnologia na criação de novos meios de comunicação e de novos gêneros textuais de natureza multimodal e multissemiótica (Brasil, 2018). Então, o documento destaca que é importante trabalhar o letramento digital nas aulas de Língua Portuguesa, incorporando esses novos gêneros à lista dos mais consagrados. Sendo assim, as figurinhas também podem ser um meio para se promover atividades com novos gêneros na sala de aula e promover o letramento digital dos alunos.

Mostraremos como atingir esse objetivo, apresentando alguns fenômenos linguísticos e ilustrando como eles ocorrem nas figurinhas. Este artigo está organizado da seguinte maneira: a primeira seção apresenta as exigências da BNCC em relação ao uso de tecnologia nas aulas de Língua Portuguesa e à promoção do letramento digital; a segunda seção exemplifica o que seria o ensino de gramática a partir de uma concepção formal de linguagem; a terceira seção discute os fenômenos que encontramos em nosso *corpus* de figurinhas, exemplificando a ampla gama de tópicos gramaticais que podem ser trabalhados com esse material; a quarta seção discute as vantagens de empregar

figurinhas de WhatsApp em sala de aula; a quinta seção fala sobre propostas práticas para se trabalhar com esse material; e, por fim, a sexta seção traz as considerações finais deste artigo.

Novos gêneros textuais multimodais e multissemióticos

A primeira vantagem de empregar figurinhas de WhatsApp é atender à exigência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de se trabalhar novos gêneros textuais que sejam multimodais e multissemióticos. Elaborada pelo governo federal entre os anos de 2015 e 2018, a BNCC é um documento de caráter normativo, cujo objetivo é estabelecer as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas pelas escolas em todos os segmentos da educação básica (i.e., Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio). Outro objetivo do documento é fazer com que os direitos de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes brasileiros sejam, de alguma forma, garantidos e amenizar as desigualdades ainda presentes entre o ensino público e privado.

A BNCC (Brasil, 2018, p. 61 e 68) menciona que as práticas de linguagem digital são contemporâneas e fazem parte do cotidiano das pessoas de modo geral. Para os brasileiros, o ambiente digital já exerce uma forte influência no cotidiano. Por exemplo, de acordo com o *site We Are Social* (em um levantamento feito em parceria com *Hootsuite*) (Kemp 2021), o Brasil é o segundo país que mais passa tempo na *Web* (cerca de 10 horas por dia) e o terceiro que mais acessa diariamente as mídias sociais (em média, 3 horas e 42 minutos). A relevância da internet no cotidiano dos estudantes brasileiros parece ser corroborada por estudos individuais. Por exemplo, o estudo de Correr e Faidiga (2017) mostrou que 82,10% estudantes do Ensino Médio de Bauru e região disseram utilizar aparelho celular – a maioria desses (44,97%) informou utilizá-lo por mais de 5 horas por dia e, ainda, que o aplicativo mais usado é o WhatsApp (84,34%).

A BNCC estabelece, na área de Linguagens e suas Tecnologias do Ensino Fundamental, como competências específicas a serem desenvolvidas, o ensino da linguagem digital (dentre outras) como meio de expressão e comunicação (terceira competência) e a compreensão e utilização das tecnologias digitais (sexta competência) (Brasil, 2018, p. 65). Para justificar essas competências específicas, o documento afirma seguir as práticas de linguagem contemporâneas, que não apenas criam novos gêneros e textos multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produção, configuração, disponibilização, replicação de informações e interação entre falantes na *Web* (Brasil, 2018, p. 67).

Com base nisso, o emprego de figurinhas de WhatsApp no ensino atenderia às exigências da BNCC, uma vez que as figurinhas são um novo gênero multimodal e multissemiótico que surge a partir de novas práticas da linguagem feitas com tecnologias digitais.

Letramento digital

A segunda vantagem de empregar figurinhas de WhatsApp é a possibilidade de se trabalhar com o letramento digital, cuja importância também é enfatizada pela BNCC nas aulas de Linguagens (Brasil, 2018, p. 69-72). Existem várias concepções de letramento digital cuja discussão/apresentação não é o foco deste artigo. Aqui, definiremos letramento digital como um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela (ver Soares, 2002, p. 151), ou seja, intermediados por computador, *tablet*, celular etc.

Muitos estudantes podem chegar na escola já familiarizados com o uso das tecnologias, mas a BNCC ressalta que saber onde clicar, onde digitar, qual página abrir, onde enviar as mensagens, onde curtir uma foto, entre outros, não são suficientes para compreender as dimensões ética, estética e política dos usos da *Web*, nem sequer para refletir criticamente sobre o que se lê, ouve, escreve e fala na rede (Brasil, 2018, p. 67).

Se o letramento digital visa que o aluno seja capaz de usar informações de maneira crítica no meio computador-internet, as figurinhas de WhatsApp são ricas ferramentas, pois, a partir delas, o professor pode questionar os contextos nos quais é adequado usá-las, as finalidades que elas têm e quais interpretações podem ter (por um olhar mais crítico). Por exemplo, em determinados grupos do WhatsApp, não é ideal o uso de certas figurinhas e isso deve ser considerado nas aulas (figurinhas respondendo ao chefe num grupo de trabalho, por exemplo). Outro exemplo são figurinhas preconceituosas travestidas de “engraçadas”. A partir do estudo dessas figurinhas em sala de aula, deve ser mostrado que seu “humor”, na realidade, apresenta outra interpretação (preconceituosa e ignorante). Ou seja, o uso das figurinhas pelo simples ensino do fenômeno da língua, sem uma reflexão crítica, não é o ideal. O letramento digital passa por essa reflexão.

Os fenômenos gramaticais

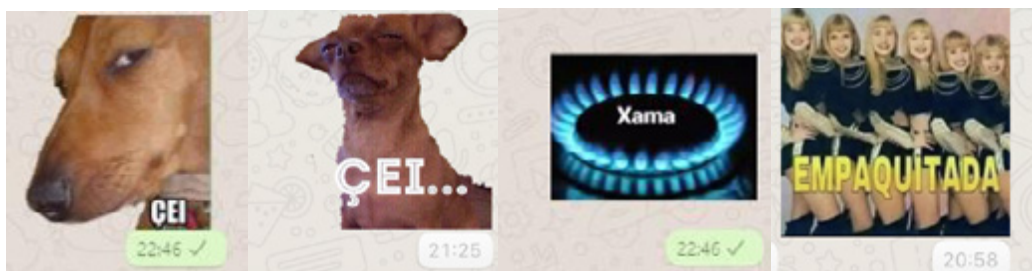
A terceira vantagem de empregar figurinhas de WhatsApp é a ampla gama de recursos gramaticais que os falantes usam para criar humor. A fim de verificar quais fenômenos poderiam ser atestados nesse gênero, os autores coletaram um *corpus* de 250 figurinhas. Esse *corpus* foi analisado e a classificação dos fenômenos gramaticais encontrados foi feita com base no paradigma formal (Seara; Nunes; Volcão, 2019; Silva, 2021; Anderson, 1992; Searle, 1993; Kenedy; Othero, 2018; Cançado, 2015). Não seria possível abordar todos os fenômenos que encontramos nesse artigo. Então, fizemos um recorte de dez fenômenos de diferentes níveis que serão apresentados a seguir.

A. Relação entre grafema e fonema (fonologia/ortografia)

Os fonemas são as unidades sonoras mínimas que distinguem significado (Seara; Nunes; Volcão, 2019, p. 99) e grafemas são uma tentativa de representação escrita dos sons da fala (ver Seara; Nunes; Volcão, 2019, p. 16). A relação entre eles nem sempre é biunívoca, ou seja, não é de um para um. Há fonemas na nossa língua que são representados por diferentes grafemas, como, por exemplo, o fonema /s/ que aparece representado na nossa ortografia como “s” (e.g., “saco”), “ss” (e.g., “assa”), “c” (e.g., “cebola”) ou “ç” (e.g., “aço”). Da mesma forma, um mesmo grafema pode ser usado para representar mais de um fonema, como é o caso de “c” que pode representar o fonema /s/ (e.g., “cem”) ou /k/ (e.g., “canto”). Os grafemas podem, inclusive, não representar nenhum fonema, como é o caso de “h” em “hoje”.

Várias figurinhas mostraram os falantes operando com essa desconexão entre fonema e grafema de forma consciente com o objetivo de gerar humor, como ilustrado abaixo.

Figura 2. Figurinhas exemplificando a relação fonema X grafema



Fonte: *Corpus* de figurinhas dos autores

Nas figurinhas acima, os textos escritos contêm uma ortografia que não está de acordo com a norma padrão. Contudo, percebe-se que os “erros ortográficos” nessas figurinhas não são aleatórios, porque seus criadores fazem propositalmente a troca dos grafemas da norma padrão por outros que representam o mesmo fonema a fim de mostrar desconfinça, nas duas primeiras figurinhas, ou brincar com o duplo sentido, como das duas últimas figurinhas.

B. Epêntese (fonologia/ortografia)

A epêntese, também chamada de inserção, ocorre quando temos um acréscimo de um segmento à forma básica do morfema (ver Seara; Nunes; Volcão, 2019, p. 153). Um processo de epêntese que podemos mencionar é a ditongaço diante de /S/. No português brasileiro, é comum que uma semivogal [j] seja usada antes de /S/. Um caso conhecido desse fenômeno é a conjunção “mas” que é pronunciada como “mais” [ˈmajs]. Esse fenômeno é bastante regular e ocorre em palavras como “três”, “dez”, “xadrez”,

“atrás”, “vez”. Em diversas figurinhas, os falantes mostram ter ciência dessa regra, uma vez que ela aparece representada ortograficamente, como ilustrado abaixo. Observe como, nessas figurinhas, o falante emprega a epêntese propositalmente a fim de criar humor.

Figura 3. Figurinhas exemplificando epêntese

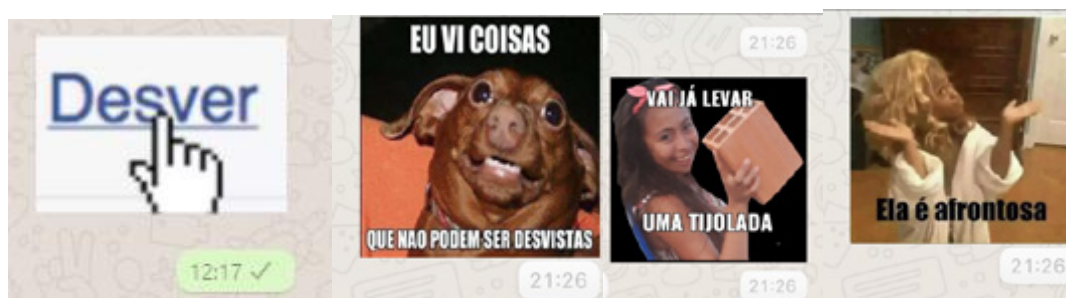


Fonte: *Corpus* de figurinhas dos autores

C. Derivação (morfologia)

A derivação é um processo de formação de palavras (ver Anderson, 1992, p. 180). Algumas características desse processo é que ele: (i) não gera concordância; (ii) não é regular; (iii) ocorre mais próximo à raiz verbal; e (iv) não é obrigatório. Nas figurinhas de WhatsApp abaixo, o humor é proveniente justamente de palavras criadas a partir da derivação, como em “desver” (des + ver), “desvistas” (des + vista), “tijolada” (tijol + ada) e “afrontosa” (afront + osa). Observe como o humor nessas figurinhas é decorrente das palavras formadas a partir de uma derivação que pode até ser inusitada, como em “desver” e “desvista”.

Figura 4. Figurinhas exemplificando derivação



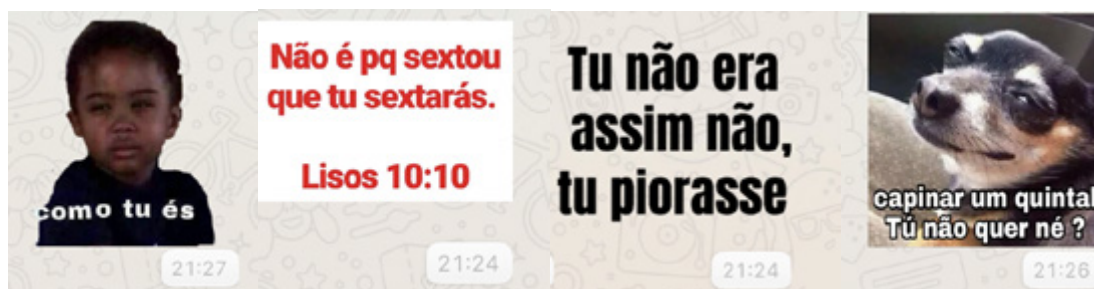
Fonte: *Corpus* de figurinhas dos autores

D. Flexão (morfossintaxe)

A flexão é um processo de formação de palavras no qual interagem os sistemas de regras sintáticas e os de regras morfológicas (ver Anderson, 1992, p. 74). As características dos morfemas flexionais são opostas às dos morfemas derivacionais: (i) eles geram

concordância; (ii) eles são regulares e criam paradigmas; (iii) eles ocorrem na periferia da palavra; e (iv) eles são obrigatórios. São exemplos de flexão no português os sufixos de número e gênero nos nomes e os sufixos de tempo/modo e número/pessoa nos verbos. As figurinhas de WhatsApp também possuem ótimos exemplos de uso flexionais, como ilustrado abaixo em “tu és”, “tu sextarás”, “tu não era”, “tu piorasse” e “tu não quer”.

Figura 5. Figurinhas exemplificando flexão

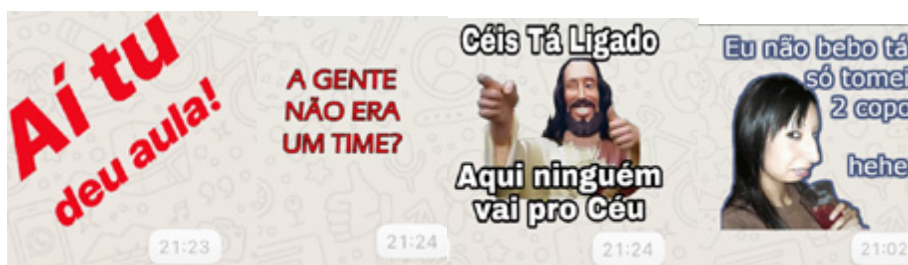


Fonte: *Corpus* de figurinhas dos autores

E. Concordância (Morfossintaxe)

Na seção anterior, mencionamos a flexão no português e afirmamos que uma de suas propriedades é gerar concordância. A concordância é um fenômeno sintático bastante interessante, pois o português brasileiro está passando por uma perda da morfologia de concordância tanto no sintagma nominal quanto no sintagma verbal (ver Brandão; Callou, 2019). No sintagma nominal, os nomes estão deixando de receber a marcação -s de plural (e.g., “os menino”). Já no sintagma verbal, o paradigma de número/pessoa, que possuía seis flexões, está cada vez mais reduzido após a entrada de “você”, “vocês” e “a gente” no quadro pronominal do português brasileiro. Nas figurinhas de WhatsApp, podem ser observados exemplos de perda da morfologia de concordância tanto no domínio verbal (e.g., “tu deu [...]”, “a gente não era [...]”, “ceís tá [...]”) quanto no domínio nominal (e.g., “2 copo”).

Figura 6. Figurinhas exemplificando concordância

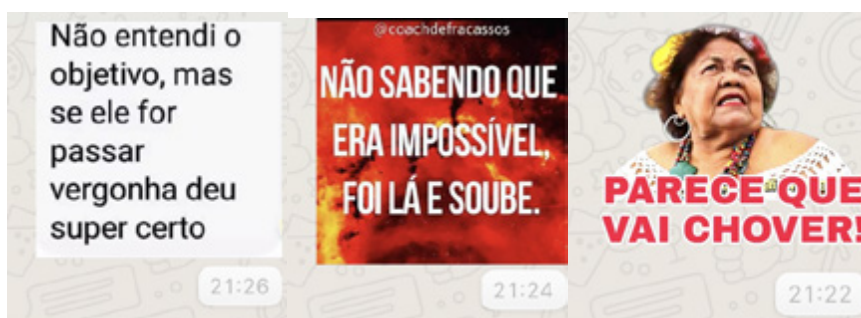


Fonte: *Corpus* de figurinhas dos autores

F. Sujeito nulo (sintaxe)

O sujeito nulo ocorre quando o sujeito da oração não é realizado foneticamente (ver Kenedy; Othero, 2018, p. 65). Como ilustrado nas figurinhas abaixo, é possível trabalhar diferentes tipos de sujeito nulo com esse material, como o que a gramática tradicional chama de sujeito oculto (e.g., “Ø não entendi o objetivo,[...]”), sujeito indeterminado (“Ø não sabendo que Ø era impossível, [...]”), oração sem sujeito “Ø parece que Ø vai chover”, chamado na linguística de expletivo nulo (ver Kenedy; Othero, 2018).

Figura 7. Figurinhas exemplificando flexão



Fonte: Recursos do WhatsApp, autor desconhecido

G. Tautologia (semântica)

Na semântica formal, dizemos que uma sentença é uma tautologia quando ela é sempre verdadeira, independente da situação em que seja usada (ver Ferreira, 2019, p. 5). Por exemplo, a sentença “Ou João está vivo ou João está morto” é uma tautologia porque ela sempre será verdadeira, visto que ou João está vivo ou está morto. A tautologia é outro fenômeno empregado em figurinhas para fins de humor, como ilustrado na Figura 8 abaixo.

Figura 8. Figurinhas exemplificando tautologia



Fonte: *Corpus* de figurinhas dos autores

H. Contradição (semântica)

A contradição ocorre quando duas sentenças não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo (Cançado, 2015, p. 47), por exemplo “João comeu mamão” e “João não comeu fruta”. Nas figurinhas de WhatsApp, a contradição é um recurso explorado para gerar efeitos de humor. A seguir, apresentamos alguns exemplos extraídos do nosso *corpus*.

Figura 9. Figurinhas exemplificando contradição

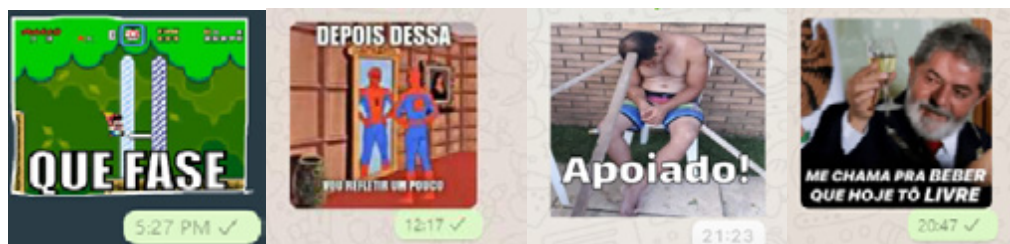


Fonte: *Corpus* de figurinhas dos autores

I. Polissemia (semântica)

A polissemia pode ser caracterizada como um tipo de ambiguidade lexical. Nela, diferentes significados são associados a uma única palavra. A especificidade da polissemia está, no entanto, no fato de que os diferentes significados de uma palavra ambígua mantêm alguma relação entre si (Cançado, 2015, p. 63). Por esse motivo, as palavras polissêmicas são listadas como tendo uma única entrada lexical no dicionário (Cançado, 2015, p. 64). Como exemplo, temos a palavra “café”, que pode ser usada para se referir à planta (e.g., “ele planta café”), ao fruto (e.g., “vou colher o café”), à bebida (e.g., “vou tomar café”) ou a um estabelecimento (e.g., “aquele café é legal”). Assim como os fenômenos descritos nas subseções anteriores, a polissemia é recorrente nas figurinhas de WhatsApp. O efeito de humor produzido por elas vem justamente da dupla possibilidade de interpretação da mensagem, como ilustrado abaixo pelos diferentes sentidos de “fase” (i.e., período da vida vs. etapa do vídeo game), “refletir” (i.e., pensar vs. ter reflexo), “apoiado” (i.e., suporte moral vs. suporte físico) e “livre” (i.e., sem compromisso vs. não preso).

Figura 9. Figurinhas exemplificando polissemia



Fonte: *Corpus* de figurinhas dos autores

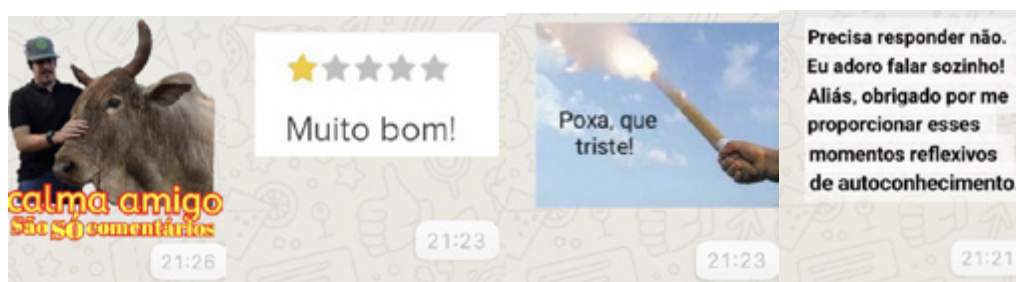
J. Ironia (pragmática)

A ironia ocorre quando o enunciado for uma descrição inapropriada da situação se interpretado literalmente (ver Searle, 1993, p. 108), ou seja, quando aquilo que é dito parece ser o contrário dos fatos. Por exemplo, se uma sentença como “ele é tão inteligente” for usada de forma irônica, o significado do falante é “ele é tão burro”.

É importante ressaltar que no contexto de comunicação oral, a mobilização prosódica e a expressão facial do falante dão suporte à execução da ironia. Já em muitas figurinhas de WhatsApp, usadas na comunicação escrita, são as imagens contraditórias ao texto escrito que têm essa função. Perceba como isso ocorre com as três primeiras figurinhas da Figura 10 mais abaixo. A primeira mostra o texto escrito “calma amigo são só comentários” [sic] ao mesmo tempo em que apresenta a imagem de uma pessoa acariciando um boi. Nesse sentido, a pessoa que manda a figurinha é a mesma que diz o texto escrito e que acaricia o animal, ao passo que o receptor da mensagem é o “amigo” e o próprio boi. É contraditório e ofensivo, na cultura brasileira, chamar alguém de “amigo” e associá-lo a um bovino, ao mesmo tempo que é contraditório dizer “são só comentários” se há uma ofensa “escondida”. É nesse contraste entre imagem e texto escrito da figurinha que a ironia se constrói. Já a segunda figurinha avalia como “Muito bom!” (texto escrito) uma situação ocorrida na conversa, mas, ao mesmo tempo, apresenta uma imagem contrária a isso, com apenas a nota “uma estrela” (de cinco) sendo dada a essa mesma situação. Por fim, a terceira figurinha avalia como triste o que foi dito no bate papo (“Poxa, que triste!” no texto escrito) enquanto uma mão soltando fogos de artifício (usado em momentos felizes na cultura brasileira) é apresentada, gerando contradição e ironia.

Embora a última figurinha da Figura 10 não apresente a mesma associação entre texto escrito e imagem, a ironia ocorre por meio do conhecimento de mundo que o falante mobiliza. Na cultura brasileira, quando se está engajado numa conversa, deve haver um diálogo (e não um monólogo), ou seja, pelo menos duas pessoas têm que trocar mensagens (escritas ou faladas). Uma conversa em que o outro não responda pode soar, inclusive, ofensiva a depender do contexto, pois, de modo geral, ninguém gosta de conversar sozinho numa conversa em que há outra(s) pessoa(s) envolvida(s). Por isso, o texto escrito dessa última figurinha é irônico.

Figura 10. Figurinhas exemplificando ironia



Fonte: *Corpus* de figurinhas dos autores

Esta seção mostrou que os falantes, ao criarem figurinhas de WhatsApp, mobilizam conhecimentos gramaticais, desde fonológicos até pragmáticos, para gerar humor. Essa riqueza faz com que as figurinhas sejam um material rico para se trabalhar a análise linguística de modo didático.

Outras vantagens

Mostramos como as figurinhas de WhatsApp satisfazem as exigências da BNCC de promover o ensino a partir de novos gêneros multimodais e multissemióticos, que elas podem ajudar na promoção do letramento digital e que há uma ampla gama de fenômenos que podem ser trabalhados a partir dessas figurinhas. Além dessas vantagens, podemos citar ainda o fato de que elas mostram para os alunos que os fenômenos estudados na aula de Língua Portuguesa fazem parte do cotidiano de suas vidas. Como as figurinhas de WhatsApp fazem parte da comunicação cotidiana desse aluno, seu uso na aula de Língua Portuguesa é uma ótima forma de captar a atenção do aluno, devido à familiaridade que ele tem com esse tipo de texto; além de mostrar que aquilo que está sendo estudado não está descolado de sua realidade, mas sim presente e influenciando sua comunicação cotidiana. Isso vai ao encontro da proposta de que a gramática escolar seja “legitimada pela sua relação com o uso efetivo da língua e dê conta dos usos correntes atuais” (Neves, 2011, p. 11).

Além disso, a irreverência que elas podem trazer para a aula seria uma outra vantagem do material. Como pode ser observado nos diversos exemplos de figurinhas que apresentamos neste artigo, o humor é um traço recorrente nesse gênero e, por esse motivo, tem grandes chances de cativar a atenção do aluno, deixando a aula mais dinâmica.

Considerações finais

Este artigo discutiu como as figurinhas de WhatsApp podem ser usadas no ensino de português. Defendemos que empregá-las como recurso didático oferece várias vantagens ao professor. A primeira é que ele tem grandes chances de cativar a atenção do aluno, devido ao humor, que é uma característica frequente nesse material. A segunda vantagem é que, ao incorporar novas tecnologias no ensino de língua, o professor está atendendo às recomendações feitas pela BNCC. A terceira vantagem está relacionada à promoção do letramento digital dos alunos que saem da aula mais versáteis e capacitados para empregar diferentes meios na comunicação. A quarta vantagem é que esse material mostra aos alunos que os fenômenos trabalhados na aula de português não são descolados de sua realidade, mas estão presentes e influenciam a sua comunicação cotidiana. Por fim, a última vantagem é que as figurinhas de WhatsApp empregam uma ampla gama de recursos gramaticais para gerar humor e, por esse motivo, podem ser empregadas para trabalhar diversos fenômenos de diferentes níveis linguísticos.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a todos os amigos que nos enviaram as figurinhas e nos ajudaram a montar o *corpus* analisado neste artigo.

Referências

ANDERSON, S. R. *A-morphous morphology*. Cambridge University Press, 1992.

BRANDÃO, S. F.; CALLOU, D. Pressupostos básicos para uma caracterização fonológica do português brasileiro. In: HORA, D. da; BATTISTI, E.; MONARETTO; V. O. *História do português brasileiro: mudança fônica do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CORRER, R.; FAIDIGA, M. T. B. O uso do celular por adolescentes: impactos nos relacionamentos. *Adolescência & Saúde*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 24-39, 2017.

FERREIRA, M. *Curso de semântica formal*. Textbooks in Language Science 6. Berlin: Language Science Press, 2019. DOI: 10.5281/zenodo.2600163

FRANCHI, C. *Criatividade e gramática*. São Paulo: SE/CNEP, 1991.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

GUESSER, S.; RECH, N. (org.). *Gramática, aquisição e processamento linguístico*: subsídios para o professor de língua portuguesa. Campinas: Pontes Editores, 2020.

KEMP, Simon. *Digital 2021: Global Overview Report*. We are Social/Hootsuit, 2021

KENEDY, E.; OTHERO, G. A. *Para conhecer sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MÜLLER, A. (ed.). *Semântica na Escola*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2020.

MÜLLER, A.; MARTINS, N. P. (org.). *Ensino de Gramática*: reflexões sobre a semântica do português brasileiro. Campinas: Pontes Editores, 2021.

NEVES, M. H. M. *Que gramática estudar na escola?* 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, R. P.; QUAREZEMIN, S. *Gramáticas na escola*. Petrópolis: Vozes, 2016.

PILATI, E. *Linguística, gramática e aprendizagem ativa*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

SEARLE, J. R. Metaphor. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and Thought*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 83-101.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; VOLCÃO, C. L. *Para conhecer Fonética e Fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, F. R. Estrutura Informacional e o ensino de língua portuguesa. In: MÜLLER, A.; MARTINS, N. P. (org.). *Ensino de Gramática*: reflexões sobre a semântica do português brasileiro. Campinas: Pontes Editores, 2021.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

A manifestação do pronome sujeito de primeira pessoa em espanhol sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3597>

Talita Storti Garcia¹
Erotilde Goreti Pezatti²

Resumo

A proposta deste estudo é investigar, sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), as motivações funcionais da expressão do sujeito de primeira pessoa *yo* no espanhol peninsular falado. Os dados mostram que *yo* tende a se manifestar no primeiro Ato Discursivo de um Movimento no caso de conter mais de um Ato. É também frequente a ocorrência do pronome *yo* com predicados que exigem Conteúdos Propositionais como complementos (*creer, imaginar*).

Palavras-chave: espanhol; sujeito; pronome de primeira pessoa, Gramática Funcional.

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; talitasg@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0001-8695-6086>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; erotilde.pezatti@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-8822-9587>

The manifestation of first-person subject pronoun in Spanish from the perspective of Functional Discourse Grammar

Abstract

The purpose of this study is to investigate the functional motivations for the expression of the first-person subject pronoun *yo* ('I') in spoken Peninsular Spanish from the perspective of Functional Discourse Grammar (Hengeveld; Mackenzie, 2008). The data confirm that *yo* ('I') tends to occur in the first Discourse Act of a Move when it contains more than one Act. The occurrence of the pronoun *yo* ('I') is also frequent with predicates that require Propositional Contents as complements, such as *creer* and *imaginar* ('to believe', 'to imagine').

Keywords: Spanish; subject; first-person pronoun; Functional Grammar.

Apresentação

O espanhol é concebido como uma língua de sujeito nulo (*pro-drop*) (Martínez Caro, 1999; Padilla García, 2001, López Meirama, 2023), pois as marcas de pessoa são expressas no verbo. Diferentes estudos (Fanjul, 2014; Ortiz López, 2016; Posio, 2011, 2013, Pérez Córdoba, 2019; Pinheiro-Correia, 2019), no entanto, reconhecem que é cada vez mais frequente a expressão (lexical ou pronominal) do sujeito, que pode vir anteposto ou posposto ao predicado. A marcação de sujeito de primeira pessoa ocorre em geral pela morfologia verbal sem a expressão do pronome, conforme (1); observa-se, no entanto, a manifestação do sujeito tanto pela desinência verbal quanto pelo pronome *yo*, como mostram as ocorrências (2), (3) e (4):

- (1) **llevo** aquí en Alcalá prácticamente toda la vida y siempre:// (PRESEEA_AH_H25_19)
'moro aqui em Alcalá praticamente minha vida inteira e sempre'
- (2) **yo recuerdo** que cuando era pequeño llovía más/// pero no sé si es porque estaban las calles peor. (PRESEEA_ALCALÁ_H30_03)
'eu me lembro que quando era pequeno chovia mais, mas não sei se é porque as ruas eram piores'
- (3) **yo** tampoco **soy** de Alcalá no sé si te lo he dicho/ llevo prácticamente toda la vida (PRESEEA_AH_H25_19)
'eu também não sou de Alcalá não sei se te contei moro praticamente a vida toda'
- (4) **yo** aquí no **he visto** la primavera nunca (PRESEEA_AH_H30_03)
'eu aqui não vi a primavera nunca'

A *Nueva Gramática de la Lengua Española* (RAE, 2010, p. 645) considera que quando o sujeito é um pronome pessoal, ele tem a função de reiterar a informação proporcionada pela desinência verbal. Admite, no entanto, que o pronome também pode assinalar ênfase (que pode ser, nos termos da RAE, contrastiva ou não) ou algum outro tipo de relevo informativo. Segundo a gramática, em um contexto telefônico, para a pergunta *¿Llamó Jaime?* ('O Jaime ligou?'), há duas possibilidades de resposta: *No, llamé YO* ('Não, EU liguei'); *No, YO llamé* ('Não, eu que liguei'), em que o sujeito é interpretado como foco contrastivo, mas não seria uma resposta adequada uma oração como **No, llamé* (sem a presença do pronome *yo*). Considera ainda que, de forma análoga, em uma reunião, não seria estranho alguém dizer *Yo soy Javier García* (considerando *yo* tema ou tópico contrastivo), contexto em que se aceita também *Soy Javier García*, mas no início de uma conversa pelo telefone, só seria aceitável *Soy Javier*.

Fernández Soriano (1999, p. 1227), no capítulo que integra a *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* de Bosque e Demonte (1999), considera que a presença dos pronomes pessoais sujeito nas gramáticas de referência do espanhol é atribuída a três fatores principais, não claramente delimitados: redundância, ênfase e ambiguidade (cf. Enríquez, 1984 *apud* Fernández Soriano, 1999).

O papel de "desambiguar" é uma explicação recorrente para a manifestação do pronome sujeito em espanhol, sobretudo com verbos no imperfeito do indicativo (*yo/él/ella compraba*), no condicional (*yo/él/ella compraría*) e no subjuntivo (que *yo/él/ella/usted* compre). Essa justificativa, no entanto, é questionada por Ranson (1991) e por Cameron (1992, 1993, 1996 *apud* Posio, 2011, p. 779).

Estudos de base funcionalista, tais como Fanjul (2014) e Pinheiro-Correia (2019) defendem que a manifestação do sujeito no espanhol está diretamente relacionada a fatores de ordem pragmática. Fanjul (2014, p. 35), ao tratar essencialmente dos sujeitos pronominais, afirma que "a presença de um pronome sujeito em espanhol traz um efeito de contraste", entendido pelo autor nos moldes da RAE (2010). Para ele, o valor contrastivo implica na necessidade de recortar ou de destacar uma dentre várias possibilidades. Pinheiro-Correia (2019), por sua vez, ancorado principalmente na Gramática Funcional de Dik (1989, 1997a, 1997b), relaciona a manifestação do sujeito em espanhol à noção de Tópico (e seus subtipos).

Posio (2011, 2013) não se limita a critérios de ordem pragmática para tentar encontrar razões determinantes da manifestação do pronome *yo*, estendendo seu olhar também para fatores de ordem semântica. O autor considera primordialmente o trabalho de Davidson (1996), que estuda as funções pragmáticas do pronome pessoal sujeito de primeira e de segunda pessoa do singular do espanhol madrileno. Segundo esse estudo, a ocorrência desses pronomes na posição inicial da sentença está associada ao que ocorre com sintagmas em posição tópica; nesse sentido, sua principal função na

conversação é de dar “peso pragmático” (Davidson, 1996 *apud* Posio, 2011, p. 781), o que, para Davidson, coincide com a noção de “ênfase” apresentada pela literatura. Davidson atenta-se também para o uso desses pronomes em contextos parentéticos epistêmicos.

Observa Davidson que alguns verbos como *creer* (acreditar) e *saber*, por exemplo, podem ou não vir acompanhados do pronome *yo*. Quando ocorrem como um parêntese epistêmico, sem referência ao pensamento ou ao conhecimento, geralmente não são acompanhados pelo pronome de primeira pessoa. Essa constatação de Davidson fundamenta um aspecto importante do trabalho de Posio (2011). Considerando a natureza semântica dos verbos e o foco de atenção da oração, Posio observa que verbos que expressam subjetividade como *creer*, *pensar* e *entender* em contextos como *yo creo que*, *yo pienso que*, ou seja, que pede um argumento oracional, geralmente são acompanhados pelo pronome *yo*, pois são casos de *sequências formulaicas* (Posio, 2011, p. 785), ou seja, são expressões que personalizam e organizam a contribuição do falante. Segundo Posio, se a atenção está voltada para o referente-sujeito, esse elemento tem mais chances de ser expresso, enquanto nas orações em que o foco de atenção é outro elemento, o pronome sujeito tem menor chance de ocorrer.

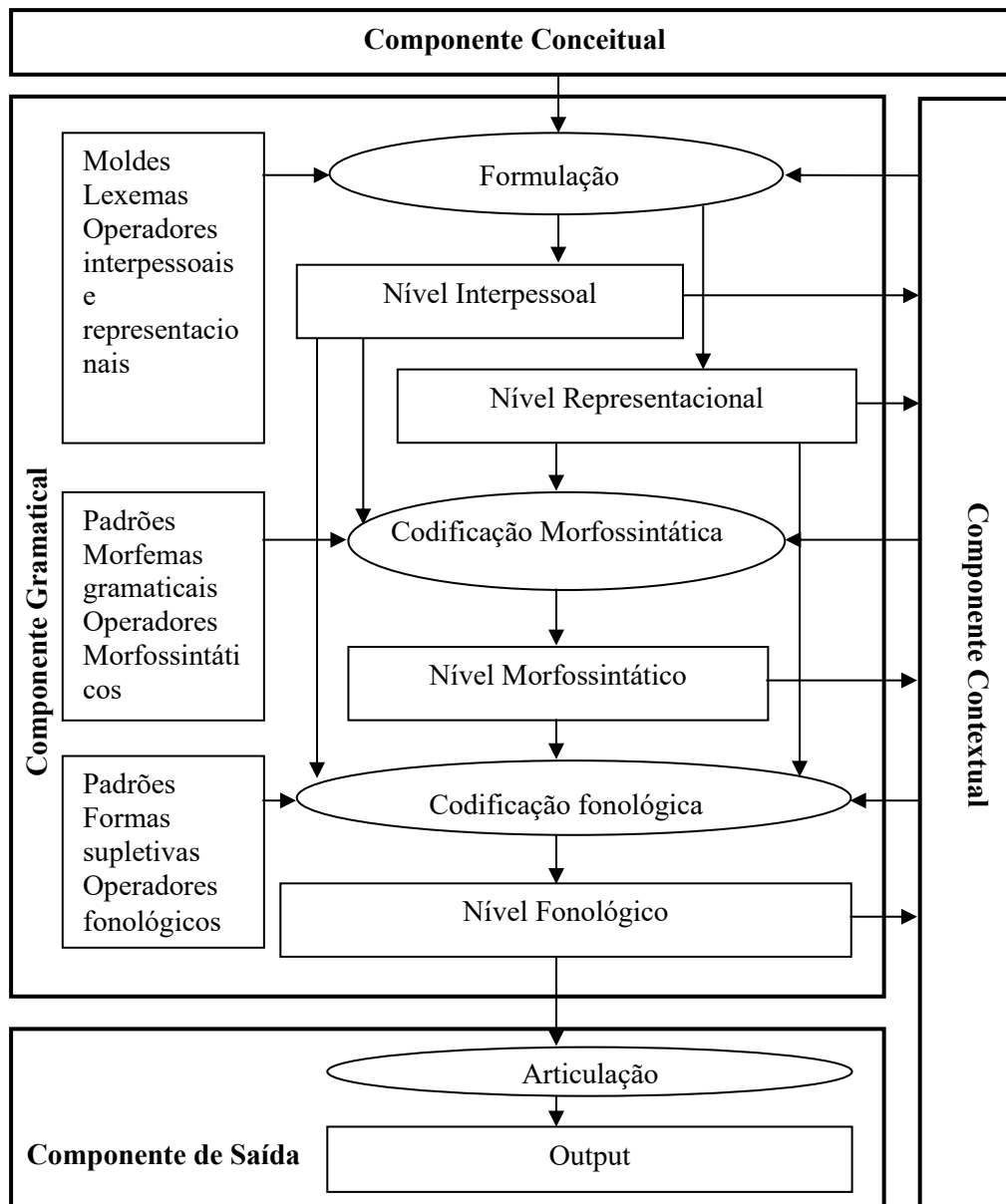
Como se pode observar, há muitos aspectos pragmáticos e semânticos que podem ser explorados ao tratar da manifestação do pronome de primeira pessoa (*yo*) em espanhol. A proposta deste estudo é investigar, sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), de que maneira a organização hierárquica do modelo em termos de níveis e camadas pode contribuir para explicar a manifestação do sujeito de primeira pessoa *yo* no espanhol peninsular falado.

Fundamentação teórica

A Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008) apresenta uma organização descendente, ou seja, leva em conta primeiramente a intenção da falante e se desenvolve até a articulação. Essa organização do modelo tem consequências de longo alcance em todos os níveis de análise: Interpessoal (relacionado à pragmática), Representacional (relacionado aos aspectos semânticos), Morfossintático (relacionado aos aspectos morfossintáticos) e Fonológico (relacionado aos aspectos fonológicos), sendo que todos fazem parte do Componente Gramatical, ao lado do Componente Conceitual, que é pré-linguístico, do Contextual e do Componente de Saída, como mostra a figura 1.

O Componente Conceitual é pré-linguístico, é a “força motriz” por trás de todo o Componente Gramatical, pois é onde se originam a intenção comunicativa do falante e as conceitualizações dos eventos extralinguísticos. Por meio da operação de Formulação, essas representações conceituais são traduzidas em representações pragmáticas e semânticas nos níveis Interpessoal e Representacional (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 12).

Figura 1. Arquitetura geral da GDF



Fonte: adaptada de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13)

O Componente Contextual é responsável pelos aspectos linguisticamente relevantes do contexto comunicativo. Esse componente contém diferentes tipos de informações, que podem ser organizadas basicamente em: informação situacional (sobre entidades não linguísticas no contexto do discurso imediato) e informação textual (sobre os antecedentes linguísticos no contexto do discurso imediato). Em espanhol, por exemplo, a decisão de tratar o ouvinte por *tú* ou *usted* (informal e formal, respectivamente) na interação está relacionada ao Componente Contextual (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 10).

O Componente de Saída, por último, recebe o *input* advindo do Nível Fonológico e o transforma em estruturas de saída apropriadas para que haja um enunciado completo, o que se faz por meio de regras fonéticas, escritas ou de sinais. Esses três componentes se relacionam, como se observa na Figura, ao Componente Gramatical, em que há quatro níveis organizados hierarquicamente em camadas.

O Nível Interpessoal lida com todos os aspectos formais da unidade linguística que expressam as estratégias adotadas pelo Falante para alcançar seus objetivos na interação (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 46). As camadas desse nível são: Movimento (M), Ato Discursivo (A), Ilocução (F), Falante (S), Ouvinte (A), Conteúdo Comunicado (C), Subato de Atribuição (T) e Subato de Referência (R). O Movimento (M) é a maior unidade de interação relevante para a análise gramatical (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 50) e pode conter um ou mais Atos Discursivos (A) coordenados entre si temporalmente. Os Atos são “as menores unidades identificáveis de comportamento comunicativo” (Kroon, 1995, p. 65, tradução própria)³ e são compostos pela Ilocução (F) (declarativa, interrogativa, imperativa etc.), Falante (S), Ouvinte (A) e pelo Conteúdo Comunicado (C). O Conteúdo Comunicado (C) “contém a totalidade do que o Falante deseja evocar em sua comunicação com o Ouvinte” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 87, tradução própria)⁴ e contém, também, um número variável de Subatos Atributivos (T) e Referenciais (R). Os Subatos Atributivos (T) se constituem das tentativas do Falante de evocar uma propriedade que pode ser aplicada a entidades. Nesse nível ainda, são tratadas as estratégias retóricas (funções retóricas) e pragmáticas (funções pragmáticas) e os Moldes de Conteúdo, determinados pela distribuição das funções pragmáticas de Tópico, Foco, Contraste.

Enquanto o Nível Interpessoal lida com a evocação, o Nível Representacional lida com a denotação. O Representacional trata dos aspectos semânticos da unidade linguística, que dizem respeito ao modo como a língua se relaciona ao mundo extralinguístico que ela descreve e aos significados de unidades lexicais simples e complexas. Sua camada mais alta é o Conteúdo Proposicional, que exprime um constructo mental, caracterizado por expressar um desejo ou até mesmo uma crença do Falante. Organizados de forma hierárquica, os Conteúdos Proposicionais (p) apresentam Episódios (ep), que podem ser constituídos por um ou mais Estado de Coisas. Estados de Coisas são entidades localizadas no espaço e no tempo, que podem ser reais ou não reais. O núcleo de um Estado de Coisas é a Propriedade Configuracional (f), de natureza composicional, que abrange uma combinação de unidades semânticas sem relação hierárquica entre si (como Indivíduo (x), Lugar (l), Tempo (t), Maneira (m), Quantidade (q) e Razão (r). A configuração deste nível é denominada molde de predicação, já que as unidades, de modo geral, são relacionadas a um predicado e desempenham funções semânticas argumentais (Ativo, Inativo e Locativo) a depender do tipo de predicado.

3 No original: “Acts are the smallest identifiable unit of communicative behavior”.

4 No original: “[...] the Communicated Content contains the totality of what the Speaker wishes to evoke in his/her communication with the Addressee”.

Os níveis Interpessoal e Representacional são responsáveis pelo processo da formulação, enquanto os níveis Morfossintático e Fonológico são responsáveis pela codificação das distinções recebidas desses níveis mais altos.

No Nível Morfossintático, a unidade linguística é analisada em termos de constituintes sintáticos, dos mais altos aos mais baixos: Expressão Linguística (Le), Orações (Or) e Sintagmas (Xp) de diferentes tipos e Palavras (Xw) de diferentes tipos.

O Nível Fonológico, por último, é específico de cada língua e contém representações fonológicas segmentais e suprasegmentais do enunciado, maior camada desse nível. Suas camadas são, portanto: Enunciado (U), Sintagma Entonacional (IP), Sintagma Fonológico (PP), Sintagma Fonológico (PW), Pé (F) e Sílabas (S).

Para a análise que segue, serão relevantes as camadas do Movimento e do Ato Discursivo, ambas no Nível Interpessoal, e do Conteúdo Proposicional, já do Nível Representacional.

Aspectos metodológicos

Para atingir os objetivos desta pesquisa, utilizamos como universo de investigação o corpus PRESEEA – *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América* (disponível em <https://preseea.uah.es>). Trata-se de um corpus de língua espanhola falada, que visa a representar o mundo hispânico de modo a evidenciar as variedades geográficas e sociais dos países que têm o espanhol como língua materna. Para este trabalho, selecionamos dois inquiridos da cidade de Alcalá de Henares – Espanha, cujos informantes, de nível de escolaridade médio e superior, participam de entrevistas semidirigidas.

Foram levantadas todas as ocorrências que, no Nível Interpessoal, constituem uma unidade de comunicação completa, ou seja, um Ato Discursivo, que corresponde, no Nível Morfossintático, a uma oração independente, cujo sujeito corresponde ao falante, estando, portanto, na primeira pessoa do singular. As ocorrências obtidas no levantamento foram, então, analisadas segundo nove critérios, considerados pertinentes para o objetivo aqui proposto, o de determinar os contextos que motivam a expressão do pronome *yo* como sujeito da oração em questão.

Obedecendo à orientação descendente da teoria, os quatro primeiros critérios dizem respeito a aspectos do Nível Interpessoal: o primeiro refere-se à posição do Ato Discursivo em pauta dentro do Movimento, ou turno: início ou não de turno. Outro critério averiguado é se o Ato Discursivo representa uma resposta ao Ato anterior com *llocu*ção Interrogativa, ou seja, se se trata de um par Pergunta-Resposta. Analisa-se também o tipo de Molde de Conteúdo que compõe o Ato Discursivo: Tético, Apresentativo ou Categorical. O

último aspecto verificado nesse nível é a aplicação de função pragmática (Tópico, Foco, Contraste) ao Conteúdo Comunicado do Ato Discursivo analisado.

Com relação aos aspectos do Nível Representacional, verifica-se o tipo de molde de predicação: propriedade verbal, propriedade nominal, relacional, classificacional e identificacional, seguida obviamente da função semântica dos argumentos envolvidos na predicação: Ativo (*Actor*), ou Inativo (*Undergoer*).

No Nível Morfossintático, o primeiro critério refere-se à manifestação do sujeito na Oração: pronominal ou não expresso. Outro critério relevante é a identidade dos sujeitos da Oração anterior e da Oração em análise. O último critério é a posição do sujeito, quando expresso, na Oração.

O uso do pronome *yo* no espanhol falado

Foram analisadas 76 ocorrências de Atos Discursivos no espanhol falado. Desse total, 42 ocorrências (55,3%) não expressam o sujeito pronominal e 34, correspondentes a 44,7%, apresentam o pronome sujeito *yo*, como mostra a tabela 1 a seguir:

Tabela 1. Manifestação de *yo*

Manifestação de <i>yo</i>	Total	
	n.	%
Expresso	34	44,7
Não Expresso	42	55,3
Total	76	100

Fonte: Elaboração própria

Considerando se o Ato Discursivo ocorre no início ou no meio do Movimento (do turno), os resultados são os que seguem:

Tabela 2. Expressão de *yo* dentro de Movimento

Manifestação de <i>yo</i>	Movimento				Total	
	Início		Meio			
	n.	%	n.	%	n.	%
Expresso	10	29,4	24	70,6	34	44,7
Não Expresso	10	23,8	32	76,2	42	55,3
Total	20	26,3	56	73,7	76	100

Fonte: Elaboração própria

Os dados mostram que o pronome *yo* tende a se manifestar em início de Movimento, quando o Falante assume o turno. No meio do Movimento, no entanto, a tendência é que ele não ocorra, o que atribuímos à expressão do pronome no Ato anterior, conforme exemplificam (5) e (6).

- (5) Inf.1: pero yo creo que también tenía que ver con la ropa era peor/ o/ que/ vivíamos peor/ o no sé// o que no había calefacciones en las casas eran calefactores// puede ser que: sea así
- ‘mas eu acho que também tinha que ver com a roupa era pior ou que vivíamos pior ou não sei ou que não havia calefação nas casas eram aquecedores pode ser que seja assim’
- Inf.2: **yo** creo que puede- puede que sea (algo de eso) (PRESEEA_AH_H30_03)
- ‘eu acho que pode pode ser (algo disso)’
- (6) Inf.1: cuando yo me vine a vivir aquí al Val/ que llevo: veinti:/cinco o veintiséis años viviendo en el Val// cuando **yo** vine era todo campo// *entonces me acuerdo de ir al colegio/ todo lleno de barro*// (PRESEEA_AH_H30_03)
- ‘quando eu vim morar aqui no Val, há vinte cinco anos, quando eu vim era tudo mato, então me lembro de ir ao colégio tudo cheio de barro’

Considerando apenas Movimentos de início de turno (20 casos), conforme a tabela 3, os resultados mostram que seis (6/30%) casos referem-se ao par Pergunta-Resposta (P-R), e catorze (14/70%) à dinâmica da interação dialógica.

Tabela 3. Manifestação de *yo* em início de Turno

Manifestação de <i>yo</i>	Início de Turno					
	P-R		Interação		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%
Expresso	4	66,7	6	42,9	10	100
Não Expresso	2	33,3	8	57,1	10	100
Total	6	30	14	70	20	100

Fonte: Elaboração própria

Os resultados revelam que a expressão de *yo* prevalece sobre a não expressão quando se trata do par Pergunta-Resposta (66,7%), o que nos parece adequado, uma vez que a Oração anterior é um Ato Discursivo com Ilocução interrogativa, cujo sujeito é a segunda pessoa do discurso, que pode ou não estar expresso pelo pronome *tú*, e a Oração-resposta, que constitui um Ato Discursivo Declarativo, obviamente, apresenta o sujeito na primeira pessoa, representado pelo pronome *yo*:

- (7) Inf.2: ¿y al médico por ejemplo cómo lo: ...?/
 'e o médico, por exemplo, como você o trata?'
- Inf.1: de tú
 'por tu'
- Inf.2: ¿cuando vas al médico?/ ¿también?
 'quando vai ao médico? também?'
- Inf.1: **yo lo trato de tú** (PRESEEA_AH_H30_03)
 'eu o trato por tu'

A explicação para os casos de não manifestação do pronome de primeira pessoa (33,3%) em par Pergunta-Resposta pode estar no Componente Contextual, pois, à medida que o Ouvinte (P_2)_A toma a palavra, ele 'se torna' o Falante (P_1)_S⁵, assim o contexto situacional supre essa informação, licenciando a não manifestação do pronome que o representa (*yo*), como se observa na ocorrência (8), em que o informante (Inf. 1) responde negativamente (*no*, 'não') à pergunta do documentador (Inf.2), assumindo o turno (*me fui a los dieciocho años*).

- (8) Inf.2: ¿y el:-/ o sea que el Nuevo Alcalá es donde has hecho toda tu vida y: dónde: ...?
 'e o: ou seja, que o Nuevo Alcalá é onde você passou a sua vida e: onde:...?'
- Inf.1: **no/ me fui a los dieciocho años**// ¿dieciocho?/ bueno cuando en primero de carrera/ dieciocho años tendría// me fui al: Nuevo Alcalá/ (PRESEEA_AH_H30_03)
 'não, eu fui aos dezoito anos// dezoito? bom quando no primeiro ano da faculdade/ dezoito anos tinha// fui para o Nuevo Alcalá'
- ¿cuando vas al médico?/ ¿también?
 'quando vai ao médico? também?'
- yo lo trato de tú** (PRESEEA_AH_H30_03)
 'eu o trato por tu'

A tabela 3 permite ainda verificar que, quando se trata de troca de turno apenas para a continuidade da interação, a elipse do pronome predomina (8/57,1%) sobre a manifestação de *yo* (6/42,9%), como se observa em (9), um contexto de várias trocas de turno, sem a ocorrência do pronome *yo*, quando os falantes se preparavam para o início da entrevista.

5 (P_2)_A indica o segundo participante da interação (*Addressee*), e (P_1)_S o Falante (*Speaker*).

- (8) Inf 3: siéntate J ¿queréis un café/. un café? ((ruido))
 'sente-se J. Quer um café?/. un café? ((ruido))
- Inf 2: yo café no/ gracias
 'eu, café, não/ obrigado'
- Inf 3: ¿qué quieres?
 'o que você quer?'
- Inf 1: porque el- el- el ruido de sillas el otro día te lo reclamé
 'porque o barulho de cadeiras outro dia te reclamei sobre isso'
- Inf 3: *el otro día **me acordé** cuando ((tos)) bajé.*
 'outro dia me lembrei quando descí'
- Inf 1: ¡ah! claro/ es que te lo recordé
 'ah! claro/ é que te lembrei'
- Inf 2: **digo** no- no puede salir bien digo
 'digo não, não pode dar certo, digo'
- Inf 3: y yo qué hago/ ¿le pido un café? ¿no le pido un café? no sabía qué hacer digo
 «bueno/ pues nada»
 'e eu que faço? peço um café para você? não te peço um café? não sabia o que fazer... digo 'bom / ok.'
- Inf 2: no no pero no no te preocupes/ era// simplemente (PRESEEA_AH_H25_19)
 'não não, mas não se preocupe/ era/// simplesmente'

Passemos agora para os casos de manifestação de Atos Discursivos dentro de Movimentos, que não constituem, portanto, início de turno, observando em especial a identidade ou não dos sujeitos. A Tabela 4 resume os resultados.

Tabela 4. Manifestação de *yo* em meio de Turno

Manifestação de <i>yo</i>	Meio de Turno					
	Suj. anterior =		Suj. anterior ≠		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%
Expresso	7	19,4	17	85	24	42,9
Não Expresso	29	80,6	3	15	32	57,1
Total	36	64,3	20	35,7	56	100,0

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 4 revela que, dos 56 casos de meio de turno, 36 deles (64,3%) apresentam identidade de sujeito e 20, correspondentes a 35,7%, constituem casos de sujeitos diferentes relativos às duas orações em pauta.

Os resultados expostos na Tabela 4 revelam ainda que, quando o sujeito da oração anterior é o mesmo da oração em análise, a tendência é de fato não expressar o pronome na oração seguinte (29/80,6%), já que não há mudança de Tópico, ocorrendo exatamente o contrário (17/85%) quando os sujeitos são diferentes. A ocorrência (10) apresenta três Atos Discursivos, sendo o primeiro, *y yo iría en pantalón corto*, o segundo *no puedo por el trabajo*, e o terceiro *no está bien visto y esas cosas*, em que o pronome *yo* ocorre apenas no primeiro deles.

- (10) Inf: *y yo iría en pantalón corto no puedo por el trabajo// no está bien visto y esas cosas/*
(PRESEEA_AH_H30_03)

'e eu iria de bermuda não posso por causa do trabalho// []'

Sete (7/19,4%) casos, no entanto, fogem a essa tendência, pois, apesar da identidade dos sujeitos, o pronome é expresso na oração, como mostram as ocorrências que seguem:

- (11) Inf 1: *y luego además se está levantando ahora aire/ yo no sé// y vamos yo no sé-/ yo que he tenido nunca alergia/ no he tenido nunca alergia// pero yo creo que debo tener algo de alergia al polen porque ahora me pican también los ojos los tengo siempre hinchados//*
(PRESEEA_AH_H30_03)

'e logo, além disso, está começando a ventar agora/ eu não sei// bom, eu não sei/ eu que nunca tive alergia/ nunca tive alergia// mas eu acho que devo ter alergia ao pólen porque agora meus olhos coçam e estão sempre inchados'

- (12) Inf 1: *y luego además se está levantando ahora aire/ yo no sé// y vamos yo no sé-/ yo que he tenido nunca alergia/ no he tenido nunca alergia// pero yo creo que debo tener algo de alergia al polen porque ahora me pican también los ojos los tengo siempre hinchados//*
(PRESEEA_AH_H30_03)

'e logo, além disso, está começando a ventar agora/ eu não sei// bom, eu não sei/ eu que nunca tive alergia/ nunca tive alergia// mas eu acho que devo ter alergia ao pólen porque agora meus olhos coçam e estão sempre inchados'

- (13) Inf 1: *y luego además se está levantando ahora aire/ yo no sé// y vamos yo no sé-/ yo que he tenido nunca alergia/ no he tenido nunca alergia// pero yo creo que debo tener algo de alergia al polen porque ahora me pican también los ojos los tengo siempre hinchados//*
(PRESEEA_AH_H30_03)

'e logo, além disso, está começando a ventar agora/ eu não sei// bom, eu não sei/ eu que nunca tive alergia/ nunca tive alergia// mas eu acho que devo ter alergia ao pólen porque agora meus olhos coçam e estão sempre inchados'

- (14) Inf 2: ¿qué-/ ése-/ qué clima es aquel// el de Ohio?///
 'que clima é aquele de Ohio'
 Inf 1: **yo** no lo sé/ **yo** *creo que es continental/ lo que pasa que en verano//* hay muchísima humedad porque están los grandes lagos a treinta kilómetros de donde yo estaba// el lago Erie está ahí// y entonces a los-/// pues eso en veinte kilómetros// (PRESEEA_AH_H30_03)
 'eu não sei/ eu acho que é continental/ o que acontece é que no verão// tem muita humidade porque os grandes lagos estão a trinta quilômetros de onde eu estava// o lago Erie está ali// e então a/// pois isso, a vinte quilômetros'
- (15) Inf 1: **yo** en verano de todas maneras me vine aquí// volvía en verano porque **yo** *volvía en agosto//* que empezaba el curso allí en agosto// pero **yo** me venía: junio y julio lo pasaba aquí en España// los tres años que estuve// pero:// no lo noté pero sí que hacía mucho calor/ más que aquí// (PRESEEA_AH_H30_03)
 'eu, no verão, de todas as formas, vim aqui// voltava no verão porque eu voltava em agosto// que começava o curso em agosto/// mas eu vinha em junho julho eu ficava aqui na Espanha/// os três anos que eu estive/// mas:// não notei, mas sim, fazia muito calor/ mais do que aqui//'
- (16) Inf 1: pero:/ he estado viviendo en el Nuevo Alcalá/ doce años// hasta hace: unos meses/// y: muchas veces me quedo a dormir en el Nuevo Alcalá// y **yo** *en el Val paso muy poquito tiempo/* porque voy a dormir/ mi madre dice que voy como los cerdos a comer y a dormir// (PRESEEA_AH_H30_03)
 'mas:/ eu morei no Novo Alcalá/ doze anos// até há alguns meses/// e muitas vezes fico para dormir no Novo Alcalá// y eu no Val passo muito pouco tempo/ porque vou só para dormir/ minha mãe diz que sou como os porcos: para comer e para dormir'
- (17) Inf 2: ¿y el:-/ o sea que el Nuevo Alcalá es donde has hecho toda tu vida y: dónde: ...?
 'e o: ou seja, que o Nuevo Alcalá é onde você passou a sua vida e: onde:...?
 Inf 1: no/ me fui a los dieciocho años// ¿dieciocho?/ bueno cuando en primero de carrera/ dieciocho años tendría// me fui al: Nuevo Alcalá/
 'não, eu fui aos dezoito anos, dezoito? // bom quando no primeiro ano da faculdade/ dezoito anos tinha// fui para o Nuevo Alcalá'
 Inf 2: (ahá)
 Inf 1: y luego me he quedado allí doce años **yo** *venía al Val de vez en cuando* (PRESEEA_AH_H30_03)
 'então fiquei ali doze anos, eu vinha para o Val de vez em quando'

A manifestação do pronome sujeito *yo* nas ocorrências acima pode ser explicada porque envolve:

- (i) Expressões fixas, denominadas “expressões formulaicas” (Posio, 2013, p. 266), como em *yo no sé*, que, segundo o autor, apresenta “papéis pragmáticos no discurso”. Podemos dizer que a ocorrência da expressão *yo no sé* apenas contribui para o andamento do discurso, diferentemente de quando é uma estrutura completa, uma oração com complemento oracional, ou seja, um Ato Discursivo com Conteúdo Comunicado (*yo no sé algo*), como em (18), em que o falante não sabe se tinha três ou quatro anos em setenta e dois:

- (18) Inf 1: bueno yo nací en la calle F// que está en el paseo de la Estación// donde estaba el cine que/ ya no está// justo enfrente// y:- en la esquina con la calle G// y luego me vine al Val con:-// **no sé si tenía tres o cuatro años**// en el setenta y dos/ (PRESEEA_AH_H30_03)
'bom, eu nasci na rua F // que fica a caminho da Estação// onde ficava o cinema que/ não é mais// bem em frente/// e na esquina com a rua G// e logo vim ao Val com:// não sei se tinha três ou quatro anos// em setenta e dois'

- (ii) estruturas enfáticas (clivagem), como em (19):

- (19) Inf. 1: **yo que** he tenido nunca alergia (PRESEEA_AH_H30_03)
'eu que nunca tive alergia

- (iii) Início de um novo Movimento marcado por *pero*, como em (5), repetido aqui por conveniência em (20):

- (20) Inf1: **pero yo creo** que también tenía que ver con la ropa era peor/ o/ que/ vivíamos peor/ o no sé// o que no había calefacciones en las casas eran calefactores// puede ser que: sea así
'mas eu acho que também tinha que ver com a roupa era pior ou que vivíamos pior ou não sei ou que não havia calefação nas casas eram aquecedores pode ser que seja assim'

Inf.2: yo creo que puede- puede que sea (algo de eso) (PRESEEA_AH_H30_03)

'eu acho que pode pode ser (algo disso)'

- (iv) Conteúdos proposicionais com verbos de avaliação subjetiva, como (13) e (14), repetidos aqui por conveniência, (21) e (22), respectivamente:

- (21) Inf.1: pero **yo creo** que debo tener algo de alergia al polen (PRESEEA_AH_H30_03)
'mas eu acho que devo ter alergia a pólen'

- (22) Inf. 1: **yo creo** que es continental/ lo que pasa que en verano. (PRESEEA_AH_H30_03)
 'eu acho que é continental/ o que acontece no verão'
 Há também três (3/15%) ocorrências em que não há identidade de sujeito, porém o sujeito de primeira pessoa não é expresso pelo pronome, mas só pela desinência verbal, como se observa em (23), (24) e (25):
- (23) Inf 1: y luego además se está levantando ahora aire/ yo no sé// y vamos yo no sé-/ yo que he tenido nunca alergia/ no he tenido nunca alergia// pero yo creo que debo tener algo de alergia al polen porque ahora me pican también los ojos *los **tengo** siempre hinchados*// (PRESEEA_AH_H30_03)
 'e logo, além disso, está começando a ventar agora/ eu não sei// bom, eu não sei/ eu que nunca tive alergia/ nunca tive alergia// mas eu acho que devo ter alergia ao pólen porque agora meus olhos coçam e estão sempre inchados'
- (24) Inf 1: mi hermana mayor/ que me lleva tres años se llama N// porque el año que nació ellos esperaban un niño claro// y nació una niña y la llamaron **N** porque se había tirado:// todo el invierno nevando// o sea que ...// y **lo** de este año/ que ha nevado un poquito **creo que fue este año**// en: navidades nevó un día pues// antes yo me acuerdo que nevaba más// más que nevar granizaba más hacía: más frío/ y llovía más era- era-/ era diferente// (PRESEEA_AH_H30_03)
 'minha irmã mais velha/ que é três anos mais velha que eu/ se chama N// porque no ano que nasceu todos esperavam um menino claro// e nasceu uma menina e deram a ela o nome N porque havia ficado todo o inverno nevando// ou seja que...// e sobre este ano, que nevou um pouquinho, acho que foi este ano// no Natal nevou um dia pois/// antes eu me lembro que nevava mais// além de nevar, chovia mais granizo: mais frio/ e chovia mais era era/ era diferente'
- (25) Inf 1: y vamos eso es calle S C y la mía es la siguiente// así que no sé
 'e olha essa é a rua S C e a minha é a seguinte/// então
 Inf 2: S E//
 'S E//'
 Inf 1: y han metido allí a la familia y quieren meter a más gente pero:-// *pero no lo **sé*** es que no-/ no sé de lo que va// además yo no vivo allí ahora o sea que lo tengo alquilado y:/ que dure mucho: tiempo// (PRESEEA_AH_H30_03)
 'e colocaram ali uma família e querem colocar mais gente mas: // mas não sei/ é que não sei o que vai acontecer/// além disso eu não moro ali agora, ou seja, que meu imóvel está alugado e:/ que fique muito tempo'

Em (23) a oração anterior, cujo sujeito é *los ojos*, apresenta um molde de conteúdo tético, sendo, portanto, apenas uma oração de fundo (e não de figura). Igualmente se pode dizer da oração **creo que fue este año** em (24), que constitui um parêntese, um comentário. Em (25), por último, também é possível perceber que se trata de um comentário do falante, um Ato que se volta apenas para a interação, e, na verdade, não apresenta Conteúdo Comunicado.

A relação entre a manifestação do pronome de primeira pessoa em espanhol e o relevo discursivo, figura e fundo, é reconhecida por Davidson (1996 *apud* Posio, 2011, p. 786), mas não atestada por Posio (2011). Nossos dados, porém, mostram que a ausência do pronome *yo* é bastante comum em oração de fundo, já que configura comentários e informações secundárias. Em termos gerais, nas orações de fundo, que têm um valor basicamente parentético e interpessoal, isto é, voltado para o monitoramento da interação, o pronome *yo* tende a não ocorrer. Esse resultado pode ser justificado pelo fragmento de Guillaume (1966, *apud* Pezatti, 1994, p. 46).

Segundo Guillaume (1966 *apud* Pezatti, 1994, p. 46, grifo próprio):

[...] os usuários da língua constroem as sentenças de acordo com seus objetivos comunicativos e com sua percepção das necessidades do ouvinte. Em qualquer situação de fala, algumas partes do que se diz são mais relevantes que outras, destacam-se de um fundo que lhes dá sustentação. Essa parte do discurso que não contribui imediata e crucialmente para os objetivos do falante, mas que apenas sustenta, amplia ou comenta o aspecto principal é chamada **fundo** (*background*). Em contraste, o material que fornece os pontos principais do discurso, a linha-mor da comunicação, chama-se **figura** (*foreground*).

As orações de figura contêm as informações principais do discurso. Assim, se o Falante tem a necessidade de expressar suas crenças, desejos, esperanças e conhecimentos, tende a utilizar o pronome *yo* assumindo suas posições epistêmicas. Por representar um dos participantes do discurso (P_1)_s, não haveria necessidade da explicitação do pronome, já que o Componente Contextual supre essa informação. Conteúdos Proposicionais, no entanto, por constituírem construtos mentais, de certa forma, solicitam a fonte da informação, o que engatilha a presença do pronome de primeira pessoa, principalmente com verbos que introduzem conteúdos proposicionais.

Considerações finais

O espanhol é considerado uma língua de sujeito nulo (*pronoun-dropp*) (Martínez Caro, 1999; Padilla García, 2001, López Meirama, 2023) por apresentar certo grau de liberdade na distribuição dos elementos, proporcionada pela existência de marcas morfológicas no verbo. A marcação de primeira pessoa ocorre em geral pela morfologia verbal, sem a expressão do pronome sujeito; observa-se, no entanto, que é bastante recorrente a manifestação do sujeito tanto pela desinência verbal quanto pelo pronome *yo*. Dos 76 casos analisados, 55,3% não expressam o pronome *yo*, enquanto 44,7% o fazem. Esse resultado mostra que, na verdade, a expressão do pronome de primeira pessoa em espanhol é bastante recorrente.

Ao adotar o modelo da GDF para explicar a manifestação do pronome de primeira pessoa em espanhol, observamos que fatores interpessoais e semânticos podem explicar a ocorrência de *yo*.

Esse pronome tende a se manifestar em Atos Discursivos que ocorrem em início de turno, sobretudo em contextos de Pergunta-Resposta (66,7%), o que se justifica pela troca de turnos, com llocuções diferentes e sujeitos diferentes. Os Atos Discursivos que ocorrem no meio do turno, por sua vez, tendem à não expressão do pronome, já que, de modo geral, a identidade com o sujeito da oração anterior indica tratar-se do mesmo tópico, configurando, portanto, a manutenção do tópico discursivo.

É bastante recorrente também a manifestação do pronome *yo* com verbos como *creer*, por exemplo, que introduzem conteúdos proposicionais, que expressam opinião de um ser racional, que, nesse caso é o próprio Falante. Esses resultados, de certa forma, corroboram a distinção de Posio (2011) entre ***yo creo que*** e *creo que*. Para o autor, ***yo creo*** é usado para algo que é, de fato, “acreditado” pelo Falante, enquanto *creo* (sem o pronome) é utilizado como um “parêntese epistêmico”. Assim, é possível dizer que ***yo creo que*** ocorre no discurso em oração-**figura**, enquanto *creo que* ocorre em oração-**fundo**, nos termos de Guillaume (1966 *apud* Pezatti, 1994).

Ainda segundo Posio (2011), verbos usados para expressar opinião ocorrem mais frequentemente em contextos contrastivos exigindo, então, a expressão do sujeito. O autor reconhece que esse contraste não é do tipo “primário”, mas “parece personalizar e organizar a contribuição do falante para a interação”, como é o caso de (13): “pero ***yo creo que debo tener algo de alergia al polen*** porque ahora me pican también los ojos los tengo siempre hinchados//”. Em espanhol, *pero* tende a introduzir segmentos maiores do discurso, a que a GDF denomina Movimento, camada que aciona a presença do pronome *yo*.

Agradecimentos

Agradecemos à Letícia Pereira Ferri o auxílio na coleta de dados.

Referências

CAMERON, R. *Pronominal and Null Subject Variation in Spanish: Constraints, Dialects, and Functional Compensation*. University of Pennsylvania, Philadelphia, 1992.

CAMERON, R. Ambiguous agreement, functional compensation, and nonspecific “tu” in the Spanish of San Juan, Puerto Rico, and Madrid, Spain. *Language Variation and Change*, v. 5, n. 3, p. 305-334, 1993.

CAMERON, R. A community-based test of a linguistic hypothesis. *Language in Society*, v. 25, n. 1, p. 61-111, 1996.

BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (org.). Gramática descriptiva de la lengua española. Madrid: Espasa-Calpe, v. 3: Entre la oración y el discurso, 1999. p. 3805-3878.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.

DIK, S. C. *The theory of Funcional Grammar*. Part I: The structure of the clause. Edição de Kess Hengeveld. 2. ed rev. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 1997a.

DIK, S. C. *The Theory of Funcional Grammar*. Part II: Complex and derived constructions. Edição de Kess Hengeveld. 2. ed rev. Berlin; New York: De Gruyter Mouton, 1997b.

DAVIDSON, B. 'Pragmatic weight' and Spanish subject pronouns: the pragmatic and discourse uses of 'tu' and 'yo' in spoken Madrid Spanish. *Journal of Pragmatics*, v. 26, n. 4, p. 543-565, 1996.

ENRÍQUEZ, E. V. *El pronombre personal sujeto en la lengua española hablada en Madrid*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1984.

FANJUL, A. P. Conhecendo assimetrias: a ocorrência de pronomes pessoais. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (org.). *Espanhol e Português brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. p. 29-50.

GUILLAUME, P. *Psicologia da forma*. São Paulo: Nacional, 1966.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: University Press, 2008.

FERNÁNDEZ SORIANO, O. El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, v. 3: Entre la oración y el discurso, 1999. p. 1209-1273.

KROON, C. *Discourse Particles in Latin*. Amsterdam Studies in Classical Philology 4. Amsterdam: Gieben, 1995.

LÓPEZ MEIRAMA, B. Aportaciones de la tipología lingüística a una gramática particular: el concepto orden básico y su aplicación al castellano. *Verba*, v. 24, p. 45-82, 1997.

LÓPEZ MEIRAMA, B. Orden de elementos. In: *Sintaxis del Español: The Routledge Handbook of Spanish Syntax*, Nova York, 2023.

MARTÍNEZ CARO, E. *Gramática del discurso: foco y énfasis en inglés y en español*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitaria, 1999.

ORTIZ LÓPEZ, L. Dialectos del español de América: Caribe Antillano (Morfosintaxis y Pragmática). In: GUTIÉRREZ-REXACH, J. (ed.). *Enciclopedia de Lingüística Hispánica*. vol. 2. New York: Routledge, 2016. p. 316-329.

PADILLA GARCÍA, X. *El orden de palabras en el español coloquial*. 2001. Tesis (Doctoral) – Universidad de Valencia, España, 2001.

PÉREZ CÓRDOBA, A. L. *Presença/Ausência do pronome pessoal sujeito no espanhol falado no Caribe colombiano*. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2019.

PEZATTI, E. G. Uma abordagem funcionalista da ordem de palavras no português falado. *Alfa*, São Paulo, v. 38, p. 37-56, 1994.

PINHEIRO CORREIA, P. Características pragmáticas dos sujeitos pré-verbais em um corpus paralelo português-espanhol. In: BRUNO, F. C.; PINHEIRO-CORREIA, P.; YOKOTA, R. *Cadê o pronome que estava aqui?* Homenagem a Neide González. Pontes Editores, 2019. p. 91-110.

PRESEEA – *Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá. Disponível em: <http://preseea.uah.es>.

POSIO, P. Spanish subject pronoun usage and verb semantics revisited: First and second person singular subject pronouns and focusing of attention in spoken Peninsular Spanish. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, n. 43, p. 777-798, 2011.

POSIO, Pekka. The expression of first-person-singular subjects in spoken Peninsular Spanish and European Portuguese: Semantic roles and formulaic sequences. *Folia Linguistica*, Amsterdam, v. 47, n. 1, p. 253-291, 2013.

Ranson, D. Person marking in the wake of /s/ deletion in Andalusian Spanish. *Language Variation and Change*, vol 3 (2), 1991, p. 133–152.



REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE LAS ACADEMIAS DE LA LENGUA
ESPAÑOLA *Nueva Gramática de la Lengua Española: Manual*. Madrid: Espasa Libros, 2010.

SILVA-CORVALÁN, C. Subject expression and placement in Mexican-American Spanish.
In: AMASTAE, J.; ELÍAS-OLIVARES, L. (ed.). *Spanish in the United States*. Sociolinguistic
Aspects. New York: Cambridge University Press, 1982. p. 93-120.

Respostas do ChatGPT como gênero discursivo: construção da identidade vista em percepções de estudantes de Letras

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3598>

Leonardo Mailon Borges¹
Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira²

Resumo

A OpenIA é um laboratório de pesquisa em inteligência artificial (IA), localizado nos EUA e, em 2022, apresentou ao mundo o ChatGPT, semelhante a um *chatbot on-line*, isto é, uma IA na qual um assistente virtual inteligente formula respostas, em forma de textos, partindo de questões formuladas por usuários. Em se tratando de linguagem e constituição de textos, surgiu o interesse pelo desenvolvimento da presente discussão, cujo problema e questionamentos decorrentes relacionam-se com a formação de estudantes de licenciatura em Letras, em razão do estudo de textos, e o lugar da IA enquanto produtora de textos: qual a avaliação que estudantes de Letras fazem do gênero “resposta do ChatGPT”, considerando uma questão teórica da área feita ao *chatbot*, tendo, como critério comparativo da resposta da máquina, estudos realizados, na modalidade presencial, em sala de aula? Qual a função social do gênero? Se considerada a vertente do estilo do gênero, em Bakhtin (2011), parte-se das hipóteses de que as respostas são superficiais, não apresentam argumentos de autoridade e ainda têm erros conceituais, são referenciais e apontam para o nível denotativo da linguagem. Para responder ao problema e confirmar ou refutar as hipóteses, foi estabelecido o objetivo geral que é investigar a percepção de estudantes de Letras sobre o gênero “respostas ChatGPT” com base na temática *Euclides da Cunha e Os sertões*, recentemente estudada em sala de aula por eles, a fim de delinear o atual gênero e observar a função social postulada. O estudo seguiu dois caminhos. Inicialmente, foi realizada pesquisa bibliográfica, para discutir IA e o contexto em que o ChatGPT se insere, nas perspectivas de Russel e Norvig (2004) e Sichman (2021), além de buscas feitas no *site* do laboratório criador da IA. Também, para subsidiar as

1 Centro Universitário Municipal de Franca (Uni-FACEF), Franca, São Paulo, Brasil; leonardomailonborges@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2990-1083>

2 Centro Universitário Municipal de Franca (Uni-FACEF), Franca, São Paulo, Brasil; sheilafacef@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-2313-2474>

questões de constituição de gêneros, houve o respaldo em Bakhtin (2011, 2017) e nos estudos sobre cotejamento, em Bakhtin (2017) e Geraldí (2012). Em seguida, foi realizada uma pesquisa com sete estudantes de Letras do último ano do curso, de forma a lhes apresentar o resultado à pergunta da temática de estudo, estudada recentemente no curso presencial noturno de uma instituição municipal de ensino superior, caracterizando uma entrevista em profundidade (grupo focal). Foram definidos descritores em torno dos elementos constituintes de gêneros discursivos.

Palavras-chave: Inteligência Artificial e ChatGPT; gêneros discursivos; função social do ChatGPT.

ChatGPT responses as a discursive genre: construction of identity seen in modern languages students' perceptions

Abstract

OpenAI is an artificial intelligence (AI) research laboratory located in the USA and, in 2022, introduced ChatGPT to the world, similar to an online chatbot, that is, an AI in which an intelligent virtual assistant formulates responses, in the form of texts, based on questions formulated by users. When it comes to language and the constitution of texts, interest arose in the development of the present discussion, whose problem and resulting questions are related to the training of undergraduate students of Modern Languages, due to the study of texts, and the place of AI, as a text producer: what is the evaluation that Modern Languages students make of the "ChatGPT response" genre, considering a theoretical question in the area asked to the chatbot, using studies carried out in person in a classroom as points of comparison for the machine's response? What is the social function of the genre? If the style aspect of the genre is taken into account, according to Bakhtin (2011), it is assumed that the answers are superficial, do not present authoritative arguments and have conceptual errors, are referential and point to the denotative level of language. In order to answer the problem and confirm or refute the hypotheses, the general objective was established: to investigate the perception of Modern Languages students about the genre "ChatGPT responses" based on the theme *Euclides da Cunha e Os sertões*, recently studied in the classroom by them, in order to outline the current genre and observe the postulated social function. The study followed two paths. Initially, bibliographic research was carried out to discuss AI and the context in which ChatGPT is inserted, from the perspectives of Russell and Norvig (2004) and Sichman (2021), in addition to searches made on the website of the laboratory that created ChatGPT. Bakhtin (2011; 2017) was also used to support questions about the constitution of genres, as well as Bakhtin's (2017) and Geraldí's (2012) studies on quotation. Next, a survey was carried out with seven final-year Modern Languages students, in order to present them with the result of the question about the topic of study, recently studied in the evening course of a municipal institution of higher education, which was conducted as an in-depth interview

(focus group). Descriptors were defined around the constituent elements of discursive genres.

Keywords: Artificial intelligence and ChatGPT; Discursive genres; Social function of ChatGPT.

Inteligência Artificial e o Círculo de Bakhtin: discursos (in)acabados – uma introdução

A Inteligência Artificial, como área de estudos da Computação, fundada na década de 1950 (Sichman, 2021), tem tomado a centralidade das discussões sobre a relação que sujeitos estabelecem com dados nos meios virtuais, o que acarreta a presença de ambivalências constituintes em diferentes campos da atividade humana (Bakhtin, 2011), isto é, há quem as valorize, há quem as condene nas mais diversas práticas sociais.

Na vida em sociedade, o que se vislumbra, na perspectiva da ADD (Brait, 2020), é justamente essas vozes sociais que contrastam em arena (Volóchinov, 2017) em que a cada *ato/evento/acontecimento* (Bakhtin, 2010) são recuperados e renovados os enunciados (in)acabados desse elo que só se realiza por meio da linguagem em sua forma orgânica materializada nos gêneros do discurso, os quais atendem às funções sociais da demanda contextual vivenciada por sujeitos de linguagem.

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações [...]. Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (Bakhtin, 2016, p. 26).

A Inteligência Artificial é, antes de tudo, uma atividade de linguagem, ou seja, um acontecimento sociocultural como simulacro das vontades humanas nos meios virtuais, posto que se trata “[...] de um ramo da ciência/engenharia da computação, e portanto visa desenvolver sistemas computacionais que solucionam problemas. Para tal, utiliza um número diverso de técnicas e modelos, dependendo dos problemas abordados” (Sichman, 2021, p. 38).

Ademais, a materialidade de que uma inteligência artificial se apropria é o algoritmo, o qual é projetado como “[...] uma sequência finita de ações que resolve um certo problema” (Sichman, 2021, p. 38). Vê-se, nesse sentido, que o signo ideológico³ *problema* é recuperado

3 Sugere-se a leitura de *Marxismo e filosofia da linguagem* (Volóchinov, 2017) para ampliação dos postulados do Círculo de Mikhail Bakhtin no que diz respeito à noção de signo ideológico.

no discurso do que é uma inteligência artificial, posto que esta tem como objetivo central o de atuar na resolução desses impasses da vida pós-moderna.

É sob esse prisma que se considera, de modo recorrente, uma inteligência artificial como ato responsável das atitudes humanas na necessidade de se promover a interação para a resolução dos mais variados problemas, posto que:

[...] o domínio de IA se caracteriza por ser uma coleção de modelos, técnicas e tecnologias (busca, raciocínio e representação de conhecimento, mecanismos de decisão, percepção, planejamento, processamento de linguagem natural, tratamento de incertezas, aprendizado de máquina) que, isoladamente ou agrupadas, resolvem problemas de tal natureza (Sichman, 2021, p. 39).

Considerando a perspectiva metodológica a ser apresentada nesta pesquisa, as IA's possuem autonomia relativamente construída (Dignum, 2019, p. 19) e (in)acabada na e pela interação: dependem, a todo momento, do *ato/evento/acontecimento* humano para se realizarem como atividade de linguagem, visto que respondem a discursos suscitados pelo pensamento e pela capacidade humana de agir sobre a realidade, na unidade da responsabilidade discursiva, isto é, sem álibis para a existência do homem.

O sujeito, o qual é posto como aquele que pensa, que raciocina e que promove a dialética das relações continua, de modo inquestionável, sendo o homem, munido de sua realidade concreta de discursos que o rodeiam na cadeia de enunciados que são apresentados a ele e que compõem o repertório sociocultural desses indivíduos, desde as sociotécnicas (Trist *et al.*, 2013) mais simples, como serviços bancários ou *call center*, até os mais complexos, como o Alexa e a Siri, que respondem a comandos de voz. Apropriando-se de um sistema, o ser humano passa a interagir com uma inteligência, como o ChatGPT, o qual é instrumentalizado, nessa relação, como *chatbot on-line*. O que se verifica, de início, é que não existem substituições de homens por máquinas em atividades intelectuais, posto que estas exigem um acabamento que é contextual e situado no ideal de responsabilidade, novamente, sem quaisquer álibis para a existência e como discurso que se renova a cada interação prevista.

Nesse sentido, construiu-se o seguinte problema de pesquisa aqui recortado: qual é a avaliação que estudantes de Letras fazem do gênero “resposta do ChatGPT”, relativamente à questão teórica feita ao *chatbot*, tendo, como critério comparativo, estudos realizados, na modalidade presencial, em sala de aula? E, ainda, qual é a função social desse gênero?

Para responder ao problema e confirmar ou refutar as hipóteses, foi estabelecido o objetivo geral que é investigar a percepção de estudantes de Letras sobre o gênero “respostas ChatGPT” com base na temática Euclides da Cunha e *Os sertões*, recentemente estudada

em sala de aula por eles, a fim de delinear o atual gênero e observar a função social postulada.

Os objetivos específicos do estudo envolvem: a) discutir, por meio de abordagens teórico-acadêmicas, Inteligência Artificial, enquanto contexto de inserção do ChatGPT; a) elencar pressupostos bakhtinianos sobre a constituição de gêneros discursivos, a partir de estudos da filosofia da linguagem; b) debater o cotejamento enquanto estratégia metodológica de análise de dados em pesquisas qualitativas; e, c) realizar pesquisa de campo com estudantes de Letras, concluintes, da modalidade presencial, a fim de verificar a percepção sobre o gênero discursivo “respostas dadas pelo ChatGPT”.

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico, para discutir IA e o contexto em que o ChatGPT se insere, nas perspectivas de Trist, Bamforth e Emery (2013), Dignum (2019) e Sichman (2021), além de buscas feitas no *site* do laboratório criador da IA. Também, para subsidiar as questões de constituição de gêneros discursivos, houve o respaldo em Bakhtin (2011, 2017) e também nos estudos sobre cotejamento, em Bakhtin (2017) e Geraldi (2012).

Em seguida, foi realizada uma pesquisa com sete estudantes de Letras do último ano do curso, de forma a lhes apresentar o resultado à pergunta da temática de estudo, estudada recentemente no curso presencial noturno de uma instituição municipal de ensino superior, caracterizando uma entrevista em profundidade (grupo focal). Foram definidos três descritores em torno dos elementos constituintes de gêneros discursivos – tema, estilo e estrutura composicional.

É nesse íterim que se nota, nesta pesquisa, o vínculo entre o *corpus*, isto é, o ChatGPT, e a noção de linguagem como acontecimento social que se materializa por meio do gênero do discurso.

A problemática do gênero discursivo como acontecimento

Os inúmeros gêneros atendem às necessidades das atividades comunicativas que, atualmente, têm sido potencializadas pelas tecnologias, especialmente as digitais, como talvez nunca foram anteriormente, também por conta do repertório de conhecimentos constituídos pelas práticas sociais, por ocasião da pandemia da covid-19. Nesse sentido, são significativos os estudos que correlacionam os usos da língua e as novas tecnologias.

Entende-se, por isso, que “os gêneros são arranjos que dependem de fatores sociais, ou seja, dos efeitos de sentido valorizados em um certo domínio por uma dada formação social” (Fiorin, 1990, p. 97).

São indissociáveis do indivíduo o tempo e o espaço, em cooperação na constituição de um gênero, se observados os estudos bakhtinianos. Assim, Machado (1997, p. 153) afirma que o gênero pode ser entendido como:

[...] uma dimensão temporal, um uso. Os gêneros reportam-se às formas de uso das línguas e das linguagens. O conceito de gênero é potencialmente a imagem de uma totalidade, onde os fenômenos da linguagem podem ser apreendidos na interatividade dos textos através do tempo, decorrente, sobretudo, dos vários usos que se faz da língua.

Sobre o indivíduo, Volóchinov (2017, p. 205, grifos do autor), afirma que

O mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu *auditório social* estável, e nesse ambiente se formam os seus argumentos interiores, motivos interiores, avaliações etc. Quanto mais culto for um indivíduo, tanto mais o seu auditório se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas, em todo caso, o interlocutor ideal não é capaz de ultrapassar os limites de uma determinada classe e época.

Complementarmente:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas 'almas' das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem (Medvedev, 2012 [1928], p. 48-49).

Os enunciados constituem-se por temática, estilo e estrutura composicional. Os três elementos são indissociáveis. Bakhtin e Volóchinov (2002, p. 128-129) afirmam que um tema é "um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo". Corroboram, ao trazer que o "tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução". Observa-se, por isso, a correlação do indivíduo que produz a enunciação com a história, assim situado. Quanto ao estilo, os estudos bakhtinianos enfatizam que as individualidades são constituídas por *relações sociais de consciências* (Bakhtin, 1997). Nos enunciados, o estilo trata dos recursos lexicais e fraseológicos, trazidos na observação de valores entre indivíduos alocados em uma situação concreta. Por fim, a estrutura composicional explica as formas de construção discursiva dos gêneros. Salienta-se que o sentido produzido na enunciação também depende das questões formais apresentadas na estrutura composicional.

Ao se considerar a infinidade de gêneros e os enunciados que os constituem, tem-se as contrapalavras, ou seja, reações à palavra do outro, elementos de concordância, discordância, complementações ou até o silêncio. As contrapalavras são categorias fundamentais dos estudos bakhtinianos e emergem, de forma significativa, para a análise do *corpus* desta pesquisa.

Essas funções sociais comungam com a noção da responsabilidade como *ato/evento/acontecimento*, posto que o sujeito, ao se organizar por meio do gênero, expõe a singularidade reveladora de sentidos alicerçados na ideologia de um cotidiano (in) acabado da existência que se renova a cada novo movimento (re)criado.

Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (Bakhtin, 2011, p. 21).

É nessa ótica que se sustenta a seguinte questão: como compreender um texto como fonte reveladora de outros (con)textos, vislumbrando-se o (in)acabamento dos sujeitos responsáveis? O cotejamento de realidades, a partir do olhar das Ciências Humanas para as vozes concretas (re)construídas, pode funcionar como um caminho possível na esteira de enunciados que se relacionam.

A pesquisa nas Ciências Humanas: redes concretas em vozes emergentes

Já foi discutida, nesta pesquisa, a relevância sociocultural de se verificar a função de agente que o homem possui no diálogo com uma inteligência artificial – produto oriundo da e para a humanidade. Ao compreender que o ChatGPT atua como um simulacro manipulado por um centro axiológico, é preciso evidenciar que o olhar do pesquisador sobre as ações humanas deve ser ancorado pelo ideal de *exotopia*, a saber que:

[...] meu olhar sobre o outro não coincide nunca com o olhar que ele tem de si mesmo. Enquanto pesquisador, minha tarefa é tentar captar algo do modo como ele se vê, para depois assumir plenamente meu lugar exterior e dali configurar o que vejo do que ele vê. Exotopia significa desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior. Esse lugar exterior permite, segundo Bakhtin, que se veja do sujeito algo que ele próprio nunca pode ver; e, por isso, na origem do conceito de exotopia está a ideia de dom, de doação: é dando ao sujeito um outro sentido, uma outra configuração, que o pesquisador [...] dá de seu lugar, isto é, dá aquilo que somente de sua posição, e portanto com seus valores, é possível enxergar (Amorim, 2003, p. 14).

Pesquisar com base em objetos produzidos pelo homem é confrontar vozes na busca da síntese (in)acabada. São vozes em conflito na arena de enunciados e valores ideológicos sócio-históricos e situados, a saber: 1) os enunciados do *corpus* e 2) o conjunto de ideologias dos sujeitos pesquisadores; nesse sentido, uma pesquisa cujos *corpus* advêm de sujeitos suscita uma leitura com base na ética da responsabilidade, valendo-se do horizonte próprio de construções enunciativas já experienciadas pelo cientista. Trata-se, nesse viés, do que um eu, enquanto pesquisador, estabelece com um outro, isto é, o texto e sua materialidade linguístico-discursiva, visto que “o objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (Bakhtin, 2017, p. 59, grifo do autor).

Também se chega à compreensão de que, ao examinar as materialidades que compõem um objeto e pensar nas vozes que compõem novos enunciados, cabe pensar a metodologia dialógica como parte da linguística, mas não podemos nos limitar a ela, pois abordamos a linguagem em contexto, pensando em estudos interdisciplinares com base nas humanidades, considerando, também, os centros axiológicos na interação discursiva que produz a alteridade. Por isso que se discutiu, até o momento, a articulação entre a noção de gênero – oriunda da Filosofia da Linguagem – e o discurso das IA's – cuja raiz são os estudos de computação e de dados para se compreender esse objeto – o ChatGPT – que passa a ser compreendido sob os olhares dos estudantes de Letras. Ademais, os pesquisadores bakhtinianos estão preocupados com os fenômenos sociais e, destarte:

[...] essa abertura [...] a diversas áreas é rica e a compreensão responsiva do nosso meio acadêmico [...] é mais um argumento a favor do pensamento do círculo. Nós, pesquisadores em ciências humanas, estamos produzindo compreensão responsiva desse pensamento, respondendo a ele com nossos interesses de pesquisa, com nossos anseios, com nossas questões de pesquisa (Mendonça, 2012, p. 111).

Vislumbra-se, neste estudo, o confronto entre duas vozes: 1) a voz do ChatGPT a partir da situação-pergunta e da situação-resposta e 2) a voz dos estudantes de Letras como comentadores desse processo enunciado pela IA. Tal ótica se sustenta sob os olhares axiológicos dos pesquisadores como *excedente de visão e conhecimento* (Bakhtin, 2010) na organização dessas vozes – orquestradas – que caracterizam o enunciado desta pesquisa como um todo de sentido.

Esse pressuposto, ademais, permite uma fundamentação que precisa se nortear em discussões que demandam a prática da *exotopia* – acepção discutida anteriormente –, posto que, embora se saiba que “qualquer totalidade (a natureza e todas as suas manifestações relacionadas à totalidade) é pessoal” (Bakhtin, 2017, p. 58), “o indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio” (Bakhtin, 2017,

p. 58) e é nessa tensão que reside o oxímoro como fruto da dialética da produção em ciências humanas: é preciso aproximar-se do objeto ao mesmo tempo em que se preze a manutenção da distância. “[...] é o campo de encontro de duas consciências” (Bakhtin, 2017, p. 60).

Para contemplarmos essa atividade do *excedente de visão e conhecimento*, é preciso buscar fontes para a compreensão do fenômeno da *heterocientificidade* (Bakhtin, 2017; Geraldi, 2012) como metalinguagem a ser adotada na pesquisa em Ciências Humanas, perscrutando, segundo as discussões do Círculo, as seguintes etapas a serem desenvolvidas no trabalho ético do pesquisador, contemplando textos – das entrevistas, dos questionários e do próprio ChatGPT – postos em relação, evidenciando, em descrições e análises, que:

Quem estuda a linguagem não está interessado nos “recortes” dos discursos, mas no enunciado completo, total, para cotejá-lo com outros enunciados fazendo emergirem mais vozes para uma penetração mais profunda no discurso, sem silenciar a voz que fala em benefício de um já dito que se repete constantemente (Geraldi, 2012, p. 27-28).

Esse contexto suscita a consciência de que descrições e análises, na metodologia da Análise Dialógica do Discurso (Brait, 2020), promove uma nova compreensão sobre as vozes que foram orquestradas no trabalho feito pelos pesquisadores, com a consideração de que as relações dialógicas se fundamentam na dialética do (in)acabamento, isto é, “[...] o diálogo infinito e inacabável em que nenhum sentido morre” (Bakhtin, 2017, p. 78).

A partir desses pressupostos teórico-metodológicos, salientamos que “Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos” (Bakhtin, 2017, p. 66). Eis a essência dos estudos bakhtinianos no processo que situa as relações arquitetônicas no e pelo diálogo, considerando os conteúdos temáticos de partes que se organizam como uma totalidade (Campos, 2015), a qual está em constante relação dialética, o que nos permite o rompimento, nessa conjuntura, com os fenômenos mecânicos e/ou estruturais:

Essas relações levam à adoção de uma perspectiva teórico-metodológica que coloque textos e contextos em relação para que sejam delineados os novos valores sociais assumidos pelos enunciados postos em tensão dinâmica sob a interpretação situada na pesquisa, contemplando um arranjo que tenha a seleção de enunciados do ChatGPT e das respostas dadas pelos estudantes de Letras como centro axiológico a ser visualizado pelas lentes do dialogismo, compreendendo um horizonte que calcula possibilidades (Geraldi, 2019) de compreensão as quais renovam o elo discursivo sobre o objeto em questão, ao passo em que

Dar contextos a um texto é cotejá-lo com outros textos, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem. Bakhtin nos dá dois grandes exemplos de trabalho de interpretação analítica: seus estudos das obras de Dostoiévski e de Rabelais. Ao ir cotejando os textos com outros textos vai elaborando conceitos ou reutilizando conceitos produzidos em outros estudos (até mesmo de outros campos) com que se aprofunda a penetração na obra em estudo (Geraldi, 2012, p. 33).

Pretendemos, nesse sentido, recuperar a relação epistemológica de análise a partir do cotejamento de enunciados – inseridos na arquitetura do ato concreto de realização responsável, em que os eventos suscitam cadeias de alteridade, as quais supõem a presença de centros axiológicos calcados no princípio da diversidade de discursos e certos de que não existem álibis para a existência (Bakhtin, 2010; Amorim, 2003), tendo em vista que “[...] fazer pesquisa lidando com a questão da diversidade convoca um pensamento ético, mas não há ética sem arena e confronto de valores” (Amorim, 2003, p. 25).

ChatGPT: em busca de uma definição no e pelo diálogo da IA

Quando se busca a definição de ChatGPT nos discursos produzidos pela OpenAI – empresa responsável pelo desenvolvimento do *software* – o que se encontra é um discurso verbal inicial, na página de abertura, que refrata ideologias as quais definem esse recurso como acessório e instrumento para usos ancorados na ética das relações, como se vê a seguir:

Apresentando o ChatGPT

Treinamos um modelo chamado ChatGPT que interage de forma conversacional. O formato de diálogo permite que o ChatGPT responda a perguntas de acompanhamento, admita seus erros, conteste premissas incorretas e rejeite solicitações inadequadas (OpenAI, 2023, *on-line*).

À primeira vista, vê-se que a apresentação feita pela empresa, além de se comprometer com a ética no que diz respeito às interações promovidas (como é revelado em *admita seus erros* e *solicitações inadequadas*, por exemplo), revela a marca que o constitui como *chatbot*: o diálogo, a forma conversacional como recurso estilístico oriundo de um projeto de dizer que materializa a interação explícita entre o homem e a IA.

A respeito das outras informações e possibilidades de interação com os usuários – por vezes panfletárias – veiculadas pela página, visualiza-se um compromisso com a

legibilidade, com a coerência, com a precisão e com outros critérios textuais associados à produção de textos pelo ChatGPT, revelando que é utilizado um modelo baseado no que se chama de *tecnologia de aprendizagem profunda* (OpenAI, 2023), a qual revela a seguinte valoração exposta pela marca: “Nossos modelos de texto são ferramentas avançadas de processamento de linguagem que podem gerar, classificar e resumir texto com altos níveis de coerência e precisão” (OpenAI, 2023, *on-line*).


Com base nas discussões realizadas anteriormente sobre como se denomina uma IA nos tempos atuais, verificou-se, como signos recorrentes, a noção de que uma inteligência artificial atua na *resolução de problemas* (Sichman, 2021), o que confere ao discurso uma leitura de que elas atuam como instrumentos facilitadores das relações humanas nos mais diversos campos de articulação da linguagem.

Nesse viés, na chamada para o acesso ao *link* do ChatGPT há o seguinte enunciado construído com base na modalização verbal dos usos do imperativo: “ChatGPT: obtenha respostas instantâneas, encontre inspiração criativa e aprenda algo novo. Use o ChatGPT gratuitamente hoje” (OpenAI, 2023, *on-line*).

Obter, encontrar e aprender. Esses verbos corroboram a visualização da categoria axiológica do *eu-para-mim*, do *eu-para-outro* e do *outro-para-mim* (Bakhtin, 2010) na composição da responsabilidade do ChatGPT como inteligência artificial, a saber, nessas três instâncias que: 1) o autoconhecimento do *software* se dá pela capacidade de levar o usuário a obter respostas rápidas e eficazes, fazê-lo encontrar novidades a ponto de desenvolver senso criativo e levá-lo a aprender sobre o que se desejar descobrir; 2) a possibilidade de interação de modo direto e consistente; e, 3) o olhar de facilitador que o ChatGPT pode oferecer ao usuário.

Essas três categorias constituem, aqui, a relação dos *atos/eventos/acontecimentos* do ChatGPT, contemplando como a plataforma se vê enquanto mais uma possibilidade de *software* e em que medida ela se define na singularidade promovida pela empresa.

Como não há, nos tempos atuais, discursos citados que versem especificamente sobre o ChatGPT, o que se compreende, até o momento, é que se trata de um *chatbot*, na modalidade conversacional, que se dispõe a relacionar textos e contextos na composição de respostas *relativamente autorais* diante de questionamentos feitos por um utilizador. Diante do projeto discursivo desta pesquisa, foi feita a seguinte pergunta à plataforma: *Quem é você?*, com a seguinte atitude de resposta: “Eu sou o ChatGPT, um modelo de linguagem desenvolvido pela OpenAI. Fui treinado para fornecer informações e responder a uma ampla variedade de perguntas em diversos tópicos. Como posso ajudar você hoje?” (OpenAI, 2023, *on-line*).



É válido considerar o posicionamento valorativo do próprio ChatGPT em “Fui treinado”, o que se constitui como voz que contrasta com a noção de autoria e de produção de texto como acontecimento orgânico, evidenciando que há uma programação a qual veicula a ideologia de que é impossível haver uma sobreposição da voz de um *software* à voz e à potência articuladora do ser humano em construir os próprios projetos de dizer por meio de escolhas linguísticas situadas e concretas, as quais recuperam e renovam a cadeia de enunciados da cultura.

Investigação de campo

Para realizar a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos: um questionário *on-line*, divulgado aos participantes pelo Google Forms, contendo questões abertas e fechadas; e uma entrevista do tipo grupo focal, escrita. O grupo focal constitui-se de sete estudantes do sétimo semestre do curso de Licenciatura em Letras (seis pessoas do sexo feminino e uma do sexo masculino).

Foram realizadas duas coletas de dados no mês de junho de 2023, com duração total de uma hora e trinta minutos, em uma aula do período noturno em uma instituição municipal de ensino superior que oferece o curso de Letras na modalidade integralmente presencial. Essa instituição existe há setenta e dois anos, localizada em Franca (SP), a quatrocentos quilômetros da capital, e contempla quatorze cursos de graduação, todos presenciais, oriundos das diferentes áreas de conhecimento. Os cursos são oferecidos nos períodos matutino e noturno e alguns são integrais.

O curso de Letras, do qual os participantes da pesquisa são estudantes, é oferecido no período noturno, de segunda a sexta-feira. Esses discentes entrevistados são bolsistas do Programa Residência Pedagógica (Capes), possuem competência na elaboração de projetos científicos, com artigos científicos publicados em periódicos locais, desenvolvimento de Práticas como Componentes Curriculares (PCC's) e, atualmente, realizam Estágio Supervisionado obrigatório.

Sobre a primeira coleta de dados, intitulada “Práticas de leitura e escrita: levantamento sociocultural de estudantes universitários”, foi utilizada a plataforma Google Forms a fim de se realizar uma verificação de dados socioculturais dos participantes a respeito das habilidades de leitura e escrita em diálogo com o uso da tecnologia. O roteiro do questionário foi constituído de nove questões, a saber: cinco questões abertas e quatro fechadas.

Coleta de Dados 1 – Descrição e análise

No presente item, apresentam-se os dados coletados com os sete participantes, por meio de formulário eletrônico, cujo roteiro encontra-se no Anexo A. De acordo com Mota (2019, p. 373):

[...] algumas características do Google Forms: possibilidade de acesso em qualquer local e horário; agilidade na coleta de dados e análise dos resultados, pois quando respondido as respostas aparecem imediatamente; facilidade de uso entre outros benefícios. Em síntese, o Google Forms pode ser muito útil em diversas atividades acadêmicas, nesse caso em especial para a coleta e análise de dados estatísticos, facilitando o processo de pesquisa.

No mês de maio, foi encaminhado um *link* ao grupo de contatos de WhatsApp da turma de estudantes, contendo um formulário do Google Forms. Os estudantes o acessaram, pelo celular e, em menos de quinze minutos, já haviam respondido.

O roteiro de questões foi constituído de questões abertas e fechadas. Inicialmente, as questões 1 – Idade; a 2 – Curso; e a 3 – Semestre tiveram o propósito de estabelecer o perfil dos participantes da pesquisa. As questões seguintes tiveram o objetivo de caracterizar a interação dos participantes com a leitura e com a escrita. Assim, a questão 4 solicitava resposta para a quantidade de horas que os participantes da pesquisa se dedicavam à leitura (de teoria e literatura) durante a semana. 28% afirmaram dedicar-se doze ou mais horas; enquanto 72% afirmaram que são de quatro a sete horas. A questão 5 tratou da relação do suporte de acesso aos textos. 100% dos respondentes afirmaram o suporte impresso. Na questão seguinte, sobre o tempo dedicado à leitura, semanalmente, observa-se uma variação entre uma hora e sete horas, sendo que três horas indica a média de leitura dos respondentes.

Questionados sobre as práticas de escrita decorrentes das leituras, as respostas foram bem diversificadas, justificando subsídios para tratar de: artigos científicos, projetos e TCCs; resumos e resenhas; planos de aulas e sequências didáticas; aulas e estudos dirigidos; seminários; relatórios; fichamentos; anotações; e preparação de aulas.

Em seguida, os participantes da pesquisa ainda foram questionados sobre as fontes/meios de pesquisa e responderam: artigos científicos; fontes *online* confiáveis; livros (impressos e digitais); artigos do Google Acadêmico; apostilas; e vídeos.

Por fim, questionados sobre o uso que fazem do ChatGPT, cinco afirmaram que nunca utilizaram; um busca de receitas culinárias e curiosidades; e um diz:

1. Já utilizei o Chat GPT para verificar em qual capítulo de um livro estava uma citação. Entretanto, o aplicativo não conseguiu me fornecer a resposta, dando a justificativa de que a inteligência artificial não tem acesso a conteúdos de obras literárias. (E7).

Coleta de Dados 2 – Descrição e análise

Em um segundo momento, os pesquisadores, que são professores da turma, entregaram, aos participantes, de forma impressa, o roteiro de coleta de dados da segunda etapa⁴. O roteiro consta no Anexo B. Foi feita uma leitura oral e esclarecidos o comando e as questões constantes do referido Roteiro. Os estudantes prontamente começaram a responder, entusiasmados, demonstrando interesse no resultado da presente investigação. As respostas foram elaboradas em menos de cinquenta minutos.

Quanto à primeira questão da atividade: “Atendimento do comando da questão quanto ao TEMA solicitado, as sete respostas se encaminham para o “atendimento parcial”. Os sete estudantes afirmam que a IA responde ao questionamento, mas apontam fragilidades em:

- A. contexto histórico e ausência de elementos que direcionam as análises em condições de produção:
 - 2. Alguns pontos importantes a serem pensados são sobre o contexto de produção, os ideais filosóficos e científicos que nortearam a produção do livro e que influenciam diretamente na estrutura composicional de *Os Sertões*. (E5).
- B. resposta genérica, com objetividade. Deixa de lado as discussões sobre determinismo, darwinismo e questões ligadas ao meio:
 - 3. Entretanto, deixaram-se, de lado, fatos de extrema importância que compõem ‘os planos’ presentes na obra, como o caso da mestiçagem [...], além disso a visão determinista [...]. (E3).
- C. a IA não responde ao questionamento literário:
 - 4. [...] uma vez que [a IA] *não possui habilidade de pensar e refletir criticamente acerca do questionamento literário, visto que essa é uma capacidade humana.*” (E6).

Em relação à segunda questão da atividade: “Tratamento dado às questões estilísticas na resposta (seleção lexical, nível de linguagem, operadores linguísticos e discursivos etc.)”, segue:

⁴ Registram-se aqui os agradecimentos à Profa. Dra. Monica de Oliveira Faleiros, docente do curso de Letras do Uni-FACEF (Centro Universitário Municipal de Franca), por ceder a questão e o padrão de respostas da avaliação da disciplina de Literatura Brasileira, realizada em abril/2023 e, dessa forma, possibilitar parte da composição do instrumento de coleta de dados deste estudo.

- A. as questões estilísticas obedecem ao padrão normativo da língua:
 - 5. Por se tratar de uma inteligência virtual, comandada por um sistema, toda a parte lexical, gramatical, atende um bom nível, se utilizando de uma linguagem formal e de acordo com as normas padrão de escrita. (E3).
- B. resposta elaborada com linguagem apropriada ao atendimento de qualquer público, porque é objetiva:
 - 6. Ele (ChatGPT) usa uma linguagem apropriada, acessível, qualquer pessoa consegue entender o que ele está falando/descrevendo. (E4)
- C. ocorre a repetição de conectivos, o que torna o sentido circular e sem aprofundamento:
 - 7. [...] repetição excessiva de termos que poderiam ser substituídos por sinônimos. Ainda, algumas ideias tornam-se repetitivas, apresentando uma rematização circular, reiterando ideias desnecessárias e não progredindo/aprofundando o assunto tratado. (E5).
- D. a resposta evidencia uma falta de conhecimento aprofundado da língua e do livro:
 - 8. A seleção lexical atende à forma padrão da língua, mas é uma linguagem muito comum, sem demonstrar grande domínio da língua e do livro. (E6)

A terceira questão, “Avaliação da estrutura composicional da resposta”, trouxe argumentos que merecem destaque, a seguir, salientando que uma resposta de estudante fugiu da temática solicitada na questão. As respostas reiteradas destacam:

- A. o consenso de que a resposta apresenta a estrutura – introdução, desenvolvimento e conclusão:
 - 9. A estrutura composicional da resposta é perfeitamente adequada. Um parágrafo introdutório que apresenta o que será desenvolvido, continuando com dois parágrafos de desenvolvimento dos temas apresentados na introdução, separados por tratarem de informações diferentes em relação de oposição [...] e encerrando com um parágrafo de conclusão que retoma as informações da introdução, elaborando a tese nesta apresentada. Entretanto, percebo que nem tudo apresentado na introdução é desenvolvido no texto, ou ao menos de forma satisfatória. (E2).
- B. parágrafos que não destacam o recuo de margem:
 - 10. Os ‘parágrafos’, ou melhor, trechos (pois não possuem estrutura de parágrafo), como, por exemplo, o espaço antes de iniciar a escrita na primeira linha. (E6).

Quanto à quarta questão: “Por fim, um julgamento da resposta dada pelo ChatGPT à questão, apresentamos a síntese das respostas dos sete respondentes, porque cada qual estabelece um perfil para constituir a identidade do gênero. Assim, têm-se que:

11. [...] o ChatGPT não deve ser usado para responder a questões que demandam aprofundamento [...] (E1)
12. Uma resposta incompleta. (E2)
13. [...] não traz reflexões a partir de um estudo, deixando de citar pontos que retratam o estilo de Euclides da Cunha, como o uso de linguagem enfática, indignada e também a forte presença de figuras de linguagem como a hipérbole e o pleonismo. A questão proposta exige uma resposta reflexiva, que leve em consideração o sentido, já a resposta dada pelo GPT é direta e objetiva. (E3).
14. A resposta deixa a desejar. (E4)
15. A resposta poderá satisfazer aos anseios de leigos. Entretanto, aqueles que leram integralmente o ensaio 'Canudos não se rendeu' de Alfredo Bosi, conseguem perceber a falta de conhecimento de teor crítico com que a IA retrata e, ao mesmo tempo, analisa a obra de Euclides. (E5)
16. Não é suficiente nem satisfatória. (E6)
17. Ao analisar a resposta do ChatGPT diante do conteúdo abordado, nas aulas de Literatura Brasileira, fui surpreendida, visto que se trata de um texto bem escrito, há organização de ideias e uso de recursos linguísticos. Contudo, é notável que não abrange todo o conteúdo necessário, pois, se observada a discussão de Bosi, o que foi retratado (pela IA) está superficial, em relação à grandeza do ensaio. Há a questão determinista e darwinista, ambas ideologias de extrema importância; a mestiçagem que permite a observância dos sertanejos; a linguagem empregada, uma linguagem enfática, repleta de superlativos, uma espécie de 'Barroco Científico'. (E7)

Considerações finais

Ao retomar o objetivo geral do estudo que é investigar a percepção de estudantes de Letras sobre o gênero "respostas ChatGPT" com base na temática Euclides da Cunha e *Os sertões*, recentemente estudada em sala de aula por eles, a fim de delinear o atual gênero e observar a função social postulada, pode-se considerar o que segue.

Os estudantes pesquisados entenderam a proposta de análise do gênero resposta dada pelo ChatGPT referente ao enunciado da avaliação de Literatura Brasileira, em perspectiva bakhtiniana. Entenderam, assim, a resposta do ChatGPT como gênero discursivo, resultante de uma demanda comunicativa contemporânea, concretizada por uma Inteligência Artificial. Deve-se considerar, entretanto, que se trata de público politizado em questões teórico-acadêmicas e que domina a leitura e a produção textual, em nível mais avançado que a população brasileira, em geral.

Nesse sentido, a complementariedade trazida pela temática, pelo estilo e pela estrutura composicional, na constituição dos enunciados e do gênero, era conhecida e foi considerada, pelos estudantes pesquisados, em perspectiva teórica e aplicada no olhar para a resposta da IA. O que se enfatiza é que os estudantes de Letras, ao que parece, dominam os estudos bakhtinianos, assim como as críticas literárias de Alfredo Bosi e, ainda, a obra *Os Sertões*.

Pelo que se pode inferir, a percepção dos estudantes de Letras sobre o gênero é que se trata de uma IA que consegue responder a questionamentos, para um público não especialista no assunto, pois as respostas são genéricas e pouco aprofundadas. Assim, o público mais delineado, mais competente, para determinadas temáticas, exclui o produto trazido pelo ChatGPT.

Trata-se de respostas de âmbito informativo e não reflexivo. São meramente referenciais. Assim, confirma-se a primeira hipótese trazida aqui, no sentido de que as respostas são superficiais, tendo como público aquele observado na pesquisa. Para outros públicos, a resposta pode funcionar como uma curiosidade ou informação inicial e exploratória sobre a temática.

A resposta parece alinhar-se com um relato, organizado em questões temporais. Busca argumentos de autoridade, trazidos na pergunta e não extrapola as fontes já elucidadas. Constitui-se como enciclopédia, em um diálogo digital, que favorece a pesquisa, por meio de perguntas e respostas, criadas iminentemente.

Não se confirmou a hipótese de erros conceituais. A resposta objeto de análise está correta, dentro dos limites da generalidade trazida pela temática.

Na questão do estilo, a seleção lexical não foge do linguajar cotidiano, dispensando consultas a dicionários. Os enunciados são coerentes e coesos, mas não se primam por uma escrita “mais cuidada”, menos repetitiva. O linguajar é denotativo, o que confirma mais uma hipótese do estudo.

No tocante à estrutura composicional, os estudantes participantes da pesquisa parecem entender que a resposta à questão deveria ser dissertativo-argumentativa, por isso trazem a questão da introdução, lugar em que se defende uma tese; o desenvolvimento, local em que se ampliam os argumentos, as discussões e se trazem as exemplificações; e a conclusão, em que se retoma a tese e se faz as considerações finais. Entretanto, não relataram as repercussões da forma, na constituição do sentido. O ChatGPT apela para as questões informativas, em detrimento das argumentativas.

Dessa forma, para delinear a identidade do gênero e discutir a função social, pode-se inferir que o *chat* “assume” uma atividade humana, relacionada com a utilização da língua – no caso, na constituição de enunciados, demandados no cotidiano, em modalidade digital. Reafirma-se, portanto, que o gênero aqui considerado está articulado com questões históricas e sociais, deste tempo e espaço.

Pode-se dizer que se prende à natureza verbal. Alia-se à heterogeneidade discursiva, é do gênero complexo, pois constitui respostas, por meio de diálogo entre diversas esferas disponíveis no meio digital, podendo transitar entre esferas artística, científica, sociopolítica etc., mas traz para si um texto informativo, ao que parece, em perspectiva histórica, sem movimentação crítica ou reflexiva. Apoia-se em argumentos de autoridade – talvez por se alinhar à pergunta – no estudo de caso aqui apresentado, como dito anteriormente.

Não representa uma resposta individualizada, mas que pode satisfazer às curiosidades de um leitor qualquer. As respostas memorizam este tempo e espaço, especialmente no que se refere à IA – estabelece a relação da evolução tecnológica com o tempo presente e o contexto do século XX, nas duas primeiras décadas.

A compreensão responsiva ativa é a fase preparatória para a resposta, pois, para tanto, estabelecem-se fronteiras entre o indivíduo usuário e o *chat*. Pode-se dizer que há uma alternância entre “falantes”. O Chat busca, na *web*, combinações e articulações com a pergunta dada. A resposta, enquanto contrapalavra, é ideológica, no sentido de atender a expectativa ou a curiosidade do leitor. E continua sendo, quando não o agrada, porque justifica que só pode responder por questões trazidas, a partir de 2021, e solicita que o usuário esclareça ou reoriente a questão.

Como resposta ao ChatGPT, o Google chega com o Bard. Aguardemos a luta que se travará entre Inteligências Artificiais e destas com o homem. Que a inteligência natural não saia vencida e que as IAs sirvam ao homem e não vice-versa.

Referências

AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M. T. et al. (org.). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 11-25.

BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2017.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: 34, 2016.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2020.

CAMPOS, M. I. B. Compreensão sobre a arquitetônica em Bakhtin: fontes kantianas. *Organon* (On-line), v. 30, n. 59, p. 199-210, 2015.

CAMPOS, M. I. B. A questão da arquitetônica em Bakhtin: um olhar para materiais didáticos. *Filologia e Linguística Portuguesa* (On-line), v. 14, p. 247-263, 2012.

DIGNUM, V. Responsible artificial intelligence: how to develop and use AI in a responsible way. *Artificial Intelligence: Foundations, Theory, and Algorithms*. Springer, 2019.

FIORIN, J. L. Sobre a tipologia dos discursos. *Significação: Revista Brasileira de Semiótica*, São Paulo, n. 8-9, p. 91-98, out. 1990.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GRUPO DE ESTUDOS DO DISCURSO – GEGE (org.). *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João, 2012. p. 19-39.

GERALDI, J. W. A diferença identifica. A desigualdade deforma: percursos bakhtinianos de construção ética através da estética. *Ancoragens – Estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João, 2019. p. 121-143.

MACHADO, I. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 141-158.

MEDVIÉDEV, I. P. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Ekaterina V. Américo e Sheila C. Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MENDONÇA, M. C. Desafios metodológicos para os estudos bakhtinianos do discurso. In: GRUPO DE ESTUDOS DO DISCURSO – GEDE (Org.). *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João, 2012. p. 107-117.

MOTA, J. da S. Use of Google Forms in academic research. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 6, n. 12, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>. Acesso em: 30 jun. 2023.

OPENAI. *ChatGPT*. Disponível em: <https://openai.com/chatgpt/overview/>. Acesso em: 28 jun. 2023.

RUSSEL, S.; NORVIG, P. *Inteligência artificial*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campos, 2004.

SICHMAN, J. S. Inteligência artificial e sociedade: avanços e riscos. *Inteligência Artificial: Estudos Avançados*, v. 35, n. 101, p. 37-50, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.004>. Acesso em: 27 jun. 2023.

TRIST, E. L. *et al.* Organizational Choice (RLE: Organizations). *Capabilities of Groups at the Coal Face Under Changing Technologies*. [S.l.]: Routledge, 2013.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: 34, 2017. (Tradução, Ensaio Introdutório, Glossário e Notas de S. V. C. Grillo e E. V. Américo). São Paulo: 34, 2017. v. 1.

A Song of Ice and Fire, de George R. R. Martin: uma análise dialógica do peritexto da obra

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3607>

Ana Carolina Pais¹

Resumo

O presente artigo trata de parte de nossa pesquisa de doutorado, cujo recorte centra-se na análise comparativa do peritexto da obra *A Song of Ice and Fire*, do escritor George R. R. Martin. Nosso objetivo principal será o de apresentar os efeitos de sentido gerados pelas relações dialógicas entre esses enunciados, tanto em sua versão em inglês, quanto em sua re-enunciação em português. Para tanto, em nossa metodologia investigamos as capas e contracapas do primeiro e do quinto livros, observando os elementos verbo-visuais. Os resultados indicam que o peritexto ganha um tom mais comercial na obra em inglês, enquanto a adaptação brasileira apresenta menos elementos propagandísticos e uma maior preocupação artística; revelando considerar o fundo aperceptível de percepção dos leitores jovem-adultos, principalmente fãs de literatura fantástica.

Palavras-chave: *A Song of Ice and Fire*; peritexto; relações dialógicas.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; anacarolpais@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-7659-5192>

***A Song of Ice and Fire*, de George R. R. Martin: a dialogic analysis of the book's peritext**

Abstract

This article is part of our PhD research, which focuses on the comparative analysis of the peritext of George R. R. Martin's *A Song of Ice and Fire*. Our main objective is to present the meaning effects produced by the dialogic relationships between these utterances, both in their English version and in their Portuguese re-enunciation. To this aim, we investigate the front and back covers of the first and fifth books, analyzing the verbal-visual elements. The results suggest that the peritext takes on a more commercial tone in the original English version, while the Brazilian adaptation has fewer promotional elements and a greater artistic focus, revealing that it considers the expected background of its young-adult readership, especially fans of fantasy literature.

Keywords: *A Song of Ice and Fire*; peritext; dialogic relationships.

Introdução

O objetivo deste artigo é o de, por meio da análise comparativa do peritexto da saga épica medieval *A Song of Ice and Fire*, esmiuçar os efeitos de sentido gerados pelas relações dialógicas entre esses enunciados, em língua inglesa (EN-US) e em língua portuguesa (PT-BR). Os dados aqui analisados integram os *corpora* da nossa tese de doutorado, que tem como foco investigar a existência dos signos da cultura popular, mais especificamente a carnavalização e o realismo grotesco, na referida saga, do escritor norte-americano George R. R. Martin, em sua versão original em língua inglesa e em sua re-enunciação ao português brasileiro, *As Crônicas de Gelo e Fogo*. Deste modo, a relevância, tanto da nossa tese quanto deste artigo, recobre a possibilidade de identificar e compreender aspectos das duas línguas/culturas envolvidas no estudo.

Seguindo o pressuposto teórico de Volóchinov (2017 [1929]) e de Bakhtin (2003 [1951-1953]) de que para compreendermos uma obra e sua cultura, precisamos investigar não apenas o material linguístico verbal, mas também a parte extraverbal que compõe o enunciado, consideramos relevante a aproximação da teoria bakhtiniana com a teoria da narratologia de Gerard Genette (2009), que considera, dentre vários, a importância dos elementos externos à narrativa da obra literária, e da qual utilizaremos o conceito de peritexto como nossa categoria de análise². Assim, temos o entendimento de que não

2 Com relação à aproximação da teoria bakhtiniana com a de Gérard Genette (2009), sugerimos a leitura das pesquisas: GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. *Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros*. 2013. Tese (Livro Docência em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. DOI: 10.11606/T.8.2015.tde-04112015-181038 e GRILLO, S.

basta estudar apenas o material linguístico verbal da obra de Martin, materializado na parte interna da narrativa, e sim que a parte extraverbal que compõe o enunciado, ou seja, os elementos peritextuais (Genette, 2009), teriam muito a nos dizer não somente sobre a obra, como também sobre as culturas discursivas envolvidas.

Isto posto, o presente artigo analisa o peritexto do primeiro e do quinto livros da saga de Martin, em inglês e em português, buscando compreender as características presentes nas capas e contracapas desses volumes. A escolha desses volumes deve-se à necessidade de delimitar uma distância temporal e cultural entre a publicação do primeiro volume nos EUA, em 1996 (antes da obra ser adaptada para a TV e sendo conhecida apenas pelo nicho de leitores de fantasia), e do último volume, publicado em 2011 (período no qual tanto a obra literária quanto a série televisiva já possuíam fama mundial). Com isso, podemos investigar quais os efeitos de sentido desse intervalo entre uma publicação e outra imprimiu no peritexto da obra e, em consequência, nas línguas/culturas envolvidas. Utilizamos o formato das versões populares das obras (ou *Mass Market Edition*) e não as de colecionador em capa dura ou ilustradas. Também priorizamos, para as re-enunciações ao português, as publicações feitas pela editora LeYa, de 2011 para as mais recentes, considerando assim que possam ter ocorrido revisões, correções e modificações nas edições mais novas.

Na primeira seção do artigo, traremos uma breve definição do que seriam as narrativas fantásticas e o que diferencia uma saga de uma obra de fantasia, bem como o que seria o conceito de paracosmos, tão importante para compreendermos o material verbal dos *corpora*. Em seguida, abordaremos alguns aspectos importantes da teoria bakhtiniana sobre o enunciado concreto, bem como a pertinência da aproximação com a teoria de Genette (2009) sobre os paratextos editoriais, que também será exposta, logo em seguida, com o conceito de peritexto. Após, com o apoio dos princípios analíticos sobre cores e símbolos, respectivamente de Heller (2014) e de Chevalier e Gheerbrant (2021), faremos as análises comparativas das capas e contracapas dos volumes 01 e 05, publicados nos Estados Unidos e no Brasil. Para então, ao final, apresentarmos nossas considerações sobre os efeitos de sentido gerados pelos enunciados nas duas línguas/culturas.

O fantástico e seu paracosmos

Diversas foram as perspectivas metodológicas que buscaram uma definição para as narrativas fantásticas, tais como Castex (1962), Caillois (1966), Vax (1972), Lovecraft (2008) e Todorov (2007), para citar apenas alguns dos teóricos empenhados neste trabalho. Porém, com a finalidade de trazer mais fôlego para as análises dos *corpora* e,

V. de C. Enunciados verbo-visuais na divulgação científica. *Revista da Anpoll*, [S. l.], v. 2, n. 27, 2009. DOI: 10.18309/anp.v2i27.149. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/149>. Acesso em: 5 jan. 2025.

consequentemente também auxiliá-las, nessa seção desenharemos um panorama sobre a significação das narrativas fantásticas e o conceito de paracosmos.

Segundo Lovecraft (2008), desde os primórdios da narrativa propagada pela oralidade, os elementos fantásticos apontavam ou questionavam o que era estranho ou sem explicações racionais, bem como auxiliavam a imaginação dos escritores com a composição de obras fantásticas, góticas ou de ficção científica, seja com um tom mais de fantasia, seja marcando mais os horrores mágicos ou a profundidade da imaginação humana. Em outros termos, o fantástico enquanto modo é formado pela junção entre o tema e os elementos da narrativa, destacando aí justamente a presença desses elementos fantásticos.

Em contrapartida, Todorov (2007) ao teorizar sobre o fantástico, apresenta-o também enquanto gênero. Formado a partir de elementos da incerteza e da hesitação, provocados tanto no personagem/narrador quanto no leitor, a veracidade do fato fantástico que ocorre na narrativa acaba por ser questionada. Questiona-se, então, se o fato é real ou sobrenatural (razão *versus* imaginação).

Alguns teóricos, tais como Caillois (1966) e Todorov (2007) demarcam o nascimento do fantástico, como vertente literária autônoma, apenas entre os séculos XVIII e XIX, isto é, final do século das Luzes, que é marcado pelo Iluminismo e, consequentemente, pela extrema imposição do racionalismo. O gênero literário fantasia nasce, nesse momento, como forma de questionar todo tipo de racionalidade.

A literatura fantástica, mesmo considerada, muitas vezes, como uma literatura secundária pela tradição da crítica literária, se mantém em constante transformação e passa a ser classificada em subcategorias. Uma dessas subcategorias seria a "fantasia épica" ou, como também é chamada, "alta fantasia" na qual obras, tais como *The Lord of The Rings*, de J. K. Tolkien, ou *A Song of Ice and Fire*, de Martin, são incluídas, pois nelas existe a criação de mundos com regras próprias e totalmente independentes do nosso mundo real, mas que trazem como marca a semelhança a uma sociedade medieval (Matangrano, 2016).

Autores como Eloy Martos Nuñez (2007), Alberto Martos García (2009) e Glória García Rivera (2004) passam a utilizar, dentro da subcategoria da fantasia épica, a designação "saga fantástica" para se referir a uma nova categoria de obra ficcional. Obras literárias, como *A Song of Ice and Fire*, *Harry Potter* ou *The Lord of the Rings*, que alcançam grande sucesso de vendas e que são adaptadas para outros meios, passam a ser chamadas de sagas fantásticas (García, 2009).

A palavra "saga", proveniente do verbo norueguês *segja* (contar), em sua origem, denominava as composições épicas transmitidas oralmente e que contavam os feitos

gloriosos dos povos nórdicos e germânicos. Enquanto gênero, provêm da Islândia, entre os séculos X e XI, narrando os vínculos de uma família e a ascensão dos clãs, como uma história familiar que objetivava levar o nome e os feitos familiares de geração a geração. Uma saga trará, segundo Jolles (1930, p. 70), as seguintes chaves mentais “família, clã, vínculos de sangue” e por isso, perdem a sua importância a partir do momento em que as famílias deixam de ser o centro da organização social e, então, as igrejas ganham o papel de reunir as pessoas em comunidades ou paróquias (Jolles, 1930).

Na atualidade, as sagas hibridizam mitos e elementos da tradição oral, reconfigurando-os com valores contemporâneos, bem como se utilizam de diferentes sistemas intersemióticos para transmiti-las, como explicam Burlamaque e Barth (2016). As sagas passam a designar narrativas fantásticas serializadas que compõem sua trama por meio do imaginário; o que, segundo García (2009), caracteriza uma modalidade transmidiática das narrativas pós-modernas.

Desse modo, é por meio de um paracosmos que as sagas fantásticas atualizam os mitos e, conseqüentemente, criam uma nova realidade. Em outras palavras, o paracosmos é um universo próprio do enredo. Ele possui regras demarcadas e não se limita ao espaço do livro ou à linguagem escrita. O *locus* narrativo estende-se, então, a diversos meios e linguagens, seja o livro, o cinema ou a televisão. Com isso, identificamos na saga fantástica a construção de um universo múltiplo e plural dentro da obra e que também se estende para fora dela. Já uma obra de fantasia, ao contrário, traz uma limitação do seu começo, meio e fim para as páginas do livro (Pais, *no prelo*).

Consideramos que a obra de Martin, por nós analisada, é um exemplo da criação de um paracosmos, pois o autor começa sua narrativa dentro dos livros, em cinco volumes até então publicados, porém, antes de finalizar o sexto livro da saga, a emissora HBO realiza a adaptação de sua obra por meio da série televisiva *Game of Thrones*. Nesse ínterim, jogos de *vídeo game*, histórias em quadrinhos, *fanfics*, entre outros foram lançados, bem como o próprio Martin realiza a publicação de livros com histórias ocorridas antes do enredo de *A Song of Ice and Fire*, ao que se costuma chamar de *prequels* (do inglês “pre – antes” e “sequel – sequência”), isto é, narrativas que contam fatos ocorridos antes de algum outro, como *flashbacks*.

Assim, o paracosmos concebe uma narrativa não linear. Há um universo comum a várias narrativas que se materializam em variados meios e formatos, modificando os modos de ler a obra e até mesmo de ampliá-la, seja pelo próprio autor ou por seus leitores/fãs, em guias, enciclopédias e outros meios. Há a sensação de não finalização da obra, como denomina Rivera (2004).

A Song of Ice and Fire cria um paracosmos, um universo complexo que não se limita apenas à escrita de seu autor dentro do enredo ou em outros livros pertencentes à

mesma história. A obra se estende também a outros produtos que são criados, pelo autor ou por seus fãs, a partir dela, tanto no contexto literário quanto fora dele, por meio de séries televisivas, jogos e diversos outros objetos de consumo. Muitas vezes, são os elementos paratextuais pertencentes à obra que trarão aspectos e indícios da existência ou da ligação-continuação da obra em outras mídias.

Como nosso objetivo é o de esmiuçar os efeitos de sentido gerados pelas relações dialógicas entre os enunciados peritextuais da obra de Martin, em Inglês e em Português, antes de abordarmos o conceito de peritexto por Genette (2009), buscaremos na próxima seção trazer alguns aspectos sobre o conceito de enunciado concreto na teoria bakhtiniana que nos auxiliarão a clarificar como enxergamos essas relações do peritexto da obra.

O peritexto enquanto enunciado concreto

Consideramos o peritexto de *A Song of Ice and Fire* enquanto enunciado concreto que nos permite compreender as línguas/culturas aqui analisadas (EN-US / PT-Br.). Segundo Bakhtin (2016 [1951-1953]), os enunciados são determinados pela esfera de atividade humana (pela ciência, religião, literatura, família etc.) e, ao serem dirigidos a um grupo social específico, tornam-se relativamente estáveis (os gêneros do discurso), e assimilam a realidade. Assim, uma dada função (como a arte) e uma dada condição de comunicação discursiva, específica de uma esfera (literária), gera gêneros discursivos determinados (como a saga fantástica).

O enunciado concreto constitui-se, então, pela alternância dos sujeitos do discurso, pelo acabamento do enunciado e a relação estabelecida do enunciado com seu autor e todos os envolvidos na comunicação. Assim, de acordo com Bakhtin (2016 [1951-1953]), cada enunciado é um elo de vários outros enunciados, ocorrendo uma relação dialógica entre o autor e o seu auditório social. Em nossas análises consideramos o peritexto (capa e contracapa) da obra de Martin como um enunciado concreto que estabelece essa relação dialógica com o paracosmos de *A Song of Ice and Fire*, pois é um elemento de ligação entre as narrativas livro e série de TV.

O acabamento requer um tratamento exaustivo do tema, um querer-dizer do locutor (materializado em um gênero) e as formas de estruturação do gênero³. O autor, ao

3 Devido o conceito de gêneros do discurso ser bastante debatido por pesquisas de diversas áreas, não aprofundaremos seus aspectos aqui. Apenas gostaríamos de lembrar que os gêneros são caracterizados pela presença de um conteúdo temático, uma estrutura composicional e um estilo. O conteúdo temático define o enunciado como concreto e único, pois ele expressa um conteúdo em uma situação histórica específica e irrepetível. O conteúdo temático é algo mais abrangente do que o assunto em si, é o querer dizer do autor do enunciado. A estrutura composicional dá ao gênero a característica de relativamente estável, pois é a configuração geral da narrativa, a sua disposição e sua organização enunciativa na sociedade. Já o

compor seus enunciados, leva em consideração um dado horizonte valorativo, que seriam os interesses e os valores de um determinado grupo social ao qual se direciona, mas também o fundo aperceptível de percepção do seu leitor/ouvinte, ou seja, a compreensão feita pelo locutor sobre os conhecimentos, os valores etc. supostamente presentes em seu interlocutor:

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e as escolhas dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o *estilo* do enunciado. Por exemplo, os gêneros da literatura popular científica são endereçados a um determinado círculo de leitores dotados de um determinado fundo aperceptível de compreensão responsiva; a outro leitor está endereçada uma literatura didática especial e a outro, inteiramente diferente, trabalhos especiais de pesquisa. Em todos esses casos, a consideração do destinatário (e do seu campo aperceptível) e sua influência sobre a construção do enunciado são muito simples. Tudo se resume ao volume dos seus conhecimentos especiais (Bakhtin, 2016 [1951-1953], p. 63-64, *italico do autor*).

Os enunciados por nós elaborados são constantemente ressignificados com base em nosso interlocutor e seus valores, direcionando-os, com isso, de modo favorável ou contrário a outros discursos que entrarão nessa relação dialógica. Para Volóchinov (2019 [1930]), os enunciados são reações valorativas à realidade social a qual estamos inseridos, ocorrendo em todas as esferas da atividade humana.

O enunciado não pode ser neutro, uma vez que sofre a influência de sua época, de seu grupo social etc. e, assim, carrega-se de tons sociais e históricos. Todo enunciado é formado por uma parte verbal (escrita ou falada) e uma extraverbal, na qual estão marcados a avaliação social, a orientação apreciativa e outros fatores não sistêmicos da língua, mas sim que estão presentes no contexto social e ideológico de cada língua/cultura (Volóchinov, 2017 [1929]).

estilo é marcado pelo uso de recursos linguísticos que se ligam a determinadas esferas da atividade humana. É pelo estilo que a individualidade do falante é expressa dentro do gênero e é pelo enunciado que temos a marca de encontro entre a língua nacional e a língua individual (o estilo). O estilo é definido pela interação dialógica e pelo grau de proximidade existente entre o autor e o outro (Bakhtin, 2016 [1951-1953]).

Para Volóchinov (2017 [1929], p. 184), a língua em sua prática viva na comunicação social liga-se ao seu conteúdo ideológico ou cotidiano, pois “todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e se orienta para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais”. Com a compreensão de que em todo enunciado haverá sempre uma compreensão ativa e responsiva a discursos anteriores e futuros, e que as capas e contracapas são enunciados que nos permitem compreender a obra de Martin, bem como as línguas/culturas envolvidas, passemos agora ao conceito de peritexto formulado por Genette (2009), para depois, na próxima seção, trazermos nossas análises.

Gérard Genette publica, em 1987, a obra *Seuils*, que no Brasil será intitulada como *Paratextos Editoriais* (2009), na qual trata sobre a produção e a recepção de um texto. Apresenta o relevante ponto de vista de que uma obra literária dificilmente trará o texto “em estado nu” e que será sempre permeado por outras composições, sejam elas verbais ou não, que mostram e tornam esse texto presente no mundo; passível, por exemplo, de ser consumido na forma de um livro.

Esse acompanhamento, de extensão e aparência variáveis, constitui o que em outro lugar batizei de *paratexto* da obra, conforme o sentido às vezes ambíguo desse prefixo em francês [...]. Assim, para nós o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público. Mais do que um limite ou uma fronteira estanque, trata-se aqui de um *limiar*, ou – expressão de Borges ao falar de um prefácio – de um “vestíbulo”, que oferece a cada um a possibilidade de entrar, ou de retroceder.

[...]

O PARATEXTO COMPÕE-SE, pois, empiricamente, de um conjunto heteróclito de práticas e de discursos de todos os tipos e de todas as épocas que, em nome de um grupo de interesse, ou convergência de efeitos, que me parece mais importante do que sua diversidade de aspecto, eu reúno sob esse termo (Genette, 2009, p. 9-10, maiúsculas e itálicos do autor).

Os elementos que tornam o texto presente, receptível e consumível no mundo, isto é, o *paratexto*, é formado pelo *peritexto* e pelo *epitexto*. O *peritexto* seriam as partes nas quais os elementos que enunciam o livro, sua realização material, são encontrados: capa, contracapa, título, prefácio, notas etc. O *epitexto*, por sua vez, seria formado pelos componentes externos ao livro, em outras palavras, que não são encontrados materialmente incorporados ao texto; podendo ser “públicos”, tais como entrevistas, conversas, colóquios, ou “privados”, a exemplo das correspondências ou diários do autor (Genette, 2009).

Os elementos paratextuais são mais funcionais do que estéticos, pois, ao serem a extensão da obra, trazem aos leitores quais são as possíveis intenções do autor e do editor ao publicar a obra. Como aponta Genette (2009, p. 358), “qualquer que seja a intenção estética que se lhe acrescente, o paratexto não tem por desafio principal ‘tornar bonito’ o entorno do texto, mas, sim, assegurar-lhe um destino conforme os desígnios do autor”.

Com esse entendimento, a próxima seção trará as nossas análises do peritexto da obra para que possamos encontrar os efeitos de sentido gerados pelas relações dialógicas entre esses enunciados nas duas línguas/culturas.

***A Song of Ice and Fire* e a expressão verbo-visual de seu peritexto**

A saga fantástica, *A Song of Ice and Fire*, de Martin é composta por cinco volumes já publicados e o sexto volume, *The Winds of Winter*, que está em fase de desenvolvimento. O primeiro volume da saga foi publicado, nos Estados Unidos, em 1996, pela editora *Bantam Spectra* (*Bantam Books*). No Brasil, a obra foi publicada inicialmente pela editora LeYa, em 2010, e em 2019 a Companhia das Letras comprou os direitos autorais das obras de Martin. O primeiro volume da obra é, então, publicado em português brasileiro quase quatorze anos após ter sido lançado em seu país de origem e de já ter alcançado consolidação enquanto obra literária. *A Song of Ice and Fire*, como já citamos anteriormente, dá origem à famosa série televisiva norte-americana *Game of Thrones*, o que impulsiona o consumo, tanto do produto literário quanto do produto audiovisual, pois muitos indivíduos tornam-se fãs dos livros após terem assistido à série televisiva e vice versa.

O enredo da obra é ambientado nos continentes fictícios de Westeros e Essos e se passa em um período inspirado na Idade Média. Os Sete Reinos de Westeros são palco de lutas por poder, amor, honra e fortuna. Há três enredos principais: nos Sete Reinos há uma guerra civil sucessória entre várias famílias que disputam o controle desses reinos; no extremo Norte, seres sobrenaturais que habitam além da imensa muralha de gelo, chamados de os Outros, são uma ameaça e, perambulando por diversos lugares, Daenerys Targaryen, filha do rei louco que foi deposto 15 anos antes, em uma também guerra civil, é a única sobrevivente e herdeira exilada da Casa Targaryen, em busca de reconquistar o Trono de Ferro.

Dentre os cinco livros publicados da obra, iremos analisar, como já mencionado, alguns elementos do primeiro e do quinto volumes da saga. Na versão original norte-americana, todos os volumes possuem na capa a propaganda da série televisiva *Game of Thrones*, o destaque de que Martin é um autor *best-seller*, o nome do autor em caixa alta e em destaque, ao centro, os desenhos de uma espada (livro 1), e um escudo com um dragão (livro 5) e, ao final da capa, o título de cada livro.

Figura 1. À esquerda, capa norte-americana; à direita, capa brasileira – volume 01



Fonte: Elaboração própria

A informação de que o livro faz parte da saga, *A Song of Ice and Fire*, só aparece na contracapa. Com isso, na capa⁴ ganha destaque a referência ao nome do autor e ao título do volume, bem como à publicidade da série de TV, da emissora HBO, derivada dos livros. Ao associar o nome do autor e o título de cada livro a um produto de massa (a série de TV) e sua emissora (HBO), a edição norte-americana transforma a obra também em um objeto ou ferramenta publicitária, além de carregar uma marca mercadológica.

Diferentemente da versão brasileira que se utiliza da ilustração de cenários, no livro original são utilizados signos ideológicos nas capas, que possibilitam diversas leituras. Por exemplo, no primeiro volume identificamos o signo da espada que pode ser relacionado ao fato de neste livro a Muralha de Gelo e todos os personagens essenciais a esse núcleo histórico serem destacados, bem como a família Stark e os homens da Patrulha da Noite.

A espada torna-se um simbolismo de poder, signo constantemente afirmado na trama. Quando associada à figura do rei, segundo Chevalier e Gheerbrant (2021, p. 452), apresenta o simbolismo “do estado militar e de sua virtude, a bravura, bem como de sua função, o poderio”, tendo um aspecto dual de poder, tanto para dizimar o mal e a ignorância, quanto para construir a paz e a justiça.

As capas adotam para o primeiro volume, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, os tons de azul. Essa cor, dentre suas múltiplas significações, traz o aspecto da fidelidade e, ao mesmo tempo, da frieza e do irreal/fantasiado, segundo Heller (2014). A partir disso,

⁴ E também encontramos na lombada – elemento peritextual não analisado neste artigo.

podemos traçar alguns paralelos, pois o enredo da saga trata de temas, tais como a fidelidade *versus* a infidelidade, em seus múltiplos contextos (familiar, social etc.) e nos apresenta o questionamento sobre até que ponto podemos confiar nas pessoas que nos cercam. Um dos primeiros capítulos do livro 01 nos apresenta a família Stark, cujo patrono, Eddard Stark, tem a fidelidade como lema de vida. Além disso, *A Song of Ice and Fire* pertence ao gênero de fantasia épico-medieval, no qual há a mistura de pontos fantasiosos com outros próximos à realidade.

Por sua vez, a capa da versão adaptada ao português é ilustrada em todos os volumes. A arte inicia-se na capa e se encerra na contracapa. Em seu centro, encontramos o nome do autor, com ênfase dada ao sobrenome Martin. Logo após, temos o título de cada volume, o nome da série (*As Crônicas de Gelo e Fogo*) e o número do livro. O símbolo da editora Leya está presente no topo da capa apenas nos livros 01 e 04⁵, nos demais é alocado ao pé da capa.

Como afirma Volóchinov (2017 [1929]), um objeto da natureza por si só não tem uma vasta significação, pois é apenas uma parte da realidade natural e social. Seu sentido surge quando passa por uma apreciação e um juízo de valor da coletividade. O signo e todos os efeitos e reações que ele gera ocorrem externamente e não na consciência, pois ele é um fenômeno ideológico dependente de um material sógnico, seja o som, a massa física, a cor, o movimento do corpo, entre outros. Como explica Volóchinov (2017 [1929], p. 95), a compreensão de um signo é realizada por meio de um material sógnico, ou seja,

[...] a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos. Essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, que vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e ininterrupta: sempre passamos de um elo sógnico, e portanto material, a outro elo também sógnico. Essa cadeia nunca se rompe nem assume uma existência interna imaterial e não encarnada no signo.

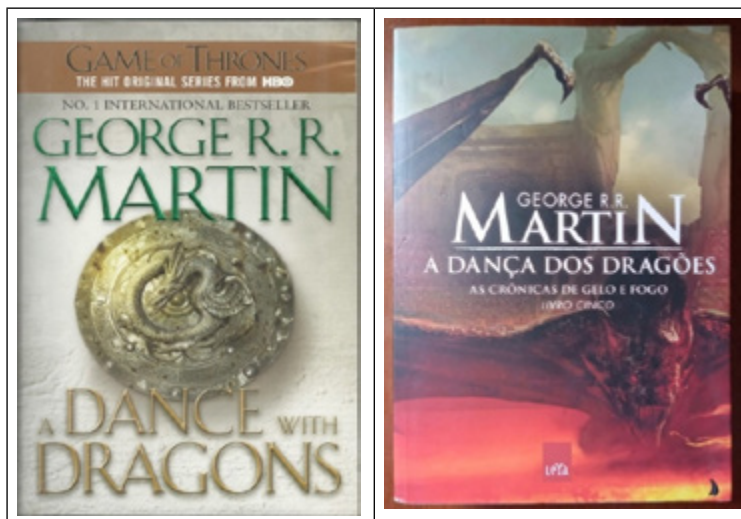
Os signos, sejam eles verbais, visuais ou verbivocovisuais refletem e refratam a realidade num dado tempo sócio histórico e cultural, podendo assumir outros sentidos em outros grupos sócio culturais ou mudar sua significação com o passar do tempo. No livro 01, por exemplo, no pé da capa encontramos a frase “O inverno está chegando...” que complementa a ilustração inauguradora do primeiro volume da saga. Temos um cenário de fundo azul gélido, com uma floresta enevoadada. De um lado, há dois homens no topo do que nos remete ser a grande Muralha de Gelo, famosa no enredo, e do outro as

5 Devido ao espaço limitado para analisarmos todos os volumes da saga, optamos por delimitar nossas análises apenas aos volumes 01 e 05; cobrindo, assim, o primeiro e o último publicados.

montanhas congeladas. Esse cenário toma toda a extensão da capa e da contracapa e dá a mensagem ao leitor do quão misterioso e assustador pode ser essa história.

Além dessa conexão que pode ser feita pelo leitor de literatura fantástica, os editores e os responsáveis pela arte da capa utilizaram-se das referências, do fundo aperceptível de percepção, que pessoas que não são fãs do gênero literário fantasia, mas que acompanharam a série de TV *Game of Thrones*, podem resgatar quanto ao significado do signo “O inverno está chegando...” dentro do contexto da série e que foi largamente utilizado pela mídia e pelo *marketing* para vender também outros produtos relacionados a esse paracosmos.

Figura 2. À esquerda, capa norte-americana; à direita, capa brasileira – volume 05



Fonte: Elaboração própria

Quando analisamos o quinto livro, a versão norte-americana opta por tons mais próximos ao branco gelo, um pouco acinzentada. Essa cor retoma a sensação da frieza e da dureza, mas que ao mesmo tempo possui a combinação do nome do autor em verde brilhante; cor da esperança e da renovação (Heller, 2014). O leitor é levado por essa capa à atmosfera da personagem Daenerys Targaryen, que ganha destaque nesse volume, tanto pelo título, *A dance with dragons*, quanto pelo signo visual de um escudo (broquel) com um dragão ao centro, como um dos seus adornos. Para se tornar uma rainha e se sair vitoriosa na guerra pelo poder, Daenerys precisará, durante a trama, aprender a controlar os seus dragões.

Em uma guerra, há sempre um jogo entre aquilo que se ganha ao ser o vitorioso e o que se perde ao ser morto. Seria justamente esse o jogo que a personagem Daenerys precisa compreender; algo que o escudo presente na capa retoma. Esse escudo torna-se, desse modo, uma arma psicológica que se utiliza de seus ornamentos para apavorar, assustar

e derrubar o adversário. É uma arma passiva, simbolizando mais uma defesa do que uma agressão e na arte renascentista, segundo Chevalier e Gheerbrant (2021), representava a virtude da força e da vitória.

No caso de Daenerys, os dragões são os seus guardiões e representam a sua força bélica, causando medo e destruição. Além de serem símbolo de guardiões (de pessoas ou de coisas ocultas), os dragões acabam simbolizando também o mal ou algo demoníaco. Para algumas culturas, tais como a chinesa, são símbolos do imperador e são associados ao raio, devido ao fogo que cospem, e à fertilidade (Chevalier; Gheerbrant, 2021).

Na adaptação ao português, encontramos a ilustração de um dragão gigantesco que toma toda a capa, contracapa e orelhas, dando a entender que está a atacar algo ou alguém. Descobrimos ao abrir a primeira orelha do livro, local no qual está a continuação da ilustração, a imagem de uma mulher que retoma a representação da personagem Daenerys tentando domar o que consideramos ser o seu maior dragão, Drogo. Porém, no livro 05 não encontramos mais frases de impacto nas capas, apenas as ilustrações.

Figura 3. À esquerda, contracapa norte-americana; à direita, contracapa brasileira – volume 01



Fonte: Elaboração própria

A contracapa original, por sua vez, possui no topo o nome da saga e o número do livro. Na sequência, uma crítica literária, um resumo do livro, mais uma crítica literária e, ao final, o *site* da editora, a indicação de direitos reservados da HBO Inc. e os dados de venda internacional, o preço e o gênero (fantasia). Enquanto na contracapa brasileira o editor opta por trazer uma breve crítica literária e uma espécie de frase de impacto sobre a obra, porém, re-enuncia o resumo do livro utilizando as informações do original em inglês e realizando adaptações ao português. O primeiro parágrafo do resumo em inglês

não menciona a série televisiva. O resumo em português, por sua vez, divide-se em duas partes, na qual a primeira *As Crônicas de Gelo e Fogo*, optou-se por realizar uma breve conexão entre a série de TV e a obra literária (“agora também um seriado de sucesso na HBO!”). Já a segunda parte do resumo, *A Guerra dos Tronos*, re-enuncia em português o segundo parágrafo do resumo original, priorizando dar novamente destaque ao autor da obra.

O nome da saga aparece tanto na capa quanto na contracapa brasileira, porém em nenhum desses elementos peritextuais há a menção à emissora HBO. Na contracapa brasileira temos um breve resumo da saga que a associa no volume 01, como mencionamos, à série de TV da emissora HBO. Em seguida, temos a sinopse de cada volume com a abertura feita pela frase “De um dos maiores mestres da fantasia surge um épico magistral, poderoso como você jamais viu...”, com exceção ao livro 04. Apenas o volume 01 possui uma breve avaliação em sua contracapa do *site* SF Reviews que faz uma clara conexão entre a obra de Martin e o célebre personagem de fantasia “Bilbo, o bolseiro” do escritor Tolkien, colocando uma espécie de selo de aceitação de *As Crônicas de Gelo e Fogo* como obra fantástica (“A guerra dos tronos é a mais importante obra de fantasia desde que Bilbo encontrou o anel”) e a equiparando a obras de renome como as de Tolkien.

Figura 4. À esquerda, contracapa norte-americana; à direita, contracapa brasileira – volume 05



Fonte: Elaboração própria

As contracapas do volume 05 seguem o mesmo padrão dos demais volumes: no original há um resumo do volume colocado entre duas avaliações de críticos literários (jornais, revistas ou *sites*). Enquanto a adaptação ao português prioriza colocar uma síntese tanto do volume quanto da obra como um todo, bem como insere frases de impacto ou também avaliações de críticos literários. Outro ponto interessante é que a menção ou a sigla da emissora HBO que aparece em todas as outras contracapas originais, não aparece mais na contracapa do livro 05. A versão re-enunciada ao português, entretanto,

na qual encontrávamos a menção à série de TV ou a emissora de modo atenuado, surge com maior ênfase justamente na contracapa do volume 05, estabelecendo um paralelo entre os leitores e os telespectadores de Martin (“A série que conquistou leitores e telespectadores está de volta”). Observamos também que o resumo re-enunciado em português, na contracapa do livro 05, demonstra ter mais liberdade criativa, realizando não apenas uma tradução do inglês ao português, mas trazendo uma mescla entre sentenças re-enunciadas e outras novas.

No original, conseguimos observar uma construção maior dos signos ideológicos presentes nas capas que, embora pareçam elementos simples, trazem um aspecto simbólico mais marcado da luta, da guerra e da conquista do poder. Em todas as capas esses signos somam-se à marca e à presença propagandista da série televisiva *Game of Thrones*, o que deixa mais evidente a existência de um paracosmos complexo da obra de Martin.

No Brasil, a publicação do livro e o lançamento da série televisiva tem a proximidade de um ano e, mesmo assim, na estrutura editorial do livro não vemos um vínculo entre os dois objetos (livro e série de TV) tão marcante quanto vemos na versão norte-americana; que possui um distanciamento temporal maior entre o lançamento do primeiro volume da obra e o da série de TV. Ao contrário, a adaptação ao português não evidencia tanto a ligação da escrita de Martin com a série televisiva ou outros produtos que envolvem a saga. As capas, por exemplo, possuem um tom mais artístico quando observamos que a ilustração presente nelas tem início na capa e completa toda a contracapa e orelhas, como que formando um quadro.

Com relação às capas e contracapas de *A Song Of Ice And Fire* identificamos que elas: 1) Buscam aproximar-se mais do público comum que normalmente não se interessaria por literatura de fantasia; 2) Ampliam o nicho de leitores da obra; 3) Há a opção por uma capa com aparência mais “clean” e com poucos elementos de ligações diretas com o mundo de fantasia; 4) É nítida a marca propagandista da editora; 5) Forte vínculo entre os dois produtos: o leitor da obra é estimulado a conhecer e a consumir também a série de TV derivada da saga literária.

Já em *As Crônicas de Gelo e Fogo*: 1) Não encontramos, em sua estrutura composicional, um vínculo excessivo com a série televisiva; 2) Procuram afirmar o nome de Martin como autor competente e de sucesso dentro do gênero de fantasia, igualando-o a Tolkien; 3) Procuram afirmar a obra de Martin comparando-a com a mais famosa obra de Tolkien, *The Lord Of The Rings (O Senhor dos Anéis)*, que também foi adaptada para o cinema.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi o de esmiuçar os efeitos de sentido gerados pelas relações dialógicas do peritexto dos volumes 01 e 05 de *A Song of Ice and Fire*, em inglês e em português. Consideramos as capas e contracapas enquanto enunciados, uma vez que estabelecem diálogos com outros discursos contidos em outros enunciados, que compõem o paracosmos da saga de George R. R. Martin. Segundo Genette (2009), os elementos periféricos da capa/contracapa a trazem para dentro do livro. Por meio do estudo da obra de Genette (2009) e de nossas análises sob os *corpora*, complementaríamos que a capa/contracapa ao lançar o leitor para o interior do livro, prepara-o e o instiga para o enredo, mas também nos revela importantes características sobre as línguas/culturas envolvidas na obra. Observamos, então, que tanto a obra literária em inglês quanto em português dialoga com sua adaptação à série televisiva, *Game of Thrones*, por meio de signos verbais e/ou visuais contidos nas capas e nas contracapas da saga.

A análise do peritexto nos trouxe dois pontos: o original ganha um tom mais comercial, que se enquadra como uma característica marcante das publicações de *Mass Market* nos Estados Unidos. Isso pode indicar um aspecto importante, a ser aprofundado em futuras pesquisas, sobre como as obras *best-sellers* são comercializadas nesta língua/cultura e, conseqüentemente, a ligação da obra como veículo de venda do mesmo enredo (produto) sob novos formatos. Ao se ampliar o paracosmos de uma obra literária, por exemplo, também se amplia o elo infinito de consumo daquele enredo, pois alimenta-se nos leitores/consumidores a constante sensação de não finalização da obra.

Por outro lado, a adaptação em português possui menos elementos propagandísticos, restringindo-os mais para a contracapa, e uma maior preocupação artística. Isso pode nos revelar um aspecto da língua/cultura brasileira e de associar livros (capa e contracapa) a um material artístico e não apenas de consumo massivo, especialmente do nicho de leitores de fantasia. Há indícios de que com isso, em português, a editora LeYa tenha levado mais em consideração o fundo aperceptível de percepção da camada jovem-adulta de leitores, com foco maior nos de literatura fantástica.

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1951-1953]. p. 261-306.
- BURLAMAQUE, F. V.; BARTH, P. A. Experiências literárias com sagas fantásticas: as Crônicas de Gelo e Fogo e a criação de um novo universo. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói, v. 18, n. 29, 2016.

CAILLOIS, R. De la féerie à la science-fiction. In: CAILLOIS, R. *Anthologie du fantastique*. Paris: Gallimard, 1966. vol. 1, p. 7-24.

CASTEX, P. *Le conte fantastique en France de Nodier à Maupassant*. Paris: Corti, 1962.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução Vera da Costa e Silva. 35. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

GARCÍA, A. M. *Introducción al mundo de las sagas*. Badajoz: Universidade de Extremadura, 2009.

GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. Cotia: Atêlie Editorial, 2009.

GRILLO, S. V. de C. *Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros*. 2013. Tese (Livre Docência em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. DOI: 10.11606/T.8.2015.tde-04112015-181038.

GRILLO, S. V. de C. Enunciados verbo-visuais na divulgação científica. *Revista da Anpoll*, [S. l.], v. 2, n. 27, 2009. DOI: 10.18309/anp.v2i27.149. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/149>. Acesso em: 5 jan. 2025.

HELLER, E. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. Tradução Maria Lúcia Lopes da Silva. 1. ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2014.

JOLLES, A. *Formas simples: legenda, saga, mito, adivinha, ditado, caso, memorável, conto, chiste*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1930.

LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural em literatura*. Tradução Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2008.

MARTIN, G. R. R. *A game of thrones*. New York: Bantam Books, 2011.

MARTIN, G. R. R. *A guerra dos tronos*. Tradução Jorge Candeias. São Paulo: LeYa, 2015.

MARTIN, G. R. R. *A dance with dragons*. New York: Bantam Books, 2011.

MARTIN, G. R. R. *A dança dos dragões*. Tradução Marcia Blasques. São Paulo: LeYa, 2012.

MATANGRANO, B. A. Breve panorama da presença da fantasia na literatura brasileira. *Revista Cândido*, Paraná: Biblioteca Pública do Paraná, n. 55, p. 4-11, fev. 2016.

NÚÑEZ, E. M. Hipertexto, cultura midiática e literaturas populares: o auge das sagas fantásticas. In: RETTERNMAIER, M.; RÖSING, T. M. K. (coord.). *Questões de leitura no hipertexto*. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2007. p. 50-63.

PAIS, A. C. *As simbologias da cultura popular em contrastes de línguas/culturas: a literatura fantástica de A Song of Ice and Fire*. No prelo. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, no prelo.

RIVERA, G. G. Paracosmos: las regiones de la imaginación (los mundos imaginários em los géneros de Fantasia, Ciencia Ficción y Horror: nuevos conceptos y métodos). *Primeras noticias*, Revista de literatura, n. 207, p. 61-70, 2004.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2007.

VAX, L. *A arte e a literatura fantásticas*. Tradução João Costa. Lisboa: Arcádia, 1972.

VOLOCHÍNOV, V. N. A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem. In: VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLOCHÍNOV, V. N. O que é a linguagem/língua? In: VOLOCHÍNOV, V. N. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos e poemas*. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1930]. p. 234-265.

Legitimidade e Validação Terminológica em ambiente especializado institucional, com aporte de recursos de *corpora*: análise de produtos terminográficos da área de Meteorologia Aeronáutica

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3629>

Rafaela Araújo Jordão Rigaud Peixoto¹

Resumo

Com base nas discussões atuais sobre conceitos de tradução institucional e especializada (Prieto-Ramos; Guzmán, 2021; Prieto-Ramos; Cerutti, 2023), sobre abordagens terminológicas (Thelen, 2015), e sobre legitimidade e validação (Scott, 2010), também considerando o aporte de recursos de *corpora* (Tagnin, 2015), foram analisados dez produtos terminográficos (PT) do domínio da Meteorologia Aeronáutica, publicados por instituições elencadas em cinco categorias: instituições supranacionais, instituições não governamentais, instituições governamentais, universidades e empresas comerciais. Foram comparados os espectros das características institucional e normalizadora desses PT institucionais, mediante os seguintes objetivos específicos: (a) descrição geral da instituição; (b) análise de estrutura e padrões do produto terminológico; e (c) análise da perspectiva de legitimidade e validação terminológica em ambiente especializado institucional. Como resultado, foi observado que as instituições que possuem maior envolvimento com a segurança operacional e seus padrões normativos tendem a utilizar verbetes com maior conteúdo descritivo, ao passo que instituições que focalizam regulamentação geral apresentam conteúdo mais normativo.

Palavras-chave: instituição; aviação; terminologia; terminografia; glossário.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; rafaelaraajrp@decea.mil.br; <https://orcid.org/0000-0002-3504-8405>

Terminological Legitimacy and Validation in institutional specialized settings: institutional and standardizing spectra of terminographic products in the field of Aeronautical Meteorology

Abstract

Based on current discussions on concepts of institutional and specialized translation (Prieto-Ramos; Guzmán, 2021; Prieto-Ramos; Cerutti, 2023), on theory-oriented and translation-oriented terminological approaches (Thelen, 2015); and on legitimacy and validation (Scott, 2010), also taking into account the contribution of corpora resources (Tagnin, 2015), ten terminographic products (TP) in the field of Aeronautical Meteorology were analyzed, published by institutions sorted into five categories: supranational, non-governmental, and government institutions, as well as universities and commercial companies. The institutional and standardizing spectra of characteristics of these TP were compared, taking into account the specific objectives: (a) general description of the institution; (b) analysis of structure and standards of the terminographic product; and (c) analysis of the perspective of terminological legitimacy and validation in a specialized institutional environment. As a result, it was observed that institutions that have more safety-related activities and procedures tend to elaborate entries with greater descriptive content, while institutions that focus on general regulation have more normative content.

Keywords: institution; aviation; terminology; terminography; glossary.

Introdução

Para o desenvolvimento de produtos terminográficos, é necessário levar em consideração diferentes usuários e possíveis usos distintos desses mesmos usuários. No caso de bases terminológicas institucionais, mais precisamente, alguns padrões devem idealmente ser seguidos a fim de compreender uma descrição aplicada dos termos ou garantir a normalização em um dado domínio (Prieto-Ramos; Guzmán, 2021; Prieto-Ramos; Cerutti, 2023). A partir desse pressuposto, o presente artigo, parte de um projeto de pós-doutorado, traça um panorama sobre legitimidade e validação terminológica em ambiente institucional especializado, ao analisar o espectro das características institucional e normalizadora de produtos terminográficos institucionais na área de Meteorologia Aeronáutica, algumas vezes inseridos no domínio da Aviação Geral ou da Meteorologia Geral. Para tanto, foram analisados dez produtos terminográficos considerados representativos de cinco categorias definidas: instituições supranacionais, instituições não governamentais, instituições governamentais, universidades e empresas comerciais.

Nesse sentido, com base nos objetivos específicos da pesquisa, os seguintes produtos terminográficos foram analisados: (1) Base terminológica das Nações Unidas (UNTERM);

(2) Repositório eletrônico Skybrary; (3) Glossário da *American Meteorological Society*; (4) Glossário da *National Oceanic and Atmospheric Agency*; (5) Base terminológica *Termium Plus*; (6) Glossário do UK Met Office; (7) Dicionário de meteorologia; (8), Glossário COMET; (9) Glossário da Campbell Scientific; e (10) Glossário da NovaLynx. A análise compreendeu os seguintes aspectos: (a) descrição geral da instituição; (b) estrutura e padrões do produto terminológico; e (c) perspectiva de legitimidade e validação terminológica em ambiente especializado institucional. A discussão levará em consideração aportes sobre tradução especializada e tradução institucional, conforme proposto por Prieto-Ramos e Guzmán (2021) e Prieto-Ramos e Cerutti (2023); abordagens terminológicas orientadas pela teoria e orientadas pela tradução (Thelen, 2015); e questões de legitimidade e validação institucional (Scott, 2010), também considerando o aporte de recursos de *corpora* (Tagnin, 2015).

As demais seções deste artigo são estruturadas da seguinte forma: delimitação de domínios especializados e sua terminologia (seção 2); legitimidade e validação em ambiente institucional especializado (seção 3); metodologia (seção 4); descrição geral das instituições e padrões dos produtos terminológicos (seção 5); perspectivas terminológicas institucionais dos glossários especializados de meteorologia aeronáutica (seção 6); e considerações finais (seção 7).

Delimitação de domínios especializados e sua terminologia

Todo conhecimento científico é edificado de forma estruturada, buscando uma padronização, por isso áreas especializadas popularizaram seu conhecimento sobretudo por meio de tradução e terminologia especializadas (Fuertes-Olivera; Tarp, 2014). Nessa esteira, conforme haja avanços tecnológicos, as práticas tradutórias e terminológicas tendem a desenvolver-se e acompanhar eventuais novas necessidades; e mais domínios especializados são criados em função da maior especificidade de áreas de atuação.

Somando-se a isso, domínios específicos também podem ter interseções com domínios contíguos, em hiponível ou em hipernível. Por exemplo, meteorologia aeronáutica pode ter interseções com meteorologia da aviação, sendo aquele domínio mais direcionado para uma aplicação à comunicação entre piloto e controlador, e este, em relação a usos mais gerais da meteorologia aplicada ao contexto da aviação. De forma análoga, também seria possível haver interseções, em hipernível, com meteorologia aeroespacial ou meteorologia satelital, ou, em hiponível, com meteorologia agrícola ou meteorologia hidrológica. A forma como esses domínios serão delimitados depende majoritariamente de critérios funcionais aplicados ao objetivo do estudo.

A identificação dessas nuances tende a ser mais clara com base em análise mais aguçada por parte de um pesquisador terminólogo, que faz uso de estratégias de pesquisa mais sofisticadas, não apenas intuitivas, para lidar com textos especializados e identificar

terminologia relevante (Thelen, 2015), sobretudo com a contribuição de ferramentas que possam auxiliá-lo nessa tarefa.

A linguística de *corpus*, por exemplo, é um arcabouço-teórico metodológico que vem se desenvolvendo mais exponencialmente nos últimos anos, com várias aplicações para a terminologia, áreas especializadas e também estudos do discurso em geral, permitindo relacionar conhecimento teórico e insumos práticos (*corpora*). Nesse sentido, primeiras impressões de que determinados termos seriam relevantes podem ser superadas por evidências de *corpus* (Tagnin, 2015), que se trata de um conjunto de elementos (sejam textos, vídeos, áudios, etc.) agrupados com base em critérios pré-definidos como representatividade, tamanho da amostra e público-alvo, e que servirão como parâmetro de análise (*corpus* de estudo) ou de comparação (*corpus* de referência). Dessa forma, um primeiro grupo de termos selecionados pode ser validado ou não, e entendimentos podem ser aprofundados, pensados conforme expectativas de instituições e de seus usuários. Isso permitiria antecipar possíveis renovações semânticas na língua, algo que seria mais limitado ao somente consultar bases terminográficas já consolidadas.

Agregando esse progresso tecnológico e científico, a terminologia, isto é, vocabulário utilizado em domínios especializados, é geralmente organizada em produtos terminográficos², que possuem peculiaridades (e, às vezes, sobreposições) em termos de disposição das informações, podendo ser denominados glossários, dicionários, etc.

É fato que a prática profissional tende a utilizar o termo “glossário” para denominar qualquer produto terminográfico, indicando tratar-se de enfoque especializado e não de uso geral. Por certo, algumas equivalências são possíveis, como Lexicografia Especializada e Terminologia, distinções já tratadas em artigo anterior (Peixoto, 2020), mas há aspectos mais marcados, por exemplo, para distinguir glossário, dicionário, enciclopédia, base terminográfica (ou base terminológica) e repositório eletrônico.

Neste artigo, essas nomenclaturas são definidas da seguinte forma: (a) glossário é uma lista de termos com informações mais concisas, geralmente abarcando apenas definição e possíveis referências lexicais; (b) dicionário é um produto mais complexo, que apresenta definição, contexto, sinônimo, classe gramatical, entre outros elementos; (c) enciclopédia é um conjunto de informações detalhadas sobre determinado tema, podendo compreender aspectos definitórios, históricos, procedimentais, entre outros; (d) base terminográfica é um produto disponibilizado em ambiente *online* que compreende definição, contexto, termos relacionados e outras informações complementares mais robustas; e e) repositório eletrônico é um produto que inclui informações definitórias e enciclopédicas, agregando elementos das outras categorias mencionadas.

² Neste trabalho, optou-se por utilizar a nomenclatura “produtos terminográficos”, a fim de não circunscrever as análises a um formato específico de disposição de terminologia.

Em se considerando essas possíveis diferenciações e aplicações distintas dos produtos terminográficos, salienta-se a pertinência de noções de legitimidade e validação em ambiente institucional especializado, conforme abordado no próximo tópico.

Legitimidade e validação terminológica em ambiente especializado institucional

Uma determinada instituição pode adotar sua perspectiva terminológica com base na prática ou na teoria: nas palavras de Thelen (2015), abordagem terminológica orientada pela tradução ou orientada pela teoria, respectivamente. Nesse alinhamento, pode haver um trabalho terminológico fundamentado em práticas organizacionais, com aperfeiçoamento decorrido de tentativa-e-erro, ou trabalho terminológico fundamentado em referenciais teóricos que prezam por uma metodologia consolidada, de caráter normativo. No entanto, a depender de aspectos híbridos da instituição, essa correlação pode ter imbricações. Por essa razão, tende-se a falar em um *continuum* de práticas institucionais, em que diversas variáveis são levadas em consideração (Prieto-Ramos; Guzmán, 2021; Prieto-Ramos; Cerutti, 2023).

Conforme explanado por Scott (2010), as instituições são alicerçadas em três elementos distintos, que tendem a promover comportamento de ordem social específicos: elementos reguladores, normativos e cultural-cognitivos. Os elementos reguladores são aqueles mais explícitos e planejados estrategicamente; os normativos geralmente estão imbricados com aspectos políticos e econômicos, na medida em que aderem a orientações que estejam alinhadas com sua própria identidade; e os cultural-cognitivos são pautados em representações simbólicas de mundo, que, na verdade, também embasam os dois elementos anteriores.

Na prática, a legitimidade organizacional é alcançada quando uma determinada instituição é reconhecida por seguir normas e regulamentos vigentes, tanto nacionais quanto internacionais, em consonância com valores institucionais, éticos e expectativas de seu público-alvo. Nesse sentido, tem-se que essa determinada instituição contribui para a sociedade, isto é, para além de seu público-alvo principal, com base no reconhecimento e validação pelos pares (Mendonça; Amantino-de-Andrade, 2003). Em conexão com isso, a legitimidade e a validação organizacionais também são embasadas no reconhecimento por Autoridades, realização de parcerias e associações, e obtenção de licenças e certificações, conforme pertinentes.

Com esse propósito, a confecção de um produto terminográfico também pode visar ao estabelecimento de uma circunscrição de atuação, com a devida consistência e validação por profissionais especializados qualificados, de maneira a ratificar sua aplicação a um determinado domínio de atuação. Tem-se, portanto, que, mais do que apenas remeter a um uso difundido em publicações normativas afetas a um determinado domínio, um

produto terminográfico deve ter uma significância aplicada, de forma a poder atender a seus usuários em uma ampla gama de situações relevantes.

No caso de áreas especializadas (técnicas ou científicas), tende-se, historicamente, a uma padronização ou normalização, como forma de garantir precisão e replicabilidade, características apreciadas e almejadas nessas áreas, como mencionado na seção anterior. Alinhado a isso, ferramentas terminológicas também podem ser utilizadas para permitir maior controle de qualidade sobre os termos gerenciados por uma dada instituição; e a colaboração de especialistas externos, na medida do possível e conforme o propósito do trabalho, também seria possível, desde que alinhados com a instituição primária.

O trabalho voltado para terminologia, em última instância, visa à superação de desafios que se impõem na prática cotidiana especializada. Assim, para a confecção de um produto terminológico, é necessário, inicialmente, devida seleção de termos conforme uma metodologia definida, eventual consulta a fontes de *corpora*, para validação, assim como consulta a profissionais especializados. A comparação com outros glossários deve ser feita com cautela, haja vista poder gerar modulações e impedir que sejam vislumbradas possibilidades terminológicas decorrentes do contexto de uso, mais atualizadas, algo que pode ser facilmente alcançado mediante a compilação de um *corpus* (ou *corpora*, no plural) representativo(s).

Em outras palavras, é importante que uma instituição enseje esforços para se manter autêntica em relação aos seus procedimentos e objetivos, sem necessariamente buscar uma uniformização com outras instituições acerca de práticas e sentidos construídos.

Destaca-se que, em um contexto de globalização, é sempre um desafio incorporar mudanças motivadas pelo contexto regional. Pym (2006) explica que a tendência é ter um produto uniformizado, criado de forma central (eixo da produção), e apenas adaptado para públicos distintos, isto é, regionalizados (eixo da distribuição). Nesse sentido, as políticas linguísticas e tradutórias são decisivas em relação a como as práticas terminológicas serão desenvolvidas institucionalmente.

Em relação ao escopo de instituições, para além de seu sentido de instituição pública ou privada, ou seu representante, que possui um público específico (Koskinen, 2008), será definido, neste artigo, um eixo institucional que compreende entidades organizacionais e entidades acadêmicas. Com base nessa nuance, entidades organizacionais pretendem compreender instituições governamentais, isto é, que estejam relacionadas a governança, em maior nível, sendo responsáveis por implementar políticas públicas. Essa definição será relevante para comparar, na seção 6, as diversas categorias institucionais elencadas neste artigo (supranacional, governamental, não governamental, universidades e

empresas comerciais), acerca de perspectivas terminológicas institucionais dos glossários especializados de meteorologia aeronáutica.

Metodologia

A fim de discutir legitimidade e validação terminológica em ambiente especializado institucional, conforme a proposta deste artigo, foram analisados dez produtos terminográficos: (1) Base terminológica das Nações Unidas (UNTERM); (2) Repositório eletrônico Skybrary; (3) Glossário da *American Meteorological Society*; (4) Glossário da *National Oceanic and Atmospheric Agency*; (5) Base terminológica *Termium Plus*; (6) Glossário do UK Met Office; (7) Dicionário de meteorologia; (8), Glossário COMET; (9) Glossário da Campbell Scientific; e (10) Glossário da NovaLynx.

Destaca-se que, neste trabalho, optou-se por utilizar a nomenclatura “produtos terminográficos”, como já mencionado, a fim de não modular entendimentos acerca da estrutura dos itens institucionais analisados. Além disso, deve ser pontuado que os produtos selecionados possuem majoritariamente o inglês como língua-base, exceto por dois itens que possuem o espanhol como língua primária. Além disso, seis dos dez produtos são monolíngues; um é bilíngue; e dois são plurilíngues, englobando, em diferentes combinações, castelhano (espanhol), catalão, francês, português, russo, mandarim, árabe.

Com base nessas fontes disponibilizadas publicamente, foram comparados os espectros institucional e normalizador desses produtos terminográficos (PT) institucionais, levando em consideração os usuários desses recursos e os diferentes possíveis usos da terminologia em um dado domínio especializado em um ambiente institucional. Mais precisamente, os objetivos específicos desta pesquisa focalizaram (a) descrição geral da instituição; (b) estrutura e padrões do produto terminológico; e (c) perspectiva de legitimidade e validação terminológica em ambiente especializado institucional. Nesse sentido, as análises e discussões foram organizadas em dois blocos: um compreendendo os dois primeiros objetivos específicos, ao apresentar tabelas comparativas dos perfis das instituições e das características gerais dos PT selecionados com discussão dos principais padrões desses produtos; e outro bloco, em relação ao terceiro objetivo específico, discutindo as perspectivas terminológicas institucionais.

A próxima seção tratará da descrição geral das instituições e padrões dos produtos terminológicos.

Descrição geral das instituições e padrões dos produtos terminológicos

Nesta seção, as instituições serão descritas em termos gerais e, em seguida, os padrões dos produtos terminológicos (PT) serão comparados, focalizando as práticas institucionais em relação à terminologia.

Quadro 1. Quadro comparativo do perfil das instituições

PT	PF	Produto Terminográfico	Instituição	Ano
01	Sup	<i>United Nations Term Base</i> (UNTERM)	Nações Unidas	(1966) 2015?
02	Sup	Repositório eletrônico <i>Skybrary</i>	Eurocontrol	2008
03	NG	Glossário da <i>American Meteorological Society</i>	American Meteorological Society (AMS)	(1959) 2013
04	Gov	Glossário da <i>National Oceanic and Atmospheric Agency</i>	National Oceanic and Atmospheric Agency (NOAA)	201-?
05	Gov	Base terminológica <i>Termium Plus</i>	Governo do Canadá	1976
06	Gov	Glossário do Escritório de Meteorologia do Reino Unido	Governo do Reino Unido	1991
07	Uni	Dicionário de metereologia	Universidade de Catalunha TermCat	1992
08	Uni	Glossário COMET	University Corporation for Atmospheric Research	(2000?) 2022
09	Com	Glossário da Campbell Scientific	Campbell Scientific	2019?
10	Com	Glossário da NovaLynx	NovaLynx	201?

Legenda:

PT = Produto; Pf = Perfil

Fonte: Elaboração própria

Em relação ao PT 01, a Organização das Nações Unidas (ONU) possui escopo internacional, com vários Estados-Membros e muitos domínios específicos, que geralmente são gerenciados por agências especializadas, como a Organização da Aviação Civil Internacional (OACI), que se dedica à padronização de procedimentos de

navegação aérea. Fundada em 1945, a ONU tem a responsabilidade de tentar harmonizar ações de diferentes países, com normas e regulamentos que servem como documentos de referência para todos os países, mesmo aqueles que não são Estados-Membros.

Quanto ao PT 02, a Organização Europeia para a Segurança da Navegação Aérea (Eurocontrol) é uma organização internacional civil-militar, considerada pan-europeia, que visa a apoiar a aviação nesse continente. Fundada em 1960, com longa tradição para o estímulo a avanços tecnológicos, essa entidade não é uma agência da União Europeia (UE), mas possui acordos tanto com a UE propriamente dita quanto com os Estados-Membros da EU, de maneira a atuarem conjuntamente para a segurança de atividades relacionadas a gerenciamento de tráfego aéreo, treinamento de controle de tráfego aéreo, tecnologias aplicadas à aviação, entre outros segmentos.

O PT 03, por seu lado, é produzido por uma instituição de escopo nacional, mas que também possui certa ressonância internacional no campo da Meteorologia Aeronáutica, especialmente por ter sido fundada em 1919, bem antes da criação das Nações Unidas. Reconhecida como uma instituição que apresenta robustez técnica e científica nesse campo, incluindo áreas relacionadas, faz uso de unidades de medida padrão, no sistema internacional (SI), embora a métrica dos Estados Unidos seja geralmente distinta da adotada pelo SI.

A instituição que disponibiliza o PT 04 possui escopo nacional e focaliza previsões de tempo, assim como elementos meteorológicos que são relevantes para a população. O Serviço Meteorológico Nacional da NOAA tem o objetivo primário de compartilhar informações com o público geral e, a partir daí, também mantém a atividade de venda de produtos.

Quanto ao PT 05, é disponibilizado pelo governo do Canadá, entidade governamental que possui atuação consolidada em relação à terminologia, sobretudo devido ao *status* bilíngue do país (inglês e francês), que inclusive ensejou ações regulatórias para fortalecer o uso do idioma francês no país.

O PT 06 foi produzido pelo Escritório de Meteorologia do Reino Unido, responsável pelo Serviço Nacional de Meteorologia no país. Essa instituição atua em parceria com a *Royal Meteorological Society* (RMetS), entidade de pesquisa britânica fundada em 1850 e com o atributo real desde 1883, após concessão da rainha Vitória.

Quanto ao PT 07, o dicionário foi criado com o propósito de normalizar o uso de línguas na Universidade Politécnica da Catalunha, em sua faculdade politécnica, muito provavelmente também com o intuito de fortalecer o uso do idioma catalão.

A instituição que disponibiliza o PT 08, a *University Corporation for Atmospheric Research*, realizou o projeto conjuntamente com outras universidades, em um consórcio, por meio de seu centro de pesquisa de tradução COMET (*Translation Resource Center*). A parceria foi decorrente da necessidade de produzir material instrucional em consonância com requisitos da Organização Mundial de Meteorologia (OMM) combinado com a divulgação desse conteúdo em outras línguas também.

Quando ao PT 09, a empresa Campbell Scientific tem experiência de quase 50 anos, desde 1974, na produção de sistemas e controles de medição, aplicada aos segmentos meteorológico, hidrológico, energético, entre outros. Além disso, a instituição também está envolvida com pesquisa nessas áreas.

A instituição comercial que disponibiliza o PT 10 é líder na indústria de projeto, fabricação e integração de sistemas meteorológicos, também oferecendo estações meteorológicas personalizadas que atendam a requisitos em consonância com objetivos acadêmicos e profissionais. No *site* dessa empresa, são mencionados vários produtos para fins de medição de pressão barométrica, temperatura, umidade, visibilidade, direção e velocidade do vento, entre outras aplicações.

Após a apresentação dos breves perfis institucionais, as características gerais dos dez glossários são apresentadas no quadro comparativo a seguir:

Quadro 2. Comparativo das características gerais dos produtos terminográficos

PT	Pf	Tipos de Termos	DISP	PUB	NT
01	Sup	Nomes oficiais de países, fraseologias, nomes geográficos e nomes próprios	O	Funcionários das Nações Unidas, Estados-Membros e público geral	85.000+
02	Sup	Termos, acrônimos e expressões nominalizadas	O	Pessoal de Operações Aéreas e Gerenciamento de Tráfego Aéreo, e público geral	1.880+
03	NG	Termos gerais, gírias, acrônimos, variações regionais, substantivos, adjetivos.	M	Estudantes, profissionais, pesquisadores associados, acadêmicos e representantes do governo	12.000+

04	Gov	Termos, grupos nominais e abreviaturas utilizadas pelo Serviço Meteorológico Nacional (NWS)	O	Clientes e público geral	2.000+
05	Gov	Substantivos, abreviaturas, nomes próprios e problemas de tradução	M	Público em geral	≈ 3.000.000
06	Gov	Substantivos e adjetivos	I	Especialistas e acadêmicos	≈ 2.200
07	Uni	Substantivos e expressões nominais	M	Meteorologistas, professores, estudantes universitários e técnicos, revisores, tradutores e usuários em geral	957
08	Uni	Substantivos e verbos	O	Estudantes, professores, pesquisadores e tradutores que trabalham nas áreas de meteorologia, hidrologia e ciências da Terra no geral.	1.060
09	Com	Números, siglas, substantivos, grupos nominais, adjetivos	O	Clientes e empresas parceiras	408
10	Com	Nomes, abreviaturas, códigos, nomes de instituições e elementos químicos	O	Clientes e empresas parceiras	1.060

Legenda:

PT = Produto Terminográfico; Pf = Perfil; DISP = modo de disponibilização, O = online, M = misto, I = impresso; PUB = público-alvo; NT= número de termos

Fonte: Elaboração própria

No caso do PT 01, trata-se de uma base idealizada em seis línguas, definidas como oficiais para todos os órgãos e agências especializadas da Organização das Nações Unidas: árabe, mandarim, inglês, francês, russo e espanhol (castelhano). No entanto, por razões históricas, também há informações oferecidas nos idiomas alemão e português.

Os termos são oriundos de bases independentes, criadas inicialmente em 1966, mas provavelmente unificadas em 2015, de acordo com a Resolução 70/9, agregando as informações de escritórios centrais (Nova York, Genebra, Viena e Nairóbi) e de agências especializadas tais como Organização Internacional para as Migrações (OIM), União Internacional de Telecomunicações (UIT), Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização Mundial de Meteorologia (OMM) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Em função dessa natureza colaborativa, diferentes definições para um mesmo termo são incluídas como entradas independentes. Em uma busca, são listados vários termos iguais (termo-base oriundo de bases diferentes) e termos relacionados (em um grupo nominal). As entradas são estruturadas com a apresentação de acrônimos, termos, fonte e definição.

O PT 02, por sua vez, é um repositório eletrônico monolíngue, em língua inglesa, que apresenta informações enciclopédicas, isto é, as definições também apresentam explicações expandidas, como se fosse uma entrada da Wikipédia. Provavelmente também há o intuito de oferecer subsídios para que operadores e funcionários de outras entidades europeias possam utilizar esse recurso para fins de segurança geral, além de segurança de operações aéreas e gerenciamento de tráfego. Os principais domínios desse produto são “Problemas Operacionais” (*Operational Issues*), “Desempenho Humano” (*Human Performance*), “Aprimoramento da Segurança” (*Enhancing Safety*) e “Regulamentos de Segurança Operacional” (*Safety Regulations*), dos quais o primeiro domínio possui repertório muito mais numeroso do que os outros. Nesse primeiro domínio também constam os termos relativos à meteorologia, listados na subcategoria denominada “Meteorologia” (*Weather*), com 282 termos, também o maior número de termos em subcategorias. A plataforma tem uma interface bastante amigável, para fácil acesso por todos os potenciais usuários, sejam ou não público especializado.

As entradas apresentam definição; descrição; informação sobre casos específicos, tais como acidentes causados por condições adversas de tempo; artigos relacionados; e categorias (subáreas).

Em relação ao PT 03, também é um produto monolíngue, em língua inglesa, em que as entradas possuem informações expandidas, incluindo mais de um sentido, numerados. Há a possibilidade de buscar termos exatos ou localizar os termos conforme inseridos em outros verbetes. A primeira versão dessa base é de 1959, quando foi publicada de maneira impressa, e apenas em 2013 passou a ser disponibilizada em versão *online*, baseada na segunda edição do glossário.

Os verbetes são organizados em termo, definição (apenas uma ou mais de uma, numeradas), termos relacionados (indicando referência a outros termos, quando

necessário) e um aviso de direitos autorais. Quando necessário, são indicadas referências ao final das entradas e imagens não estão incluídas.

O PT 04 é um glossário monolíngue, também em língua inglesa, que oferece entradas relacionadas a termos de uso geral, em função de sua recorrência em publicações da instituição. Os principais domínios são Previsão ("*Forecast*"), Tempo Passado ("*Past Weather*"), Segurança Operacional ("*Safety*") e Informações ("*Information*"), todos relacionados, em sua maioria, a possíveis eventos meteorológicos que possam gerar transtorno para a sociedade. As definições são bastante concisas, com no máximo dez linhas na maioria dos casos, podendo conter tabelas em algumas entradas.

Em relação ao PT 05, trata-se de uma base oferecida nos idiomas inglês, francês, espanhol e português, embora neste último idioma os dados ainda estejam em expansão. Faz-se uso de definições curtas, com indicação de referências e termos que são oficialmente validados. Os verbetes são estruturados com informações sobre domínio (*subject field*), definição, classe gramatical, data de criação do registro, fonte, contexto e observações, de cunho mais geral ou específico, como região particular de uso do termo e parâmetros linguísticos (decalque, pleonismo, etc.). Nesse produto terminográfico, são oferecidos detalhes acerca da origem legal do termo e de sua aprovação oficial.

Observa-se que essa base governamental oferece não apenas glossários e vocabulários, mas também recursos de estudo dos idiomas inglês e francês, por meio de seu *Language Portal of Canada*, e orientação específica sobre redação, em uma aba de *Writing tools*. Nessas seções, há notícias, *quizzes*, *blogs*, entre outros recursos. No caso dos glossários e vocabulários, eles são visualizados por áreas e são disponibilizados mesmo quando, por alguma razão, são considerados obsoletos (*archived*).

Quanto ao PT 06, publicado em 1991³, trata-se de um produto monolíngue, em língua inglesa, que apresenta entradas contendo definição, descrição de operadores (equações), equivalências de unidades de medida, indicações de palavras-chave, marcadas em estilo versalete, além de possíveis imagens, gráficos e tabelas. Algumas vezes sinônimos, hiperônimos e hipônimos são indicados apenas como entradas, mas remetendo à entrada principal. Os verbetes tendem a ser bastante descritivos com expressivo conteúdo acadêmico, inclusive com lista de referências ao final do produto terminológico.

3 Versões desse produto terminográfico foram publicadas em 1916, 1930, 1939, meados de 1950, 1972 e 1991, a sexta edição analisada. Atualmente, o conteúdo foi fragmentado, para ser disponibilizado de forma concisa no *site* do Escritório de Meteorologia do Reino Unido (*UK Met Office*) e no MET Link, de gestão compartilhada pelo Escritório de Meteorologia e pela Sociedade Real de Meteorologia (RMetS). Paralelamente, foi publicada uma versão impressa em 2022, totalmente reformulada, com propósito mais comercial, com verbetes concisos e apenas 14 entradas (*features*) mais robustas: "*Weather A-Z: A Dictionary of Weather Terms*". Optou-se por manter a análise da versão de 1991 da publicação, haja vista ainda ser considerado um produto de referência, mais alinhado com preceitos institucionais.

Em relação ao PT 07, é disponibilizado nos idiomas catalão, espanhol (castelhano), francês e inglês, e possui indicações morfológicas (gênero e número). As definições, bastante sucintas, apenas são apresentadas em catalão; e sinônimos também são inseridos como equivalentes. Esse produto não faz uso de imagens.

O PT 08 é um glossário bilíngue, em língua inglesa e espanhola, disponibilizado em .docx no *site* da University Corporation for Atmospheric Research, e relacionado a domínios tais como meteorologia (inclusive aplicada à aviação), climatologia, hidrologia, oceanografia, cartografia, metrologia e vulcanologia, incluindo tanto termos considerados mais gerais, como “chuva” e “umidade”, quanto termos mais específicos, como “erosão”, de cada um desses campos. Os verbetes são organizados como entradas com termo em inglês, equivalente em espanhol, definição, notas e tópico/tema, que, na verdade, indica o domínio ou subdomínio.

Em relação ao PT 09, trata-se de um glossário monolíngue, em língua inglesa, com muitos termos da área de Tecnologia da Informação. As entradas apresentam definições curtas, de, no máximo, 10 linhas, e algumas explicações sobre procedimentos também, basicamente direcionadas para clientes em potencial. A interface é simples, mas otimizada, com todas os termos em uma página apenas, em duas colunas.

O PT 10 é um glossário monolíngue, com termos em língua inglesa e definições bastante concisas, também indicando a origem do termo. As entradas mencionam definição e possíveis sinônimos.

A seguir, serão debatidas as perspectivas institucionais dos glossários analisados, com base nos princípios de legitimidade e validação institucional apresentados na fundamentação teórica.

Perspectivas terminológicas institucionais dos glossários especializados de Meteorologia Aeronáutica

As discussões empreendidas nesta seção serão agrupadas conforme as categorias nas quais os produtos terminográficos foram classificados: instituições supranacionais (Nações Unidas e Eurocontrol), não governamentais (American Meteorological Society), e governamentais (National Oceanic and Atmospheric Agency, do Governo dos Estados Unidos; Governo do Canadá; e Governo do Reino Unido), e universidades (Universidade da Catalunha, na Espanha, e University Corporation for Atmospheric Research, nos Estados Unidos) e empresas comerciais (Campbell Scientific e NovaLynx, ambas nos Estados Unidos).

Retomando as perspectivas de Scott (2010) e de Thelen (2015), é possível compreender que o trabalho terminológico tende a ser realizado conforme políticas institucionais acerca de tradução e de terminologia, que estão invariavelmente atreladas à própria postura da instituição em termos de legitimidade e validação.

Nesse sentido, em relação às instituições supranacionais, percebe-se que houve longo caminho desde a criação do Eurocontrol até a criação do primeiro glossário: de 1960 a 2008. No caso da Organização das Nações Unidas (ONU), esse caminho foi mais curto: de 1945 até 1966. Isso pode ser um indício de que o trabalho da ONU está relativamente mais centrado em uma perspectiva normativa do que as atividades do Eurocontrol, que parecem assumir postura mais descritiva. No entanto, ambas as instituições, que são organizações internacionais, sem dúvida possuem função regulatória quanto aos seus Estados-Membros, de forma voluntária, dado que a adesão deve ser realizada mediante tratado ou acordo internacional, assinado e ratificado.


Tanto a ONU quanto o Eurocontrol oferecem documentos de suporte para o usuário. A ONU oferece documentos bastante detalhados em relação à busca de termos, de forma simples e avançada, refinamento dos resultados, acesso a fontes e reporte de problemas técnicos, ao passo que o Eurocontrol oferece uma brochura sobre padrões terminológicos que foram seguidos e indica fontes utilizadas para identificar termos que estão relacionados ao gerenciamento de segurança operacional.

No *site* da ONU, a apresentação acerca da base terminológica indica que os termos refletem as normas linguísticas e terminologia mais atualizadas, a fim de garantir a maior qualidade para os serviços linguísticos em reuniões intergovernamentais. Apesar de ter essa preocupação normativa, pode-se dizer que a base assume uma postura um pouco mais descritiva, na medida em que agrega várias entradas de um mesmo termo oriundas de diferentes subdomínios, sem definir necessariamente uma equivalência preferencial.

No caso do Eurocontrol, é indicado, em seu *site*, que o repositório Skybrary não pretende ser uma fonte de autoridade na área, embora haja postura consolidada em relação a normas de segurança operacional que devem ser seguidas, consoante a própria metodologia seguida para a seleção de termos.

Essas posturas são convergentes com o conceituado por Scott (2010), de que as instituições supranacionais⁴ exercem poder regulatório por meio de controles normativos brandos (*soft regulation*), principalmente com a publicação de normas, princípios e indicação de melhores práticas. Os produtos terminográficos publicados pela ONU e pelo Eurocontrol refletem justamente esse comportamento.

4 Scott (2010) utiliza o termo “transnacionais”.



Em relação aos produtos terminológicos de instituições não governamentais, o glossário da *American Meteorological Society* (AMS) pretende ser uma fonte de autoridade na área, conforme textualmente indicado em seu *site*, sobretudo em função de anos de pesquisa no campo da Meteorologia Aeronáutica, desde 1919. Nesse alinhamento, a precisão terminológica é cuidadosamente avaliada, e converge com questões normativas e descritivas. Um indício dessa hibridicidade é o fato de que, no próprio *site* da AMS, há *links* para o glossário da NOAA, instituição governamental, e para o glossário COMET, produzido por uma universidade. Além disso, a instituição também faculta aos consulentes e a outros usuários que sugiram termos a serem adicionados à base, mediante o preenchimento de um formulário em que também devem constar informações detalhadas acerca das razões para a proposta, embasada com referências. Essas sugestões são, oportunamente, revisadas por pares, antes de serem aceitas e incluídas na base.

Diferentemente das outras bases analisadas, a AMS se posiciona de forma mais enfática em relação a conteúdo autoral, na medida em que inclui em todos os seus verbetes um aviso de direitos autorais, indicando que condiciona eventual utilização de seu conteúdo a prévia análise e autorização, e indicação da fonte com devida descrição da autorização concedida. A instituição oferece um guia completo sobre questões éticas e políticas internas sobre o assunto.

Quanto às instituições governamentais, as três instituições analisadas possuem perfis com algumas diferenças. O governo do Canadá tem uma gestão de maior normatização, com preocupação em definir precisamente como a terminologia foi obtida, com menção a fontes institucionais reguladoras e data de criação do registro. Nessa base são oferecidas informações detalhadas sobre a origem legal do termo, mencionando Leis como Federal Act, Manitoba Act, New Brunswick Act, Ontario Act, Quebec Act, Federal Regulations, Manitoba Regulations, New Brunswick Regulations, Ontario Regulations e Quebec Regulations, demonstrando como se preza a preconização dos termos conforme alinhamento com o governo do país. Interessante observar que os parâmetros de *status* oficial podem indicar que um termo é padronizado (recomendado por um órgão normalizador) ou aprovado oficialmente (termo adotado internamente por uma instituição, de maneira uniforme).

A base do governo do Canadá também permite sugestão de novos termos por parte dos leitores, mas, de forma análoga à *American Meteorological Society*, há preocupação para que as submissões de propostas não incluam material que enseje direitos autorais. Isso é destacado claramente ao final do formulário de propostas, inclusive com a necessidade de marcar a opção de ciência dessa exigência.

Quanto à NOAA, a instituição oferece um glossário com aplicação mais restrita, também direcionado para a venda de produtos, apesar de ser uma entidade governamental com a função primária de oferecer serviço de meteorologia para a população.

No caso do Escritório de Meteorologia do Reino Unido, o produto apresentado é mais descritivo e de caráter eminentemente acadêmico. Interessante destacar, aqui, que a instituição reafirma seu pioneirismo em relação ao desenvolvimento da ciência e da profissão de meteorologia no Reino Unido, e à sua atuação internacionalmente, como uma das maiores sociedades de meteorologia do mundo. Efetivamente, a instituição possui ampla atuação em segmentos educacionais, engajamento em eventos locais e conferências, além de envolvimento profissional, governamental e midiático.

Em relação à categoria de universidades, o Dicionário de Meteorologia, publicado pela Universidade da Catalunha, assemelha-se a um glossário, isto é, uma lista de palavras. Pode-se depreender que a abordagem de uma universidade politécnica tende a corroborar uma tendência a tratar a terminologia como algo mais “prático”, de equivalência direta, sem necessidade de expandir o entendimento.

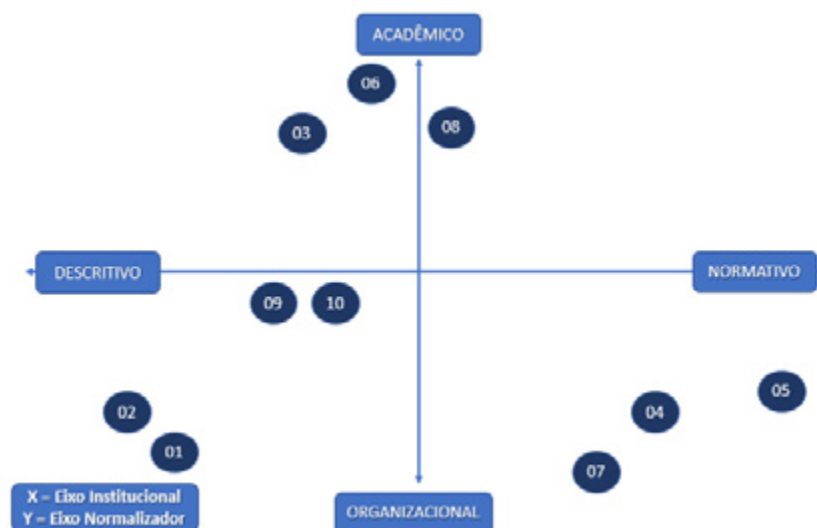
O outro glossário acadêmico, COMET, também se apresentou de forma mais sintética, mas com maior cuidado em citar as várias fontes consultadas (dicionários, documentos da OMM e fontes instrucionais, entre outras) e indicar mais precisamente as subáreas: até mesmo no caso de vocabulário subtécnico, também é indicada a subárea “Termos Gerais” (*General Term*). Nesse sentido, ele apresentou maior teor normativo, mas com descrição evidenciada em sua perspectiva de consulta a várias fontes.

Por último, no caso da categoria de empresas comerciais, ambos os dicionários da Campbell Scientific e da Novalynx possuem perfil mais restrito, direcionados sobretudo a potenciais consumidores, como forma de apresentar informações pertinentes aos produtos oferecidos.

Em termos de legitimidade e validação institucional, a oportunidade dada por algumas instituições que produziram produtos terminográficos para que o público em geral também se manifeste ou proponha inclusão de termos é relevante para promover maior participação, fortalecendo o elo entre a instituição e o público-alvo, assim como deixando margem para o entendimento de que não se tem o conhecimento compartilhado como algo estanque e, sim, como um construto em constante evolução. Essa é uma forma, portanto, de ganhar confiança do público, além de demonstrar transparência na condução das atividades (Scott, 2010).

As discussões acerca das perspectivas terminológicas institucionais dos glossários especializados de Meteorologia Aeronáutica foram apresentadas, de forma concisa, no gráfico da Figura 3, como forma de comparar os eixos institucional e normalizador quanto aos dez produtos terminográficos estudados.

Figura 1. Gráfico comparativo dos produtos terminográficos quanto aos eixos institucional e normalizador



Fonte: Elaboração própria

Como mencionado no referencial teórico sobre Legitimidade e Validação em ambiente institucional especializado, o eixo institucional compreende desde diferentes níveis de entidades organizacionais, isto é, governamentais, com maior nível de governança; até entidades acadêmicas. Embora instituições organizacionais também possam abarcar universidades ou outras entidades voltadas para o ensino, esses termos (organizacional e institucional) foram diferenciados no gráfico apenas para fins comparativos. Quanto ao eixo normalizador, foi definido para apontar o *continuum* descritivo-normativo, em alinhamento com o teorizado por Thelen (2015), por Prieto-Ramos e Guzmán (2021) e por Prieto-Ramos e Cerutti (2023).

Destaca-se que esse gráfico foi idealizado como um “retrato” dos parâmetros adotados por cada produto terminográfico, conforme a análise fundamentada no referencial teórico, e não pretende classificar de forma estanque os produtos considerados nesta pesquisa, como será apontado nas considerações finais.

Considerações finais

Com base nas análises empreendidas, depreende-se que as instituições geralmente focalizam informações terminológicas mais precisas, embora esse objetivo possa ensejar uma abordagem mais normativa ou mais descritiva, sendo, normalmente, híbrida.

Observou-se que o repositório eletrônico Skybrary (do Eurocontrol) e o glossário institucional da *American Meteorological Society* (AMS) parecem ter enfatizado a elaboração

das definições em relação à conformidade com padrões técnicos ou científicos. Já os produtos terminológicos (PT) das Nações Unidas e do Governo do Canadá prezaram por um cuidado organizacional, no sentido de estarem mais relacionadas a fontes oficiais. Apesar do teor normativo expressivo de ambas, a base UNTerm acabou assumindo um perfil mais descritivo.

Os PT do Escritório de Meteorologia do Reino Unido (UK MetO), da AMS e do COMET posicionaram-se de forma mais acadêmica no eixo institucional, com maior aporte de referências, e o PT do governo do Canadá também apresentou certa nuance acadêmica ao destacar a preocupação com direitos autorais. Dentre esses, destaca-se que tanto o UK MetO quanto a AMS possuem um engajamento mais destacado no campo da Meteorologia Aeronáutica, o que vem a corroborar um posicionamento identitário institucional que defende sua legitimidade e validação no campo (Mendonça; Amantino-De-Andrade, 2003).

O glossário COMET, por ser de uma instituição acadêmica, poderia ensejar uma expectativa de que seria mais descritivo, mas não foi o que ocorreu; o glossário NOAA também apresentou informações com perspectiva comercial; e os glossários da Campbell Scientific e da NovaLynx foram bastante objetivos, em alinhamento com o perfil da instituição.

Os dados sugerem que posturas institucionais tendem a ser corroboradas por avanços científicos e argumentos de autoridade na área. No entanto, produtos terminográficos de diferentes categorias podem assumir diferentes perfis, nos eixos institucional e normalizador, fundamentando sua perspectiva conforme o objetivo da instituição. De maneira geral, verificou-se que as instituições que possuem maior envolvimento com a segurança operacional e seus padrões normativos tendem a utilizar verbetes com maior conteúdo descritivo, ao passo que instituições que focalizam regulamentação geral apresentam conteúdo mais normativo.

Em associação às questões terminológicas, as análises empreendidas neste artigo também abarcaram questões de representatividade, legitimidade e validação. No entanto, deve ser destacado que este estudo não pretende ser exaustivo, uma vez que pode ser ampliado com a consideração de outras variáveis ou mesmo um estudo que analise mais detidamente a influência de nuances regionais.

Referências

CAMPBELL SCIENTIFIC. *Glossary*. 2019? Disponível em: <https://www.campbellsci.com.br/glossary>. Acesso em: 30 jan. 2023.

CANADA. *Termium Plus*. 1976. Disponível em: <https://www.btb.termiumplus.gc.ca/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

ESTADOS UNIDOS. Departamento de Comércio. National Oceanic and Atmospheric Administrations. *Glossary*. (201-?) Disponível em: <https://w1.weather.gov/glossary/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

EUROCONTROL. *Skybrary Glossary*. 2011? Disponível em: <https://www.skybrary.aero/glossary>. Acesso em: 30 jan. 2023.

FUERTES-OLIVERA, P. A.; TARP, S. *Theory and Practice of Specialised Online Dictionaries*. Lexicography versus Terminography. Berlim: Walter de Gruyter, 2014.

KOSKINEN, K. *Translating Institutions: An Ethnographic Study of EU Translation*. Manchester: St. Jerome, 2008.

MENDONÇA, J. R. C. de; AMANTINO-DE-ANDRADE, J. Gerenciamento de impressões: em busca de legitimidade organizacional. *RAE*, v. 43, n. 1, p. 36-48, jan./fev./mar. 2003.

NOVALYNX. *Glossary*. 201-? Disponível em: <https://novalynx.com/store/pc/Glossary-of-Meteorological-Terms-T-d28.htm>. Acesso em: 30 jan. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *UN Term*. 2015? Disponível em: <https://unterm.un.org/unterm2/en/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

PEIXOTO, R. A. J. R. Aeronautical Meteorology Glossary: a discussion on term definition in the ANACpedia termbase. *The Especialist*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 1-26, 2020.

PRIETO-RAMOS, F.; CERUTTI, G. Terminological hybridity in institutional legal translation: A corpus-driven analysis of key genres of EU and international law. *Terminology*, Amsterdã; Filadélfia, v. 29, n. 1, p. 45-77, 2023.

PRIETO-RAMOS, F.; GUZMÁN, D. Examining institutional translation through a legal lens: a comparative analysis of multilingual text production at international organizations. *Target*, Amsterdã; Filadélfia, v. 33, n. 2, p. 254-281, 2021.

PYM, A. Globalization and the Politics of Translation Studies. *Meta*, v. 51, n. 4, p. 744-757, 2006.

REINO UNIDO. Escritório de Meteorologia do Reino Unido. *Meteorological Glossary*. 6. ed. Londres: HMSO, 1991. Disponível em: https://digital.nmla.metoffice.gov.uk/IO_067d700e-cb0b-4296-a8f6-65af9e0a83ea/ Acesso em: 30 jan. 2023.

SCOTT, R. W. Reflections: The Past and Future of Research on Institutions and Institutional Change. *Journal of Change Management*, v. 10, n. 1, p. 5-21, mar. 2010.

SOCIEDADE METEOROLÓGICA AMERICANA. *Glossary*. 2013. Disponível em: <https://glossary.ametsoc.org/wiki/Welcome>. Acesso em: 30 jan. 2023.

TAGNIN, S. E. O. A Linguística de Corpus na e Para a Tradução. In: VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. (org.). *Corpora na Tradução*. São Paulo: HUB Editorial, 2015.

THELEN, M. The interaction between Terminology and Translation: or where Terminology and Translation meet. Lecture at the 7th EST Congress on "Translation Studies: Centres and Peripheries". Johannes Gutenberg University Mainz, 29 August - 1 September 2013: European Society for Translation Studies. *Trans-Kom*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 347-381, 2015.

UNIVERSIDADE DA CATALUNHA. *Diccionari de meteorologia*. 1992. Disponível em: <https://www.termcat.cat/es/node/1480>. Acesso em: 30 jan. 2023.

UNIVERSITY CORPORATION FOR ATMOSPHERIC RESEARCH. *COMET. Glossary*. 2022. Disponível em: https://www.meted.ucar.edu/resources_gloss.php. Acesso em: 30 jan. 2023.

"Acaba que", "começa que" e "acontece que" como marcadores discursivos e suas funções textual-interativas

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v53i1.3603>

Susie Midori dos Santos Sato Santana¹
Sebastião Carlos Leite Gonçalves²

Resumo

Neste artigo, investigamos as construções "começa que", "acontece que" e "acaba que", assumindo por hipótese que tais construções não comportam estatuto de oração matriz com função argumental. Amparados pelo quadro teórico-metodológico da Gramática Textual-interativa (GTI) (Jubran, 2015a), nosso objetivo é argumentar a favor do reconhecimento da função dessas construções como marcador discursivo (MD) de *abertura*, de *continuidade* ou de *fechamento de Tópico Discursivo*. Diante desse objetivo, nos apropriamos das noções de *Tópico Discursivo*, de *Segmento Tópico* e das propriedades de MD da GTI para colocar em exame dados do português brasileiro falado (Gonçalves, 2007). Os resultados das análises nos permitem comprovar nossa hipótese e concluir que as funções discursivas das construções decorrem de um processo de abstratização do significado dos predicados de base.

Palavras-chave: Gramática Textual-Interativa; Subordinação; Marcadores Discursivos.

1 Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; susiesatsantana@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-3663-5713>

2 Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; sebastiao.goncalves@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0002-1798-729X>

"Acaba que", "começa que" e "acontece que" as discourse markers and their textual-interactive functions

Abstract

In this paper, we analyze the constructions "começa que", "acontece que" and "acaba que", assuming by hypothesis that such constructions do not have the status of matrix clause with an argument function. Supported by Interactive Textual Grammar (ITG) framework (Jubran, 2015a), our objective is to argue in favor of recognizing the function of discourse marker (DM) of *opening, continuing or closing a Discursive Topic*. To this end, we use the notions of *Discursive Topic*, of *Topical Segment* and the properties of DM of the ITG to examine data from Brazilian Spoken Portuguese. The results of the analyses allow us to support our hypotheses and conclude that the discursive functions of the constructions arise from a process of abstraction of the meaning of the base predicates.

Keywords: Textual-interactive grammar; Subordination; Discourse markers.

Introdução

Na descrição linguística, as construções "acaba que", "começa que" e "acontece que" são comumente classificadas, em contextos de subordinação, como oração matriz, com significado incidente sobre o conteúdo de subordinada finita tomada como complemento. É o que descrevem Gonçalves *et al.* (2016) e Bastos *et al.* (2007), em usos dessas construções, como os exemplificados em (1) e (2).

1. Eu recebi meu ordenado e entreguei, tá... agora nesse mês, como a UPC não aumentou e como diminuiu o número de UPCs, o que **vai acontecer** é que, eu vou pagar um pouquinho menos no outro mês [...], porque diminuiu as UPCs [D2 RJ 355] (Gonçalves *et al.*, 2016, p. 83).
2. João está sempre distraído durante as aulas. **Acaba que** seu desempenho é péssimo (Bastos *et al.*, 2007, p. 210).

Pelas descrições vagas de funções textuais e pelos exemplos oferecidos por esses autores, já é possível hipotetizar que "acaba que", "começa que" e "acontece que" secundarizam seu funcionamento como oração matriz, porque, seus respectivos traços semânticos de finalização, início e curso de evento se transferem, metafórica e metonimicamente (Hopper; Traugott, 2003), da dimensão das relações sintático-semânticas, apreendidas no contexto morfossintático mais restrito, para a dimensão da organização textual-interativa mais ampla, função típica de Marcadores Discursivos (MD, daqui em diante), como defende a Gramática Textual-interativa (Jubran, 2015). Em (1) e (2), parece-nos claro que as construções em destaque só podem ter suas funções

definidas na consideração dos enunciados que as antecedem e que as sucedem, um claro funcionamento na dimensão do texto, ainda que os contextos ali exemplificados sejam um tanto restritos. De qualquer forma, metodologicamente, a comprovação da função de MD requer análises que considerem o Tópico Discursivo (Jubran, 2015a) como unidade de análise mais adequada, já que, como conclui Guerra (2007), a simples constituição formal de MD é de pouca relevância, importando mais identificar as funções que as expressões da classe exercem na dimensão tanto textual como interacional. É corroborando essa posição que defendemos que as funções das construções em análise não podem se guiar por aspecto essencialmente estrutural.

A par dessas observações, temos por objetivo, neste artigo, descrever e analisar as funções das construções “acaba que”, “começa que” e “acontece que”, motivados pela hipótese de que elas não constituem simples casos de subordinação, mas de MD com função predominantemente textual. Para tanto, nossas análises textuais tomam por base empírica ocorrências reais de interação verbal dialogada.

As duas próximas seções deste artigo são dedicadas à fundamentação teórica e aos procedimentos metodológicos e as duas últimas, a análises dos resultados e às principais conclusões do trabalho; por último, seguem as referências bibliográficas.

A Gramática Textual-Interativa e a noção de Marcador Discursivo (MD)

O Marcador Discursivo (MD) é objeto de análise de diversas áreas dos estudos linguísticos de orientação funcionalista. Se, por um lado, a diversidade teórica é positiva, por outro, dificulta um tratamento mais sistematizado dessa “classe”. Dentre essas perspectivas de análise, Penhavel (2012) arrola três: a primeira concebe MD como expressões afixadas a um enunciado matriz com função de conexão (cf. Fraser, 2006; Blakemore, 2002); a segunda, como expressões de gerenciamento da conversação (cf. Fischer, 2006; Schifffrin, 2001); e a última, como expressões gradientes tanto do primeiro quanto do segundo tipo, sujeitas a grau de prototipia (cf. Risso; Oliveira e Silva; Urbano, 2006).

Nosso trabalho se propõe a analisar os MD, assumindo a mesma perspectiva de Risso, Silva e Urbano (2006), desenvolvida no âmbito da Linguística Textual, mais, em particular, sob a perspectiva da chamada Gramática Textual-Interativa (Jubran, 2015) (GTI, daqui em diante), considerada vertente da Linguística Textual. Assumimos a GTI, porque seu modelo de descrição oferece tratamento sistematizado dos MD, para identificação dos processos de construção do texto (Penhavel, 2012).

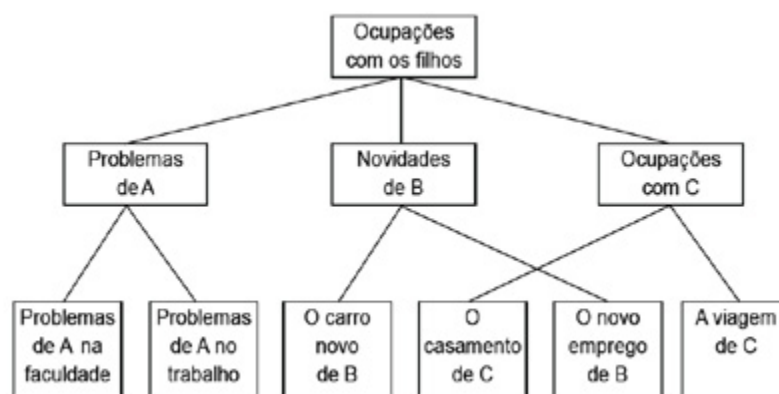
A GTI é um modelo teórico-metodológico, de inspiração brasileira, o qual, voltado para a análise textual, assume o texto como objeto de estudo e foca, principalmente, nos chamados processos de construção textual. Em Jubran (2015a), esclarecem-se as bases

da GTI, como teoria que se apoia em princípios da Pragmática, da Análise da Conversação e da Linguística Textual e entende a linguagem como atividade verbal praticada entre interlocutores por meio de textos. Nessa base, o foco da GTI é a interação social, cujas funções só se definem em situações concretas de interlocução, coenvolvendo as circunstâncias enunciativas. Fatores interacionais não são apenas vias de trânsito de fenômenos linguístico-textuais, mas são constitutivos do texto e ligados diretamente à expressão linguística (Jubran, 2015a). Dentre os processos de construção textual estudados sob o quadro da GTI estão a *organização tópica*, considerada o fio condutor da interação, a *referenciação*, o *parafraseamento*, a *parentetização*, a *repetição*, a *correção* e a *tematização-rematização*, incluindo ainda o estudo das expressões que gerenciam esses processos, os chamados MD.

Na identificação de unidades textuais operacionalizáveis com certa segurança e objetividade, a GTI elege como categoria analítica fundamental o *Tópico Discursivo* (TD, daqui em diante), entendido, de forma geral, como algo “acerca de” que se fala (Jubran, 2015b). Associada a essa primeira categoria, a de *Segmento Tópico* (SegT, daqui em diante) caracteriza grupos de enunciados que expandem um TD. Agrupamentos menores de enunciados no interior do SegT e que expandem tópicos mais específicos da hierarquização tópica identificam *Segmentos Tópicos mínimos* (SegT mínimos, daqui em diante) (Penhavel, 2020). Como se observa em Jubran (2015b), a noção de TD é complexa e abstrata, porque cada uma dessas unidades pode, em seu nível próprio de identificação, constituir um tópico discursivo *per se*.

Neste artigo, as análises que empreendemos se centram sempre no interior de SegT, que exemplificamos, recorrendo à figura 1, de Penhavel (2011), que esquematiza, numa situação hipotética, as relações de Organização Tópica.

Figura 1. Exemplo hipotético de relações de organização tópica



Fonte: Penhavel (2011, p. 66)

Neste exemplo hipotético da figura 1, trechos do texto correspondentes a cada um dos subtópicos representados nas caixas intermediárias constituem SegT, e os representados no nível mais baixo, SegT mínimos; juntos compõem o quadro tópico representado na caixa de nível mais alto. Por meio dos conceitos de *Centração* e de *Organicidade Tópica* (Jubran, 2015b), é possível identificar, no plano hierárquico superior aos SegT mínimos, unidades e subunidades de Organização Tópica que implementam a análise de fenômenos envolvendo as relações de sentidos e os usos de MD, foco deste trabalho. Por exemplo, ainda com base na Figura 1, seria possível a ocorrência de MD introduzindo o tópico “A viagem de C”, “O novo emprego de B” etc. Nota-se, assim, que, no arranjo dos SegT, há parâmetros estabelecidos para a análise de MD e de outros processos da construção textual.

Por serem recursos linguísticos ligados à organização textual-interativa, os MD recebem tratamento especial na GTI, por revelarem funções de gerenciamento dos processos de construção textual. Assim, MD prototípicos são definidos como expressões que manifestam os traços linguísticos evidenciados na matriz dada em (3), sintetizada por Garcia e Gonçalves (2021) com base em Risso *et al.* (2006), e os não prototípicos são definidos como expressões que manifestam o mesmo conjunto de traços, porém com desvios, normalmente, de até dois dos traços definidos na matriz.

3. Matriz de traços de MD prototípicos (Risso *et al.*, 2006, p. 414-415, com adaptações)
 - alta recorrência (variável 1);
 - articulação tópica + orientação interacional fraca ou média; ou não articulação tópica + orientação interacional forte (variáveis 2 e 3);
 - exterioridade ao conteúdo proposicional (variável 4);
 - transparência semântica parcial (variável 5);
 - independência sintática (variável 7);
 - demarcação prosódica (variável 8);
 - não autonomia comunicativa (variável 9);
 - massa fônica reduzida (variável 10).

Risso *et al.* (2006) explicam que a classe dos MD é difusa, porque abriga desde sons não lexicalizados até sintagmas desenvolvidos. Assim, para sancionar o estatuto de MD, os autores se valem de um conjunto de variáveis, cada uma com traços definidores, como segue especificado em (4), a partir da matriz de traços dada em (3).

4. Variáveis definidoras do estatuto de MD (Risso *et al.*, 2006, p. 406-414)
 - Variável 1. Padrão de recorrência
Traços: 1) baixa frequência; 2) média frequência; 3) alta frequência.

- Variável 2. Articulação de segmentos do discurso
Traços: 1) sequenciador tópico; 2) sequenciador frasal; 0) não sequenciador.
- Variável 3. Orientação da interação
Traços: 1) secundariamente orientador; 2) basicamente orientador; 3) fragilmente orientador.
- Variável 4. Relação com o conteúdo proposicional
Traços: 1) exterior ao conteúdo; 0) não exterior ao conteúdo; 2) não se aplica.
- Variável 5. Transparência semântica
Traços: 2) total; 1) parcial; 0) opaco; 3) não se aplica.
- Variável 6. Apresentação formal
Traços: 1) forma única; 2) forma variante.
- Variável 7. Relação sintática com a estrutura oracional
Traços: 1) sintaticamente independente; 0) sintaticamente dependente.
- Variável 8: Demarcação prosódica
Traços: 1) com pauta demarcativa; 0) sem pauta demarcativa.
- Variável 9: Autonomia comunicativa
Traços: 1) comunicativamente autônomo; 0) comunicativamente não autônomo.
- Variável 10: Massa fônica
Traços: 1) até três sílabas tônicas; 2) além de três sílabas tônicas.

A partir de (3) e (4), é importante ressaltar que, para a GTI, desvios em relação à matriz prototípica não excluem um dado MD da classe, mas o tornam um MD não prototípico. Além disso, dois grupos de MD são reconhecidos na GTI: os *basicamente sequenciadores e secundariamente interacionais* e os *basicamente interacionais e secundariamente sequenciadores*. Enquanto os primeiros incluem MD que operam predominantemente na articulação textual, os segundos incluem os que marcam relações entre os interlocutores e entre o enunciador e seu enunciado (Risso *et al.*, 2006).

As construções “acaba que”, “começa que” e “acontece que” na descrição linguística

No arcabouço teórico linguístico, as construções “acaba que”, “começa que” e “acontece que” costumam ser classificadas como orações matrizes de subordinadas. Gonçalves *et al.* (2016, p. 69) empregam o termo *subordinação* para identificar o contexto morfossintático em que uma sentença/predicação sustenta uma relação argumental do tipo argumento-predicado, “que expande a noção de encaixamento sintático para incluir os casos de sentenças que ocorrem como constituinte argumental e também como

constituente predicacional". Com base nessa definição, os autores consideram "começa que" e "acontece que" como orações matrizes impessoais que encaixam, em posição argumental de sujeito, uma subordinada finita, e classificam, semanticamente, tais predicados como *de acontecimento*, por eles indicarem a "ocorrência do estado de coisas expresso na sentença encaixada" (Gonçalves *et al.*, 2016, p. 83). Além dessa função, os autores ainda apontam, nos casos de "começa que" e "acontece que", um esvaziamento semântico dos predicados em favor de um uso argumentativo. Em (5) e (6), são exemplos dados por eles:

5. Mas está dizendo o seguinte... que não vão pagar vão pagar vinte por cento [...] quem exigir os quarenta por cento que eles pagam e mandam embora... **acontece que** é uma Universidade que apoiou um curso universitário que foi apoiado nos nossos nomes e que agora foi reconhecida e que agora já não precisa mais... então é muito mais fácil mandar esses professores que ganham determinado [...] um salário aula que não é preciso mandar embora e botar um monte de adjuntos... esses adjuntos vão ganhar metade mas também são pessoas que não têm a menor formação... [D2 RJ 355] (Gonçalves *et al.*, 2016, p. 84).
6. L1 – os rapazes be::rram e berram porque to/... na sua maioria são pais de família então be::rram e vo::tam e fa::lam e acontecem... e::as mulheres são voto assim meio neutro elas::s/ são meio ausentes na hora de::lutar pelos vencimentos
L2 – **começa que** quase nem comparecem [D2 SP 360] (Gonçalves *et al.*, 2016, p. 84).

Na análise dos autores, enquanto, em (5), "acontece que" funciona de modo semelhante ao de um operador argumentativo adversativo, em (6), "começa que" opera relação de conjunção de argumentos, a exemplo de operadores com mesma função.

Para Bastos *et al.* (2007), em (7), o predicado da construção "acaba/acabou que" é do tipo que requer complemento oracional e indica que, de uma série de argumentos, a oração matriz introduz aquele que finaliza a argumentação.

7. João está sempre distraído durante as aulas. *Acaba que* seu desempenho é péssimo (Bastos *et al.*, 2007, p. 210)

As pesquisas que claramente reconhecem que essas construções exercem função textual são escassas. O que se observa é que, embora os autores aqui citados reconheçam vagamente uma função textual para esses predicados matrizes, não chegam a caracterizar exatamente como eles, de fato, atuam na organização textual, possivelmente porque atrelam essa função mais à estrutura argumental do predicado na relação de subordinação do que à função textual que eles assumem na estruturação do texto. Por isso, a nossa contribuição é argumentar que os usos dessas construções não representam exatamente casos de subordinação, por colocar em questão a própria

definição de subordinação, como a oferecida por Gonçalves *et al.* (2016), na qual os autores destacam a relação argumental entre um predicado e um argumento oracional.

A ideia aqui defendida é a de que, se, em tais construções matrizes, o que se destaca é uma função argumentativa, como retratam as análises dos autores aqui referenciados, então a relação argumental entre matriz e subordinada não se verifica, uma vez que o predicado matriz se discursiviza a tal ponto de perder suas propriedades argumentais e de atuar como predicado pleno que requer complemento oracional que especifique seu sentido. Assim, é possível hipotetizar, com base em princípios da gramaticalização (cf. Hooper; Traugott, 2003), que apenas traços semânticos dos predicados plenos persistem nas construções, as quais passam a atuar, na organização textual, como MD com função sequenciadora: nos casos de “começar” e “acabar”, os respectivos traços semânticos de marcar início e final de evento (como em *a reunião começou / a reunião acabou*) projetam, na sequenciação do texto, o início e a finalização do TD; no caso de “acontecer”, o traço de “tornar realidade um evento” (*aconteceu um acidente*) serve ao sequenciamento de SegT na organização do TD. É o que pretendemos demonstrar, nas seções seguintes, com nosso percurso de análise.

Procedimentos de análise

Neste trabalho, os dados provêm de amostras de fala integrantes de dois bancos de dados: a primeira delas, representativa do século XXI, é a Amostra Censo (AC) do Banco de Dados Iboruna do Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), composta de 151 entrevistas coletadas no interior paulista, dirigidas para a elicitación dos seguintes textos: (i) narrativa de experiência (NE); (ii) narrativa recontada (NR); (iii) relato de descrição (DE); (iv) relato de procedimento (RP); e (v) relato de opinião (RO), todos predominantemente monológicos, em que há apenas um falante e, quase sempre, também um único documentador³. Buscamos, em AC, usos de “começa que”, “acontece que” e “acaba que”, coletando, no total, 10 ocorrências das 151 entrevistas. A segunda amostra, representativa do século XX, advém do *corpus* mínimo compartilhado do Projeto NURC (Norma Urbana Linguística Culta)⁴, composto de 15 inquéritos gravados em cinco capitais do Brasil (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre), observando-se três tipos de estilo: (i) Elocuções Formais (EF); (ii) Diálogo entre Informante e Documentador (DID); e (iii) Diálogo entre dois informantes (D2). Dessa fonte, encontramos, no total, quatro ocorrências apenas de “começa que” e “acontece que”.

3 Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>. Acesso em set.2022.

4 Disponível em: <http://www3.iel.unicamp.br/cedae/>. Acesso em nov.2022. O *corpus* mínimo compõe-se dos seguintes inquéritos: D2-REC-05; D2-SSA-98, D2-RJ-355, D2-SP-360, D2-POA-291, DID-REC-131, DID-SSA-231, DID-RJ-328, DID-SP-234, DID-POA-45; EF-REC-337, EF-SSA-49, EF-RJ-379, EF-SP-405 e EF-POA-278.

Como se constata, as construções em exame, apesar de pouco produtivas, na fala, requerem uma análise qualitativa que explore as funções textuais que elas podem expressar, importando, pouco, nesse caso, a frequência com que elas ocorrem. Como mencionamos, o SegT é a unidade de análise deste trabalho e, por isso, as ocorrências são analisadas à luz dos conceitos de *TD* e de *SegT*, como exige a GTI. Seguimos, além disso, a metodologia proposta por Penhavel (2010) e Garcia e Gonçalves (2021), no que se refere à identificação dos traços da centração tópica no interior dos SegT mínimos. Como mostramos em (8), delimitamos o TD e seus SegT, a fim de verificar em qual parte do TD as construções estudadas neste trabalho ocorrem.⁵

8. TD: “O quarto da informante”

Inf.: é tipo eu vô::(u) alá(r) sobre o meu quarto... bom meu quarto é peque::no... é::... quadradinho	1
assim bem quadradinho [Doc.: uhum ((concordando))] ma::s é super pequeno...	2
e é e::... lá sa/ assim eu e minha irmã a gente divide o quarto eu/ minha irmã::... gêmea... a gente	3
divide o quarto...	4
e:: aí fica uma cama do lado da o(u)tra... uma:: uma pratele(i)rinha assim cheia de:: u/ um monte	5
de treco e poe(i)ra ((risos)) no ¹ [meio] ¹ [Doc.: normal] (que lá no Cristo Reis)... nossa senhora	6
tem muito pó e aí peg/ ah aí a gente dorme assim do la::do aí tem um guarda-ro(u)pa aqui	7
((gesticulando)) a por/ guarda-ro(u)pa aqui não ((risos)) o guarda-ro(u)pa na frente das ca::mas...	8
e a porta... meio de lado assim ((gesticulando)) [Doc.: uhum ((concordando))] a janela em cima	9
da pratele(i)rinha...	10
e aí aconteceu que ... a are::ia que fize::ram o rebo::que da minha ca::sa... é::... num sei que	11
aconteceu mas ela devia tê(r) bi::cho... então deu mofo na parede né? [AC-054; DE: L. 174-185]	12

O TD em (8) é parte de um relato de descrição e, no ponto do texto de onde o extraímos, a informante descreve seu quarto, tópico assim nomeado, com base na propriedade da centração tópica. Além da concernência geral que integra todos os quatro SegT a um único TD, também é possível verificar uma concernência mais específica em cada um dos grupos de enunciados distinguidos: nas linhas 1-3, o tamanho do quarto; nas linhas 4-5, o compartilhamento do quarto com irmã gêmea; nas linhas 6-11, a descrição dos itens do aposento; e, finalmente, nas linhas 12-13, o problema do

5 As ocorrências exemplificativas trazem, ao final, a indicação da fonte de onde elas foram extraídas: “AC-Número” identifica a entrevista da Amostra Censo; as duas letras seguintes, no caso DE(scrição), o tipo de texto, ao qual se segue a indicação das linhas que delimitam a ocorrência na entrevista transcrita.

reboque das paredes. Esses pontos distintos de concernência são determinantes para diferenciar as partes do próprio SegT, aqui referidas como “unidades intratópicas”, e, conseqüentemente, o ponto, no interior do SegT, onde o MD ocorre.

Para Penhavel (2020), os traços de relevância e pontualização, juntamente com a concernência, caracterizadores da centração tópica, contribuem para a identificação de partes do SegT. Dessa maneira, a relevância permite a averiguação de possíveis (sub) grupos de enunciados dentro do SegT, o que pode revelar (sub)grupos mais e menos importantes (centrais e subsidiários) em relação ao foco do desenvolvimento do tópico. Apesar de importantes, relevância e pontualização não serão focalizadas nas análises, porque a concernência, por si, é suficiente para esclarecer o método utilizado.

Os Marcadores Discursivos “acaba que”, “começa que” e “acontece que”

A partir da especificação da função de “sequenciamento tópico” proposta por Guerra (2007) e reafirmada por Garcia e Gonçalves (2021), que compreendem que os MD podem introduzir, sequenciar ou finalizar um TD e ser analisados como subtipo da função mais geral de sequenciador, assumimos, que “acaba que”, “começa que” e “acontece que” instanciam a *macrofunção de sequenciador tópico*, que é especificada por três funções: a de *fechamento*, a de *continuidade* e a de *abertura de tópico*. Embora frequência de uso não esteja em questão, na Tabela 1, ilustramos como se distribuem essas funções, categoricamente relacionadas com cada tipo de MD.

Tabela 1. Distribuição das funções textual-interativas dos MD em análise

Funções dos MD	Frequência
Continuidade de tópico (acontece/aconteceu que)	10/15
Continuidade de tópico (começa que)	3/15
Fechamento de tópico (acaba/acabou que)	2/15

Fonte: Elaboração própria

As funções identificadas na tabela acima para os respectivos MD confirmam a hipótese de que a associação entre forma e função é motivada pelos traços semânticos dos verbos plenos de que os MD possivelmente se originam. A fim de trazer evidências para essa hipótese, analisamos nesta seção um caso prototípico de cada uma desses MD, em razão de a comprovação só poder ser aferida se tomado, como recomenda a GTI, o TD como unidade de análise, o que requer contextos amplos de análise, impedindo, assim, por razões de espaço, análises de mais ocorrências de cada tipo de construção. Iniciemos, então, nossa análise, a partir do MD “acontece que”, dado em (9).

9. TD: “A importância de métodos de pesquisa”

Doc.: professora e.: QUAL que é a importância que a senhora a::cha nesse tipo de pesquisa assim	1
que que a senhora pensa desse tipo de pesquisa que a senhora realizô(u)... assim éh::... uma	2
pesquisa assim tão AMpla e tão interessante qual que é a importância disso pra senhora?	3
<u>Unidade intratópica 1: Método de pesquisa baseado em testemunho único</u>	
Inf.: bem... a importância dela apesar que possa tê::(r)... as suas fa::lhas pos/ possa sofrê(r)... uma	4
série de críticas num é? porque testemunho Único testemunho NUlo...	5
<u>Unidade intratópica 2: “Método baseado em grande número de informantes”</u>	
mas acontece que se você... cê conSEgue... levantá(r)... um GRANde número de infor/ de	6
inforMANtes... e as informações que eles DÃO... éh:: podem compleTÁ(R) uma vai completando	7
a o(u)tra ou vai explicando mais o que o outro... de(i)xô(u) um tanto... em dúvida... ou mostrando... [AC-146; RO: L 363-372]	8

Em (9), a pergunta da documentadora (Doc.), (linhas 1-4), instaura, no turno da informante, o TD “A importância de métodos de pesquisa”. No desenvolvimento do TD, a informante contrasta “Método baseado em testemunho único” (linhas 5-6) a “Método baseado em grande número de informantes” (linhas 7-10). No sequenciamento tópico, o MD “acontece que”, antecedido de “mas” (linha 7), marca, na concepção da informante, a nulidade do primeiro método em relação ao segundo, típico caso de relação de contrajunção. Em 5/15 casos dos *corpora*, o operador argumentativo “mas” coocorre adjacente ao MD “acontece que”, o que poderia levar a supor que o valor de contraste só é favorecido pela presença desse operador; ao contrário disso, é possível argumentar em favor da hipótese de que o valor argumentativo do MD, na sequenciação dos SegT, é metonimicamente gerado no contexto de sua ocorrência, uma vez que esse mesmo valor é apreendido em contexto em que o “mas” está ausente, como em (5). Contextos de transferência metonímica de significado entre construções adjacentes, como é o caso aqui analisado, representam a sedimentação de nova função de uma construção, como recorrentemente se verifica em processos de mudança semântica identificados com a *Gramaticalização*, processo por meio do qual uma construção de sentido pleno se abstratiza em favor do desenvolvimento de uma função gramatical ou discursiva de natureza mais abstrata (Hopper; Traugott, 2003; Bybee, 2010). Também na análise tópica da ocorrência em (8), o MD “aconteceu que” providencia a continuidade do TD, sem o intermédio do operador argumentativo “mas”. No entanto, a flexão do verbo em tempo de passado não delimita com clareza

a função de contraste, como em (5) e em (9), mas apenas a de sequenciamento tópico, caso de MD que Risso *et al.* (2006) considerariam como unidade limítrofe.⁶

Passemos, em (10), à análise do caso prototípico de MD de “começa que”⁷ no sequenciamento do TD identificado como “A aversão à presença de mulheres na carreira de procurador”.

10. **TD:** “A aversão à presença de mulheres na carreira de procurador”.

<u>Unidade intratópica 1: “Aversão à presença de mulheres na carreira de procuradora”</u>	
L1 há uma certa:: u/ uma certa aversão...à:: à entrada de minha/... mulher na carreira de	1
procuradora do Estado...porque::...as mulheres se acomodam com o salário baixo que se percebe	2
L2 certo	3
<u>Unidade intratópica 2: “A neutralidade de procuradoras nas assembleias da classe”</u>	
L1 então...na::nas assembleias::que são convocadas...o::...	4
L2 ()	5
L1 os rapazes be::rram e berram porque to/...na sua maioria são pais de família	6
então be::rram e vo::tam e fa::lam e acontecem...e::as mulheres são voto assim meio neutro	7
elas::s/ são meio ausentes na hora de::lutar pelos vencimentos	8
<u>Unidade intratópica 3: “A ausência das mulheres procuradoras às assembleias da classe”</u>	
L2 começa que quase nem comparecem	9
L1 é	10
L2 né?	11
<u>Unidade intratópica 4: “A ausência de procuradoras na luta por melhores vencimentos”</u>	
L1 então na hora de lutar pelos vencimentos elas...são	12

6 Com o mesmo funcionamento de MD operando relação de contrajunção, encontramos em nossos *corpora* uma única ocorrência de “sucede que”, que deixamos ao leitor para a verificação do valor contrastivo entre os SegT delimitados: “[houve uma tentativa de [...] evitar que carros [...] com cargas muito pesadas... trafeguem... [...] acima do peso para o que ela [a estrada] foi construída...] então *sucede que* [...] cê vê que as estradas brasileiras estão sendo muito solicitadas... a tal ponto que não poderão resistir **TECnicamente**” [NURC-D2-SSA-98]

7 Notamos, na análise das ocorrências do MD “começa que”, maior tendência de ele cristalizar marcas de terceira pessoa e de presente do indicativo e de ser empregado em textos argumentativos. Dos três casos analisados, apenas um manifesta tempo de pretérito perfeito e ocorre em texto narrativo.

[13
L2 (é)	14
L1 quase que ausentes porque para elas é muito bom...nao é? para elas aquele... eh::ordenado é	15
ótimo...MAS PArá um homem não é	16
<u>Unidade intratópica 5: "A pressão de procuradores para impedir ingresso de mulheres na carreira"</u>	
então quer dizer que há uma certa...ah pressao no sen/ ah da parte dos homens no sentido de	17
nao deixar as procuradoras...ah::	18
[19
L2 certo	20
L1 entrarem na carreira...o/ nao é certo mas enfim...elas ah::	21
[22
<u>Unidade intratópica 6: "aversão à mulher na procuradoria como parte da natureza humana"</u>	
L2 (eu acho que a coisa) é humana ((risos)) né? [SP-360; D2]	23

Em (10), o TD é desenvolvido cooperativamente no diálogo entre duas informantes (L1 e L2) e é delimitado por L1, na unidade intratópica 1, como a "aversão à presença de mulheres na carreira de procuradora", justificada pelo comodismo delas com o salário baixo da carreira. O TD é estruturado em cinco unidades intratópicas (2 a 6), que demarcam, na construção colaborativa do texto argumentativo, os argumentos de L1 e de L2 (unidades intratópicas de 2 a 5), sustentando o ponto de vista de L1 e a conclusão de L2 (unidade intratópica 6), em relação aos argumentos expostos. Os argumentos desenvolvidos materializam, então, a organização do TD do seguinte modo: (i) "a neutralidade das mulheres procuradoras nas assembleias da classe" (linhas 4-8); (ii) "o não comparecimento das mulheres procuradoras às assembleias da classe" (linhas 9-11); (iii) "a ausência de mulheres procuradoras na luta por melhores vencimentos para a classe" (linhas 12-16), considerados bons por elas, mas não para os homens procuradores; (iv) "a pressão de procuradores para impedir ingresso de mulheres na carreira" (linhas 17-22). A unidade intratópica 6 (linha 23) "aversão à mulher na carreira de procuradora como parte da natureza humana", como conclusão de L2, encerra o TD. No sequenciamento das unidades intratópicas, o MD "começa que" (linha 9) tem a função de introduzir um argumento de L2 (linhas 10-11: "elas quase nem comparecem [às assembleias]"), por ela considerado anterior ao próprio argumento de L1 (linhas 8-9: "as mulheres são voto meio neutro nas assembleias"). O recurso a MD outros de busca de aprovação discursiva ("certo", "é", "né?") estabelece a coesão textual dialógica no desenvolvimento do TD, tornando possível considerar que L1 assume como seus os argumentos de L2, ao assinalar, de forma quase sub-reptícia, por meio do MD "começa que", que seu argumento precede, na

linha argumentativa, o de sua interlocutora dentro de uma escala argumentativa (Ducrot, 1987) que marca o argumento mais forte em direção à conclusão a que os argumentos se encaminham. É nessa linha de análise que “começa que” assume, no texto, a função abstrata de continuidade de tópico ou a de (re)arranjar, numa escala argumentativa, os argumentos de uma série de efetiva.

Com base em (11), analisemos, por fim, o MD “acabou que”.

11. TD: “o início da vida amorosa da mãe e o fim de um relacionamento dela”

<u>Unidade intratópica 1: “O namoro da mãe à distância”</u>	
a minha mãe morava em São Paulo e ela namorava [...] um: um rapaz daqui de Rio Preto... [...]	1
que ele chama C. né? [...] então eles namoravam só que assim mais por carta por telefone [...]	2
<u>Unidade intratópica 2: “A aproximação do casal e o pouco interesse da mãe no namoro”</u>	
até que ele começô(u) a fazê(r) escolinha em São Paulo da polícia... [...] então assim o contato foi	3
fican(d)o um po(u)co maior [...] aí que aconteceu?... ele ia pra lá e ele nossa era muito apaixonado	4
por ela só que ela... assim já num num era tanto [...]	5
<u>Unidade intratópica 3: “Os flertes da mãe com um novo rapaz já comprometido”</u>	
teve um dia que ela foi numa lanchonete...[...] e assim por um acaso ela viu ela viu um rapaz...	6
agachado [...] compran(d)o doce... pr”uma menininha... ela achô(u) muito bonito a atitude de::le e	7
tal... [...]... aí a partí(r) daí... ela começô(u) não a paquerá(r) ele mas a observá-lo mais... [...] mas	8
até então ele era noivo e ela tinha namorado ... então né?... [...] ela começô(u) a vê(r) que ele	9
tam(b)ém a paquerava um po(u)co... aí isso foi crescendo [...] então sempre que ela saía ela via...	10
rolava aqueles ola/ olhares [...]	11
<u>Unidade intratópica 4: “A mudança do namorado para a mesma cidade da mãe”</u>	
Aí até que o namorado dela o que mora aqui em Rio Preto foi pra lá... pra São Paulo... pra	12
fazê(r) a escolinha e ficô(u) lá definitivo...	13
<u>Unidade intratópica 5: “Os encontros do namorado com um amigo na lanchonete”</u>	
e todo dia ele falava pra minha mãe – “ôh eu vô::(u) eu vô(u) saí(r) com meu amigo eu vô(u) lá na	14

lanchonete tomá(r) um refrigerante saí(r) com meu amigo” – não a minha mãe – “nossa mas que	15
amigo é esse... que todo dia você sai com e::le... deve sê(r) rolinho... alguma coisa... você tá me	16
enrolan(d)o”	17
<u>Unidade intratópica 6: “A constatação da mãe sobre a amizade entre o namorado e seu paquera”</u>	
[...] a vó... minha avó deu o dinhe(i)ro pra ela comprá(r) farinha... quando ela chegô(u) na	18
lanchonete ela viu que esse tal amigo... E::ra o moço que ela paquerava... [...] aí ele pegô(u) e	19
apresentô(u) pra minha mãe... falô(u) – “olha esse aqui é o N. meu cole::ga de/... ele também é	20
polí::cia” – e tal e ele falô(u) com a minha mãe... aí tudo bem ...	21
<u>Unidade intratópica 7: “O retorno do namoro à distância com a volta do namorado a sua cidade”</u>	
... aí o C.... largô(u) a polícia e voltô(u) pra Rio Preto... e continuô(u) namoran(d)o só que só mais	22
por carta...	23
<u>Unidade intratópica 8: “A intensificação da paquera com o rapaz”</u>	
aí ela começô(u) a paquerá(r) mais meu pai e meu pai a paquerá(r) mais ela...	24
<u>Unidade intratópica 9: “A decisão da mãe de romper o namoro”</u>	
até que chegô(u) um (dia) que num ia dá(r) mais pra mantê(r) que minha mãe já não gostava mais	25
do C.... pegô(u) e largô(u) dele... falô(u) que não queria ma::is que não dava mais cer::to e tal...	26
<u>Unidade intratópica 10: “A aceitação do então namorado da mãe acerca do fim do namoro”</u>	
aí... ele pegô(u) e tá bom foi meio difícil pra ele aceitá(r) porque ele gostava muito dela... mas	27
acabô(u) que ele acabou(u) aceitando como... quando quando no caso o meu pai né? [AC-046; NR: L 191-199]	28

O SegT em (11) é extraído da narrativa recontada pela informante sobre como seus pais se conheceram, e a centração tópica gira em torno do “início da vida amorosa da mãe e o fim de um relacionamento dela”, antes de vir a se casar com o pai da informante. Dez unidades intratópicas estruturam o TD, com centrações em fases específicas do namoro da mãe; na última, o desfecho da narrativa (“A aceitação do então namorado da mãe acerca do fim de seu namoro”) é marcado por recurso ao MD “acabou que” (linha 28). É de se notar que, nessa mesma unidade intratópica, o verbo “acabar” ocorre duas vezes: a primeira como MD de fechamento de tópico e a segunda, como perífrase aspectual/temporal, em “ele acabou aceitando [o fim do relacionamento]”, que constitui a proposição sobre a qual o MD incide. Na mesma função do MD “então” (Guerra, 2007), *acabou que*

providencia o fechamento do TD. Por último, cabe observar que, além da marca de terceira pessoa, o tempo morfológico expresso nesse MD não instancia função diferente da de fechamento de tópico, uma vez que, dos dois casos dos nossos *corpora*, um manifesta tempo de presente e outro, tempo de pretérito, ambos ocorrendo em texto narrativo.

Considerações finais

Ao longo de nossas análises, procuramos argumentar que “acaba que”, “começa que” e “acontece que” são MD, porque, nessas construções, os predicados de base se esvaziam de seus significados mais concretos para atuar no arranjo textual, em abertura de tópico, em continuidade de tópico e em fechamento de tópico. A explicitação dessas funções, por meio das análises que empreendemos, constitui argumento favorável à comprovação de nossa hipótese de que as construções não são simples casos de subordinação, mas de MD com função predominantemente sequenciadora e secundariamente interacional; secundariamente, porque a orientação do interlocutor na compreensão do TD fica, de certa forma, em segundo plano.

As descrições divergentes em torno da função dessas construções, se como oração matriz de subordinada ou como MD com função sequenciadora, se devem à diferença do que se toma como unidade de análise: o contexto mais restrito de subordinação, como se vê em Gonçalves *et al.* (2016), Bastos *et al.* (2007), Silva-Surer (2014), dentre outros, ou o TD, como advoga a GTI e os autores alinhados a essa vertente da Linguística Textual (Gonçalves; Garcia, 2021; Penhavel, 2010, 2011, 2012, 2020; Jubran, 2015a, 2015b; Guerra, 2007, dentre outros). Somente essa segunda alternativa permite constatar que o alcance apropriado da função de certas construções só é apreendido no contexto mais amplo do texto, como esperamos ter ficado claro em nosso método e em nossas análises.

Na esteira do que propõem Garcia e Gonçalves (2021), que também defendem o papel de MD da construção “(eu só) sei que”, e das análises que empreendemos, é possível também propor uma trajetória de mudança para os MD “acaba que”, “começa que” e “acontece que”, com base no reconhecimento de que eles se originam em contextos de usos mais concretos, que se abstratizam semanticamente até se discursivizarem e passarem a atuar como MD de arranjo textual. Para a comprovação de uma tal hipótese, é necessária, no entanto, uma investigação diacrônica aprofundada. Embora reconheçamos as funções de MD aqui retratadas em bases puramente sincrônicas, somente pesquisas em textos de sincronias pretéritas permitirão uma compreensão mais ampla da formação desses MD, como advoga Bybee (2010).

Em síntese, por meio de nossas análises, esperamos ter argumentado de modo eficiente na comprovação das funções de MD das construções “acontece que”, “começa que” e “acaba que”, tarefa nada simples diante do método requerido para as análises textuais. Em meio a essa complexidade, admitir a função de oração matriz para essas construções

até pode ter lá sua validade, mas, quando elas se cristalizam na língua como construções invariáveis, as funções de MD, como as que aqui descrevemos, ficam encarecidas.

Referências

BASTOS, S. D. G. *et al.* The expressibility of modality in representational complement clauses in brazilian portuguese. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 189-212, 2007.

BLAKEMORE, D. *Relevance and Linguistic Meaning: the Semantics and Pragmatics of Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FISCHER, K. (org.). *Approaches to discourse particles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 2006.

FRASER, B. Towards a theory of Discourse Markers. In: FISCHER, K. (org.). *Approaches to discourse particles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 2006. p. 189-204.

GARCIA, A. G.; GONÇALVES, S. C. L. "(eu só) sei que" é um marcador discursivo: funções textual-interativas de construção com o verbo "saber". *Linguística*, Montevideu (Revista da Alfa), v. 37, n. 2, p. 139-158, 2021.

GONÇALVES, S. C. L. G. *Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista*. Revisadas. 2007. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>. Acesso em: 10 set. 2022.

GONÇALVES, S. C. L.; SOUZA, G. C., CASSEB-GALVÃO, V. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Construções das orações complexas*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 69-121.

GUERRA, A. R. *Funções textual-interativas dos marcadores Discursivos*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JUBRAN, C. C. S. (org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015a.

JUBRAN, C. C. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. S. (org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015b. p. 85-126.

PENHAVEL, E. *Marcadores discursivos e articulação Tópica*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2010. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270781>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PENHAVEL, E. O funcionamento de marcadores discursivos no processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos. *Revista Línguas*, Campinas, n. 27/28, p. 63-84, 2011. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao27e28/edicao27e28.html>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PENHAVEL, E. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum? *Revista (Con)textos linguísticos*, Vitória, v. 6, n. 7, p. 78-98, 2012.

PENHAVEL, E. O processo de organização intratópica em narrativas de experiência. *Revista Diálogo e Interação*, Cornélio Procopio, v. 14, n. 1, p. 119-145, 2020.

RISSO, M. S.; OLIVEIRA E SILVA, G. M.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. S. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 403-425.

SCHIFFRIN, D. Discourse markers: language, meaning, and context. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. *The handbook of Discourse Analysis*. Malden/Oxford: Blackwell, 2001. p. 54-75.

SILVA-SURER, T. M. *Trajetórias de mudança dos predicados acabar, acontecer e começar sob perspectiva discursivo-funcional*. 2014. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2014.